

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE DOUTORADO EM SAÚDE
COLETIVA COM ASSOCIAÇÃO DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR –
IES - AMPLA (AA) UFC/UECE/UNIFOR**

SUZIANA MARTINS DE VASCONCELOS

**A FACE (IN) VISÍVEL DA EXTREMA POBREZA: EXPERIÊNCIAS DE VIDA
NO CONTEXTO URBANO**

**FORTALEZA
2015**

SUZIANA MARTINS DE VASCONCELOS

A FACE (IN) VISÍVEL DA EXTREMA POBREZA: EXPERIÊNCIAS DE VIDA
NO CONTEXTO URBANO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva. Área de concentração: Políticas, Gestão e Avaliação em Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo José Soares Pontes.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências da Saúde

-
- V45f Vasconcelos, Suziana Martins de.
A face (in) visível da extrema pobreza : experiências de vida no contexto urbano / Suziana Martins de Vasconcelos. – 2015.
218 f. : il. color.
- Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Universidade Estadual do Ceará, Universidade de Fortaleza, Faculdade de Medicina, Departamento de Saúde Comunitária, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva em Associação Ampla, Doutorado em Saúde Coletiva, Fortaleza, 2015.
Área de Concentração: Políticas, Gestão e Avaliação em Saúde.
Orientação: Prof. Dr. Ricardo José Soares Pontes.
1. Pobreza. 2. Programas e Políticas de Nutrição e Alimentação. 3. Medicina de Família e Comunidade. 4. Narração. I. Título.

SUZIANA MARTINS DE VASCONCELOS

A FACE (IN) VISÍVEL DA EXTREMA POBREZA: EXPERIÊNCIAS DE VIDA
NO CONTEXTO URBANO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva. Área de concentração: Políticas, Gestão e Avaliação em Saúde.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo José Soares Pontes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Maria Marlene Marques Ávila
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof^a. Dr^a. Maria Vaudelice Mota
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Alberto Novaes Ramos Júnior
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Fco Ursino da Silva Neto
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A todos os homens e mulheres que me confiaram os seus depoimentos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela Graça de fazer esse trabalho e pelo dom da inteligência, que me foi dada para ser instrumento de serviço aos que necessitam das diferentes formas de auxílio.

Aos meus pais, pelo precioso dom da minha vida e pelos ensinamentos que me acompanharão sempre.

Ao meu esposo, pela companhia, pela presença constante e pela paciência nos momentos de ausência.

Às minhas irmãs, pelos incentivos, pelas palavras sábias e pela alegria da sua presença nas pequenas pausas que o trabalho me dava.

À CAPES, pelo apoio financeiro com a manutenção da bolsa de auxílio.

Ao Prof. Dr. Ricardo Pontes, por apresentar-me à Filosofia como caminho de compreensão e pela ousadia e abertura às novas formas de conhecer a vida e suas verdades.

À Professora e amiga Dr^a Maria Vaudelice Mota, pela presença constante, sabedoria, amizade, sensibilidade ao outro, abertura ao diferente; enfim, por ser ela mesma.

Ao Professor e amigo Dr. Alberto Novaes, pelas sábias intervenções no processo de construção do “ser doutor”.

Ao Professor e amigo Dr. Henrique Alencar, pela amizade e profissionalismo construídos ao longo do meu percurso profissional.

Às pessoas entrevistadas e não entrevistadas na favela, pela confiança em mim depositada ao revelarem aspectos tão particulares de suas vidas.

À Sr^a “Sabedoria” (Inf. “1”) e ao Sr. “Amor” (Inf. “6”), as duas pessoas que me acompanharam na engenhosa tarefa das visitas domiciliares e do conhecimento das comunidades.

Ao missionário Sr. “Perdão”, por me apresentar as comunidades estudadas, pela acolhida e pela coragem de lutar, junto com os que sofrem, em defesa dos direitos humanos.

Às profissionais Zenaide Queiroz, Dominick Fontes e Mairla Alencar, pelo profissionalismo e pelos incontáveis momentos de suporte técnico e humano.

Aos colegas da turma de doutorado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

A todas as pessoas que colaboraram na feitura deste trabalho, nos seus vários momentos. Seus nomes e sobrenomes estão gravados com letras de gratidão.

“A verdadeira dignidade do homem e a sua excelência reside nos seus costumes, isto é, na sua virtude; que a virtude é o patrimônio comum dos mortais, ao alcance de todos, dos pequenos e dos grandes, dos pobres e dos ricos; só a virtude e os méritos, seja qual for a pessoa em quem se encontrem, obterão a recompensa da eterna felicidade. (...)” p.27

“(...) A vida temporal, ainda que boa e desejável, não é o meio para a qual fomos criados; mas é o caminho e o meio para aperfeiçoar, com o conhecimento da verdade e com a prática do bem, a vida do espírito. O espírito é o que tem impressa em si a semelhança divina (...). A ninguém é lícito violar impunemente a dignidade do homem, do qual Deus mesmo dispõe com grande reverência (...)” p.40

Leão XIII, 2009

“É desse jeito (...) assim é a vida. Eu estou é com uma gripe medonha, eu era bem gordona, porque trabalhando no sol eu peguei gripe, peguei tudo, estou lascadinha vivendo no lixo. Mas eu tenho que trabalhar, fazer o quê”?(Informante “9”)

RESUMO

A pobreza é definida como uma síndrome multidimensional de carências, no contexto das políticas sociais. Tais dimensões são econômicas, sociais e políticas. A inserção das dimensões sociais e políticas na discussão da pobreza tem o intuito de incorporar novas formas de análises que vão além do histórico fator “renda”. Uma política anti-pobreza com foco apenas na insuficiência de renda tende a reforçar a dicotomia entre as ações de assistência social e os programas de transferência direta de renda. O trabalho também tem o referencial teórico na sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu, no que diz respeito ao conceito de miséria, ou seja, a “miséria de posição”, no qual os pontos de vista dos sujeitos discutem a condição de cada caso. Sendo estas as condições favoráveis a um desenvolvimento de todas as formas de “pequena miséria”. Nesse contexto, o estudo tem o objetivo geral de compreender as experiências de vida de sujeitos em situação de pobreza e extrema pobreza. Contudo, os objetivos específicos são a tentativa de compreender o sentido que os sujeitos dão às experiências de pobreza e a busca por (des)velar a história de vida dos indivíduos excluídos dos programas governamentais de combate à pobreza. É uma pesquisa ancorada no paradigma qualitativo-interpretativo segundo a hermenêutica de Paul Ricoeur. Foram realizadas entrevistas em profundidade com dez sujeitos nos seus domicílios – cujas famílias estão em situação de pobreza e pobreza extrema – em duas comunidades de elevada vulnerabilidade social da periferia de Fortaleza, Ceará. O trabalho de campo ocorreu de setembro de 2011 a maio de 2013. O material empírico foi submetido às etapas de transcrição, textualização e transcrição, dando origem a dez textos. Cada texto apresenta em si a singularidade da história particular de cada um dos diferentes sujeitos, as quais merecem distintas interpretações. As experiências de vida são discutidas em dois eixos: 1) as experiências de vida dos sujeitos em situação de extrema pobreza e 2) a face invisível da pobreza, que não é alcançada pelos programas sociais. Os resultados denunciam os diversos sofrimentos característicos de uma pobreza estrutural e “enraizada”, que demanda mais que renda para ser superada. Assim, a violência, juntamente com a pobreza, pode ser compreendida como a figura de uma espiral, que, em linhas curvas e afastando-se do ponto inicial, não permite compreender o problema apenas como uma razão entre causas e efeitos. Portanto, a batalha empreendida, a cada dia da vida, na luta pelo básico e na defesa de si mesmo contra as diversas formas de privações e violências, retira todas essas pessoas da posição de invisíveis ou comuns e as coloca no rol dos heróis e dos extraordinários.

Palavras-chave: Pobreza. Programas de Transferência Direta de Renda. Programa Bolsa Família. Narrativa.

ABSTRACT

Poverty is defined as a multidimensional syndrome needs in the context of social policies. These dimensions are economic, social and political. The inclusion of social and political dimensions in poverty discussion is intended to incorporate new forms of analysis, that is, beyond the history financial factor. An anti-poverty policy focusing only on insufficient income tends to reinforce the dichotomy between social assistance measures and the direct income transfer programs. The work also has the theoretical framework of reflexive sociology of Pierre Bourdieu, with regard to the concept of misery, i.e. *the miserable position* in which the point of views of the subjects discuss the condition of each case. These being the conditions conducive to the development of all forms of small misery. In this context, the study has the general objective of understanding the life experiences of individuals in poverty and extreme poverty. However the specific objectives are: to understand the meaning that subjects give the experiences of poverty and (Un) ensure the life story of the excluded subject of government anti-poverty programs. It is a research anchored in the interpretative qualitative paradigm according to Paul Ricoeur's hermeneutics. Depth interviews were conducted with ten individuals in their homes, whose families are in poverty and extreme poverty in two communities of high vulnerability in the outskirts of Fortaleza Ceará. The fieldwork took place from September 2011 to May 2013. The empirical material was subjected to the steps: transcription, textualisation and transcreation, giving rise to ten texts . Each text presents itself the uniqueness of a particular history of the different subjects that deserve different interpretations. These life experiences are discussed with two areas: 1) the life experiences of individuals living in extreme poverty and 2) the invisible face of poverty, which is not achieved by the results socials. The results denounce the various characteristic sufferings of structural poverty and rooted that demand more than income to overcome it. Thus violence with poverty can be understood as the figure of a spiral, in which curved lines and away from the starting point, does not explain the problem as a ratio of causes and effects. Therefore, the battle waged, in the every day of the life, in the struggle for basic and in defending themselves of the various forms of deprivation and violence, removes all these people the invisible position ordinary people and inserts them in the condition of heroes and extraordinary men.

Keywords: Poverty. Direct Transfer Income Program. Family Grant Program. Narrative.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cartão de Apresentação Profissional de Suziana Vasconcelos, conhecida como Suziane, na ONG VIDA Brasil e Foto de Atividade de Campo com as famílias das creches públicas da periferia de Fortaleza.....	17
Figura 2 – Distribuição de Renda por Regionais Administrativas de Fortaleza.....	38
Figura 3 - Distribuição da População Extremamente Pobre por Regionais Administrativas de Fortaleza.....	40
Figura 4 – Jornal O Povo noticia assassinato de família de catadores de material reciclável.....	78
Figura 5 – Mapa da cidade de Fortaleza. Zonas Especiais/Divisão por bairros. Ao leste, localização da Praia do Futuro, na Zona Especial do Projeto Orla. Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento, 2008.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Tipos e valores do benefício incluso no PBF conforme critério de composição das famílias.....	46
Quadro 2	Organização das entrevistas com os informantes.....	80
Quadro 3	Organização das Narrativas dos Informantes, Textos.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Classes sociais da população de Fortaleza em 2010.....	36
Tabela 2	Subdivisões da classe média.....	37
Tabela 3	Distribuição de renda e da população por regionais administrativas de Fortaleza.....	38
Tabela 4	Bairros com maior intensidade de pessoas na extrema pobreza.....	40
Tabela 5	Tipos e valores dos Benefícios Básico e Variáveis inclusos no PBF conforme critério de composição das famílias com renda familiar de até R\$ 77,00 mensal (extremamente pobres).....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACESSUAS	Programa Nacional de Promoção do Acesso ao Mundo do Trabalho
ATER	Programa de Serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural
CA	Comissão de Alimentação
CadUnico	Cadastro Único
CAN	Comissão de Alimentação e Nutrição
CDC	<i>Center of Disease Control</i>
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CNAE	Campanha Nacional de Alimentação Escolar
CNAN	Comissão Nacional de Alimentação e Nutrição
COBAL	Companhia Brasileira de Alimentos
CONSEA	Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional
CRAS	Centros de Referência da Assistência Social
DASP	Departamento de Administração do Setor Público
DSC	Departamento de Saúde Comunitária
EPISUS	Epidemiologia do SUS
FAE	Fundo de Assistência ao Estudante
FBFF	Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGD	Índice de Gestão Descentralizada
INAN	Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
LBA	Legião Brasileira de Assistência
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MEC	Ministério da Educação
MST	Movimento dos Sem Terra
ODMs	Objetivos do Milênio
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não Governamental

ONU	Organização das Nações Unidas
PAT	Programa de Alimentação do Trabalhador
PBF	Programa Bolsa Família
PCA	Programa de Complementação Alimentar
PCCE	Programa de Combate às Carências Específicas
PGRM	Programa de Geração de Renda Mínima
PNA	Plano Nacional de Alimentação
PNAN	Política Nacional de Alimentação e Nutrição
PNIAM	Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno
PNLCC	Programa Nacional do Leite para Crianças Carentes
PNME	Programa Nacional da Merenda Escolar
PPA	Plano Plurianual
PROAB	Programa de Abastecimento de Alimentos Básicos em Áreas de Baixa Renda
PRONAN I	Programa Nacional de Alimentação e Nutrição I
PRONAN II	Programa Nacional de Alimentação e Nutrição II
PROCAB	Projeto de Aquisição de Alimentos em Áreas de Baixa Renda
PRODEA	Programa de Distribuição de Alimentos
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PTDR	Programas de Transferência Direta de Renda
SAPS	Serviço de Alimentação da Previdência Social
SENARC	Secretaria Nacional de Renda e Cidadania
SER	Secretaria Executiva Regional
SISVAN	Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional
STAS	Serviço Técnico de Alimentação Social
SUS	Sistema Único de Saúde
TDR	Transferência Direta de Renda
UBS	Unidade Básica de Saúde
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNIFOR	Universidade de Fortaleza

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Trajatória pessoal da pesquisadora e o interesse pelo objeto de pesquisa	15
1.2	Justificativa do trabalho: descrevendo o objeto de pesquisa	22
2	EIXO TEÓRICO CONCEITUAL	28
2.1	A Pobreza	28
<i>2.1.1</i>	<i>Pobreza: conceituação</i>	28
<i>2.1.2</i>	<i>O ponto de encontro com a Miséria</i>	31
<i>2.1.3</i>	<i>A desigualdade que gera a pobreza</i>	32
<i>2.1.4</i>	<i>Fortaleza: perfil sócio econômico, pobreza e extrema pobreza</i>	36
<i>2.1.4.1</i>	<i>Perfil sócio econômico e a pobreza em Fortaleza</i>	36
<i>2.1.4.2</i>	<i>A extrema pobreza em Fortaleza</i>	39
2.2	Política de Governo no Combate à Pobreza: Programas de Transferência Direta de Renda (PTDR), do Programa Bolsa Família (PBF) ao Plano Brasil sem Miséria	41
<i>2.2.1</i>	<i>Programa Bolsa Família (PBF)</i>	41
<i>2.2.2</i>	<i>O plano Brasil sem miséria e ação Brasil Carinhoso: novas estratégias de superação da pobreza</i>	51
2.3	As políticas de alimentação e nutrição no Brasil: um resgate histórico	55
3	EIXO METODOLÓGICO	67
3.1	Natureza do estudo	67
<i>3.1.1</i>	<i>A hermenêutica como fundamento do método</i>	67
<i>3.1.2</i>	<i>A hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur</i>	70
3.2	Os sujeitos da pesquisa	72
<i>3.2.1</i>	<i>A trajetória dos pesquisadores em busca dos informantes</i>	73
<i>3.2.1.1</i>	<i>A Unidade Básica de Saúde</i>	73
<i>3.2.1.2</i>	<i>O tema como campo de pesquisa</i>	75
3.3	O contexto e o local onde os informantes moram	80
3.4	Construção das informações	84
3.5	Aspectos éticos	87
3.6	Organização e análise das informações	88
4	RESULTADOS	93

4.1	As narrativas dos sujeitos.....	93
4.2	Texto 1.....	93
4.3	Texto 2.....	102
4.4	Texto 3.....	109
4.5	Texto 4.....	126
4.6	Texto 5.....	131
4.7	Texto 6.....	142
4.8	Texto 7.....	154
4.9	Texto 8.....	157
4.10	Texto 9.....	161
4.11	Texto 10.....	170
5	DISCUSSÃO.....	175
5.1	Eixo 1: as experiências de vida dos sujeitos em situação de extrema pobreza.	175
5.2	Eixo 2: a face invisível da pobreza, não é alcançada pelos programas sociais.	183
5.3	A discussão com o foco no espaço micro do território estudado.....	194
6	REFLEXÕES FINAIS.....	197
	REFERÊNCIAS.....	201
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA.....	208
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE.....	210
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLA- RECDO (TCLE).....	211
	APÊNDICE D – TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO.....	215
	ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	217

1 INTRODUÇÃO

1.1 Trajetória pessoal da pesquisadora e o interesse pelo objeto de pesquisa

O envolvimento com o tema “Pobreza” faz parte da minha própria história de vida, pois na infância, no interior do estado do Ceará, senti de perto o real significado dessa palavra. Nasci no município cearense de Baturité, mas cresci na cidade de Aracoiaba¹.

Relato uma experiência que tem uma especial relação com a minha história: certo ano, eu escutava muito falar em casa que “não teve inverno”; isso era causa de aflição para o meu pai, porque sem água da chuva não havia como plantar legumes e cereais para dar aos animais e até mesmo para gente. A cidade de Aracoiaba enfrentava o que meu pai chamava de “seca”, a qual, segundo ele, “era um tempo em que não chovia e no qual não havia água ou alimentos nem para a gente nem para os animais”. A cena era: sol quente, terra rachando, pessoas com fome, animais caindo sedentos e famintos, agricultores desesperados. O que meu pai chamou de “seca” é o mesmo que Raquel de Queiroz narrou no romance *O QUINZE*². Vale ressaltar que, assim como as personagens do romance, nós, moradores de Aracoiaba e toda a nossa família, depositávamos todas as nossas esperanças em que no dia de São José cairia água do céu (sinalizando, assim, um bom inverno).

Certo dia, a cidade estava bastante agitada porque os agricultores das localidades próximas à sede do município estavam organizados para invadir o comércio local em busca de alimentos. Diante da situação, o prefeito reuniu os comerciantes locais e coletou doações de cereais, pois as pessoas que ameaçavam invadir o comércio estavam passando fome. A concentração das pessoas ocorreu em um centro social e comunitário, o qual era perto da minha casa. Lembro que meu pai entrou em casa bastante aflito e explicou para a minha mãe, em linhas gerais, o que estava acontecendo na cidade. Por esta razão, ele lhe solicitou que não permitisse que as crianças vissem o “movimento”. Entretanto, em um instante de descuido da minha mãe, abri uma porta do meio da casa e tive acesso à vista da rua. Na minha casa, o portão principal era de grades abertas, ou seja, da metade da casa para frente dava para ver tudo que ocorria na rua e vice-versa. Foi, então, quando me deparei com um cenário que eu guardo

¹ Interior do Ceará, localizado na microrregião de Baturité, norte cearense, distante 73 km da capital Fortaleza. Faz parte do pólo Serra de Guaramiranga. Segundo o censo de 2010, população é de 25.405 habitantes. Clima tropical quente semiárido com chuvas concentradas de janeiro a abril.

² *O Quinze* é uma obra literária do gênero romance de autoria de Rachel de Queiroz e foi publicada em 1930. “È um romance regionalista da temática social”. No romance a autora harmoniza o social e o psicológico no drama dos retirantes na região de Quixadá, interior do Ceará. O fato histórico importante da época era a seca de 1915, sobre a qual destaca o título do livro.

muito vivo na minha memória: pessoas com enxadas e foices nas costas, crianças segurando a barra da saia das mulheres, pessoas vestidas com farrapos, mulheres com baldes e latas de alumínio na cabeça, enfim, uma real cena de seca, daquelas que vemos em *DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL*³. Virando o rosto, alcancei com a visão o meu pai, homem de estatura baixa, magro, careca. Chamou a minha atenção o quanto a careca dele estava vermelha e brilhava com a luz forte do sol. Ele estava sobre um caminhão cheio de sacas de feijão e arroz e distribuía alimentos para uma multidão de pessoas, que se aglomeravam junto à grade do carro para receber os cereais. Ou seja, aqueles indivíduos aproximavam-se do caminhão e o meu pai despejava os alimentos nas latas que estavam sobre a cabeça deles. Aquele homem, o meu pai, tornou-se um grande herói para mim; eu vi, nas suas ações, as que eu projetava para o meu futuro, conforme compreendi anos mais tarde. No meu inconsciente, eu percebia uma dívida pessoal com os mais pobres. Evidentemente, esse fato retrata um contexto amplo relacionado ao sentido último da minha identidade profissional. Retomarei essa questão adiante.

Minha família é tradicionalmente cristã e o período das celebrações da Páscoa tem representado sempre um tempo de vivências particulares. Lembro-me das várias vezes em que, na sexta-feira da Paixão, meu pai não abria o comércio e saía pelas ruas da cidade no seu jipe, sem capota e de cor cinza, para distribuir pão para os pobres. Hoje, eu diria até que eu assumia a função de ecônoma, pois meu pai dirigia o carro, minha irmã mais velha ficava em casa com a minha mãe, minha irmã mais nova e o meu irmão sentavam-se no banco da frente ao lado meu pai e eu segurava e administrava o saco dos pães; estes, eu os ia repassando para a minha outra irmã, que os dava diretamente na mão das pessoas. No entanto, quem controlava a distribuição do pão, com muito orgulho, era eu. Às vezes, meu pai dizia: “Passa esse saco para a tua irmã, menina!”. Essa experiência tem um significado muito particular na minha vida.

Estudei até a 8ª série no colégio da Congregação Religiosa das Irmãs Salesianas, em Baturité. A rede de ensino particular só oferecia o que, na época, chamávamos de 1º grau, ou seja, até a 8ª série. Após esse período, eu vim cursar o 2º grau em Fortaleza, também em colégio pertencente à Congregação Salesiana. Prestei o vestibular para Nutrição na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e concluí a graduação no mesmo curso.

³ *Deus e o diabo na terra do sol* é um filme lançado no ano de 1964, dirigido pelo cineasta, ator e escritor brasileiro Glauber Rocha. A obra ilustra o livro com o mesmo nome de autoria do crítico José Carlos Avelar 30 anos depois. Trata-se de um drama de um sertanejo que tem a vida marcada pelo flagelo da seca em uma cidade do interior. O sertanejo e sua esposa lutam por melhores condições de vida e deparam-se com injustiças sociais que dão seguimento a uma batalha para sobreviver.

No curso de Nutrição, percebi que o meu especial interesse pela Saúde Pública era uma busca por respostas às cenas de fome, seca e desespero que eu presenciara anos antes. Dessa forma, os anos na faculdade foram de militância na área da nutrição social. Ainda na graduação, iniciei estágio voluntário em uma Organização Não Governamental (ONG), com o objetivo de fazer um diagnóstico nutricional das crianças que frequentavam as creches na periferia do município de Fortaleza. Já como profissional, continuei o trabalho na mesma instituição, atuando na área de segurança alimentar e nutricional por oito anos.

Figura 1- Cartão de Apresentação Profissional de Suziana Vasconcelos, conhecida como Suziane, na ONG VIDA Brasil e Foto de Atividade de Campo com as famílias das creches públicas da periferia de Fortaleza.



Fonte: Dados da autora. Visualizada no site <http://www.vidabrasil.org.br/>, em 20 de janeiro de 2013, não está mais disponível.

Durante este período, a minha principal atividade era o trabalho de campo junto às famílias das crianças das creches da periferia de Fortaleza (Figura 1). Diariamente, eu visitava as favelas do Lagamar, Gato Morto, Pantanal e Lagoa da Zeza, assim como as comunidades do Canindezinho, Bom Jardim e Granja Portugal. Passei por várias experiências fortes junto às famílias pobres desses lugares, como, por exemplo, presenciando uma mãe oferecer cola de sapato às crianças para que dormissem, à hora do almoço, porque não havia comida em casa para alimentá-las. Outro dia, eu chegara à creche para realizar a visita diária e havia uma mãe à porta do prédio, jovem, com dois filhos gêmeos e portando um saco com as “coisinhas” deles dentro. Ela queria me dar as crianças porque não tinha comida em casa e a creche estava fechada, haja vista que o governo não tinha repassado o recurso do mês para a manutenção da mesma. Diante de tal situação, agimos com foco nas questões mais emergenciais, intervindo nas causas estruturais do problema das creches sem recurso para receber as crianças da comunidade. Iniciamos, assim, juntamente com a Associação de Bairros e Favelas de Fortaleza

(FBFF), um movimento de mobilização junto às Associações de Moradores de diversos bairros para reivindicar o direito à creche nas comunidades. Fizemos um pannelo na sede administrativa do Governo Estadual. A cena era: crianças na rua, mulheres e homens batendo pannelos vazios com uma colher e uma passeata em direção ao Ministério Público. Dessa forma, noticiávamos o fato da fome na periferia para toda a sociedade. Como consequência do movimento, de maneira gradual fatores estruturais como o regime de gestão das creches comunitárias foram discutidos e reestruturados.

No trabalho de campo, eu assumia diariamente o desafio de encarar o problema da segurança alimentar e nutricional por meio das atividades de conscientização cidadã, atuando junto à diretoria da associação de moradores e aos membros dos conselhos populares e não com a distribuição de alimentos. Outro aspecto trabalhado com as famílias das crianças das creches era a educação nutricional e alimentar. Eu ia para a feira com as mães, calculava com elas o custo benefício de uma alimentação saudável e não saudável, fazia práticas alimentares e de higiene na casa delas, entre outras atividades atinentes ao projeto de educação nutricional. Eu achava o trabalho de educação nutricional muito “participativo” até o dia em que a mãe de uma criança me chamou em particular e me confidenciou: “Eu tenho abuso quando eu venho pegar essa menina na creche e ela tá fedendo a fruta. Goiaba e maracujá são os piores. É a catinga de pobre! O governo tem tanto dinheiro, por que não pode dar refrigerante e comida boa a esses meninos da creche?”.

Eu percebi, então, a necessidade de uma escuta ativa das mães para buscar compreender o que seria uma alimentação ideal para os seus filhos, e não apresentar o que eu considerava ideal.

Outra experiência importante foi o projeto de Educação de Jovens e Adultos (EJA) com os pais das crianças vinculadas às creches dos projetos da ONG. Foi um ano de intensivo trabalho junto à comunidade: manhã e tarde, com as crianças e as lideranças comunitárias e, à noite e finais de semana, com os pais. A grande maioria destes era de catadores de material reciclável. Posso afirmar que participar da vida dessas pessoas durante o rico processo de iniciação no mundo das letras representou uma experiência muito particular para mim. Elas aprenderam a assinar o nome, a construir sentenças simples, a ler o nome do ônibus, entre outras coisas. A construção ocorria a partir da Pedagogia da Autonomia de Freire (1997), pela qual aprendiam com significado conforme a tendência pedagógica libertadora. As descobertas das pessoas do grupo indicavam novas perspectivas de vida para eles e para a comunidade. Todos os dias, os catadores chegavam à escola empurrando o carrinho de material reci-

clável transbordando de “mercadoria”, como eles diziam. Após uma tarde de trabalho exaustivo, eles chegavam, estacionavam o carrinho, lavavam as mãos e entravam na sala de aula para aprender a ler e a escrever.

Destaco ainda duas experiências com as famílias, nas quais fizemos a gravação de um vídeo com o objetivo de refletir junto à sociedade as temáticas da pobreza, da fome e da segurança alimentar e nutricional.

A primeira experiência foi o projeto VIDA da ONG, apresentado pela empresa Globo de Comunicação, no programa Jornal Nacional em junho de 2001, o qual fazia uma série de reportagens sobre “A Fome no Brasil”. Na periferia de Fortaleza, apresentamos a experiência de como o trabalho conjunto e articulado pode modificar a vida das pessoas que passam fome na periferia de uma grande cidade. A matéria de jornal destacava: “Comunidade mobilizada e organizada pressiona o Estado para que ele faça o que lhe compete”. Dessa forma, as respostas às perguntas das mulheres e crianças que passavam fome na periferia de Fortaleza se davam quando elas conheciam seus direitos como cidadãs brasileiras⁴.

Esta proposta de reportagem chegou à ONG por uma ligação telefônica em maio de 2001, por volta de 19 horas, quando as atividades do escritório já estavam sendo encerradas. O repórter apresentava a proposta de visitar a periferia de Fortaleza para compor a série de reportagens que ele organizava sobre a Fome no Brasil. Para a realização da matéria de jornal, elegemos uma família na favela do Lagamar, cuja residência iríamos visitar com o intuito de fazer uma prática alimentar e, aproveitando o momento, falaríamos sobre o significado do projeto para o cotidiano da vida familiar. Entretanto, na noite anterior à chegada da equipe do Jornal, caiu uma forte chuva em Fortaleza, que fez transbordar o Canal do Lagamar e, pela força da água, destruir a casa da família escolhida. Por volta de 5 horas da manhã, recebi uma ligação da líder comunitária do Lagamar relatando o fato. Por esta razão, articulamos as lideranças da comunidade do Bom Jardim para receber a equipe de reportagem, apresentando a experiência da creche comunitária administrada em regime de parceria comunidade-governo estadual – com todos os desafios implicados em uma gestão compartilhada e no diálogo com o governo –; e, ainda, relatando as visitas domiciliares que eram realizadas pelos “agentes de nutrição”, formados pelo projeto da ONG para acompanhar as crianças no domicílio e suas famílias.

⁴ Reportagem Jornal Nacional: A fome no Brasil, 2001. Participação do Projeto VIDA, faixa 13:32 a 14:22. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-A9zEQ1-ODQ>>. Acesso em: 20 de Agosto de 2013. Dia 6 de maio de 2015 visualização disponível.

A outra experiência foi a elaboração do documentário “Fome de Comida, Sede de Viver”, idealizado por ocasião do lançamento do Fórum Cearense de Segurança Alimentar e Nutricional em outubro de 2001, na cidade de Fortaleza. Utilizamos as imagens para revelar uma experiência concreta do quadro de insegurança alimentar e nutricional na periferia de um grande centro urbano⁵. Neste trabalho, eu participei de todo processo de preparação com a família apresentada no filme.

Ainda na ONG, tive a oportunidade de conviver com o Movimento dos Sem Terra (MST), no ano de 1999. Na ocasião, desenvolvemos um diagnóstico nutricional de coletividades; fizemos a abordagem com questionários e formulários padrões de diagnóstico nutricional de grupos como, por exemplo, o Recordatório Alimentar (habitual ou 24 horas) e o de Frequência Alimentar. Entretanto, percebemos que, muito mais do que registrar o quê e quanto eles ingeriam, a partir do que eles falavam, precisávamos compreender o motivo de determinadas combinações de alimentos e rituais nos momentos das refeições. A logística da avaliação possibilitou que estivéssemos em contato direto com a cultura deles, pois passamos quatro semanas no mesmo espaço onde as famílias moravam. Estar com o sujeito da investigação colocou-me diante dos valores numéricos que caracterizavam desnutrição, eutrofia ou obesidade. Dessa forma, pude perceber que o grupo investigado tinha uma história particular que estava diretamente implicada com as escolhas básicas do dia-a-dia. Daí surgiu o Diagnóstico Alimentar Subjetivo, que apresentamos como experiência inovadora para outras ONGs do Brasil.

Destaco que o meu trabalho com projetos sociais não estava ligado à doutrina da Teologia da Libertação. Embora eu estivesse completamente imersa na realidade das comunidades da periferia, as ações que eu desenvolvia na ONG eram sociais e técnicas. Ou seja, as ações estavam diretamente ligadas aos objetivos de um programa de segurança alimentar e nutricional, a partir da missão institucional da organização, a qual recebia financiamento internacional para executar os projetos previamente aprovados. Porém, em muitas ocasiões, a Pastoral da Criança e as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), vinculadas à Igreja Católica, foram parceiras ativas na execução dos projetos nas comunidades.

Com aproximadamente quatro anos de exercício profissional na ONG, a descoberta de uma doença súbita e maligna em um membro da minha família mudou a minha forma de ver o mundo. Por mais que me sentisse realizada na minha vida pessoal e profissional, eu es-

5 Documentário - Nosso Chão, **FOME DE COMIDA, SEDE DE VIVER**. Disponível em: <<http://www.youtube.com.br/watch?v=aoWMSQP2xr4>>. Acesso em: 20 de Agosto de 2013. Dia 6 de maio de 2015 visualização disponível.

tava sem direção. Nesse período, eu recebi o convite para participar de um encontro católico de final de semana. Desde então, meu maior valor passou a ser o outro, o “próximo”, no qual está a expressão concreta do amor de Deus. Entretanto, percebi que eu não tenho como ir ao encontro do outro se não for por mim mesma. Assim, iniciou-se em mim uma obra de autoco-nhecimento. Durante esse período, comecei uma caminhada de vivência da fé e espiritualida-de, participando de grupos de oração para jovens e envolvendo-me com os projetos sociais dos quais a juventude participava. Dessa forma, a vivência comunitária da fé me levou ao outro. O “outro” é o alvo do bem porque “o bem, eu o quero para vós!”.

Por essa época, iniciei o mestrado em saúde pública e me desliguei da ONG. O projeto inicial do meu mestrado, no ano de 2004, tinha como foco o estudo do Programa Fo-me Zero na realidade das famílias da periferia de Fortaleza. Porém, como eu era membro co-laborador do grupo de pesquisa em Políticas, Gestão e Avaliação em Saúde no Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Ceará (DSC/UFC), aprofundei-me na temática da avaliação. Da vivência como assessora junto à Secretaria de Saúde do Ceará para a elabo-ração de um plano de monitoramento e avaliação das ações de atenção básica, desenvolvi a minha dissertação de mestrado com o título “Avaliação da Atenção Básica em Saúde no Esta-do do Ceará: Explorando Concepções no Nível Central”. Foi uma experiência de trabalho concreto, por meio do qual tive a oportunidade de participar de grupos focais e de entrevistas conduzidas por professores com vasta experiência em Pesquisa Qualitativa, refiro-me aos Professores Dr^a Maria Lúcia Bosi, Dr Ricardo José Soares Pontes e Dr. Alberto Novaes Ra-mos Júnior.

Também no DSC/UFC, outra imersão na metodologia qualitativa ocorreu por oca-sião da minha participação na II Avaliação do Programa de Formação em Epidemiologia⁶ (EPISUS), utilizando a metodologia qualitativo-participativa (com todos os requisitos neces-sários para um processo avaliativo sob a perspectiva qualitativa). Toda a equipe de avaliação da UFC e a equipe avaliada do Ministério da Saúde, em parceria com o Centers for Disease Control and Prevention (CDC), reuniram-se em um hotel para que fossem desenvolvidas to-das as sessões de grupos focais (com estudantes egressos e profissionais), assim como as en-trevistas individuais com atores-chave. A condução das sessões foi feita por uma equipe mul-

⁶ O EPISUS é um Programa de Treinamento em Epidemiologia Aplicado aos Serviços do Sistema Único de Saúde que tem o propósito capacitar profissionais na área de epidemiologia de campo de modo a potencializar a capacidade de resposta às emergências de saúde pública. É desenvolvido pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde (SVS/MS) e segue os pressupostos do CDC (Atlanta, EUA). No Brasil foi instituído no ano 2000, no âmbito da SVS com recursos do MS com empréstimo do Banco Mundial (Vigisus I) e apoiado pelo CDC.

tidisciplinar com alto rigor metodológico, respeitando a premissa individual dos atores e o paradigma participativo. Após um turno de trabalho, a equipe de avaliação se reunia para debater as principais questões e encaminhar as próximas sessões, motivadas por profundo caráter participativo.

Ao concluir o curso de Mestrado em Saúde Pública, fiz uma experiência de voluntariado em Londres. Por meio da diocese de Westminster, desenvolvi um trabalho missionário com jovens do centro de Londres. O contato com o diferente levou-me a perceber a riqueza da diversidade e o potencial do ser “pessoa”. Foram várias experiências com diferentes culturas, raças e crenças.

Ao retornar ao Brasil, ingressei no curso de Doutorado em Saúde Coletiva, uma associação ampla de Instituições de Ensino Superior UECE/UFC e UNIFOR.

1.2 Justificativa do trabalho: descrevendo o objeto de pesquisa

A discussão sobre o tema “pobreza” exige do pesquisador mais do que uma rigorosa revisão sistemática da literatura. Trata-se de um fenômeno milenar que interferiu e continua a interferir nas condições de vida de milhões de pessoas e, historicamente, está ligado aos conceitos econômicos de desenvolvimento e subdesenvolvimento. Entretanto, tais conceitos, tratados isoladamente, apresentam apenas uma dimensão objetiva do problema.

O capítulo “pobreza” inicia-se com uma breve apresentação de algumas personagens dos diferentes segmentos da sociedade que lideraram o movimento de luta contra aquele problema social. Em um segundo momento, apresentaremos as pessoas que lutam no cotidiano das favelas, cujas histórias e percepções interessam unicamente a jornalistas de programas policiais em busca de matérias sensacionalistas da violência, a qual aprisiona as pessoas sob as grades do medo e do terror. Se o articulador do movimento “Quem Tem Fome Tem Pressa” tem seu nome reconhecido na história da luta contra a pobreza e a miséria, é porque esta história foi escrita. A questão principal não é a de que os sujeitos deste estudo devam ser conhecidos, mas a percepção de que as suas histórias de luta para sobreviver ao dia-a-dia – protegendo-se de vários perigos, inclusive do próprio Estado – retira-os da posição de pessoas comuns e os coloca no “pódio” dos heróis. Estas histórias são apresentadas no presente trabalho no formato de textos (no tópico resultados).

Sobre a literatura pesquisada, esta apresenta os diferentes tipos e níveis de pobreza. Segundo Lopes (1995), a estrutura da família é um fator que interfere diretamente na con-

dição social da mesma, de forma que o referido autor debate este aspecto como um fator “heterogêneo” da pobreza. Quando a família é considerada estruturada e os seus membros têm uma relação amistosa, aquela tende a ter uma condição social mais estável (ATAÍDE, 1995). Outro aspecto é que a estrutura da família também caracteriza o tipo de domicílio da mesma.

Com o propósito de ampliar a discussão, as temáticas “necessidades básicas” e “capacitações básicas” foram inseridas, pois o assunto da pobreza já é amplamente debatido a partir do fator monetário. Além disso, Rocha (2013) destaca que uma política “anti-pobreza”, caracterizada apenas pela renda das pessoas, recai no grave problema de dissociar as ações de assistência social dos programas de transferência direta de renda em si mesmos. Tais programas não têm o intuito de se desenvolverem de maneira independente das demais ações sociais, pois, assim, ficam restritos a apenas um tipo de prestação de serviços aos sujeitos pobres, os quais, por conseguinte, não alteram a condição de vida dos mesmos.

São consideradas “necessidades básicas” a água potável, a rede de esgoto, a coleta de lixo, o acesso à saúde, à educação e ao transporte público. Salama e Destremau (1999) consideram que, sem o básico, os cidadãos não são capazes de ter uma vida “minimamente” digna. Além disso, não podem gozar de uma vida saudável e são privados da participação na sociedade.

Nesse sentido, Sen (2000) debate sobre o tema da pobreza a partir da privação de “capacidades” (consideradas como um tipo de liberdade). Esta discussão, dada no âmbito dos “determinantes sociais em saúde” e que debate a “causa das causas da pobreza”, está fundamentada no fato de as pessoas pobres não terem a liberdade de manejar e ordenar as suas próprias vidas. Segundo Marmot (2007), estes indivíduos não têm o empoderamento necessário para tomar decisões acerca deles mesmos.

As desigualdades sociais e econômicas, portanto, são as principais responsáveis por perpetuar a pobreza no mundo. Tais desigualdades, no tocante à área da saúde, também promovem dramáticas diferenças entre países, regiões e estados. Nesse sentido, Marmot (2007) defende que a qualidade da saúde de uma população – seja ela formada de grupos ricos ou pobres – é um reflexo do desenvolvimento da sociedade. Assim, um dos melhores meios para reduzir as desigualdades em saúde é a promoção de melhorias nas condições de vida e de trabalho de uma comunidade, além da oferta dos serviços de saúde. O mesmo autor afirma, ainda, que, mesmo que as diferenças em relação às condições de saúde de uma população sejam consideradas como determinantes das condições de vida das pessoas, elas não são ca-

pazes de, por si só, chamarem a atenção para o sofrimento das pessoas consideradas pobres ou extremamente pobres.

O sociólogo Bourdieu (2012) debate sobre a difícil experiência de dor e sofrimento das pessoas que ocupam uma posição inferior dentro de um “universo prestigioso e privilegiado”, considerando que, além de “necessidades básicas” como, por exemplo, a saúde, as pessoas têm uma vida social. Assim, as pessoas provam, de fato, desse “relativo rebaixamento” porque elas participam do mesmo universo. Nesse contexto, o mesmo autor apresenta a definição de “*miséria de posição*”, a qual é relativa ao ponto de vista de quem a experimenta nos limites da sua vida cotidiana. A miséria é compreendida como “a condição de cada caso”, no qual as comparações com as misérias dos “macrocosmos” não são oportunas, pois suscitam as “condenações” e os “consolos”. Tais comparações estão implícitas em referências como, respectivamente, “você não tem do que se queixar” e “há coisa muito pior, você sabe”.

Estabelecer a grande miséria como padrão de comparação para todas as misérias implica na penosa postura de eximir-se de:

(...) perceber e compreender toda uma parte de sofrimentos característicos de uma ordem social que tem, sem dúvida, feito recuar a grande miséria (menos, todavia do que se diz com frequência), mas que, diferenciando-se, têm também multiplicado os espaços sociais (campos e subcampos especializados), que têm oferecido às condições favoráveis a um desenvolvimento sem precedentes de todas as formas de pequena miséria (BOURDIEU, 2012, p.13).

Portanto, com o intuito de subsidiar as políticas e programas de combate à pobreza, faz-se urgente que esses fenômenos, que interferem na vida das pessoas, sejam compreendidos de forma holística. Entretanto, mais urgente que contribuir com as políticas de Estado é compreender que, em cada caso de pobreza extrema e de miséria, existe uma experiência de dor e sofrimento. E estes casos não podem ser encarados como sendo invisíveis e mudos, sob a justificativa de que, dentre outras coisas, “há coisa muito pior”.

Quanto às políticas sociais de combate à pobreza, o estudo apresenta o Programa Bolsa Família (PBF), que é um programa que está dentro da política do Programa Fome Zero, que atualmente está traçado pelo Programa Brasil sem Miséria. Ou seja, o PBF é um dos programas do Programa Fome Zero. .

Com o objetivo de apresentar o processo histórico-social de combate à pobreza no contexto das políticas públicas de alimentação e nutrição, o estudo também faz um resgate histórico das políticas públicas de alimentação e nutrição no Brasil desde a década de 1940. É válido destacar que, nesse período, a fome – uma das facetas da pobreza – era considerada um

fenômeno natural, conforme Silva (2006). Portanto, as políticas de alimentação e nutrição, no contexto histórico, não combatem a pobreza. Podem ser consideradas, então como políticas compensatórias. Os estudos de Josué de Castro, já em 1946, mostraram que a origem da fome era consequência da desigualdade social. A partir de então, surge o termo questão social, utilizado primeiramente por cientistas sociais.

O Programa Bolsa Família (PBF), resultante da unificação de diversas iniciativas dos Programas de Transferência de Renda no Brasil criadas a partir de 1995, é caracterizado como um “programa guarda-chuva”, pois unifica os programas Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Auxílio Gás e Cartão Alimentação. O programa foi inicialmente criado por meio da Medida Provisória nº132 a qual, logo depois, foi convertida na lei nº 10.836 de 2004 (BRASIL, 2009). O objetivo do programa é proteger o grupo familiar e contribuir para o seu desenvolvimento, além de assegurar o direito à alimentação e preservar vínculos e valores familiares. *O PBF tem, ainda, o objetivo de superar a fome e a pobreza.* Para isso, ele articula três dimensões:

O alívio imediato da pobreza; a exigência do exercício dos direitos sociais básicos na área da saúde, educação e assistência social e a integração dos programas complementares situado nas três esferas de governos que tenham por objetivo o desenvolvimento das famílias (BRASIL, 2008).

A exigência do exercício dos direitos sociais básicos está ligada às condicionalidades, que são os compromissos que as famílias beneficiárias assumem no intuito de promover o acesso às áreas básicas (saúde, educação e assistência social). No âmbito da saúde, o programa menciona o acompanhamento do calendário vacinal e o do crescimento e desenvolvimento de crianças menores de 7 anos; além disso, pede-se o acompanhamento pré-natal das gestantes e o das nutrizes na faixa etária de 14 a 44 anos. No campo da educação, exige-se a frequência escolar mínima de 85% (para crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos) e mínima de 75% (para adolescentes entre 16 e 17 anos). Na área da Assistência Social, por fim, determina-se frequência mínima de 85% da carga horária relativa aos serviços socioeducativos para crianças e adolescentes de até 15 anos, em risco ou retiradas do trabalho infantil (MDS, 2009).

O Plano Plurianual (PPA) 2004-2007 contemplava ações no setor da saúde interligadas às medidas de combate à fome, as quais estavam sob a coordenação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Essa configuração do PPA demonstra o envolvimento do Sistema Único de Saúde (SUS) na gestão do PBF. Nesse plano, estabeleceu-se o cumprimento da agenda de compromissos em saúde no formato das condicionalidades do

PBF (BRASIL, 2004). O Plano Brasil sem Miséria apresenta a meta de aumentar o impacto do PBF na “erradicação e/ou eliminação da pobreza e da extrema pobreza”, com a perspectiva de incluir 800 mil famílias nesta última situação como beneficiárias do programa (BRASIL, 2007).

Conforme dados do MDS (2013), o PBF atende mais de 13,6 milhões de famílias em todos os municípios brasileiros. A distribuição dos beneficiários do programa por regiões aponta que o Nordeste concentra metade do total das famílias beneficiadas. Em 2004, a região totalizava 3,3 milhões de famílias, o equivalente a 50,5%. Em 2007, o número de famílias atendidas pelo PBF já era de 5,6 milhões, representando 50,5% do total, um crescimento de cobertura de 67,9% em relação ao ano de 2004. Em 2013, o número se mantém e representa 50,3% da totalidade das famílias atendidas (MDS, 2013).

Sobre a questão norteadora do estudo, é válido salientar que o projeto inicial tinha o objetivo de avaliar o PBF na perspectiva das mulheres usuárias e dos gestores. Entretanto, a postura epistemológica dos pesquisadores no trabalho de campo permitiu-nos perceber que os usuários do programa tinham condições de vida que comprometiam, de forma direta, a execução e a gestão dos programas de combate à pobreza. Tais condições, porém, estavam invisíveis. Dessa forma, o projeto de estudo foi redesenhado a partir do trabalho de campo. A partir de então, as decisões metodológicas dos pesquisadores conduziram a pesquisa em atenção à singularidade das experiências cotidianas vividas por pessoas em situação de extrema pobreza.

O estudo tem, portanto, o objetivo geral de compreender as experiências de vida de sujeitos em situação de pobreza e extrema pobreza. Para alcançar este objetivo, faz-se necessário, contudo, compreender o sentido que os sujeitos dão às suas experiências de pobreza e desvelar as histórias de vida das pessoas excluídas dos programas governamentais de combate à pobreza.

No eixo teórico conceitual estão apresentados três grandes temas: pobreza, política de governo de combate à pobreza e as políticas de alimentação e nutrição no Brasil. O primeiro tema trata o conceito de pobreza, a relação da temática pobreza com a miséria, com a desigualdade e por último o perfil sócio econômico da população do município de Fortaleza-Ce. O segundo tema é desenvolvido a partir dos Programas de Transferência Direta de Renda, do Programa Bolsa Família e do Plano Brasil sem Miséria. O terceiro tema faz um resgate histórico das políticas de alimentação e nutrição desde a década de 1940 até a Política Nacional de Alimentação e Nutrição em 2012.

No eixo metodológico encontra-se a discussão da natureza do estudo, de quem são os sujeitos da pesquisa e o detalhamento da trajetória em busca dos mesmos, o contexto onde estes moram, como as informações foram construídas, os aspectos éticos da pesquisa e o detalhado processo de organização e análise das informações (processo de transcrição, textualização e transcrição das entrevistas).

Os resultados são as narrativas dos próprios informantes do estudo apresentadas em forma de textos. Após cada um dos dez textos, referente a cada informante, segue uma interpretação elaborada pela autora principal do estudo.

A discussão apresenta os dois eixos, 1- as experiências de vida dos sujeitos em situação de extrema pobreza e 2- a face invisível da pobreza, que não é alcançada pelos programas sociais. Nos quais, as experiências de vida de cada informante é retomada pela autora principal do estudo. Como reflexão final do trabalho estão as questões referentes à prática de execução do trabalho de campo e do objeto de pesquisa. Quanto à prática emergem conceitos de Bourdieu (2012) como, por exemplo, “Reflexividade Reflexa” e o objeto de estudo reflete o sentido que os sujeitos dão às suas experiências de pobreza.

2 EIXO TEÓRICO CONCEITUAL

2.1 A Pobreza

2.1.1 Pobreza: conceituação

Atualmente, a Política Social de Combate à Pobreza no Brasil, ou seja, o Plano Brasil sem Miséria é matéria de destaque na imprensa, a qual sublinha que cerca de 22 milhões de pessoas saíram da extrema pobreza, conforme dado oficial da União (BRASIL, 2014).

Os estudos de Rocha (2013) apresentam que a pobreza extrema foi reduzida, segundo o fator renda, de maneira mais rápida que a pobreza⁷, visto que o foco das ações governamentais é a pobreza extrema. Neste contexto, é possível refletir sobre qual tipo de Pobreza essa Política Social combate.

A pobreza pode ser compreendida como um fenômeno “complexo”, “heterogêneo” (LOPES, 1995) e “multidimensional” (CRESPO, 2002).

Sob a perspectiva econômica, a pobreza é uma repercussão do “subdesenvolvimento” na vida das pessoas. Ela também pode ser compreendida como heterogênea porque assume características distintas nos diferentes grupos, tais como classe social, sexo, faixa etária e raça, por exemplo. Segundo (LOPES, 1995), a pobreza é caracterizada a partir dos seus diferentes níveis e tipos, quais sejam:

I) NÍVEIS DE POBREZA: indigentes, pobres não indigentes e não pobres⁸;

II) TIPOS DE POBREZA: estrutural, recente, pobreza por Necessidades Básicas Insatisfeitas (NBI) e não pobres *stricto sensu*⁹.

⁷ Baseadas em Linhas de Pobreza e Linhas de Extrema Pobreza a proporção de POBRES no Brasil caiu de 44,2% em 1990 para 18,4% em 2011. Enquanto a POBREZA EXTREMA foi reduzida de 17% para 4,7%, no mesmo período (Rocha S, 2013).

⁸ INDIGENTES: “pessoas cuja renda familiar corresponde, no máximo, ao valor da aquisição de cesta básica de alimentos que atenda, para a família como um todo, os requerimentos nutricionais recomendados pela FAO/OMS/ONU”; POBRES: pessoas com rendimentos abaixo da linha da pobreza, definida por um valor (em dólar) *per capita* mensal (por região, por exemplo na região nordeste valor de \$35,4); NÃO POBRES: pessoas com rendimentos acima da linha da pobreza.

⁹ POBREZA ESTRUTURAL: é um tipo de pobreza onde as famílias estão abaixo da linha da pobreza e têm suas Necessidades Básicas Insatisfeitas. Segundo o mesmo autor, esse é um tipo de pobreza que “é menos variável com a conjuntura econômica e apenas lentamente poderia ser aliviada” p.142; POBREZA RECENTE: é um tipo de pobreza ocasionada pela perda de emprego ou pela diminuição da renda nos últimos anos mas, que as famílias ainda mantêm suas necessidades básicas satisfeitas; POBREZA POR NBI: é um tipo de pobreza em que, embora as famílias estejam acima da linha de pobreza, estas não conseguem ter suas necessidades básicas satisfeitas e NÃO POBRES *STRICTO SENSU*: famílias acima da linha de pobreza e com suas necessidades básicas satisfeitas.

Este mesmo autor discute o fator “heterogêneo” da pobreza segundo os diferentes tipos da estrutura familiar. Segundo ele, a pobreza assume caracterizações distintas dependendo das estruturas das famílias (os tipos de estrutura familiar a partir dos tipos de domicílios): 1 – casais com filhos; 2 – chefia feminina com filhos presentes; 3 – plurifamiliares; 4 – idosos; e 5 – casais.

A mesma relação também é feita na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD (2012), quando esta define os membros das famílias em relação à “pessoa de referência”, conforme apresentada na nota¹⁰.

A estrutura da família está diretamente relacionada à situação social em que a família vive. Conforme Ataíde (1995), quando a família é estruturada em torno da figura paterna e materna e a relação entre seus membros é amistosa e sadia, aquela tende a ter uma condição social mais estável.

Outro ponto de vista passível de discussão é o definido a partir das múltiplas dimensões, uma vez que distintos aspectos podem ser incorporados ao tema pobreza. São eles os econômicos, os não econômicos, os da estrutura sócio-política da sociedade e até mesmo os denominados como sendo “a privação das capacidades básicas”, conforme Sen (2000).

A inserção das dimensões sociais e políticas na discussão sobre a pobreza tem o intuito de incorporar novas formas de analisá-la além das dimensões monetárias.

De acordo com Stewart (2006), a abordagem das necessidades básicas tem apenas a intenção de complementar o crescimento econômico, pois considera que este é essencial na geração de renda destinada às populações pobres e de receitas que assegurem a oferta dos bens e serviços públicos. Trata-se somente de contestar o argumento de que o crescimento econômico é, por si só, condição suficiente para reduzir ou evitar a pobreza.

Para Rocha (2013), uma política “anti-pobreza” com foco na insuficiência de renda tende a reforçar a dicotomia entre as ações de assistência social e os programas de transferência direta de renda. Na verdade, a mesma autora sublinha que os programas de transferên-

¹⁰ **pessoa de referência** – membro responsável pela unidade domiciliar, também chamada de família, ou que assim seja considerada pelos demais membros; **cônjuge** - membro que vive conjugalmente com a pessoa de referência da família, existindo ou não o vínculo matrimonial; **filho** – membro que é filho, enteado, filho adotivo ou de criação da pessoa de referência ou do seu cônjuge; **outro parente** – membro que tem qualquer outro grau de parentesco com a pessoa de referência da família ou com o seu cônjuge; **agregado** – membro que não PE parente da pessoa de referência da família nem do seu cônjuge e não paga hospedagem nem alimentação; **pensionista** – membro que não é parente da pessoa de referência da família nem do seu cônjuge e *paga* hospedagem nem alimentação; **empregado doméstico** – membro que presta serviço doméstico remunerado em dinheiro ou somente em benefícios às pessoas da família ou **parente do empregado doméstico** – membro que é parente da pessoa que presta serviço na família.

cia direta de renda vêm se desenvolvendo quase que de maneira independente das demais ações sociais, chegando ao ponto de estas ficarem restritas à prestação de serviços sociais aos sujeitos pobres da maneira como sempre foi executada.

Neste contexto, as abordagens “necessidades básicas” e “capacitações básicas” merecem destaque.

Salama e Destremau (1999) detalharam a abordagem das “necessidades básicas” na definição da pobreza ao considerar o acesso a alguns bens uma condição essencial. São eles: água potável, rede de esgoto, coleta de lixo, acesso à saúde, à educação e ao transporte público. Sem estes bens, os cidadãos não podem ser capazes de usufruírem uma vida “minimamente” digna, uma vez que os mesmos são considerados bens imprescindíveis para que as pessoas possam usufruir de uma vida saudável e que tenham oportunidades de inserção na sociedade.

Outro ponto de vista é o da pobreza como privação de “capacidades”, as quais são um tipo de liberdade, segundo Sen (2000).

Importante destacar que o trabalho não tem o objetivo de discutir a temática da liberdade. Trata-se apenas de apresentar dimensões que combatem à hegemonia da definição de pobreza como privação de renda. Dessa forma, às “necessidades básicas” é agregada a dimensão “capacidade básica”.

Tais “capacidades” consistem em obter para si ou para a sua família o que é considerado um valor (um fazer ou um ter) denominado “funcionamentos”, os quais podem variar de elementares a complexos. São fatores elementares o valor de ser nutrido, o estar livre de doença, o ter uma casa limpa e organizada. Em contrapartida, são complexos o ato de participar da vida social da comunidade e o reconhecer-se como um sujeito de valor, com respeito próprio.

Dessa forma, a relação entre capacidade e renda é afetada por fatores como a idade da pessoa, seu papel social na comunidade, a localização da sua moradia (locais vulneráveis a seca, alagamentos, violência) e as condições epidemiológicas.

Lacerda (2009) destaca que os trabalhos do economista Amartya Sen constituíram um ponto de mudança na formulação das definições da pobreza. A intenção dessa abordagem não se restringe apenas à análise da pobreza; ela traz contribuições importantes para a Teoria do Bem-Estar Social e para a Teoria do Desenvolvimento Socioeconômico. A primeira foi mencionada no item 3.2 e a segunda não foi abordada.

Observar, portanto, todas essas dimensões – ou seja, discutir a abordagem multi-dimensional da pobreza – também significa que, além de superar a discussão apenas a partir do fator monetário, a investigação está à frente das definições de alimentação ou nutrição (ROCHA, 2006), com o grande ganho de incorporar noções mais amplas das necessidades humanas como a saúde, a educação, o saneamento e a habitação.

Corroborando a tese de Rocha (2006), é-nos apresentada a idéia de que a noção de pobreza abrange vários aspectos da vida cotidiana, pelo fato de as pessoas relacionarem-se, trabalharem e terem, portanto, uma vida social.

2.1.2 O ponto de encontro com a Miséria

Nesse ponto de encontro entre as “necessidades básicas” e a vida social das pessoas, é possível fazer a transição da discussão sobre a pobreza para o tema da miséria. No contexto do mundo social, portanto, Bourdieu (2012) debate a experiência de sofrimento e dor de todos os que ocupam uma posição inferior e obscura no interior de um “universo prestigioso e privilegiado”. As pessoas experimentam, de fato, esse “relativo rebaixamento”, haja vista que elas participam desse mesmo universo.

Nesse sentido, o autor apresenta a definição de “*miséria de posição*”, a qual é relativa ao ponto de vista de quem a experimenta nos limites da sua vida cotidiana. Essa “miséria de posição”, quando comparada com a “grande miséria”, pode parecer inclusive “totalmente relativa” a ponto de ser até completamente irreal.

Portanto, quando Bourdieu destaca o aspecto relativo da posição da miséria, esta passa a ser compreendida como a condição única em cada caso concreto. Comparar cada situação única com as misérias dos “macrocosmos” não é oportuno, pois daí surgem as “condenações” e os “consolos”. Estes estão implícitos em referências, respectivamente, como “você não tem do que se queixar” e “há coisa muito pior, você sabe”.

Estabelecer a grande miséria como padrão de comparação para todas as misérias implica em eximir-se de:

Perceber e compreender toda uma parte de sofrimentos característicos de uma ordem social que tem, sem dúvida, feito recuar a grande miséria (menos, todavia do que se diz com frequência), mas que, diferenciando-se, têm também multiplicado os espaços sociais (campos e subcampos especializados), que têm oferecido às condições favoráveis a um desenvolvimento sem precedentes de todas as formas de pequena miséria (BOURDIEU, 2012, p.13).

Assim, as representações de si mesmo podem ser compreendidas como as representações justas de um mundo social. As quais, segundo o autor, são os espaços dos pontos de vista, destinados às “categorias” que dizem respeito à vida das pessoas expostas à pequena miséria. Destaco, aqui, ser essa miséria definida como “pequena” não porque seja diminuta, mas porque ocupa o espaço do ponto de vista das pessoas sujeitos dessa experiência; não é, portanto, a visão de quem teoriza, a qual designaria, a meu ver, a grande miséria.

2.1.3 A desigualdade que gera a pobreza

As desigualdades sociais e econômicas são as principais responsáveis por perpetuar a pobreza no mundo. Marmot (2007) afirma ser a qualidade da saúde de uma população – seja ela formada por grupos de ricos ou de pobres – um reflexo do desenvolvimento da sociedade. Na saúde, as desigualdades promovem dramáticas diferenças entre países, regiões e estados. Em Glasgow (UK), por exemplo, a expectativa de vida de homens em uma das áreas mais pobres da cidade é de 54 anos; em contrapartida, na área mais rica é de 82 anos, segundo estudos de Marmot (2007). As desigualdades não ocorrem apenas nos âmbitos da saúde e da nutrição; o acesso aos serviços públicos, sociais e de saúde também são afetados. Os mais ricos, outrossim, acessam mais os serviços essenciais. Dessa forma, propiciar melhorias nas condições de vida e de trabalho de uma comunidade, além de ofertar os serviços de saúde, são considerados por Marmot (2007) os melhores meios para reduzir as desigualdades na área da saúde.

As diferenças no âmbito da saúde não são capazes de, por si só, chamar a atenção para o sofrimento das pessoas que são consideradas pobres ou extremamente pobres¹¹. O centro da questão dos determinantes sociais em saúde e das desigualdades nesta área está no fato de que as pessoas pobres não têm a liberdade de manejar e ordenar as suas próprias vidas. Ou seja, não têm a liberdade de escolher o seu destino e não têm o empoderamento necessário para tomar decisões acerca delas mesmas.

O autor Duncan Green discute as múltiplas conseqüências da desigualdade: 1) A desigualdade desperdiça talentos, o que pode ser observado nos exemplos reais de mulheres que são excluídas dos empregos de alto nível ou quando os bancos se negam a conceder empréstimos a pessoas em situação de pobreza. Nestes casos, talentos são desperdiçados e boas

¹¹ Extrema Pobreza: Indicador financeiro que se refere a indivíduos que sobrevivem com menos de US\$ 1 por dia.

oportunidades econômicas são perdidas; 2) A desigualdade mina a sociedade e suas instituições, posto que as elites cooptam governos e outras instituições com o objetivo de fazer valer o interesse econômico de uma minoria em detrimento do bem econômico maior; 3) A desigualdade mina a coesão social; neste particular, o autor distingue as conseqüências entre as chamadas “desigualdade vertical” e “desigualdade horizontal”. Na primeira, ocorre um aumento da taxa de criminalidade; na segunda, aumenta a probabilidade de lutas e disputas, como, por exemplo, entre diferentes grupos étnicos, gerando retrocessos de vários anos nas nações; 4) A desigualdade limita o impacto do crescimento econômico sobre a pobreza; em uma sociedade igualitária, qualquer crescimento trará mais benefícios para pessoas em situação de pobreza. Em uma sociedade desigual, ao contrário, o mesmo crescimento não é capaz de beneficiar as pessoas pobres; 5) A desigualdade transmite a pobreza de uma geração à outra. A pobreza de uma mãe de família, por exemplo, coloca em risco a vida de todos os seus filhos. A má nutrição de uma mãe pode ocasionar o nascimento de bebês com baixo peso e/ou com déficit no crescimento; estas crianças têm elevada probabilidade de morrer antes mesmo de completar um ano de vida e, no caso de virem a sobreviver, passarão a vida inteira sob o jugo da pobreza e afetados por doenças.

Interessante destacar que os “Acordos” sobre desenvolvimento entre os países ricos referem-se à pobreza e não à desigualdade, preferindo tratar aquela a partir desta e não da redistribuição. “A desigualdade é a chave para a pobreza que existe em todo o mundo” (GREEN, 2009).

Vejam, por exemplo, que a ONU, ao analisar os maiores problemas do mundo no ano 2000, estabeleceu os “Objetivos do Desenvolvimento do Milênio”, que, no Brasil, são chamados de “Oito Jeitos de Mudar o Mundo¹²”. Dentre tais objetivos, encontra-se o número 1, que é o de “acabar com a fome e a miséria”. A fome e a miséria são, assim, duas faces da pobreza. A questão é que a idéia de se pôr fim à pobreza não é nova; no entanto, a diferença é

¹² A Organização das Nações Unidas – ONU, no ano 2000 estabeleceu 8 objetivos do desenvolvimento do milênio, que devem ser atingidos por todos os países até 2015, no Brasil esses objetivos são denominados “8 jeitos de mudar o mundo”: 1-acabar com a fome e a miséria; 2-educação básica de qualidade para todos; 3-igualdade entre sexos e valorização da mulher; 4-reduzir a mortalidade infantil; 5-melhorar a saúde das gestantes; 6-combater a AIDS, a malária e outras doenças; 7-Qualidade de vida e respeito ao meio ambiente e 8-todo mundo trabalhando pelo desenvolvimento. Disponível em:<<http://www.pnud.org.br>>. Acessado em 03 de setembro de 2014.

que a “economia globalizada” tem recursos suficientes para atingir o objetivo de eliminar a pobreza no mundo. (GREEN, 2009, grifos nossos)¹³.

Entretanto, a pobreza não está relacionada apenas a uma renda financeira insuficiente para suprir os seus direitos básicos. Isto é bastante perceptível quando pessoas em situação de pobreza a definem com as suas próprias palavras, relatando suas experiências no cotidiano da vida.

A publicação “Vozes dos Pobres”, elaborada pelo Banco Mundial em 1999 para subsidiar o Relatório para o Desenvolvimento Mundial 2000/2001 sobre a pobreza e o desenvolvimento, teve por base uma Avaliação Participativa da pobreza no Brasil urbano, notadamente nas cidades de Recife, Santo André e Itabuna. As principais conclusões do estudo destacam que os indivíduos tendem a associar pobreza e incapacidade, bem-estar e segurança. A segurança faz referência ao emprego, ao acesso a uma fonte de renda fixa, à comida, a serviços de saúde e à posse de terra e moradia. Os fatores que deflagram crises, levando ao empobrecimento e à privação, são a perda de emprego, as doenças, a morte de parentes, a separação entre cônjuges e o despejo de terra urbana ocupada. As famílias chefiadas por mulheres ou por indivíduos idosos são consideradas incapazes para lidar com os fatores listados acima. Um dos achados mais importantes do estudo foi o de que a pobreza não parece estar relacionada com gênero ou velhice, exceto nos casos de desagregação do núcleo familiar. Outro achado foi o de que a insegurança aumentou, relacionada ao crescimento generalizado do desemprego e à explosão da violência e do crime. Entre as principais causas da pobreza, listam-se o desemprego, a falta de educação adequada e de saneamento básico, a desigualdade da distribuição de renda (a concentração de renda) e a falta de investimentos em saúde e habitação.

Entre os fatores que levariam os indivíduos a sair da pobreza, mencionam-se o acesso à educação, à saúde e ao emprego, bem como a outros serviços públicos, como saneamento e obras de infraestrutura. O governo é apontado como o maior responsável pela falta de oportunidades de melhoria de vida desses indivíduos. Os achados sugerem um quadro de frustração e descrença em relação às instituições governamentais. Os problemas mais importantes enfrentados pelas comunidades pobres são o desemprego (que gera o binômio violência – falta de segurança pública), a falta de moradia e de saneamento básico e a baixa qualidade dos serviços de saúde. Vale destacar que a violência foi apresentada como a principal dificuldade.

¹³ De acordo com a ONU, US\$ 300 bilhões por ano seriam suficientes para que todas as pessoas do planeta saíssem da extrema pobreza (medida pelo indicador de US\$ 1 dia por pessoa). Enquanto que esse valor representa apenas um terço dos gastos militares por ano (Green, 2009).

Esse achado é consoante com uma série de estudos quantitativos que revelam serem as causas externas (basicamente assassinatos, especialmente entre os jovens) a segunda principal causa das mortes no Brasil.

O uso de drogas está associado à violência, intensificado pela falta de acesso a uma educação de qualidade e a um ensino profissionalizante e pela falta de perspectivas no mercado de trabalho. Outro dado informado é a experiência da brutalidade policial nas comunidades.

De uma maneira geral, os indivíduos demonstraram acentuado ceticismo quanto a sua capacidade de solucionar os problemas enfrentados nas comunidades. Eles esperam a participação do governo local para propiciar iniciativas em seu entorno. As instituições governamentais são, portanto, as mais destacadas entre as que podem ajudar as comunidades a resolverem seus problemas; outras também foram apresentadas como importantes, como por exemplo, a Igreja Católica e as associações de moradores. Entre as não governamentais, a Igreja Católica foi considerada a mais importante e a com maior taxa de aprovação. Essa aprovação esteve relacionada ao papel espiritual da Igreja, ao seu trabalho assistencial em situações de emergência e à ajuda – inclusive financeira – que presta às comunidades. Tal constatação contrasta fortemente com a percepção pública e com as indicações de pesquisa a respeito do declínio da influência da Igreja Católica nas comunidades pobres, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, e de seu desengajamento nos movimentos sociais urbanos no período. Sobre a visão social da Igreja não debateremos nesse trabalho. A Polícia foi a terceira instituição em ordem de importância mencionada pelas comunidades, e quase unanimemente considerada como a pior instituição em geral. Apesar da pouca confiança depositada na força policial, os grupos a consideraram uma instituição crucial na comunidade. Parlamentares em geral foram avaliados de forma extremamente negativa, embora alguns políticos, particularmente alguns prefeitos, tenham sido apontados individualmente de forma positiva.

Por fim, o referido estudo, de natureza qualitativa, revelou que “a pobreza é multidimensional e impacta na qualidade de vida em diversos níveis, da subnutrição à angústia e ao colapso das relações de sociabilidade”. O inverso dessa pobreza não é, pois, apenas a riqueza e sim uma ampla noção de bem-estar do homem como sujeito de si próprio. Ainda que esse estudo do Banco Mundial tenha sido desenvolvido há 14 anos, percebe-se que todas as conclusões do mesmo estão presentes nas narrativas dos informantes, conforme os resultados apresentados adiante.

2.1.4 Fortaleza: perfil sócio econômico, pobreza e extrema pobreza

2.1.4.1 Perfil sócio econômico e a pobreza em Fortaleza

Fortaleza é a capital do estado do Ceará, situada na região Nordeste do Brasil tem uma área de 313,14 km. Faz fronteira ao Norte com o Oceano Atlântico, ao Sul com a cidade de Pacatuba, a Leste com a cidade de Aquiraz e a Oeste com as cidades de Caucaia e Maracanaú. Está a 16 metros em relação ao nível do mar (SECRETARIA DE TURISMO DE FORTALEZA, 2014).

Sob o ponto de vista administrativo, Fortaleza está organizada em sete Secretarias Executivas Regionais (SER): Regional Centro e Regionais I, II, III, IV, V e VI. Importante esclarecer que as figuras que representam as divisões das regionais administrativas no ano de 2012, postas mais adiante, ilustram apenas as Regionais de I a VI, pois essa era a forma como se estruturava a administração da cidade na época.

A fonte dos dados apresentados é a última pesquisa realizada pelo IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará), feita no ano de 2012, a qual analisa o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Quanto aos aspectos demográficos, Fortaleza tem uma população de 2.452.185 habitantes, sendo a quinta cidade mais populosa do Brasil, atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília; em relação à densidade demográfica, Fortaleza é a capital mais densamente povoada. Quanto à faixa etária das pessoas, os dados mostram que esse contingente populacional está concentrado na faixa etária de 15 a 64 anos, período da vida em que as pessoas estão na classificação de “mercado de trabalho”.

Para definir as “classes sociais” da cidade, o estudo utilizou a definição das classes empregada pela comissão SAE/PR, que diferencia a Classe Baixa, a Classe Média e a Classe Alta.¹⁴

Tabela 1 - Classes Sociais da população de Fortaleza em 2010.

CLASSES	Nº	(%)
BAIXA	873.858	35,68
MÉDIA	1.083.298	44,23
ALTA	491.920	20,09

Fonte: IPECE (2012). Amostra do Censo de 2010.

¹⁴ O parâmetro de divisão entre as classes são os valores da renda domiciliar per capita mensal (valores definidos em março de 2012): **classe baixa** – pessoas que vivem em domicílios com renda *per capita* até R\$ 290 por mês; **classe média** – pessoas que vivem em domicílios com renda *per capita* entre R\$ 291 e R\$ 1.019 por mês e a **classe alta** – pessoas com rendimentos domiciliares *per capita* iguais ou superiores a R\$ 1.020.

Percebe-se que o maior percentual da população encontra-se na classe média. Segundo informações desse estudo, que comparou os dados de 2000 e 2010, houve, em relação às categorias das classes sociais, uma redução relativa do número de pessoas na Classe Baixa e o aumento proporcional de pessoas nas classes Média e Alta, ocorrida na década de 2000:

É possível conjecturar que o aumento da participação da Classe Média deve-se diretamente a ascensão de indivíduos e famílias que antes pertenciam a Classe Baixa. O aumento dos estratos médio e alto, ao mesmo tempo em que o estrato baixo diminuiu, deixa bem claro a evidência de ascensão social no período. O crescimento da Classe Média na capital cearense definiu um novo perfil para a população em termos de renda e padrão de consumo [...]. (IPECE, 2012, p.57).

As subdivisões da Classe Média, que observam a renda domiciliar per capita das famílias¹⁵, têm o objetivo de definir as perspectivas de futuro das classes sociais da cidade. Depreende-se dos dados que a Classe Média Baixa tem maior “probabilidade” de voltar a ser Classe Baixa. A Tabela 2 demonstra os dados quantitativos dessa subdivisão.

Tabela 2 – Subdivisões da Classe Média

SUBDIVISÕES DA CLASSE MÉDIA	Nº	(%)
BAIXA	415.019	16,95
MÉDIA	375.683	15,34
ALTA	292.597	11,95

Fonte: IPECE (2012)

Ao observar a variação do tamanho da Classe Média em Fortaleza, nota-se que o maior número de pessoas na Classe Média está na esfera mais inferior, o que pode configurar uma situação vulnerável em relação à pobreza.

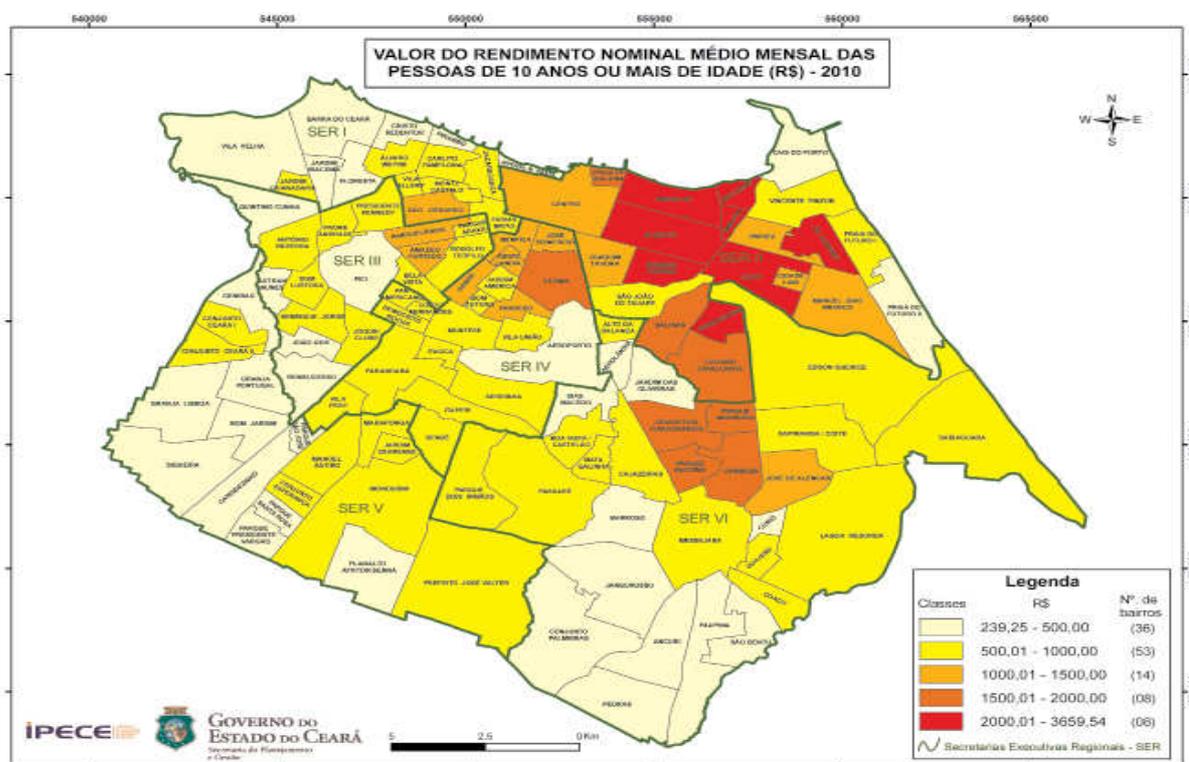
Quanto à Distribuição da Renda no espaço da cidade, o mapa abaixo mostra que os bairros mais ricos (com renda média pessoal entre R\$ 2000,01 e R\$ 3659,54) concentram-se na SER II. Os dez mais ricos são: Meireles, Guararapes, Cocó, De Lurdes, Aldeota, Mucuripe, Dionísio Torres, Varjota, Praia de Iracema e Fátima (apenas o último bairro está na SER IV). Os bairros mais pobres (com renda média pessoal entre R\$ 239,25 e R\$ 500,00) são: Conjunto Palmeiras, Parque Presidente Vargas, Canindezinho, Siqueira, Genibaú, Granja Portugal, Pirambu, Granja Lisboa, Autran Nunes e Bom Jardim. Observa-se que, dos dez mais pobres, seis estão na SER V.

¹⁵ Baixa Classe média (Renda Domiciliar *per capita* R\$ 261 a R\$ 394)

Média Classe Média (Renda Domiciliar *per capita* R\$ 395 a R\$ 573)

Alta Classe Média (Renda Domiciliar *per capita* R\$ 574 a R\$ 913)

Figura 2 - Distribuição de Renda por Regionais Administrativas de Fortaleza



Fonte: IPECE (2012). Censo Demográfico de 2010 do IBGE

Tabela 3 - Distribuição de Renda e da População por Regionais Administrativas de Fortaleza¹⁶

SER	Nº de Bairros	População	%	Renda Média
I	15	363.912	14,8	587,75
II	21	363.406	14,8	1850,11
III	16	360.551	14,7	658,04
IV	20	281.645	11,5	845,2 2
V	18	541.511	22,1	471,76
VI	29	541.160	22,1	715,43

Fonte: IPECE (2012). Censo Demográfico de 2010 do IBGE.

Fortaleza é uma cidade com bairros muito ricos; o Meireles, por exemplo, possui renda média pessoal 15,3 vezes maior que a renda média pessoal de bairros pobres, como, por exemplo, o Conjunto Palmeiras. Quanto à média das rendas, vê-se que os dez mais ricos possuem média 8,6 vezes maior que a média dos dez mais pobres.

Trata-se da segunda capital mais desigual do Brasil (IBGE, 2010). Sete por cento (7%) da população total de Fortaleza, que vivem nos dez bairros mais ricos, apropriam-se de

¹⁶ Atualmente a Prefeitura de Fortaleza está organizada em sete Secretarias Executivas Regionais conforme já citado, entretanto, como os dados (da distribuição de renda) são de 2012, foi utilizado a organização administrativa no ano de 2012, que são seis SERs.

vinte e seis por cento (26%) da renda pessoal total da cidade. Por outro lado, os quarenta e quatro bairros de menor renda – que, juntos, somam quase metade (49%) da população total de Fortaleza apropriam-se dos mesmos 26% da renda pessoal total¹⁷.

2.1.4.2 A extrema pobreza em Fortaleza

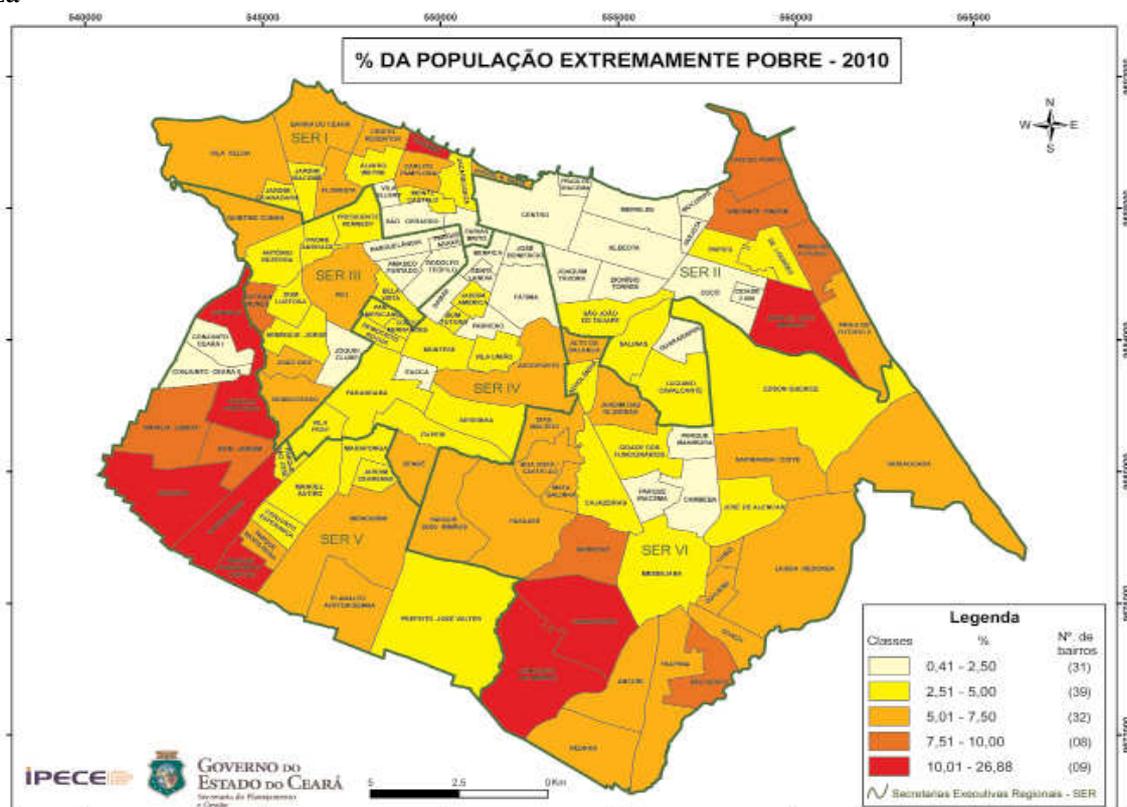
O ponto de corte utilizado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) do Governo Federal para definir *pobreza* e *extrema pobreza* considera como parâmetro a renda familiar mensal. Atualmente, considera-se pobre a família cuja renda per capita varia de R\$ 77,01 até R\$ 154,00, e extremamente pobre a família com renda per capita de até R\$ 77,00 (dado recente, conforme Brasil (2014), uma vez que o valor anterior era de R\$ 70,00). Dessa forma, o estudo ao qual nos estamos referindo ainda tomou como ponto de corte o valor de R\$ 70,00.

A partir da base de dados do Censo Demográfico de 2010, o IPECE estabeleceu o perfil da população que vive em extrema pobreza em Fortaleza: 134 mil pessoas em 2010, o correspondentes a 5,5% de sua população.

O mapa abaixo apresenta a distribuição espacial da extrema pobreza por bairros na cidade. Quanto mais escura a cor, maior a proporção de pessoas em situação de extrema pobreza. A esse respeito, é importante destacar que o estudo reflete ser a distribuição da pobreza em Fortaleza um resultado da sua própria evolução socioeconômica e urbanística. Além disso, o surgimento das favelas e aglomerados sem planejamento urbano nas regiões periféricas da cidade é um reflexo da chamada “explosão demográfica”, ocorrida em Fortaleza a partir da década de 1930.

¹⁷ Conforme pesquisa do IPCE (2012), os dados obtidos a partir do cálculo da soma total das rendas de cada bairro multiplicando-se a renda média pessoal pelo respectivo número de habitantes.

Figura 3 - Distribuição da População Extremamente Pobre por Regionais Administrativas de Fortaleza



Fonte: IPECE (2012). Censo Demográfico do IBGE (2010)

A tabela abaixo destaca os dez bairros – localizados na periferia da cidade, como já mencionado – com o maior percentual de pessoas que vivem em extrema pobreza.

Tabela 4 - Bairros com maior intensidade de pessoas na extrema pobreza

BAIRROS	População Total	EXTREMA POBREZA	
		Nº de Pessoas	% de Pessoas
Conj. Palmeiras	36.599	6.277	17,15
Jangurussu	50.479	5.511	10,92
Granja Lisboa	52.042	4.949	9,51
Barra do Ceará	72.423	4.808	6,64
Mondubim (Sede)	76.044	4.521	5,95
Canindezinho	41.202	4.314	10,47
Vicente Pinzon	45.518	4.249	9,33
Granja Portugal	39.651	4.141	10,44
Genibau	40.336	4.092	10,14
Siqueira	33.628	3.994	11,88
TOTAL	487.922	46.856	9,60

Fonte: IPECE (2012). Censo Demográfico do IBGE (2010).

Observa-se que, em apenas dez bairros, estão concentrados 20% da população de Fortaleza. Estes mesmos dez bairros, de todos os 119, aglomeram 46,9 mil pessoas classificadas na faixa da extrema pobreza.

Esses dados evidenciam que há uma concentração de extremamente pobres em dez bairros da periferia, que estão inseridos nas SERs V e VI. Estas são as maiores Regionais em área geográfica e em população de extremamente pobres.

O estudo do IPECE não apresenta o grave problema das desigualdades sociais e econômicas, que, conforme Marmot (2007), é o principal responsável por perpetuar a pobreza no mundo.

Assim, o bairro com maior percentual de pessoas na extrema pobreza é o Conjunto Palmeiras; entretanto, é um bairro homogêneo, onde as pessoas não convivem com a desigualdade social e econômica. Diferentemente, o bairro Vicente Pinzón, apesar de ter apenas 9,3% das pessoas em extrema pobreza, apresenta uma grave situação de miséria por conta das desigualdades sociais. Nesse caso, a vida social das pessoas está exposta a uma “miséria de posição”, conforme assinala Bourdieu (2012).

2.2 Política de Governo no Combate à Pobreza: Programas de Transferência Direta de Renda (PTDR), do Programa Bolsa Família (PBF) ao Plano Brasil sem Miséria

Contextualizando a Transferência Direta de Renda, vale destacar que o atendimento aos mais pobres por meio da transferência de renda já existia no Brasil desde a década de 1970. O benefício tinha como público alvo os idosos e portadores de deficiência, que não possuíam renda suficiente para garantir sua sobrevivência. Apenas a partir da Constituição de 1988 e da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), de 1993, esse programa foi redesenhado e, conseqüentemente, aumentou a cobertura e ganhou notoriedade (ROCHA, 2013).

2.2.1 Programa Bolsa Família (PBF)

O PBF é resultante da unificação de diversas iniciativas dos Programas de Transferência de Renda do Brasil, criados a partir de 1995, e é caracterizado como um “programa guarda-chuva” que unificou os programas Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Auxílio Gás e Cartão Alimentação. A inovação do programa está no fato de haver rompido com a tradição do governo de atender aos pobres através de medidas “emergenciais” de doação de alimentos, na maioria das vezes de forma não sistemática (ROCHA, 2011).

Em comparação com o Cartão Alimentação (CA), o PBF tem duas diferenças essenciais. A primeira é que o parâmetro de elegibilidade utilizado pelo CA era a “renda única”, pela qual todas as famílias com renda inferior a meio salário mínimo eram elegíveis para receber o benefício no valor de R\$ 50,00 mensais. Com o PBF, o critério de elegibilidade passou a ser a “renda per capita das famílias”, dividida em dois distintos grupos: renda inferior a R\$ 50,00 mensais e renda entre R\$ 50,00 e R\$ 100,00 mensais. A segunda respeita os critérios de definição de renda da população-alvo do programa, estabelecendo-se sem relação com o valor do salário mínimo ou de qualquer outro indexador de preços (ROCHA, 2013).

Em relação à economia internacional, as recentes transformações havidas em seu contexto – como o crescimento do desemprego e a aparição de novas formas e/ou recrudescimento da pobreza, associados à chamada crise do *Welfare State*¹⁸ – têm trazido à tona o debate acerca dos limites dos tradicionais programas sociais na realização da missão de responder às crescentes demandas sociais, impondo, assim, novos dilemas para a intervenção pública (SENA et al., 2007).

No Brasil, de acordo com Burlandy (2007), houve uma opção evidente de investimento do governo federal na Transferência Direta de Renda (TDR), complementando ou substituindo outros tipos de intervenções, como a distribuição de alimentos e os programas de cupom alimentação (implementados em alguns estados do país). Desde 2001, as ações de distribuição de alimentos para gestantes, nutrizes e crianças em risco nutricional foram progressivamente substituídas pela TDR, num processo crescente de expansão de cobertura.

Importante destacar que a TDR ainda é um programa muito focalizado e que não tem padrão para comparar com o “Estado de bem-estar social”, uma vez que esta última é uma política universal e que objetiva o bem estar para toda a população. A TDR é um aspecto da política brasileira e que muito precisa ser feito para que esta tenha condição de cobertura universal.

Silva (2006) aponta cinco momentos relevantes na construção histórica da política de transferência direta de renda. O primeiro, no ano de 1991, foi marcado pelo início de um

¹⁸Utiliza-se uma definição bastante ampla de *Welfare State*, que é entendido como a mobilização em larga escala do aparelho do Estado em uma sociedade capitalista a fim de executar medidas orientadas diretamente ao bem-estar de sua população. No Brasil, a expressão é conhecida como Estado de bem-estar social, de acordo com seus princípios todo o indivíduo teria o direito, desde seu nascimento até sua morte, a um conjunto de bens e serviços que deveriam ter seu fornecimento garantido seja diretamente através do Estado ou indiretamente, mediante seu poder de regulamentação sobre a sociedade civil. Esses direitos incluiriam a educação em todos os níveis, a assistência médica gratuita, o auxílio ao desempregado, a garantia de uma renda mínima, recursos adicionais para a criação dos filhos, etc (MEDEIROS, 2001).

debate que se amplia nos anos subsequentes. O segundo, ainda em 1991, apontou para a introdução da idéia de articulação entre a garantia de uma renda mínima familiar e a educação. Propôs-se, então, a transferência monetária equivalente a um salário mínimo a toda família que mantivesse seus filhos ou dependentes, de 7 a 14 anos de idade, frequentando regularmente a escola pública. Portanto, era o vínculo com a escola pública a garantia de direcionamento dos programas de renda mínima nas famílias pobres, fase esta caracterizada pela dificuldade de comprovação de renda entre estas. O terceiro momento – havido em meados de 1995, com iniciativas municipais em Campinas, em Ribeirão Preto e em Santos (São Paulo) e em Brasília (Distrito Federal) – está relacionado à diversidade de experiências referentes a critérios de seleção, valor do benefício e formas de operação, entre outros fatores, compartilhando uma grande riqueza em termos de inovações institucionais (DRAIBE, 2006). Em 2001, penúltimo ano do governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, marcando o quarto momento, houve a criação de novos programas, com destaque para o Bolsa Escola e o Bolsa Alimentação. Estes programas foram implementados de modo descentralizado e alcançaram a maioria dos 5.561 municípios brasileiros – assumindo uma abrangência geográfica significativa –, sendo considerados, no discurso do então Presidente da República, o eixo central de uma “grande rede nacional de proteção social”. O ano de 2003 é o início de um quinto momento, no qual é criado o Programa Bolsa Família, com a missão de unificar os Programas Nacionais de Transferência de Renda.

A opção pela unificação dos Programas de Transferência de Renda no Brasil, viabilizada pelo PBF, dá-se mediante diagnóstico sobre os programas sociais em desenvolvimento, levantado durante a transição do Governo Fernando Henrique Cardoso para o Governo Lula. Este diagnóstico apontou alguns problemas:

- Existência de programas concorrentes e sobrepostos nos seus objetivos e no seu público-alvo;
- Ausência de uma coordenação geral dos programas, propiciando desperdício de recursos, além de insuficiência na alocação dos mesmos;
- Ausência de planejamento gerencial dos programas e dispersão de comandos em diversos Ministérios;
- Incapacidade no alcance do público-alvo, conforme os critérios de elegibilidade estabelecidos pelos programas (BRASIL, 2002 apud SILVA, 2008).

Algumas avaliações a respeito dos programas brasileiros de transferência direta de renda (PTDR), também chamados programa de geração de renda mínima (PGRM), apontam a

vantagem da transferência monetária direta na diminuição dos custos administrativos do programa e na redução da incidência de fraudes e desvios de recursos, além de permitir a liberdade de escolha dos produtos por parte dos beneficiários, quando comparada à clássica modalidade de distribuição do benefício *in natura* (LAVINAS, 2004). Ao mesmo tempo, os referidos programas têm como proposta promover a articulação com outras políticas e programas sociais, criando a possibilidade de, em tese, romper com a fragmentação típica das políticas sociais brasileiras e facilitar a adoção de ações intersetoriais (SENA et al., 2007).

O PBF foi inicialmente criado através da Medida Provisória nº132 e logo depois convertida na Lei nº 10.836 de 2004. A mesma tem por finalidade a unificação dos procedimentos de gestão, conforme já mencionado, e execução das ações de Transferência de Renda em implementação no país. (BRASIL, 2009). A gestão do PBF é regulamentada pelo Decreto nº 5.209/2004, sendo descentralizada e compartilhada entre municípios, estados e União, que desenvolvem ações em comum para aperfeiçoar, ampliar e fiscalizar a execução do programa. A implementação descentralizada do PBF foi assumida pelos municípios mediante a assinatura do Termo de Adesão, pelo qual os municípios se comprometem a instituir comitê ou conselho local de controle social e indicar o gestor municipal do PBF, por determinação da Portaria n.246, de 20 de maio de 2005, art. 2º.

O programa está vinculado ao Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, mais especificamente à Secretaria Nacional de Renda de Cidadania (SENARC) (2009) constituindo-se em uma das prioridades do Governo Federal para a área social.

O objetivo do programa é proteger o grupo familiar e contribuir para o seu desenvolvimento, além de assegurar o direito à alimentação e preservar vínculos e valores familiares. *O PBF tem ainda o objetivo de superar a fome e a pobreza.* Para isso articula três dimensões:

O alívio imediato da pobreza; a exigência do exercício dos direitos sociais básicos na área da saúde, educação e assistência social e a integração dos programas complementares situado nas três esferas de governos que tenham por objetivo o desenvolvimento das famílias (BRASIL, 2008).

Portanto, para as duas primeiras dimensões apresentadas acima existe uma ação. A transferência de renda promove o alívio imediato da pobreza e as condicionalidades (apresentadas mais adiante) reforçam o acesso a direitos sociais básicos nas áreas de educação, saúde e assistência social. Estas, juntamente com a dimensão da integração dos programas

complementares, compõem o plano estratégico para que os beneficiários consigam superar a situação de vulnerabilidade socioeconômica¹⁹.

Portanto, o PBF consolida-se como uma política intersetorial voltada ao enfrentamento da pobreza, ao apoio público e à emancipação das famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica, requerendo, para sua efetividade, cooperação interfederativa e coordenação das ações dos entes públicos envolvidos em sua gestão e execução (BRASIL, 2005).

Dessa forma o foco deve ser a família, entendida como unidade nuclear eventualmente ampliada por pessoas ligadas por laços de parentesco ou afinidade, a qual constitui um grupo doméstico que partilha teto e tem sua manutenção dada por meio da contribuição de seus membros (SILVA, 2008).

Para seus idealizadores, o PBF é considerado uma inovação também por se propor a proteger o grupo familiar como um todo, representado preferencialmente pela mãe; pela elevação do valor monetário do benefício; pela simplificação e pela elevação de recursos destinados a programas dessa natureza, tencionando também a simplificação e racionalização do acesso das famílias aos benefícios. Para Draibe (2006), o foco na família foi a forma encontrada pelos formuladores de tais políticas para atingir seu principal público-alvo – crianças e adolescentes – e incluí-los em outras políticas, sobretudo a de educação, o que torna pais e responsáveis importantes intermediários neste processo. Se, de algum modo, tal análise pode ser transposta para o PBF, é necessário pensar em que medida a família é ou não, na realidade, a unidade privilegiada de intervenção do programa.

A inclusão das famílias elegíveis para o PBF dá-se a partir do momento em que estejam inscritas no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), coordenado pelo MDS. O CadÚnico é a base de dados utilizada para o registro de informações sobre as famílias com renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa, ou renda mensal total de até três salários mínimos. Por esse cadastro, é possível conhecer o perfil socioeconômico das famílias, com informações de cada membro, das características do domicílio e das formas de acesso a serviços públicos essenciais.

A partir do referido cadastro, portanto, é feita a seleção de beneficiários de alguns programas do Governo federal, como o PBF. Dessa forma, o cadastramento não significa a

¹⁹ Reconheço que o termo vulnerabilidade é largamente utilizado no campo da Saúde Coletiva, tanto na epidemiologia focalizando a perspectiva de risco, quanto na área de políticas na discussão de práticas de prevenção e promoção da saúde. Ainda autores como Pettengill, 2003 e Von Zuben, Newton Aquiles, 2003 discutem a vulnerabilidade em saúde a partir de duas categorias “finitude” e “transcendência” e relacionam com os princípios de autonomia, de dignidade e de integridade. Entretanto, por hora não temos objetivo de desenvolver o tema.

inserção automática da família no Programa Bolsa Família. A seleção dependerá dos critérios do mesmo (BRASIL, 2008). Além de entender que os valores recebidos pelas famílias do PBF podem variar, é importante saber que o Cadastro Único é um banco de dados mais amplo e que dá acesso a outros programas e políticas sociais do Governo Federal, não apenas ao PBF.

Assim sendo, o PBF adota como critérios de elegibilidade a inclusão de famílias extremamente pobres, consideradas as famílias com renda *per capita* mensal de até R\$ 77,00, independente de sua composição familiar, e de famílias pobres, com renda *per capita* mensal de R\$ 77,01 até R\$ 154,00, com crianças ou adolescentes com idades entre 0 e 17 anos, gestantes ou nutrizes.

Os tipos de benefícios são: Básico, Variável, Variável para Jovem e para Superação da Extrema Pobreza.

Quadro 1 - Tipos e valores do benefício incluso no PBF conforme critério de composição das famílias

Benefício Básico: R\$ 77 Concedido apenas às famílias extremamente pobres, ou seja, com renda mensal por pessoa menor de até R\$ 77)
Benefício Variável de 0 a 15 anos: R\$ 35 Às famílias com crianças ou adolescentes de 0 a 15 anos de idade
Benefício Variável à Gestante: R\$ 35 Às famílias que tenham gestantes em sua composição
Benefício Variável à Nutriz: R\$ 35 Às famílias que tenham crianças com idade entre 0 e 6 meses em sua composição
Benefício Variável Vinculado ao Jovem: R\$ 42 Às famílias que tenham jovens entre 16 e 17 anos.
Benefício para Superação da Extrema Pobreza: calculado caso a caso Às famílias do PBF que continuem em situação de extrema pobreza mesmo após o recebimento dos outros benefícios. Ele é calculado para garantir que as famílias ultrapassem o limite de renda da extrema pobreza.

Fonte: Brasil (2014).

Quanto às características específicas:

- 1 - O Benefício Variável à Gestante é um repasse de nove parcelas consecutivas, a contar da data do início do benefício. Esse repasse ocorre a partir da identificação da gestação até o nono mês. Outro aspecto é que a identificação da gravidez é realizada pelo Sistema Bolsa Família, realizado na Unidade de Saúde. O Cadastro Único não identifica as gestantes.
- 2 - O Benefício Variável à Nutriz é um repasse de 6 parcelas mensais consecutivas, a contar da data do início do benefício. A criança deve ter sido identificada no Cadastro Único até o sexto mês de vida.
- 3 - O Benefício Variável Vinculado ao Adolescente é limitado a 2 benefícios por família.

- 4 - A família pode receber o teto de cinco benefícios variáveis, totalizando R\$ 175,00. Porém, as famílias em situação de extrema pobreza podem acumular o benefício Básico e o Variável, de R\$ 252,00 por mês, no máximo (BRASIL, 2014).

Tabela 5- Tipos e valores dos benefícios Básico e Variáveis inclusos no PBF conforme critério de composição das famílias com renda familiar de até R\$ 77,00 mensal (extremamente pobres)

Número de gestantes, nutrizes, crianças e adolescentes < 15 anos.	Número de jovens de 16 e 17 anos	Tipo de Benefício	Valor do Benefício (R\$)
0	0	Básico	77,00
1	0	Básico + 1 variável	112,00
2	0	Básico + 2 variáveis	147,00
3	0	Básico + 3 variáveis	182,00
4	0	Básico + 4 variáveis	217,00
5	0	Básico + 5 variáveis	252,00

Fonte: Brasil (2014).

A partir da definição do PBF como um programa de transferência de renda condicionada, destaca-se que as condicionalidades são os compromissos que as famílias beneficiadas assumem no intuito de promover o acesso às áreas básicas (saúde, educação e assistência social). As mesmas estão caracterizadas a seguir:

- Saúde: acompanhamento do calendário vacinal e do crescimento e desenvolvimento para crianças menores de 7 anos; pré-natal das gestantes e acompanhamento das nutrizes, as duas na faixa etária de 14 a 44 anos;
- Educação: frequência escolar mínima de 85% (para crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos) e mínima de 75% (para adolescentes entre 16 e 17 anos);
- Assistência Social: frequência mínima de 85% da carga horária relativa aos serviços socioeducativos para crianças e adolescentes de até 15 anos, em risco ou retiradas do trabalho infantil (MDS, 2009).

As condicionalidades estão vinculadas a duas questões que se interligam entre si: 1) a possibilidade do rompimento da reprodução da pobreza e da miséria de geração em geração e 2) estabelecer uma relação direta entre o PBF e o acesso aos serviços essenciais já citados antes. No entanto, elas também estão vinculadas a uma concepção da necessidade de corresponsabilidade das famílias no processo de superação da pobreza e da miséria.

Outra vertente seria a de as condicionalidades configurarem-se como um instrumento de avaliação e monitoramento da eficácia, eficiência e efetividade²⁰ das demais políticas públicas²¹. Elas estariam, assim, melhor adaptadas para as questões de gerenciamento das políticas públicas. Dessa forma, caberia ao governo buscar as famílias que não cumprissem as condicionalidades para, dessa forma, verificar as causas das falhas de suas políticas.

De fato, no decorrer da execução do programa, nos últimos dez anos, as condicionalidades vêm desvelando a faceta multisetorial do fenômeno pobreza:

[...] as distintas formas de carência e de vulnerabilidade social às quais as famílias estão submetidas dizem respeito em grande medida às insuficiências ou distorções da implantação das demais políticas sociais – trabalhistas, previdenciárias, de saúde, de educação e de assistência social [...] (COHN, 2012, p.39).

Portanto, as condicionalidades não têm o objetivo de punir as famílias, mas reforçar o acesso aos direitos sociais básicos, assim como o de responsabilizar de forma conjunta os beneficiários e o poder público, que deve identificar os motivos do não cumprimento das exigências e implementar políticas públicas de acompanhamento dessas famílias.

De acordo com o PBF, os efeitos decorrentes do descumprimento das condicionalidades do PBF são gradativos, sendo aplicados de acordo com as inações identificadas no histórico da família. Esses efeitos vão desde a advertência da família, passando pela suspensão do benefício e podendo chegar ao cancelamento, caso o descumprimento for repetido em cinco períodos consecutivos. Conforme o seguinte:

- advertência, no primeiro registro de descumprimento;
- bloqueio do benefício por um mês, no segundo registro de descumprimento;
- suspensão do benefício por dois meses, no terceiro registro de descumprimento;
- suspensão do benefício por dois meses, no quarto registro de descumprimento;
- cancelamento do benefício, no quinto registro de descumprimento (PORTARIA

321 DE 29 DE SETEMBRO DE 2008).

As famílias beneficiárias do PBF – cujos adolescentes de 16 e 17 anos, beneficiários do BVJ, descumprirem as condicionalidades – ficam sujeitas, no que se refere a este benefício, aos seguintes efeitos, aplicados de forma sucessiva:

²⁰ Eficácia, eficiência e efetividade: dimensões operacionais do conceito de avaliação de programas e serviços de saúde.

- advertência, no primeiro registro de descumprimento do adolescente;
- suspensão do BVJ por dois meses, no segundo registro de descumprimento do adolescente;
- cancelamento do BVJ, no terceiro registro de descumprimento do adolescente (PORTARIA 321 DE 29 DE SETEMBRO DE 2008).

As famílias têm liberdade na utilização do dinheiro recebido e podem permanecer no Programa enquanto estiverem dentro dos critérios de elegibilidade e cumpram as condicionalidades indicadas, desde que lhes sejam oferecidas condições para tal (SILVA, 2008).

É válido salientar que existe um debate crítico promovido por pensadores especializados na área sobre o desenho do PBF sob a ótica dos direitos humanos.

Sobre o direcionamento do Programa, Sena et al. (2007) critica o fato da renda monetária ser critério único de seleção das famílias; para o autor, somente a renda não é suficiente para qualificar a pobreza, fenômeno multifacetado que engloba outras dimensões de vulnerabilidade social, como a saúde, a esperança de vida, a educação, o saneamento e o acesso a bens e serviços públicos. Além disso, a definição de um valor *per capita* muito baixo tende a impossibilitar a inclusão de famílias que, embora tenham uma renda um pouco acima do valor definido, encontram-se em situação de pobreza. Outro aspecto que não pode ser esquecido é a questão do valor definido desvinculado do salário mínimo ou de qualquer outro índice de reajuste, o que implica tornar este critério cada vez mais restritivo.

Zimmermann (2006) acrescenta que existe uma limitação da quantidade de famílias a serem beneficiadas em cada município. Dessa forma, o Bolsa Família não garante o acesso irrestrito ao benefício. O programa, não sendo concebido com o intuito de garantir o benefício a todos que dele necessitem, adota, ao contrário, uma seletividade, a qual pode ser ocasionalmente excludente.

Em relação às condicionalidades do Programa, existe uma polêmica relacionada ao reconhecimento de que as mesmas potencializam as demandas sobre os serviços de educação e saúde, o que de certa forma pode representar uma oportunidade para ampliar o acesso de uma parcela significativa da população às ofertas de serviços sociais. No entanto, porém, ao ser exigido o cumprimento de obrigаторiedades como condição para o exercício de um direito social, os próprios princípios de cidadania podem estar ameaçados (SENA et al., 2007).

Zimmermann (2006), ao analisar as condicionalidades do PBF, resgata o Comentário Geral número 12, elaborado pelo Comitê de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais do Alto Comissariado de Direitos Humanos das Nações Unidas, reforçando o pensamento de que

essas condicionalidades ferem o direito individual a ser garantido de maneira universal e incondicional ao ser humano.

O Comentário Geral n. 12 das Nações Unidas define que “o direito à alimentação adequada realiza-se quando cada homem, mulher e criança, sozinho ou em companhia de outros, tem acesso físico e econômico, ininterruptamente, à alimentação adequada”. Para atingir tal propósito, cada Estado fica obrigado a assegurar a todos os indivíduos, que se encontrem sob sua jurisdição, o acesso à quantidade mínima essencial de alimentos. Ressalta-se que essa quantidade deve ser suficiente, garantindo que todos esses cidadãos estejam de fato livres da fome. Sob a ótica dos direitos, a um direito não se deve impor contrapartidas, exigências ou condicionalidades, uma vez que a condição de pessoa deve ser o requisito único para a titularidade de direitos (ZIMMERMANN, 2006, p.151).

O referido autor ressalta, ainda, que a responsabilidade de garantir o provimento e a qualidade desses serviços aos beneficiados compete aos poderes públicos responsáveis. Nesse sentido, a obrigação do cumprimento das condicionalidades cabe a esses poderes e não às pessoas.

O Estado em hipótese alguma deverá punir ou excluir as famílias beneficiadas pelo não cumprimento das condicionalidades. Deve-se responsabilizar os municípios, estados e outros organismos governamentais pelo não cumprimento de sua obrigação em garantir o acesso aos direitos atualmente impostos com condicionalidades (ZIMMERMANN, 2006, p.155).

Deve-se pontuar, também, que existem ainda municípios com limitações em trabalhar com banco de dados de forma sistemática, ou que ainda não possuem cobertura de atenção básica satisfatória. Um erro de registro do resultado do acompanhamento das condicionalidades e a não oferta de serviços relativos a estas poderiam acarretar prejuízos às famílias beneficiadas. Ressalta-se que, obviamente, são prerrogativas dos municípios a atualização dos sistemas de informação e a oferta dos serviços referentes às condicionalidades.

A rigor, a ideia-chave do acompanhamento das condicionalidades deveria englobar ações sociais mais amplas, com vistas a potencializar uma rede de proteção social em torno dos beneficiários do programa. Desse modo, se, por um lado, essa perspectiva do acompanhamento está vinculada à concepção de condicionalidade enquanto estratégia que visa interferir nas situações estruturais responsáveis pela persistência da pobreza, por outro lado, a legislação que regulamenta a forma de gestão do acompanhamento das condicionalidades aproxima-se mais da concepção de punição e fiscalização do que propriamente dos objetivos enunciados de inserção social (MONERAT et al., 2007).

Outro ponto de vista importante a considerar trata da perspectiva do PBF estar também vinculado à oferta de programas complementares – como, por exemplo, os programas de geração de emprego e renda – os quais, teoricamente, poderiam ser operacionalizados de forma cooperativa entre as esferas de governo e com foco na intersetorialidade. No entanto, como lembra Sena et al. (2007), mesmo reconhecendo-se a relevância das ações complementares, estas não aparecem como obrigação dos entes federados e, portanto, não constituem contrapartidas. Neste caso, não há definição de estratégias de implementação, o que demonstra total ausência de indução para ações que são, no plano dos discursos oficiais, consideradas porta de saída do Programa e da situação de pobreza.

Para apoiar os municípios nas ações de gestão do PBF, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) criou o Índice de Gestão Descentralizada (IGD), um indicador que mede a qualidade da gestão do Programa e garante o repasse mensal de recursos financeiros, de forma regular e automática, aos municípios que apresentarem bom desempenho (BRASIL, 2008; MDS, 2008)²².

A orientação do MDS (2008) é que os municípios têm autonomia para definir quais as suas prioridades para utilização dos recursos do IGD. Esta decisão dependerá da necessidade de cada município, de suas prioridades e da legislação financeira e orçamentária local, que determinam a forma como os recursos podem ser incorporados ao orçamento.

2.2.2 O Plano Brasil Sem Miséria e Ação Brasil Carinhoso: novas estratégias de superação da pobreza

O Plano Plurianual (PPA) 2004-2007 contempla ações do setor da saúde interligadas às medidas de combate à fome sob a coordenação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Essa configuração do PPA demonstrou o envolvimento do Sistema Único de Saúde (SUS) na gestão do PBF. Nesse plano, estabeleceu-se o cumprimento da agenda de compromissos em saúde, no formato das condicionalidades do PBF, quais sejam: acompanhamento pré-natal, vigilância alimentar e nutricional, acompanhamento do crescimento e desenvolvimento e da vacinação de crianças e gestantes (BRASIL, 2004).

²² O IGD é calculado com base em 4 (quatro) variáveis que representam cada uma, 25% do seu valor total. São as seguintes: Qualidade e integridade das informações constantes no Cadastro Único; Atualização da base de dados do cadastro único; Informações sobre as condicionalidades da área de Educação; Informações sobre as condicionalidades da área de Saúde (Brasil, MDS, 2008).

O PPA “Desenvolvimento com inclusão social e educação de qualidade”, relativo ao quadriênio 2008-2011, delimitou como público de intervenção as “famílias em situação de extrema pobreza”, o que destaca desenvolvimento com inclusão social.

No plano seguinte, o PPA “Mais Brasil”, teve como meta aumentar o impacto do PBF na “erradicação e/ou eliminação da pobreza e da extrema pobreza”, com a perspectiva de incluir 800 mil famílias em situação de extrema pobreza como beneficiárias do programa. Para o alcance dessa meta, foram desenvolvidas metodologias, instrumentos e sistemas de informações socioeconômicas (a partir do CadÚnico), com o objetivo de subsidiar a gestão das políticas de enfrentamento da pobreza e da miséria (BRASIL, 2007).

Conforme dados do MDS, em Brasil (2013), o PBF atende mais de 13,6 milhões de famílias em todos os municípios brasileiros. Dentre os principais resultados, ressalta-se o bom direcionamento do PBF, ou seja, ele efetivamente chega às famílias que dele necessitam e que atendem aos critérios da lei; além disso, ficou demonstrado que o Programa contribui de forma significativa para a redução da extrema pobreza e da desigualdade e tem contribuído para a melhoria da situação alimentar e nutricional das famílias beneficiárias.

A distribuição dos beneficiários do PBF por regiões aponta que o Nordeste, concentra metade do total das famílias beneficiadas. Em 2004, a região totalizava 3,3 milhões de famílias, o equivalente a 50,5%. Em 2007, o número de famílias atendidas pelo PBF já era de 5,6 milhões, representando 50,5% , um crescimento de 67,9% em relação ao ano de 2004. Em 2013, o número se mantém e representa 50,3% (BRASIL, 2013a; MDS, 2013).

Não resta dúvida de que o Bolsa Família vem atendendo quantitativamente a um público altamente significativo, sobretudo se considerados os programas sociais anteriores, que eram dirigidos ao atendimento de famílias pobres, com cobertura de todos os municípios brasileiros. Mas há que se destacar o valor muito baixo transferido para as famílias, fator limitante quando a proposição é mais do que administrar ou controlar a pobreza, mas a sua superação (SILVA, 2008).

Consideramos também que o valor repassado às famílias beneficiadas pelo PBF seja insuficiente para promover a alimentação saudável das crianças beneficiadas e suas famílias.

Zimmermann (2006) propõe como critério para a avaliação das políticas públicas de Transferência de Renda o custo da Cesta Básica Nacional. A Cesta Básica Nacional calcula o sustento e o bem-estar de uma pessoa em idade adulta, contendo quantidades balanceadas de proteínas, calorias, ferro, cálcio e fósforo. De acordo com esse parâmetro, os valores dos Pro-

gramas de Renda Mínima, como o Bolsa Família, deveriam ter como critério o custo da Cesta Básica Nacional.

Ainda com o intuito de superar a extrema pobreza, o governo federal criou em 2011 a Secretaria Extraordinária para a Superação da Extrema Pobreza, cujo público alvo “são os 16 milhões de brasileiros cuja renda familiar per capita é inferior a R\$ 70,00 mensais, visando sua inserção na cidadania” (BRASIL, 2012b).

Assim, o Plano Brasil sem Miséria foi lançado no ano de 2011 com o objetivo de superar a “extrema pobreza”. Este acrescenta e amplia ações de combate à pobreza de forma a redimensionar os programas que já estavam sendo desenvolvidos, como, por exemplo, o Bolsa Família. O plano está estruturado em três eixos: 1 – garantia de renda para o alívio imediato da pobreza; 2 – acesso a serviços públicos para melhorar as condições de saúde, educação e cidadania das famílias; e 3 – inclusão produtiva para aumentar as capacidades de trabalho e geração de renda.

Em relação ao eixo da garantia de renda, existem os programas de transferência direta de renda: Programa Bolsa Família, Benefício de Prestação Continuada e a Ação Brasil Carinhoso. A renda destinada às famílias, por meio de repasse direto às mesmas, tem o objetivo de “dar alívio imediato à situação de extrema pobreza”. O “Brasil Carinhoso” beneficia famílias que tenham pelo menos um filho de até 15 anos de idade que, mesmo recebendo o PBF, ainda continuavam na extrema pobreza. As famílias não precisaram solicitar esse benefício porque a base do cálculo do repasse financeiro é o Cadastro Único. Uma vez que esteja atualizado, o benefício é concedido de forma “automática” (BRASIL, 2013a).

O “Benefício de Prestação Continuada” garante o pagamento mensal de um salário mínimo ao idoso (com 65 anos ou mais) ou à pessoa com deficiência de natureza física, mental, intelectual ou sensorial. O benefício é individual, intransferível e não vitalício. O mesmo deve passar por uma reavaliação a cada dois anos, para verificar se as condições que deram origem ao recebimento do benefício permanecem. Para acessar o benefício não é necessário ter contribuído para a Previdência Social. Além disso, a renda familiar por pessoa antes do benefício deve ser inferior a um quarto do salário mínimo em vigor. O Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) recebe as solicitações de benefício, avalia a sua concessão, realiza os pagamentos e as reavaliações (BRASIL, 2013a).

No eixo “acesso a serviços públicos para melhorar as condições de saúde, educação e cidadania das famílias”, o Brasil Carinhoso coopera com os seguintes fatores: 1 – Na saúde: expansão da distribuição de doses de vitamina A para crianças com idade entre 6 me-

ses e 5 anos e de sulfato ferroso para os menores de 24 meses, nas Unidades Básicas de Saúde (UBS); 2 – Na educação: expansão do número de vagas para as crianças de 0 a 48 meses nas creches públicas através de recursos do Ministério da Educação (MEC) e do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) e acréscimo ao valor repassado para alimentação escolar nas creches (BRASIL, 2013b).

No aspecto geral, o eixo “acesso a serviços públicos para melhorar as condições de saúde, educação e cidadania das famílias” trata do provimento, ampliação e qualificação dos serviços e ações de cidadania e de bem-estar. São exemplos: a saúde nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), a educação nas creches e escolas de ensino fundamental de tempo integral e a assistência social nos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e outros centros.

O eixo de “inclusão produtiva”, como o próprio nome destaca, trata da oferta de oportunidades de qualificação, ocupação e, conseqüentemente, de renda. As áreas urbanas e rurais têm ofertas distintas.

Na área urbana, há o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) e o Programa Nacional de Promoção do Acesso ao Mundo do Trabalho (ACCESSUAS Trabalho). O primeiro é destinado à qualificação profissional e o segundo, às estratégias de inclusão produtiva.

Na área rural, os programas são destinados aos agricultores para que estes estrutu-rem e melhorem a sua produção: 1 – Programa de Serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER); 2 – Programa de Fomento a Atividades Produtivas Rurais; 3 – Programa Água para Todos. E, com o intuito de que os agricultores comercializem a sua produção, há o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Por fim, o Programa Bolsa Verde, que tem como objetivo alinhar as ações de combate à pobreza à conservação do ambiente. (BRASIL, 2013b).

Uma característica particular do Plano Brasil Sem Miséria é a chamada “Busca Ativa”, que tem o intuito de buscar as famílias que vivem em condições de extrema pobreza, cadastrá-las e inseri-las na base de dados do Cadastro Único, que é considerado a “porta de entrada” tanto do Programa Bolsa Família como dos demais programas sociais do governo. Com a “Busca Ativa”, pretende-se que os programas sociais cheguem até os pobres e que assim as pessoas consideradas “invisíveis” sejam alcançadas pelas políticas de governo. A “Busca Ativa” inaugura um movimento contrário ao que historicamente acontece: os programas estão em busca das pessoas, e não mais as pessoas em busca dos programas.

Destaco que não pretendo fazer uma descrição detalhada de todos esses programas. Trata-se apenas de uma apresentação geral do Plano Brasil Sem Miséria com o intuito de situar a discussão das políticas de governo no combate à pobreza. Além disso, na apresentação do Plano, é possível perceber os distintos setores que precisam entrar em diálogo e firmar acordos para enfrentar o desafio de superar a pobreza e a miséria.

2.3 As políticas de alimentação e nutrição no Brasil: Um resgate histórico

Conhecer o processo histórico-social das políticas públicas de alimentação e nutrição auxiliar-nos-á na compreensão de como a discussão sobre estas áreas deu-se ao longo de nossa história, como também na interpretação dos princípios ideais dos programas nutricionais vigorados mais recentemente frente às necessidades da população.

Conforme Silva (2006), a fome, até início da década de 1940, era considerada um fenômeno natural. Tal concepção pautava-se em alguns aspectos: ausência de grandes concentrações urbanas que demonstrassem o caráter estrutural desse fenômeno, a escassez de meios de comunicação, a desorganização política de uma parcela da população empobrecida e o fato de o Estado e as elites optarem por esta concepção como a mais verdadeira, de forma a abster-se da responsabilidade de intervir para a resolução do problema.

No entanto, de forma paralela a concepção da fome como fenômeno natural, com o processo de urbanização e industrialização do país, a classe trabalhadora entra no cenário político brasileiro questionando melhores condições de vida. As pesquisas da época, em especial, a desenvolvida por Josué de Castro em 1946, mostraram que a origem da fome era consequência da desigualdade social. A partir de então, surge o termo questão social, utilizado primeiramente por cientistas sociais.

Para Silva (2006), a questão social tem estreita relação com o flagelo social. Pode-se dizer que o flagelo social é a questão social quando esta deixa de ser apenas referente às necessidades dos indivíduos e passa a se constituir em demandas que são trazidas pelos sujeitos ao cenário político.

O autor acrescenta que a transformação de necessidades em demandas passa a ser objeto de discussão, de confrontos e de interesses distintos entre os sujeitos, representantes do Estado e de outros setores da sociedade no cenário político. O consenso criado neste cenário materializa-se na política social a qual, por sua vez, se expressa em uma decisão governamental.

Fleury (1994, p.43) afirma que a política social é:

a resultante possível e necessária das relações que historicamente se estabeleceram no desenvolvimento das contradições entre capital e trabalho, mediadas pela intervenção do Estado, e envolvendo pelo menos três atores principais: a burocracia estatal, a burguesia industrial e os trabalhadores urbanos (FLEURY, 1994, p.43).

Ela está intrinsecamente relacionada à noção de cidadania, uma vez que, ao propiciar a construção de políticas, contribui concomitantemente para a construção daquela.

Seguindo o mesmo raciocínio, Burlandy (2007) apresenta sua concepção de política ou programa social.

O formato de uma dada política ou programa social é resultante de um complexo processo de intermediação de interesses, representados sob as mais variadas formas organizacionais e com diferentes graus de poder de influência na agenda governamental. Expressa, desse modo, uma opção política, construída sob certas condições materiais, a partir de embates e alianças forjados por atores sociais diversos com capacidades também distintas de interferência no processo decisório de formulação de políticas públicas. (BURLANDY, 2007, p.2)

Corroborando com Escoda (1989), entendemos que a questão nutricional deve ser compreendida no âmbito geral da questão sanitária da população. Luz (1989 apud PINTO, 2009) enfatiza que as políticas de alimentação e nutrição são todas as formas que o Estado utiliza para contornar a questão alimentar e nutricional da população. Para tanto, pode utilizar-se de planos de nutrição explícitos ou não. A política está além do projeto escrito, está presente no cotidiano das pessoas. É a partir dessas práticas que devem ser adotadas as medidas que conduzam a questão.

Contudo, de repercussão nacional e de forma concreta, tivemos intervenção política de impacto na alimentação e nutrição da população brasileira somente a partir do Governo Vargas. Embora Uchimura e Bosi (2003), em seus estudos, relatem que a intervenção do poder público no setor da alimentação no Brasil surge em meados de 1918 – com a criação do Comissariado de Alimentação Pública, órgão com a finalidade de controlar os estoques e tabelar os preços dos gêneros alimentícios –, Vasconcelos (2005) aponta que as ações específicas de política social de alimentação e nutrição foram implementadas somente ao longo do Governo de Vargas.

A primeira intervenção política de alimentação e nutrição surge na década de 1940, com a definição do salário mínimo. Anunciado pelo Presidente Getúlio Vargas, em 1º de maio de 1940, o piso salarial passou a ser um direito de todo trabalhador, sendo este defi-

nido, sobretudo, com base no critério da alimentação, que considerava as necessidades nutritivas dos trabalhadores de acordo com as diferenças regionais do país e cujo custo deveria corresponder entre 50% e 60% do salário mínimo (SILVA, 2006).

Ainda na década de 1940, Getúlio Vargas criou o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), que era administrado pelo Departamento de Administração do Setor Público (DASP). O SAPS tinha como principais atribuições atender aos segurados da previdência social, selecionar produtos e baratear preços, educar em uma perspectiva de solucionar os problemas de ordem alimentar e nutricional, promover a instalação e funcionamento de restaurantes e fornecer alimentos básicos. O SAPS implantou uma grande rede de restaurantes destinada aos trabalhadores (SILVA, 2006).

Percebemos, então, que as intervenções eram direcionadas aos trabalhadores formais, sendo um modelo excludente, pois não beneficiava os outros cidadãos que não tinham renda ou trabalhadores informais. Para Silva (2006), mesmo caracterizando uma política pública calcada em uma concepção regulada da cidadania, o SAPS acabou ampliando alguns benefícios para toda a população, uma vez que intervinha no mercado de alimentos ao utilizar postos móveis nas feiras livres, onde eram oferecidos produtos a preços inferiores aos do mercado.

Ressaltamos que o SAPS realizou pesquisas que comprovaram o déficit nutricional de uma parcela significativa dos filhos dos trabalhadores, responsabilizando-se por elaborar projetos nas áreas de emprego, formação de mão-de-obra e alfabetização de adultos. Isso aconteceu diante do desafio que cobrava políticas públicas e mudanças estruturais no país. Este desafio era a fome dos trabalhadores.

Em 1943, criou-se o Serviço Técnico de Alimentação Social (STAS), que tinha como objetivo propor medidas para a melhoria alimentar; logo em seguida, no ano de 1945, foi criada a Comissão Nacional de Alimentação (CNA), que tinha como missão propor uma política nacional de nutrição.

A CNA, a priori, era vinculada à área econômica, como órgão do Conselho Federal de Comércio Exterior, passando a ser regulamentada e transferida, no ano de 1951, para o Ministério da Saúde. Neste período, seguindo orientações da Organização para a Agricultura e Alimentação das Nações Unidas e da Organização Mundial da Saúde (OMS), elaborou, em 1953, o Plano Nacional de Alimentação (PNA), o qual, segundo Burlandy (2003), foi marcado por ações de suplementação alimentar para grupos biologicamente vulneráveis.

No ano de 1955, institucionalizou-se o Programa Nacional de Merenda Escolar (PNME), que teve seu marco inicial por meio do Decreto nº 37.106, que instituía a Campanha de Merenda Escolar subordinada ao Ministério da Educação.

O PNME sofreu várias mudanças de nome, de vinculação institucional e de estratégias, mas manteve seu foco na suplementação alimentar aos escolares de escolas públicas ou filantrópicas conveniadas. O programa justifica-se pela oportunidade de garantir aos escolares acesso a uma melhor alimentação de forma permanente e, assim, contribuir para o melhor desempenho escolar e para a redução da evasão. Dessa forma, pode-se considerar que o PNAE atua na promoção da segurança alimentar para esse grupo social prioritário (SANTOS et al., 2007).

As políticas discutidas até o momento remontam ao período que vai de 1940 a 1970. Corroborando Burlandy (2003), observa-se que as políticas desta época caracterizaram-se por serem verticais e centralizadas, por terem uma forte perspectiva desenvolvimentista e por associarem o flagelo social (fome e desnutrição) ao subdesenvolvimento. Quase todas essas políticas foram extintas, com exceção da merenda escolar, que está vigorando até hoje.

Com o fato marcante da ditadura militar em nosso país, além da extinção de algumas políticas, percebeu-se uma ruptura da discussão da fome como produto da desigualdade social. Assim sendo, substituiu-se essa discussão pelo conceito nutricional, assumindo o problema como sendo exclusivamente de ordem biológica.

Contudo, em 1972, surge o Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN). Este órgão, vinculado ao Ministério da Saúde, passa a ser o centralizador da política de alimentação por meio dos vários programas nacionais de nutrição. O primeiro deles foi o Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (PRONAN I), composto de vários subprogramas, tendo como objetivos prioritários a assistência alimentar aos grupos vulneráveis e a promoção de programas de educação nutricional. Ele, no entanto, não chegou a ser operacionalizado (LIMA; OLIVEIRA; GOMES, 2003).

No decorrer dos anos subsequentes, as políticas e programas passaram a enfatizar a assistência alimentar e nutricional ao grupo materno infantil e aos escolares, destacando-se o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno – PNIAM, o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE e o Programa de Combate às Carências Nutricionais Específicas – PCCE (SILVA, 1995; LEÃO; CASTRO, 2007).

Em 1976, criou-se o II Programa Nacional de Alimentação e Nutrição (PRONAN II), caracterizado por uma estrutura dirigida aos grupos mais carentes, urbanos e rurais. Con-

forme Uchimura e Bosi (2003), o PRONAN II manteve-se até 1985 atuando em três vertentes – suplementação alimentar a diversos grupos da população, racionalização do sistema de produção de alimentos com ênfase no estímulo ao pequeno produtor e combate às carências nutricionais – sempre apoiado em medidas de natureza técnica e tecnológica.

Na vertente de suplementação alimentar, incluíam-se programas como o de Nutrição em Saúde (PNS), que distribuía alimentos *in natura*, cobrindo 45% das necessidades nutricionais diárias de crianças, gestantes e nutrízes. Havia ainda o Programa de Complementação Alimentar (PCA), sob a coordenação da Legião Brasileira de Assistência (LBA) e do Ministério da Previdência, que atendia a sua rede assistencial com alimentos formulados; o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que funcionava desde 1954 sob a coordenação da Campanha Nacional de Alimentação Escolar (CNAE) e, posteriormente, da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), ligada ao Ministério da Educação e Cultura, provendo merenda para escolares de 7 a 14 anos de idade; e o Programa de Alimentação do Trabalhador (PAT), criado em 1977 sob a coordenação do Ministério do Trabalho, que, mediante incentivo fiscal, possibilitava às empresas fornecer refeições aos trabalhadores (ARRUDA; ARRUDA, 2007).

Na vertente de racionalização da produção de alimentos, Uchimura e Bosi (2003) sublinham dois programas: o Projeto de Aquisição de Alimentos em Áreas de Baixa Renda (PROCAB) e o Programa de Abastecimento de Alimentos Básicos em Áreas de Baixa Renda (PROAB).

O PROCAB adquiria os alimentos básicos diretamente do produtor, por intermédio da Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL), ligada ao Ministério da Agricultura, para o PRONAN e o PROAB, os quais abasteciam os pequenos varejistas de áreas carentes com alimentos básicos e preços reduzidos.

Pinheiro (2008) faz uma análise crítica das estratégias executadas pelo INAN e afirma que as contradições existentes nas políticas públicas atuais já são percebidas nesta época.

O INAN tinha como finalidade principal propor e coordenar uma política nacional de alimentação, além de elaborar e propor o Programa Nacional de Alimentação e Nutrição e funcionar como um órgão central de articulação das ações de alimentação e nutrição. No entanto, nesta época, uma situação paradoxal já sinalizava uma contradição permanente no contexto das políticas públicas de Estado: a “tentativa” de conciliar um conjunto de ações e projetos que visem defender e organizar o acúmulo de capital (interesses econômicos) *versus* uma proposta de políticas de alimentação e nutrição que visem à garantia da saúde e bem-estar social da população (interesses sociais). Se, por um lado, havia uma perspectiva interdisciplinar e articuladora do tema, através da proposta do PRONAN II (com integração dos componentes relacionados à produção e ao consumo alimentar), por outro lado, houve um claro inves-

timento em políticas econômicas e agrícolas que privilegiaram a concentração de renda e terras, além da não liberação de recursos financeiros para consolidação da proposta do PRONAN II. A escassez de recursos destinados à implantação do PRONAN demonstrava uma nítida falta de interesse do tema na agenda política brasileira (PINHEIRO, 2008, p.4).

Contudo, observamos no final da década de 1980 uma ausência de priorização dos programas de abastecimento popular de alimentação. Durante o período que vai de 1984 a 1988, do surgimento da Nova República, algumas políticas de alimentação e nutrição permaneceram, como o PROAB, o PAT, o PNS – que passou a ser chamado de Programa de Suplementação Alimentar – e o PNAE.

Em relação às “novas” políticas, destaca-se o Programa Nacional do Leite para Crianças Carentes (PNLCC), criado em 1986, o qual visava à distribuição de um litro de leite por dia para famílias com renda mensal de até dois salários-mínimos e com crianças de até sete anos de idade. Era conhecido como o “tíquete do Sarney”, por sua vinculação direta à Presidência da República, através da Secretaria Especial de Ação Comunitária.

Este programa foi muito criticado na época em virtude dos problemas na sua implementação, como a transformação do cupom em moeda corrente e a competição com as clientelas de outros programas (COHN, 1995).

Em 1987, toda a efervescência pela luta da democratização das políticas sociais é canalizada para os trabalhos da Assembleia Constituinte. A construção de uma ordem institucional democrática supunha um reordenamento das políticas sociais que respondesse às demandas por maior inclusão e equidade. Projetada para o sistema de políticas sociais como um todo, tal demanda por inclusão e redução das desigualdades adquiriu conotações de afirmação dos direitos sociais como parte da cidadania, já que o sistema anterior de proteção social combinava inclusão estratificada de poucas pessoas e exclusão da maioria da população (FLEURY, 2007).

Com a Constituição de 1988, avançamos no sentido de termos garantido por lei os direitos sociais, delineados no Capítulo da Ordem Social, inovando ao conceber o modelo de seguridade social como “um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade destinado a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social” (Título VIII, Capítulo II, Seção I, art. 194). A inclusão da previdência, da saúde e da assistência como partes da seguridade social introduziu a noção de direitos sociais universais como parte da condição da cidadania, que antes era exclusiva da população beneficiária da previdência.

Conforme Pinheiro (2008), a partir da década de 1990, a área de alimentação e nutrição, no âmbito da saúde, assumiu a responsabilidade de avançar para atingir a meta da segurança alimentar e nutricional; assim como o setor da assistência social, aquela sempre permaneceu à margem das políticas públicas sociais que, sem suporte orçamentário e financeiro adequados, e carentes de recursos humanos suficientes, apresentavam ações pontuais e pulverizadas pelos escassos recursos e falta de transparência.

Explorando os momentos relevantes de definições de conceitos, deliberações e intervenções nesse campo, cabe lembrar: a) a VIII Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986 em Brasília, cujas recomendações conduziram à aprovação da Lei Orgânica da Saúde (Lei n. 8080/90) e à criação do Sistema Único de Saúde, contemplando a estruturação de Comissões Permanentes, entre elas a Comissão Intersetorial de Alimentação e Nutrição do Conselho Nacional de Saúde; b) a I Conferência Nacional de Alimentação e Nutrição em Brasília, como desdobramento da VIII Conferência Nacional de Saúde, que propôs a criação de um Conselho Nacional de Alimentação e Nutrição (CNAN) e de um Sistema de Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN), ambos ligados ao Ministério do Planejamento. A partir dessas proposições, ficou clara a ampliação do conceito de segurança alimentar com a incorporação de conteúdos nutricionais; e c) a Ação da Cidadania contra a Fome, à Miséria e pela Vida, onde desempenhou papel de relevo o sociólogo Herbert de Souza (ARRUDA; ARRUDA, 2007).

Estes autores acrescentam alguns resultados desse processo de mobilização liderado pelo movimento de Ação da Cidadania contra a Fome, à Miséria e pela Vida: a) a confecção do Mapa da Fome; b) a elaboração do Plano de Combate à Fome e à Miséria, com a criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar (CONSEA) em maio de 1993; e c) a realização em Brasília, em julho de 1994, da I Conferência Nacional de Segurança Alimentar, que induziu um processo de mobilização nacional em torno da questão alimentar e da dimensão do problema da fome no país.

A I Conferência Nacional de Alimentação e Nutrição consagrou a alimentação como direito de cidadania e o Brasil inseriu progressivamente a gramática dos direitos humanos em seu ordenamento legal, especialmente o direito à alimentação, contemplado no Plano Nacional de Direitos Humanos de 1996. O conceito foi então redimensionado, uma vez que a conferência protagonizou a ideia de incorporar a dimensão nutricional. Foram também propostas a formação de um Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, integrado por conselhos e sistemas nas esferas estadual e municipal (proposição retomada em 2004) e

de um Conselho Nacional de Alimentação e Nutrição destinado a formular uma Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), instituída em 1999 pelo MS (BURLANDY, 2009).

De modo geral, os resultados das ações implementadas pelo CONSEA são considerados pouco significativos, o que pode ser atribuído ao seu curto período de existência, cerca de dois anos. No entanto, o CONSEA conseguiu criar uma aproximação interessante entre setores governamentais e não governamentais em busca da construção de uma política nacional de segurança alimentar. Em 1995, com a mudança do governo, o CONSEA foi extinto (PESSANHA, 2002 apud LEITE; ARRAES, 2006).

Pinheiro (2008), em seus estudos conclui que, sendo o CONSEA extinto, a estratégia de fortalecimento da “via econômica” (ajuste estrutural) é adotada em detrimento da construção de uma Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), que sai da agenda política. Se a perspectiva de controle inflacionário atuou como um aspecto positivo, em termos de acesso ao alimento e poder de consumo da população, por outro lado, o enfraquecimento das relações políticas com setores da sociedade civil (principalmente o movimento da Ação da Cidadania que liderava o debate da construção da Política de SAN) foi negativo, pois desarticulou o apoio dos movimentos sociais.

Também no ano de 1995, durante o primeiro mandato do governo de Fernando Henrique Cardoso, foi consolidado o Programa Comunidade Solidária como um plano de ação de combate à pobreza e à desigualdade. Dentre às suas atribuições, a mais complexa foi a de coordenar a execução do Programa de Distribuição Emergencial de Alimentos (PRODEA).

Para Pessanha (2002), a estratégia do Programa Comunidade Solidária refletiu a tendência geral mais recente da focalização e descentralização da assistência social, já que o Programa direcionou suas políticas para os segmentos sociais mais empobrecidos. Entretanto, tal intervenção não rompeu efetivamente com os “velhos problemas” inerentes à implementação de políticas sociais.

No segundo governo de Fernando Henrique Cardoso, a área de alimentação e nutrição foi transformada em uma Área Técnica – Área Técnica de Alimentação e Nutrição (ATAN), do Ministério da Saúde – sem uma clara atribuição institucional. Contudo, mesmo com as adversidades e de forma simplificada, foi uma das únicas áreas de governo que manteve uma efetiva discussão sobre o tema de alimentação e nutrição, sob a ótica da segurança alimentar e nutricional. Neste cenário, em 1998, teve início o processo de formulação da Política Nacional de Alimentação e Nutrição e, em 1999, após discussão com a sociedade civil orga-

nizada, é aprovada, pelo Conselho Nacional de Saúde, a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PINHEIRO, 2008).

A Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) tem como propósito a garantia da qualidade dos alimentos colocados para consumo no país, a promoção de práticas alimentares saudáveis, a prevenção e o controle dos distúrbios nutricionais, bem como o estímulo às ações intersetoriais que propiciem o acesso universal aos alimentos. Essa política, aprovada em 1999, configura um conjunto de políticas públicas que propõe respeitar, proteger, promover e prover os direitos humanos à saúde e à alimentação. Um processo de atualização e aprimoramento da PNAN foi desenvolvido por ocasião dos dez anos de publicação da mesma. Nessa atualização, a política é reestruturada de forma a enfrentar os desafios da alimentação e nutrição no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

Uma nova edição da PNAN é publicada em 2011, apresentando como propósito a melhoria das condições de alimentação, nutrição e saúde da população, mediante a promoção de práticas alimentares saudáveis, a vigilância alimentar e nutricional e a prevenção e o cuidado integral de agravos relacionados à alimentação e nutrição. Propõe-se que todas estas ações estejam integradas às demais ações de saúde da atenção básica, compondo as múltiplas iniciativas de promoção da saúde na rede de atenção.

As nove diretrizes programáticas desta Política indicam as linhas de ações para o alcance do seu propósito. As mesmas são definidas com o propósito de modificar os determinantes da saúde e promover a saúde da população (BRASIL, 2012).

1. Organização da atenção nutricional.
2. Promoção da alimentação adequada e saudável.
3. Vigilância alimentar e nutricional.
4. Gestão das ações de alimentação e nutrição.
5. Participação e controle social.
6. Qualificação da força de trabalho.
7. Controle e regulação dos alimentos.
8. Pesquisa, inovação e conhecimento em alimentação e nutrição.
9. Cooperação e articulação para a Segurança Alimentar e Nutricional

No bojo das ações propostas pela PNAN, a perspectiva de formulação de um Sistema Nacional de Vigilância Alimentar e Nutricional (SISVAN), que articulasse o registro sistemático de dados relativos tanto à produção quanto ao consumo alimentar, foi o ponto

central do debate na agenda política da Segurança Alimentar e Nutricional (PINHEIRO, 2008).

O SISVAN foi proposto como um instrumento que subsidia o conhecimento da situação alimentar e nutricional de uma população, contribuindo para a construção da Segurança Alimentar. Ele consiste num sistema de coleta, processamento e análise contínua de dados, possibilitando um diagnóstico atualizado da situação nutricional e de suas tendências temporais. Contribui para que se conheçam a natureza e magnitude dos problemas de nutrição, caracterizando grupos sociais de risco e dando elementos para a formulação de políticas, estabelecimento de programas e intervenções.

A pesquisa de Monteiro e Conde (2000), realizada em São Paulo, demonstrou que a alteração da estrutura socioeconômica da população vem sendo acompanhada da melhoria dos indicadores de desnutrição, conforme dados obtidos nas décadas de 1980 e 1990. Apesar disso, a insuficiência alimentar ainda é preocupante, e mostra forte associação com renda e escolaridade (MARINS; ALMEIDA, 2002). Em São Paulo, a renda familiar dobrou entre os anos de 1980 e 1990, o número de famílias com baixo poder aquisitivo caiu 50%, e a escolaridade materna cresceu em 1,5 anos. Contudo, os indicadores nutricionais e de saúde, em um país com dimensões territoriais tão grandes e diversidade regional tão marcante, encobre realidades locais que apresentam particularidades, com ilhas de riqueza e a continuidade de situações de risco em bolsões de pobreza, observando-se claramente a interferência do fator renda quando os dados são desagregados (DOMENE, 2003).

Na década de 2000, mudanças significativas inauguram novos programas sociais, em um movimento que se inicia timidamente no Governo Fernando Henrique Cardoso e expande-se no Governo Lula, no qual, ao mesmo tempo, são redirecionados alguns processos anteriores (VAITSMAN; ANDRADE; FARIAS, 2009).

Em 2001, o Instituto Cidadania apresentou o *Projeto Fome Zero* como proposta de uma política nacional participativa de segurança alimentar e combate à fome (BELIK; SILVA; TAKAGI, 2001). A seguir, na eleição presidencial de 2002, essa iniciativa passou a fazer parte do conjunto de propostas do então candidato Luís Inácio Lula da Silva, que, logo após a confirmação da vitória eleitoral, declarou que ao fim de quatro anos de governo asseguraria três refeições diárias a cada brasileiro. Tal fato representaria a culminância de sua missão histórica (BETTO, 2003).

O Programa Fome Zero ficou como responsabilidade do recém-criado Ministério Extraordinário da Segurança Alimentar, o qual estava ligado diretamente à Presidência da

República. A discussão do programa não se restringia à segurança alimentar, de maneira que combinava cerca de 30 diferentes tipos de ações focadas nos pobres. Nesse sentido, “o programa reconhecia a pobreza como uma síndrome multidimensional de carências e elegia os pobres como clientela prioritária da política social devido à sua vulnerabilidade”. (ROCHA, 2013, p.80).

De acordo com Batista Filho (2003), o campo de proposições do Fome Zero constitui um marco de referência capaz de mudar o curso da história política, econômica e social do Brasil, com novas diretrizes éticas voltadas a correção das distorções estruturais da sociedade brasileira.

Em opinião contraditória, Francisco de Oliveira, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT), sustenta que programas como Fome Zero seriam instrumentos de "*funcionalização da miséria*", isto é, tornariam a miséria suportável e funcional. Aquele referenciado sociólogo entende que tais iniciativas constituem um tipo de "*ajuda humanitária*" que garante a sobrevivência dos mais pobres sem alterar a condição social destes. Em outras palavras, esses programas não alterariam a estrutura de distribuição de riquezas no Brasil (FIUZA, 2004).

No meu ponto de vista, os programas de combate à pobreza devem atender às reais necessidades dos sujeitos em situação de exclusão, de forma que o público, com o suporte de ações de promoção da cidadania, tenha condição de converter as suas necessidades em demandas. Nesse sentido, os programas são executados como dever de Estado e direito do cidadão, e não como simples ações em favor de sujeitos em situação de vulnerabilidade social.

Entretanto, a falta de consenso em âmbito nacional não teve repercussão no cenário internacional. A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) considera a iniciativa PFZ um acerto estratégico digno de ser replicado noutros países (TUBINO, 2009).

A implantação do Programa Fome Zero, a criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) e de um órgão executivo e articulador, o Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome, ambos vinculados à Presidência da República, já no primeiro ato legislativo do governo então recém-empossado, explicita claramente que a segurança alimentar e nutricional retomou um espaço perdido ao longo da última década (SILVA; TAKAGI, 2004). Isso significa que a construção de uma política social é também a construção da cidadania de uma nação. Não obstante, subsiste o complexo pro-

cesso de intermediação de interesses que existe na concepção e execução de uma política social, conforme Burlandy (2012).

Silva e Takagi (2004) comentam sobre a concepção que norteou o PFZ. Um primeiro aspecto que os autores ressaltam é a importância de distinguir insegurança alimentar de fome. O conceito de segurança alimentar envolve pelo menos quatro dimensões: 1. A primeira é a dimensão da quantidade. É necessário um consumo mínimo de calorias, proteínas e vitaminas para uma vida ativa e saudável. 2. A segunda é a dimensão da qualidade. A população deve ter acesso a alimentos nutritivos. 3. A terceira dimensão é de regularidade: comer pelo menos três vezes por dia (café da manhã, almoço e jantar todos os dias). 4. A quarta é a dimensão da dignidade. Uma pessoa que se alimenta de restos de restaurantes ou de lixões não possui segurança alimentar, embora possa até não se enquadrar na categoria de subnutridos pelo critério biológico.

Para o Ministério da Saúde e a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), segurança alimentar consiste em garantir o acesso continuado para todas as pessoas a quantidades suficientes de alimentos seguros que lhes assegurem uma dieta adequada; atingir e manter o bem-estar de saúde e nutricional de todas as pessoas; promover um processo de desenvolvimento social e ambientalmente sustentável, que contribua para uma melhoria na nutrição e na saúde, eliminando as epidemias e as mortes pela fome (CÚPULA..., 2002).

A cúpula mundial sobre segurança alimentar, realizada em 2009 pela FAO, visou a revitalização do Comitê das Nações Unidas sobre Segurança Alimentar (CSF, sigla em inglês) e a superação dos desafios globais relacionados à fome no mundo. Entretanto, ao final do encontro, o segundo objetivo ficou limitado a reforçar os compromissos com o Objetivo do Milênio (ODMs) em matéria de segurança alimentar. Retomaremos esse tema mais adiante. O foco das discussões da reunião foi a revitalização do CSF, reconhecendo-o como um componente importante de uma “Parceria Global para a Agricultura, Segurança Alimentar e Nutrição” que coordene a gestão mundial em matéria de segurança alimentar. Porém, as questões envolvendo financiamento, monitoramento e implementação permaneceram sem solução. No evento, o representante da ONU destacou que as históricas abordagens para resolver o problema da fome não obtiveram sucesso em razão da “falta de responsabilidade e acompanhamento dos compromissos firmados cúpula após cúpula” (ICTSD, 2009).

Sobre o mais recente programa de combate à pobreza, Programa Bolsa Família (PBF), as discussões disponíveis na literatura consultada já foram apresentadas.

3 EIXO METODOLÓGICO

3.1 Natureza do Estudo

3.1.1 A Hermenêutica como fundamento do método

Há três acepções possíveis da hermenêutica: 1 – a hermenêutica como a arte de interpretar os textos é o sentido clássico do termo. Ela se desenvolveu no âmbito das disciplinas ligadas a interpretação de textos sagrados, como a teologia (que elaborou uma hermenêutica sacra), o direito e a filologia. Toda a história da Hermenêutica foi marcada por Agostinho (354-430) que, no tratado sobre *A doutrina cristã* (396-426), sistematizou regras para a interpretação dos textos. No protestantismo, essa tradição passou por uma renovação. Assim, essa tradição apresenta a hermenêutica como uma disciplina auxiliar e normativa nas ciências da interpretação. 2 – Wilhelm Dilthey (1833-1911) enriquece a hermenêutica quando a apresenta como fundamento metodológico de todas as ciências humanas (letras, história, teologia, filosofia) e aquilo que ele chama de “ciências sociais”. Assim, *a hermenêutica passa a ser uma reflexão metodológica sobre a pretensão de verdade e de estatuto científico das ciências humanas*. 3 – a hermenêutica como uma filosofia universal da interpretação; assim, o entendimento e a interpretação, mais do que fundamentos metodológicos das ciências humanas, constituem processos fundamentais pelo quais podemos encontrar o próprio núcleo da vida, como uma característica essencial de nossa presença no mundo. A própria existência humana já é penetrada por interpretações. (GRONDI, 2012, grifos nossos).

Dentro dessa acepção, Martin Heidegger (1889 – 1976) rompe com a hermenêutica clássica e metodológica e apresenta uma “hermenêutica da existência”. (GRONDI, 2012).

Hans-Georg Gadamer (1900-2002) e Paul Ricoeur (1900-2005), representantes da hermenêutica contemporânea, situam-se na via de Heidegger, mas retomam o diálogo com as ciências humanas, minimizado por aquele. Assim, desenvolveram uma filosofia universal da interpretação e das ciências humanas que destaca a natureza histórica e lingüística de nossa experiência de mundo. Quando a hermenêutica assume a forma de filosofia universal, portanto, ela sai do terreno da reflexão das ciências e cria uma pretensão universal.

Em Heidegger, a hermenêutica deixa de ter como objeto os textos ou as ciências interpretativas e passa a refletir sobre a própria existência. Em *Ser e Tempo*, o termo existência expressa toda a riqueza das relações recíprocas entre pré-sença e ser, entre pré-sença e todas as entificações, através de uma entificação privilegiada, o homem. Grondin (2012) fala

de uma “virada existencial da hermenêutica”. Ela passa a ter uma função mais fenomenológica, uma vez que deixa de incidir apenas sobre a interpretação ou seus métodos e passa a ser a realização de um processo de interpretação, fazendo da hermenêutica um título da filosofia.

Em *Ser e Tempo*, a filosofia é concebida como ontologia e a questão mais essencial é o ser. Devido ao fato de que todo conhecimento e toda relação com um objeto é embasado sobre a compreensão do ser do qual se está tratando, “o ser é um pouco a pressuposição de toda pesquisa científica”, além de a “questão do ser” ser imprescindível para a própria existência “pelo fato de que vai a seu ser por seu próprio ser”. Heidegger apresenta a fenomenologia como o caminho que permite acesso ao ser, uma vez que o ser é um fenômeno dissimulado. Segundo o mesmo autor, esse escondimento de si fundamenta-se em uma autodissimulação da existência que, ao ocultar-se de si mesmo, esquivar-se do seu ser finito e mortal.

Gadamer repensou a hermenêutica das ciências humanas a partir da hermenêutica da existência de Heidegger, mas questiona a premissa de Dilthey, cujo fundamento é o de que apenas uma metodologia poderia dar conta da verdade das ciências humanas. O filósofo tem o intuito de justificar a experiência da verdade das ciências humanas a partir da concepção “participativa” do entendimento, a qual é constitutiva do que o autor denomina de “problema hermenêutico”. O olhar para o “problema hermenêutico” começa pela reabilitação da concepção humanista do saber.

A característica do humanismo, do qual deriva o nome das ciências humanas, é que ele busca contribuir para a formação e para a educação dos indivíduos de forma a desenvolver sua capacidade crítica, e não apenas para produzir resultados mensuráveis e objetiváveis, como no caso das ciências da natureza, de saber metódico.

A arte foi fonte de inspiração para Gadamer pensar um modelo de saber diferente do modelo da ciência metódica. Para esse autor, a obra de arte tem sua verdade e o processo de entendimento desta consistente em deixar-se levar e isso significa que somos menos aqueles que dirigem e mais aqueles que são conduzidos, encantados pela obra, a qual nos leva a participar de uma realidade “que o ultrapassa”. Por exemplo, aquele que lê o romance *O Quinze* deixa-se envolver pelo sofrimento de um povo e pela afetividade dos jovens enamorados. Nesse modelo de saber, a subjetividade está intimamente implicada e dobra-se àquilo que a obra, em toda a sua objetividade, lhe impõe. Podemos dizer que o sujeito participa de um encontro que o transforma.

Uma idéia forte de Gadamer é que essa variação das interpretações é essencial ao próprio sentido, ou seja, uma perspectiva de si mesmo não leva a uma experiência de verdade,

porém a perspectiva da própria obra é que abre os olhos do leitor para o que de fato ela é. Dessa forma, não é a obra que deve dobrar-se à perspectiva do sujeito, segundo uma concepção pragmática da verdade; ao contrário, a perspectiva do sujeito é que deve ampliar-se ou transformar-se diante da obra. Ou até mesmo transfigurar o sujeito a ponto de impeli-lo a mudar de vida.

Portanto, Gadamer promove a adequação às ciências humanas do modelo da obra de arte e do rigor. A verdade das ciências humanas decorre mais do que Gadamer chama de “acontecimento” – compreendido como algo que se apodera do sujeito e leva-o a descobrir a realidade – do que do método.

A hermenêutica de Gadamer tem como conceito fundamental a posteridade das obras através da história e a ideia de que todo entendimento inscreve-se em um trabalho de história. Assim, esta determina a consciência humana para além da consciência que se tem disso. Em sua obra *Verdade e Método*, o autor tem a expectativa de que o reconhecimento de sua finitude levará a consciência a abrir-se à alteridade e a novas experiências.

A idéia de Gadamer sobre a “fusão de horizontes” consiste na mediação entre o passado e o presente de forma que entender o passado é traduzi-lo na linguagem do presente. Assim, a ideia de “fusão” destes dois tempos decorre do fato de que esta ocorre de tal forma que não se consegue mais distinguir o que advém do passado nem o que é resultado do presente. No caso da experiência da arte, o entendimento é uma experiência fusional porque já não se consegue diferenciar o que provem do objeto e o que deriva do sujeito que entende. *Entender é aplicar um sentido ao presente.* O entendimento sempre colabora quando há fusão com o presente. O ser que entende insere nesse processo o “seu” que é também o de sua época presente, de sua linguagem e de seus questionamentos. Em um encontro entre o sujeito e objeto, os dois fundem-se e ocorre a adequação da coisa ao pensamento, o que constitui a definição clássica da verdade.

O elemento lingüístico é central na idéia de Gadamer, o qual chega à conclusão de que o processo do entendimento e seu objeto são essencialmente lingüísticos. É o caráter lingüístico do entendimento que o abre a tudo o que pode ser entendido e a outros horizontes lingüísticos que ampliem os nossos. A tradução e o diálogo são sempre possíveis, ainda que a linguagem, com freqüência, encontre limites para expressar os sentimentos. Entretanto, as críticas à linguagem só podem ser desenvolvidas no interior da própria linguagem, as quais perdem força porque Gadamer articula a linguagem à razão e expressa que esta não pode ser pensada sem aquela. Ao tratar a racionalidade dialógica da linguagem, designando a abertura

da linguagem para entender todo sentido que possa ser entendido, Gadamer entende a linguagem como a luz do próprio ser. Encontra-se, aqui, o segundo aspecto central do autor: o próprio objeto do entendimento é linguístico, não apenas a realização do entendimento: “o ser que pode ser entendido é linguagem. O mundo só se apresenta em linguagem. Tudo o que pode ser entendido é um ser que se articula em linguagem”.

Importante destacar que o fundamento da idéia de Gadamer é que é a linguagem que faz o ser aparecer no mundo porque permite desdobrar as coisas. Assim, aquela dá forma ao ser, encarna o ser. Além disso, é ela que nos permite conhecer o ser das coisas. É essa dimensão lingüística que habilita a hermenêutica a pretender uma reflexão filosófica universal; ela requer a universalidade através do caráter lingüístico da experiência do sujeito no mundo e do próprio mundo (GRONDIN, 2012).

3.1.2 A hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur

Todo o trajeto realizado até agora foi com o intuito de chegar a Paul Ricoeur. A hermenêutica (fenomenológica) de Ricoeur articula várias correntes de pensamento, todas desenvolvidas anteriormente pelo fato de a pesquisadora considerá-las essenciais.

Paul Ricoeur é referido como aquele que busca *ressaltar e preservar as particularidades de cada forma de conhecimento no reconhecimento e sustentação de suas diferenças*. E que é dessa diferença que vem o interesse pela aproximação, pela ampliação de perspectivas e pela dinamização que uma pode produzir sobre a outra. Nesse exercício, é preciso sustentar a tensão e o conflito entre as tais diferenças. “A hermenêutica fenomenológica de Ricoeur permite uma nova visão da dinâmica da consciência, da linguagem e das significações intencionais, da relação do si mesmo e da alteridade, levando em conta a perspectiva das comunidades históricas” (SODRE, 2004, p.62).

O pensamento de Ricoeur reflete a fenomenologia e a hermenêutica em conjunto como método útil ao intuito de interpretar. Mas o autor vai além do historicamente denominado como hermenêutica, ou seja, a arte de interpretar. Ele associa à interpretação a busca de sentido das vivências do sujeito através do uso da linguagem.

Um aspecto central para Ricoeur é a noção de texto. Este é definido como “todo discurso fixado pela escrita”, Ricoeur (1978), com o intuito de afirmar que o discurso foi primeiramente pronunciado oralmente ou até mesmo mentalmente.

Dessa forma, as entrevistas transformadas em textos constituem material base para o autor elaborar seu método de interpretação dos fenômenos. Esses textos são a principal fonte de interpretação do autor, o qual busca o seu sentido e não a intenção que o interlocutor tenha ao narrá-lo.

Assim, a hermenêutica fenomenológica de Ricoeur é um meio para a compreensão do significado da experiência vivida, uma vez que este busca a compreensão do sentido do texto, articulando o desenvolvimento do conhecimento intersubjetivo.

O conceito de interpretação nasce da dialética entre “compreensão” e “explicação”, ou seja, está entre a linguagem e a vida vivenciada.

A compreensão do texto é o centro da abordagem da hermenêutica. O conceito de interpretação nasce de uma dialética entre “compreensão” e “explicação”. É no rico processo de aprofundamento do “explicar” e do “entender” que Ricoeur desenvolve a noção de texto. Assim, a hermenêutica não está mais voltada apenas para a decifração dos símbolos de duplo sentido, ela terá a ver com todo o conjunto de sentidos capaz de ser entendido e que podemos chamar de texto. A interpretação desse texto realizada a partir de uma análise estrutural levou o autor à seguinte afirmação:

“[...] a explicação, é a partir de então, o caminho obrigatório do entendimento” (RICOEUR, 1989, p. 182).

Outros dois conceitos interpretativos que esse autor discute são o “distanciamento” e a “apropriação”.

O distanciamento é um aspecto constitutivo do texto. É a transformação do discurso em texto escrito por meio da fixação da língua falada em língua escrita. Esta etapa produz a objetivação do texto. E esta reduz a intenção do autor, eliminando a idéia de que exista uma única forma de compreensão.

A apropriação diz respeito a uma etapa na interpretação do texto que se completa na interpretação de si, de um sujeito que se compreende melhor, se compreende de outro modo, ou que passa até mesmo a compreender-se. De forma a aproximar, tornar contemporâneo e semelhante, ou seja, “tornar próprio o que, em princípio, era estranho” (RICOEUR, 1989, p.156; CAPRARA; VERAS, 2005).

3.2 Os sujeitos da pesquisa

Os informantes são considerados uma estratégia para assegurar que os participantes selecionados para o estudo detenham o conhecimento considerado importante para a pesquisa.

A escolha desses informantes se fundamentou nos princípios da tradição qualitativa, na qual não se confere relevância à representatividade estatística da amostra, no sentido de possibilitar a generalização dos achados (TRIVIÑOS, 1987; PATTON, 1987; MINAYO, 1998). Nestes termos, a amostra foi dimensionada a ponto de permitir a “[...] exaustão, ou seja, a recorrência das categorias no material coletado” e a subsequente compreensão, em profundidade, da produção subjetiva emergente na relação com os grupos/atores investigados.

Como declara Patton (2002), neste campo não há regras claras para decidir o tamanho da amostra. Tivéssemos que destacar uma, diríamos: “tudo depende”. Depende do objetivo do estudo, do que de fato está em jogo, do que o pesquisador considera indispensável para fazer e, em última instância, incluir o que é possível de ser incluído. De forma que, para julgar uma amostra como adequada, é necessário conhecer o contexto da pesquisa (MARTINEZ-SALGADO, 2012).

“Does the sample produce the type of knowledge necessary to understand the structures and process within which the individuals or situations are located?” (POPAY; ROGERS; WILLIAMS, 1998, p.346). Na resposta desta questão encontra-se o aspecto principal da qualidade da amostra do estudo. De forma que um pequeno número de informantes pode ser considerado uma amostra ideal, se este detém conhecimento a respeito do que se pretende estudar.

Além disso, Minayo (2010) acrescenta que a amostra qualitativa, além de privilegiar os sujeitos que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer, deve: 1 – considerá-los em número suficiente para permitir uma reincidência das informações; entretanto, não despreza informações ímpares, cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta; 2 – entende que, na sua homogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto de informantes possa ser diversificado para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças; 3 – esforça-se para que a escolha do grupo de observação e informação contenha o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa.

Minayo (1998) ainda propõe alguns critérios básicos para amostragem:

- 1 – Definir claramente o grupo social mais relevante para as entrevistas e para a observação;
- 2 – Não esgotar-se enquanto não delinear o quadro empírico da pesquisa;
- 3 – Embora seja, a princípio, uma possibilidade, prever um processo de inclusão progressiva, encaminhada pelas descobertas do campo e seu confronto com a teoria;
- 4 – Prever uma triangulação, isto é, em lugar de restringir-se a apenas uma fonte de dados, multiplicar as tentativas de abordagem.

Com base nesses critérios da amostragem qualitativa, os informantes deste estudo são os moradores da comunidade “1”, que já tiveram experiência de indigência, e os moradores da comunidade “2”, os quais são catadores de material reciclável em “situações-limite”.

Assim, um singular percurso metodológico foi vivenciado pela pesquisadora com o objetivo de chegar até os sujeitos considerados informantes para a pesquisa.

3.2.1 A trajetória dos pesquisadores em busca dos informantes

Importante destacar que os pesquisadores do estudo são a pesquisadora principal e o professor orientador do projeto de pesquisa. As discussões sobre o referido projeto ocorriam no grupo de estudos coordenado pelo docente orientador do projeto de doutorado e na presença de outros discentes que faziam parte da mesma linha de pesquisa.

3.2.1.1 A Unidade Básica de Saúde

Inicialmente, o alvo do estudo eram os usuários do Programa Bolsa Família (PBF). A primeira tentativa de diálogo com esse público ocorreu em uma Unidade Básica de Saúde na periferia de Fortaleza. A pesquisadora principal era orientadora de estágio supervisionado em Saúde Coletiva do curso de Nutrição de uma universidade local. Assim, ela tinha livre acesso aos profissionais e aos usuários da referida unidade.

O período que reunia o maior número de famílias do programa na Unidade de Saúde era a época do cadastramento dos usuários. Além desse período mais intensivo, os usuários também participavam das ações no cotidiano do serviço de saúde por meio, por exemplo, da vacinação das crianças e pré-natal das gestantes, sendo estas as condicionalidades do programa. Ou seja, o cumprimento dessas condicionalidades por parte dos beneficiários pressupõe que a Unidade Básica de Saúde é uma “porta de entrada” dos usuários para o sistema e o

serviço de saúde. Entretanto, as tentativas de abordar os usuários nesse lugar não foram bem sucedidas.

Em uma primeira experiência de diálogo com as pessoas, na sala de espera do recadastro, havia uma forte atmosfera de desconfiança. Ainda que a pesquisadora se apresentasse como professora universitária, os usuários do programa não manifestaram adesão para dialogar sobre o assunto “Bolsa Família”. As atividades de Educação em Saúde desenvolvidas pelas enfermeiras e por outros profissionais do Núcleo de Apoio as Saúde da Família (NASF) – educador físico e psicóloga – também foram acompanhadas; algumas fora da UBS, inclusive, com o intuito de aproximar-se desse público e, assim, conhecê-lo melhor. Foi possível perceber que, em todos os encontros, os usuários estavam sempre com bastante pressa, apresentando claramente o único objetivo de receber o atendimento médico ou de enfermagem e deixar a unidade o quanto antes. Ou seja, eles não tinham disponibilidade de dialogar sobre o tema apresentado.

Outra estratégia adotada foi o convite para um lanche saudável, no qual iríamos dialogar sobre o PBF em uma sala, em horários reservados na própria Unidade de Saúde. O referido convite foi fixado nas paredes na unidade com antecedência, reforçado pelos demais profissionais do serviço junto aos usuários do programa. Devido à mobilização interna do serviço em torno dessa atividade, era possível prever que houvesse adesão do público. Entretanto, apenas cinco mulheres compareceram para a atividade, todas com crianças pequenas e bastante apressadas, pois, segundo diziam, tinham muitos “afazeres” a realizar ao sair dali.

A pesquisadora falou do objetivo do encontro, seguiu com as apresentações e lançou uma pergunta “disparadora²³” para iniciar um “grupo focal”. As afirmativas das participantes, entretanto, resumiam-se em poucas palavras e sem interação. Assim, a abordagem seguinte consistiu em deixá-las à vontade para apresentarem suas narrativas, independentemente de perguntas. As apresentações de cada uma delas, porém, não passavam de poucas frases de aspecto muito geral. E, além do mais, percebia-se uma expressão corporal muito clara de desconforto e descontentamento. O encontro foi finalizado ao agradecer a presença de todas.

Todas as experiências foram registradas, com riqueza de detalhes, no diário de campo da pesquisa.

²³ Pergunta disparadora: Vamos conversar sobre o que é para cada uma de vocês ser do programa Bolsa Família. O que é o PBF na vida de vocês? Como a senhora ouviu falar do PBF e o que falavam para a senhora? O roteiro do grupo focal encontra-se no Apêndice A.

Ainda na unidade de saúde, as seguintes afirmativas interpelam a pesquisadora:

1 – “Doutora, tem umas mulheres comentando por aqui pelo bairro que tem uma doutora daqui do posto – que tem um carro verde – que está investigando a vida das pessoas que têm o Bolsa Família. Eu acho que é a senhora, não é? E elas estão dizendo que é pra saber se elas estão comprando alimentos de verdade ou outra coisa...”²⁴ 2 – “Doutora, a senhora nem sabe... O pessoal aí no bairro está dizendo que a senhora quer saber da vida do povo do Bolsa Família!”²⁵. A desconfiança das pessoas e o medo de falarem sobre o programa eram percebidos a partir dos relatos dos dois profissionais da unidade segundo “o que o povo ta dizendo por aqui”.

Esta experiência destaca, de forma clara, o que discute Cohn (2012, p. 30) quanto ao fato de as políticas de saúde, as de assistência social e o próprio Programa Bolsa Família, nos seus formatos atuais,

representam o Estado saltando para fora dos muros dos seus respectivos equipamentos sociais e adentrando a casa das pessoas. Isso significa que a esfera privada da vida social dessas famílias fica exposta à ação do Estado. Tal intromissão é realizada tendo o Cadastro Único como um dos principais instrumentos norteadores da implementação dessas políticas e programas (COHN, 2012, p. 30).

Quanto ao período, essa experiência ocorreu em setembro e outubro de 2011, ou seja, no primeiro ano de desenvolvimento do projeto de doutorado.

3.2.1.2 O tema como campo de pesquisa

O campo de pesquisa passou a ser o tema e não mais um lugar por todo o ano de 2012. Segundo Spink (2003), o “campo tema” não se refere a um lugar específico e, sim, a temas que estão situados em um contexto de pesquisa. “*O campo não é um lugar físico*” Spink (2003).

Assim, foi iniciado um processo de observação livre e de escuta ativa de tudo que ia se passando no cotidiano da pesquisadora principal do estudo.

Todos os fatos eram registrados no Diário de Campo. Dessa forma, o objeto inicial “Programa Social do Governo – Bolsa Família” era um tema situado nas experiências cotidianas do mundo. A pesquisa ia se dando a partir da identificação de temas que iam sendo interligados ao objeto inicial, compreendido como ponto de partida.

A partir dessa reflexão, a observação livre permitia apreender o tema “Bolsa Família” em diversos lugares: na missa, na procissão em homenagem à padroeira da cidade, no

²⁴ Narrativa do porteiro da unidade de saúde que mora na mesma comunidade onde trabalha.

²⁵ Narrativa da funcionária do setor administrativo da unidade que mora na mesma comunidade onde trabalha.

supermercado, na reunião de família e dos amigos, nos passeios, no ônibus, enfim. Nesse contexto, o objeto vinha na direção do pesquisador e não o oposto, como na experiência na UBS, relatada anteriormente.

Com o olhar em múltiplas direções e sem definições dadas de pontos de chegada, foram realizadas algumas experiências no interior dos ônibus urbanos e nos diferentes terminais. Por exemplo, a linha de ônibus “Grande Circular”, de fato, faz a volta em a toda a cidade.²⁶ Outras experiências foram registradas no Diário de Campo.

Uma tentativa de imersão ocorreu, ainda no ano de 2012, no bairro Cristo Redentor, local onde há uma casa comunitária da comunidade da qual a pesquisadora principal é membro. Ela visitava as casas do bairro juntamente com uma pessoa da comunidade, que morava no local devido aos riscos de assalto na região. Entretanto, foi possível perceber que as pessoas focavam na questão da espiritualidade. Como eram pessoas que participavam de grupo de oração e que já haviam apresentado seus problemas de vida nos encontros daquele, no momento da visita da pesquisadora às casas delas, as mesmas davam seguimento aos assuntos já conhecidos pelos membros do grupo de oração. Dessa forma, as pessoas se relacionavam com a pesquisadora como se esta fosse uma orientadora espiritual. A experiência foi válida, porém ainda não eram aqueles os informantes para a pesquisa.

Nesse processo de “ir caminhando sem saber direito para onde”, a pesquisadora conheceu um missionário em janeiro de 2013, em uma conversa, o mesmo revelou que morava na “Favela” que será chamada de Comunidade “1”. A proposta do trabalho foi apresentada ao missionário, que logo identificou uma informante da Comunidade “1” que nos acompanharia nas visitas locais nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2013.

Portanto, todos os informantes da Comunidade “1” foram escolhidos em conjunto: pela pesquisadora, pelo missionário e pela voluntária identificada por este, denominada Informante “1”.

O critério principal para entrar nesse grupo de entrevistados era ser usuário do PBF porque tratava-se do objetivo da pesquisa. Entretanto, a pesquisadora é interpelada pela seguinte questão:

²⁶ A pesquisadora passou nos terminais do Antonio Bezerra, Papicu, Parangaba, Lagoa, ouvi os diálogos e as músicas que tocavam nos rádios do ônibus, em um processo de observação livre das pessoas. Foi possível perceber como as palavras “bolsa” e “família” fazem parte do cotidiano da vida das pessoas (pessoas que iam receber o benefício, que criticavam o programa, que elogiavam o programa, que viviam do benefício). Enfim, o programa estava intrinsecamente relacionado com a vida cotidiana das pessoas.

“É sobre o Bolsa Família a sua tese da faculdade. Deixa eu te fazer uma pergunta: você quer a verdade ou o que as mães vão dizer?” (Inf. “1”)

O desdobramento do rico debate em torno dessa questão foi ampliar o recorte da pesquisa, partindo do Programa Bolsa Família para o fenômeno da pobreza. Esta decisão metodológica será debatida no item Reflexões.

Dessa forma, o critério passou a ser a história de indigência no passado do informante, porque as pessoas atualmente nesta condição, segundo o missionário, viviam em condições tão insalubres que não dava para acessá-las com o objetivo de inserir suas experiências na pesquisa. Outro critério foi não ter envolvimento direto com drogas ilícitas, porque, como o local da entrevista era a casa da pessoa, levou-se em consideração o hábito de a polícia invadir a casa dessas pessoas a qualquer momento do dia ou da noite; havia, portanto, o risco da entrevista estar ocorrendo no momento da “abordagem” policial, que costumava ser violenta.

Assim, o grupo de entrevistas em profundidade da Comunidade “1” foi composto por quatro mulheres donas de casa, mães de família, e um homem trabalhador e voluntário em trabalhos sociais na comunidade. Entrevistamos também a voluntária que nos acompanhou na comunidade e nas visitas de algumas casas, conforme caracterização das entrevistas no Quadro 2. Estavam previstas 6 entrevistas. Entretanto, uma mulher foi excluída da pesquisa porque os filhos, traficantes de drogas, saíram da prisão no período das visitas aos domicílios. Foi estabelecido, portanto, um número de 5 entrevistas individuais em profundidade, na Comunidade “1”.

No período em que estávamos fazendo as visitas domiciliares, um jornal local da cidade (Figura 4) noticiou que uma família de catadores de material reciclável foi baleada em Fortaleza.

Figura 4 – Jornal O Povo destaca assassinato de família de catadores de material reciclável



Fonte: Jornal O Povo, 16 de Março de 2013.

O fato chamou a atenção e, segundo o critério de inclusão progressiva, que foi encaminhado pelas descobertas no campo e pela sensibilidade ao contexto social, foram incluídas na pesquisa famílias catadoras de material reciclável. Especificamente, catadores que carregavam crianças consigo para coletar material na rua.

A trajetória em busca desses informantes foi rica e extensa, pois uma característica dessas pessoas é o envolvimento com drogas ilícitas, o que lhes dava o receio de dialogar sobre as suas experiências. Após esse fato noticiado no jornal, conforme ilustra a figura 4, no bairro Rodolfo Teófilo, as pessoas demonstravam medo de falar a respeito da questão. Até mesmo os membros de uma associação local do bairro explicitaram seu temor em discutir as experiências de vida dos “catadores de lixo”, porque eram situações tão limítrofes, sob o ponto de vista da dignidade humana, que colocavam em risco o dia a dia do trabalho deles.

Através da Cáritas Arquidiocesana de Fortaleza²⁷, foi-nos possível conhecer uma segunda comunidade, que será denominada de Comunidade “2”. A mesma fora visitada no período de abril e maio de 2013.

²⁷ É um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e tem por objetivo “promover e animar o serviço de solidariedade ecumênica libertadora, participar da defesa da vida, da organização popular e da construção de um projeto de sociedade a partir dos excluídos e excluídas, contribuindo para a conquista da cidadania plena para todas as pessoas a caminho do Reino de Deus”. Fonte: <<http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/arquidiocese/organismos/caritas-arquidiocesana-de-fortaleza/>>.

Acessado dia 9 de setembro de 2014. A VISITA: Na visita à Caritas foram apresentados os objetivos do trabalho e a representante mencionou três associações de catadores de material reciclável, que seriam interessantes para a pesquisa, entretanto, devido à conjuntura social do momento a associação que se encontrava mais organizada era a do bairro que selecionamos para realizar as visitas. A mesma entrou em contato via celular com uma pessoa responsável e na mesma ocasião foi agendada a primeira visita à comunidade.

Na primeira visita à Comunidade “2”, a pesquisadora, a pessoa de referência na comunidade – que será chamada de Informante “6” – e dois membros da família desta (sua esposa e sua filha) dialogaram sobre os critérios de inclusão dos informantes. Vale destacar que os mesmos residem na comunidade e, por isso, fazem parte da realidade local. Com conhecimento, portanto, sobre os fatos que incidem sobre a realidade, eles debateram sobre as pessoas que poderiam ser consideradas informantes para a pesquisa. O critério principal para entrar nesse grupo era levar as crianças no trabalho de catar material reciclável na rua porque, conforme discussão no grupo de estudo com o professor orientador, tratava-se de um grupo com elevada vulnerabilidade social. Como quase todos tinham envolvimento com drogas ilícitas, o Informante “6” iria verificar quais os catadores que, naquele período, não estavam diretamente envolvidos com o tráfico. Todas as entrevistas também foram realizadas na casa das famílias.

Após esse reconhecimento e a partir dos critérios previamente discutidos, o Informante “6” apresentou-nos cinco famílias. Ele foi à casa de todas as famílias com antecedência e agendou a visita da pesquisadora. Das cinco visitas previstas, apenas uma não foi possível, pois o beco onde a família morava estava superlotado de material reciclável, quando da ocasião de três visitas, impossibilitando o acesso ao “barraco” pretendido. Isso ocorre porque os catadores costumam acumular, em casa, o material que eles catam diariamente, para vender em maior quantidade para os depósitos locais.

Assim, o grupo de entrevistas em profundidade da Comunidade “2” foi composto por 2 mulheres donas de casa, mães de família; 1 homem trabalhador e pai de família; 1 homem trabalhador, que morava sozinho; e a pessoa que nos acompanhou na visita à comunidade e às casas. Entretanto, uma mulher foi excluída da pesquisa, conforme descrito acima. Portanto, estabeleceu-se um número de 5 entrevistas em profundidade.

No total, foram 10 entrevistas organizadas de maneiras diferentes, dependendo do contexto local, conforme Quadro 2. Na Comunidade “1”, a Informante “1” participou apenas da entrevista com a Informante “3”, devido ao fato de a mesma morar em uma “área de risco”, com características particulares em relação ao tráfico de drogas e sendo, portanto, lugar de violência. Na Comunidade “2”, o Informante “6” acompanhou-nos em todas as casas devido aos mesmos fatores já destacados na Comunidade “1”. Em alguns casos, a entrevista aconteceu também com a família.

Quadro 2- Organização das entrevistas com os informantes

COMUNIDADE	IDENTIFICAÇÃO	ENTREVISTA
1	Informante 1	Individual em Profundidade
1	Informante 2	Individual em Profundidade
1	Informante 3	Com Informante 1
1	Informante 4	Individual em Profundidade
1	Informante 5	Individual em Profundidade
2	Informante 6	Com família
2	Informante 7	Com Informante 6
2	Informante 8	Com família e Informante 6
2	Informante 9	Com o Informante 6
2	Informante 10	Com família e Informante 6

3.3 O Contexto e o local onde os informantes moram

O contexto é um aspecto central na pesquisa qualitativa. Por si mesmo, o contexto já pode ser considerado um fenômeno complexo, uma vez que, nas experiências da vida cotidiana, este pode ser considerado como “uma força invisível que trabalha por trás das costas das pessoas”, segundo Holstein e Gubrium (2004). Tal fenômeno também está intrinsecamente interligado com a prática interpretativa. Partindo da premissa de que o contexto não é algo fechado e acabado e, sim, emergente, elástico e natural, ele pode ser considerado mais como um recurso de interpretação do que como um conjunto de condições que determinam fatores sociais.

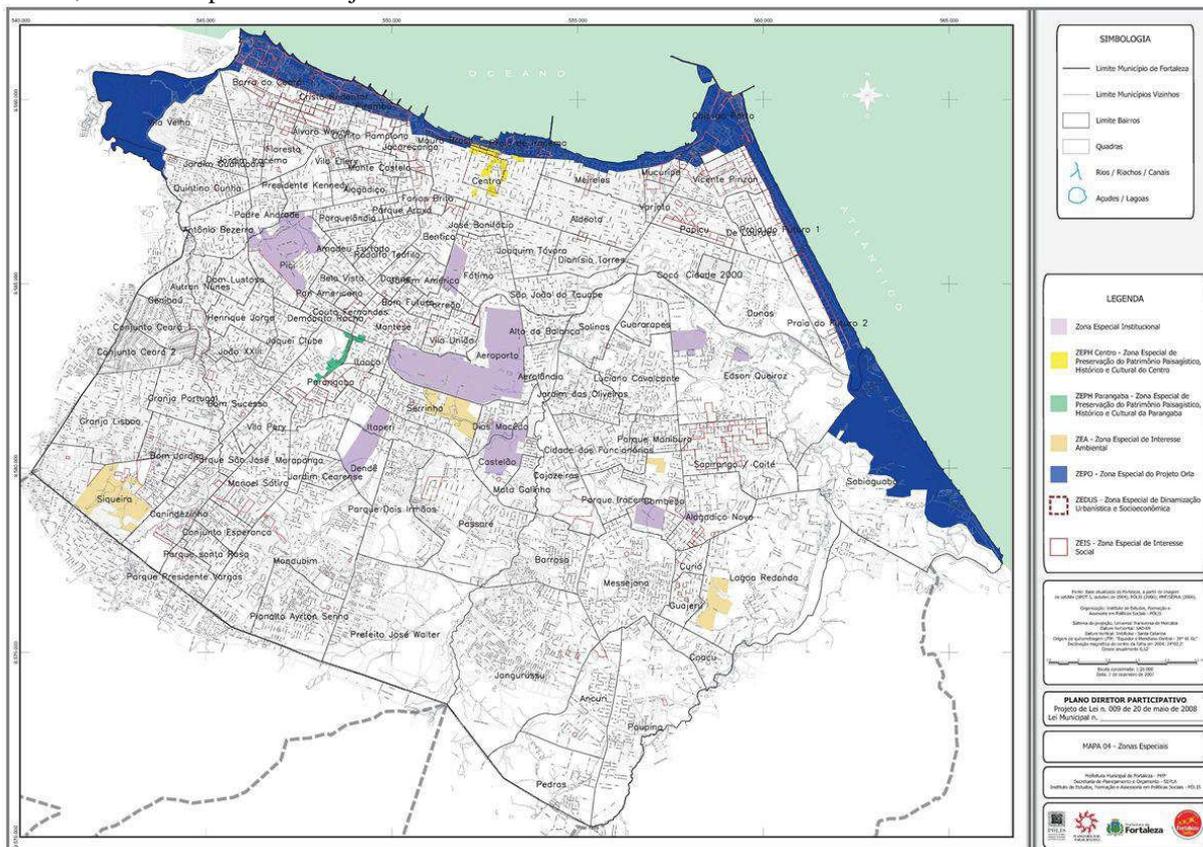
O contexto é compreendido no nível de interação de ordem social e, geralmente, essa interação se dá nas conversações sobre as questões da vida cotidiana. Tais interações acabam por constituir as realidades sociais.

Nessa perspectiva, embora seja relevante o espaço geográfico no qual se encontram as famílias entrevistadas nesse estudo, o mesmo não será apresentado por questões de anonimato, sendo apresentada apenas a cidade e a área da mesma onde viviam os informantes.

As famílias entrevistadas moram na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, em bairros situados na costa leste da cidade. Segundo a divisão estabelecida pela administração

municipal, os bairros estão dentro de duas grandes áreas da SER II: Praia do Futuro I – que tem início nos bairros do Mucuripe e Cais do Porto, indo até as imediações do Clube dos Engenheiros – e Praia do Futuro II – que segue do referido clube até o rio Cocó, na divisa com a Praia da Sabiaguaba –, conforme Figura 5.

Figura 5- Mapa da cidade de Fortaleza. Zonas Especiais/Divisão por bairros. Ao leste, localização da Praia do Futuro, na Zona Especial do Projeto Orla.



Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento, 2008

Essa área da cidade, considerada “faixa de praia”, foi loteada nos anos 1940 pelo empresário Antonio Valdir Diogo, que, na época, deu o seu nome ao loteamento, sendo atualmente denominada Praia do Futuro. Primeiramente, o terreno foi utilizado para construir casas de veraneio da elite de Fortaleza e, depois, para as sedes dos clubes profissionais Maciel (2011). O local surge, portanto, como uma nova opção de espaço de lazer da cidade.

Assim, a Comunidade “1” está situada a poucos metros do mar, compondo um aglomerado de comunidades de dois bairros da região. De um lado da Avenida Dioguinho, encontra-se a faixa marítima e seu complexo de turismo e lazer, como, por exemplo, as barracas de praia. Do outro lado, encontra-se a Comunidade “1”. Uma característica dessa comunidade é o acentuado contraste social. Habitam o mesmo espaço geográfico mansões burgue-

sas e barracos miseráveis. Burgueses entram e saem de suas casas em carros blindados, escoltados por seguranças particulares armados, e são avistados por famílias em completa condição de marginalidade social.

Devido à proximidade da costa do mar, as pessoas foram chegando e ocupando, de maneira desordenada, as áreas que elas consideravam “livres”. Como o foco da discussão não é a ocupação urbana, basta-nos apenas mencionar que o espaço territorial onde se encontra a comunidade, segundo afirmam seus habitantes, era de propriedade de ricos empresários e da prefeitura.

Na comunidade “2”, as casas das famílias também estão próximas à praia. Nessa comunidade, há uma Associação dos Catadores de Material Reciclável, cujos membros estão organizados para facilitar o acesso à renda através do comércio de material reciclável.

Por dentro da Comunidade “1”: “Desse lado, [estão] os pobres; e, do lado de lá, os podres de rico” (Inf. “1”)

Por dentro dos becos e ruelas, em dias de semana e no final de semana, conhecendo e conversando com as pessoas e observando a estrutura do local, foi-nos possível ver esgoto *a céu aberto*, lixo no meio da rua e animais soltos e doentes (como, por exemplo, cachorro, porco e jumento). Além disso, descobrimos crianças brincando junto aos porcos dentro da lama, homens e mulheres em mesas de bar, bêbados e drogados no meio da rua, jovens grávidas, adolescentes drogando-se, outros jovens aprendendo ou ensinando a guiar móbiles sem qualquer equipamento de proteção e uma forte atmosfera de insegurança. Há becos onde só passa uma pessoa por vez. O local era um grande aglomerado de casas. Do início do beco, a visão já alcançava a Avenida Dioguinho. Um conhecido saúda a Informante “1” e a pesquisadora. Com um tom de evidência, disse: “*Aqui é muito perigoso porque, quando a polícia entra, é de uma vez... A galera age na praia e se manda pra cá e, quando se dão mal, os policiais entram aqui já atirando*”. Era evidente que a insegurança representava uma dura realidade na comunidade.

A Informante “1” conhecia vários moradores. Ela nos apresentou a uma mulher, mãe de três filhos, beneficiária do Programa Bolsa Família e usuária de drogas (crack), com aparência deplorável – muito magra, sem os dentes, os olhos fundos, a pele ferida, os lábios em carne viva –; enfim, essa era uma das mulheres totalmente dependentes dos traficantes da área. De casa em casa, havia sempre algo a expressar:

Aqui mora um senhor que se acidentou e hoje está prostrado; é só ele e a esposa, é uma lástima!”. No meio do beco, havia uma mulher que confirmava a situação extrema de violência: “Olha, aqui é muito perigoso, viu? Eu estou aqui sentada, olhando para a rua, porque, de repente, entra o ladrão aí correndo, e a polícia atrás e é tiro para toda banda. Eles não querem saber, e ainda peitam a gente pra gente entregar ladrão [...]. Por isso eu estou aqui, mas meu pé é um rei para eu correr para dentro de casa e fechar a porta rapidinho, rapidinho. Olhe, eu nem deixo meus filhos ficar (sic) aí no meio desse beco, porque catar menino em meio de tiro é complicado. (Inf. “1”)

Os muros que, em uma visão naturalista, separam as propriedades das pessoas, separavam, naquele lugar, as distintas condições de vida. Os altos muros que vemos de longe dividem os territórios da comunidade: *“Ali são as mansões. [...] Eles nunca quiseram mexer com a gente aqui da favela, não. Mas tem um ricão [...] que já mandou os capatazes dele atirar (sic) fogo pra cá, esse cabra é nojento [...]”*. (Inf. “1”)

Em uma visita à casa comunitária, local onde são desenvolvidas ações sociais, à entrada do beco, sem a companhia da Informante “1”, havia uma mulher sentada em um tijolo furado fazendo cordão de sementes. De maneira bem hostil, ela indagou se a pesquisadora era “do posto”, ainda que esta já tivesse se apresentado como sendo da universidade e visitante da comunidade, em companhia da Informante “1”. Na verdade, tratava-se de uma pessoa que “trabalhava” como “olho do traficante-chefe” e que tinha a função de mantê-lo informado de todo o “movimento” da comunidade.

Em uma tarde de semana, a pesquisadora presenciou um homem esmurrar a própria mulher, a ponto de a mesma cair no chão e ele continuar a agressão no meio da rua. As pessoas da comunidade não puderam fazer nada porque ele estava alcoolizado e, segundo a Informante “1”, *“esse cabra é nojento. E essa cena é comum por aqui, eu já tenho é raiva dessas mulheres que apanham”*.

Por dentro da Comunidade 2: *“[...] Eu ando por aqui porque sou um velho conhecido, mas os cabras novos têm espaço marcado para andar aqui dentro da comunidade”* (Inf. “6”).

A visita à comunidade foi previamente agendada por telefone. Ao chegar à Comunidade, o Informante “6” estava no terreno no qual ele guarda e separa o material reciclável coletado na rua. Ele estava separando o material: PET para um lado, alumínio para outro, Tetra-Pack para outro; ele estava, enfim, com a mão no lixo. O primeiro contato pessoal foi essencial para estabelecer interação e uma relação de confiança entre ele e a pesquisadora e, conseqüentemente, com os outros entrevistados, uma vez que ele a acompanharia em todas as visitas às casas das demais famílias pesquisadas.

Repetidamente, ele dizia: “*Não se preocupe... Por aqui, desse lado, é tranquilo e você está comigo*”. Havia muitos jovens nas calçadas, de moto e de bicicleta. Sobre eles, o Informante “6” dizia:

[...] Aquele é um assaltante que comanda a área; aquele aculá (sic) rouba dentro dos ônibus; aquele ali assalta nos sinais; aquele já matou num sei quantos. Mas não se preocupe: você, estando comigo, ninguém mexe com você. Mas, se você tivesse (sic) por aqui sozinha, tava arriscado, viu? (Inf. “6”).

O percurso por dentro da comunidade contemplou a praia, um beco estreito e a “Rua da Bala”. Nessa rua, ele disse: “*Cuidado, olha as balas. Aqui, quando as gangues se encontram, eles não respeitam ninguém [...]*”.

Ainda por dentro da comunidade, as pessoas e as “coisas” nas ruas, tudo dava a aparência de uma vida normal: crianças e adolescentes vindos da escola, senhoras com sacolas de compras, adultos indo ao trabalho, ônibus circulando, além da presença de equipamentos públicos, como delegacia de polícia e escola municipal. Mas o Informante “6” sempre destacava os aspectos da violência: “*Ali vem um rapazinho que é muito perigoso, não olhe para ele [...]. [...] Aquela moto ali foi roubada ontem [...]*”. O fato de ter um equipamento de segurança pública dentro da comunidade não oferecia proteção: “*Eles fazem de conta que não sabem, porque não dão conta mesmo da bandidagem [...]*”. Nesse dia, havia um carro tipo Hilux rondando as vias da comunidade, com quatro rapazes fortes no interior do veículo. Todos os vidros abaixados, os ocupantes com os braços postos para fora do carro, exibindo pulseiras e relógios brilhosos e usando óculos escuros, som do carro em alto volume. Tratava-se de um grupo que “comandava” a área e que estava demonstrando a “proteção” do território, o que foi confirmado pela fala do Informante “6”: “*Ali estão os chefes desse lado de cá [...]*”.

3.4 Construção das informações

A interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é a base do trabalho de campo. Pode-se afirmar que um dos maiores investimentos realizados nessa construção é a vivência do processo de busca dos sujeitos considerados informantes, que possibilita a interação entre as partes envolvidas. Justamente por considerar a interação o primeiro e mais essencial movimento entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, a Unidade Básica de Saúde, ainda que amplamente utilizado em pesquisas qualitativas fora desconsiderada como campo de trabalho, conforme já descrito detalhadamente no item anterior.

No aspecto prático, o trabalho de campo corrobora a metáfora de Malinowski: “O corpo e o sangue da vida real compõem o esqueleto das construções abstratas” (MALINOWSKI, 1984, p.37).

O mesmo autor afirma, ainda, que, na fase do trabalho de campo, o investigador deve se preparar como se tudo dependesse dele, ou seja, com elevado desempenho. Porém, caso haja distinção entre a teoria e a realidade concreta observada, o pesquisador deve privilegiar o nível empírico, relativizando seus pressupostos teóricos.

O período de trabalho de campo se estendeu de setembro de 2011 a maio de 2013, conforme informações do item 3.2.1 “A trajetória dos pesquisadores em busca dos informantes” e os devidos subitens.

Para a apreensão “do corpo e do sangue da vida real”, utilizamos as técnicas de observação livre, entrevista em profundidade e diário de campo.

A observação e a entrevista são estratégias de coleta de dados de estudos que estão centrados na participação dos entrevistados (GASTALDO; MCKEEVER, 2000). Além disso, é uma forma de privilegiar vivências e experiências da vida cotidiana das “pessoas comuns” e, assim, destacar o conhecimento popular.

Importante destacar que, nesse caso, os entrevistados poderiam negar o acesso da pesquisadora a casa deles. Dessa forma, segundo Gastaldo e McKeever (2000), as relações de poder estão equilibradas, pois a interação que estas propiciam confere aos participantes “algum grau” de controle sobre o estudo que está sendo desenvolvido.

As entrevistas constituem uma das técnicas mais utilizadas nas pesquisas qualitativas, embora alguns autores, como Poupart (2008), reconheçam a ambiguidade existente neste instrumento de trabalho. Para este autor, as entrevistas, de um lado, constituem uma porta de acesso às realidades sociais, apostando na capacidade de entrada em relação com as outras. De outro lado, essas realidades sociais não se deixam facilmente apreender, sendo transmitidas através de jogo e das questões das interações sociais – que a relação de entrevista necessariamente implica – assim como do jogo complexo das múltiplas interpretações produzidas pelos discursos. Mais à frente, no item Reflexões, o tema interações sociais é discutido segundo Bourdieu (2012).

Corroborando com Minayo (2010), as entrevistas podem ser consideradas conversas com finalidade e se caracterizam pela sua forma de organização. Nesse estudo, optamos pela entrevista em profundidade, na qual o informante fala livremente sobre um tema a partir

de uma pergunta disparadora. As demais perguntas do pesquisador, quando são feitas, tem o intuito de aprofundar as reflexões do fenômeno que é objeto de pesquisa (APÊNDICE A e B).

As entrevistas foram conduzidas com base em uma estrutura flexível, consistindo em questões abertas que, pelo menos inicialmente, definem a área a ser explorada, a partir da qual o entrevistador ou o entrevistado podem divergir a fim de prosseguir com uma idéia ou com respostas em maiores detalhes (BRITTEN, 2009).

Essa técnica de coleta das informações facilita a abordagem da pesquisadora no trabalho em campo. Não esquecendo que as entrevistas qualitativas requerem considerável habilidade do pesquisador, seguiremos os princípios recomendados por Poupart (2009), com o objetivo de fazer com que o entrevistado possa verdadeiramente dar conta de sua visão ou de sua experiência: obter a melhor colaboração do entrevistado, colocá-lo o mais à vontade possível na situação da entrevista, ganhar sua confiança e, enfim, fazer com que ele fale espontaneamente e aceite ser envolvido.

Como as entrevistas foram desenvolvidas nas casas dos participantes, todos esses princípios foram observados da forma mais natural possível.

As entrevistas foram iniciadas com uma questão disparadora – com temas introdutórios; em geral, assuntos do cotidiano – com o objetivo de “aquecimento” inicial para a inserção das questões relativas às experiências dos usuários do PBF e dos catadores de material reciclável e, ainda, à vivência cotidiana das famílias na realidade de uma comunidade da periferia de Fortaleza. No decorrer do processo, o material discursivo gerado permitiu-nos perceber o desdobramento de novas questões, as quais passaram a orientar as questões seguintes, garantindo, dessa forma, um procedimento dialético entre o plano empírico e o delineamento teórico (BOSI; MERCADO, 2004). “Em la medida em que el poder decisorio de los participantes aumenta, el estudio parece más inócuo porque el poder entre investigador y participantes está compartido” (GASTALDO; MCKEEVER, 2000, p. 477).

Nessa experiência, as entrevistas individuais aconteceram de forma a dar voz, a destacar o ponto de vista dos participantes e a valorizar os seus conhecimentos e experiências. As perguntas foram elaboradas de modo amplo, conforme Apêndice B, com o intuito de permitir que o entrevistado pudesse tratar do fenômeno da pobreza a partir da sua perspectiva e experiência pessoal, oferecendo-lhes a proteção contra uma violência simbólica na comunicação a qual, em alguns casos, pode ocorrer. (GASTALDO; MCKEEVER, 2000).

O roteiro de entrevista, conforme Apêndice B, foi utilizado nas Comunidades “1” e “2”. Importante destacar que o mesmo fenômeno (pobreza e miséria) é estudado em ambas

as comunidades. A diferença é que a Comunidade “1” revela que o fenômeno tem facetas que não são capazes de serem desveladas com o grupo da referida comunidade. Por isso, a necessidade dos relatos dos informantes da Comunidade “2”, local onde se encontram famílias catadoras de material reciclável. Logo, o fenômeno pode ser explorado em profundidade.

3.5 Aspectos éticos

Um aspecto a ser destacado são as contribuições que esse estudo pode oferecer ao debate da produção do conhecimento de ordem social e política. São os valores que regem a pesquisa que podem responder às perguntas: Em que proporção o conhecimento produzido é percebido como uma produção social e política? O conhecimento produzido foi capaz de mover os atores sociais de um estado de invisibilidade para visibilidade? (GASTALDO; MCKE-EVER, 2000).

Nesse estudo, todas as entrevistas foram conduzidas pela pesquisadora principal. Em cada comunidade, um informante acompanhou as visitas às residências dos informantes. Aquele acompanhava a entrevista apenas nos locais em que havia riscos de violência, devido ao tráfico de drogas, conforme já explicitado anteriormente.

O estudo seguiu os procedimentos éticos, respeitando as normas da Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos. Um dos aspectos éticos consiste em tratar os indivíduos com dignidade, respeitando sua autonomia e defendendo sua vulnerabilidade (autonomia); comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos (beneficência); garantindo que danos previsíveis sejam evitados (não maleficência); certificando e considerando os interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (justiça e equidade) (BRASIL, 2012).

A pesquisadora solicitou a anuência da Universidade Federal do Ceará para o desenvolvimento do estudo e, em seguida, submeteu o projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil, ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Ceará, com aprovação sob parecer de nº 229.360 e protocolo CAE 11445213.9.0000.5054 (ANEXO A)

Antes de iniciar a entrevista, foi realizada uma clara explicação aos pesquisados sobre os objetivos do estudo, o método de apreender as informações e a importância da colaboração deles no estudo, deixando claro que estariam livres para optar por participar ou não

do estudo. Nesse momento, solicitou-se aos pesquisados a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (APÊNDICE C).

Além disso, outros aspectos éticos foram ressaltados, como o anonimato dos informantes do estudo, o sigilo de todas as informações e a solicitação da autorização para gravar as entrevistas e divulgar os resultados da pesquisa.

Importante destacar que se trata de um estudo com informações muito particulares sobre a dinâmica da vida do cotidiano das pessoas e das comunidades. Como forma de preservar o anonimato daquelas, optou-se por não identificar o local (nomes do bairro e da comunidade) onde moram, mas apenas a região da cidade. Por sua vez, foi adotada a utilização de números, atribuindo, assim, um número a cada informante (de 1 a 10) e a cada comunidade (1 e 2).

Todas as entrevistas foram gravadas em gravador digital, de propriedade da pesquisadora. E todo o processo de transcrição das mesmas foi realizado apenas pela pesquisadora.

3.6 Organização e análise das informações

Consoante Meihy (2005), o tratamento das entrevistas compreende três procedimentos, ordenados em etapas complementares: transcrição, textualização e transcrição.

1 - O Processo de Transcrição

Compreendendo a transcrição como um processo rigoroso, longo e exaustivo, esta foi a primeira etapa da organização dos dados.

As transcrições das entrevistas são comumente usadas como a principal fonte de dados da pesquisa qualitativa. Entretanto, a transcrição, por si mesma, é considerada problemática e tem sido objeto de discussão em pesquisas qualitativas mais recentes. O trabalho de transcrição por uma pessoa que não seja da equipe de pesquisadores tem sido questionado, pois o material de áudio é uma replicação fiel dos objetivos do estudo. Dessa forma, a transcrição não é um texto por si só; ela é um texto que representa um evento e, assim, o pesquisador se utiliza do singular momento da transcrição para o importante propósito de representar (ou seja, reviver) o evento, e não apenas o de digitar sentenças que dão ordem a um texto. (TILLEY, 2003).

Todo o processo de transcrição das entrevistas desse estudo foi realizado pela própria pesquisadora como um singular movimento de ouvir repetidas vezes, aproximando-se, assim, da forma mais integral possível do processo de interpretação como parte de si mesma. Foram utilizados como recursos o notebook e o próprio gravador digital usado para a gravação das entrevistas no trabalho de campo.

Apesar de a pesquisadora ter organizado o cronograma da pesquisa contemplando um período para a transcrição, não foi possível levar o plano a termo tal como havia sido previsto.²⁸

No trabalho de transcrição das entrevistas foram observadas as seguintes questões:

1 – Seguir a ordem na qual foram realizadas as entrevistas em campo, para facilitar o processo de locução entre as falas dos informantes, o diário de campo e a pesquisadora;

2 – Proceder a uma leitura atenta das anotações do diário de campo, referentes ao contexto e as particularidades da entrevista, antes de iniciar a escuta do áudio;

3 – Realizar a transcrição de maneira literal, ou seja, transcrever de forma idêntica a como as pessoas falaram, de forma a manter o tom coloquial, inclusive com os vícios de linguagem (como, por exemplo, “né” e “tá entendendo”).

3.1 – Inserir não apenas as falas dos entrevistados, mas também os momentos de silêncios, barulhos exteriores, interrupções ou pausas, risos, gargalhadas, choros, mudança na tonalidade da voz, entre outros. Sem o receio de transpor para o papel tudo o que estava sendo ouvido e não ouvido e que compõe o *setting* do diálogo entre as pessoas;

4 – Etapas para executar todo o processo de transcrição:

1ª) Ouvir atentamente toda a entrevista antes de iniciar a digitação;

2ª) Ler o diário de campo para perceber os “não ditos”;

3ª) Digitar uma sentença apenas após ouvi-la por completo na gravação;

4ª) Rer ler o material digitado ouvindo a gravação, para verificar a fidedignidade do texto final.

²⁸ Devido ao fato de logo após o término do trabalho de campo a mesma ter sido assaltada nas dependências do campus universitário.

Nesse processo, a pesquisadora não compreendia como a agressão de ser abordada com uma arma de fogo na cabeça não aconteceu em locais de reconhecida periculosidade e sim nos “alpendres dos cientistas”. Assim, foi necessário um período de recuperação para iniciar o trabalho de tratamento do material empírico. Dentro da bolsa que o ladrão levou estava um Ipad com todos os registros fotográficos do trabalho de campo.

Após o término da transcrição, a pesquisadora tinha a nítida impressão de ter feito várias entrevistas com a mesma pessoa, o que conferiu uma concreta apropriação do conteúdo apresentado nos discursos dos entrevistados. Corroborando Martinez (2004, p.147), que destaca permitirem as várias leituras das transcrições e das anotações do diário de campo “uma visão da informação em seu conjunto, dos temas emergentes, de seu alcance e do enfoque do estudo”.

2-O Processo de Textualização

A textualização compreende uma etapa que busca artifícios facilitadores da leitura do texto, os quais possibilitam uma melhor compreensão da narrativa: 1) retirada das perguntas do pesquisador ou adaptação às falas dos entrevistados; 2) conformação das regras gramaticais vigentes e da supressão de partículas repetitivas, sem valor analítico, que estão presentes, na maioria das vezes, no discurso oral. Nessa etapa, a narrativa foi transformada em um texto compreensível para o autor. O texto mantém-se, entretanto, conforme ao discurso oral do informante, salvo as particularidades citadas acima.

3-O Processo de Transcrição

A transcrição diz respeito a um processo de recriar o documento escrito, inserindo o contexto da entrevista à narração. A recriação ocorre de forma a incorporar novos elementos às informações dadas pelos entrevistados. Tais elementos foram registrados no diário de campo, sendo, antes dessa inserção, “extra-textos”. Não é uma tradução do que ocorreu na fase do trabalho de campo, mas uma tentativa de elaborar uma síntese do sentido percebido pelo pesquisador além da narrativa dos entrevistados. As criações inseridas nos relatos conferem ao pesquisador a autoria dos textos.

Uma vez que os textos já estão organizados, podemos defini-los como “todo discurso fixado pela escrita” (RICOEUR, 1978, p.141). Isso significa que o discurso foi primeiramente pronunciado de fato, ou apenas mentalmente, ao passo que a escrita é uma fala fixada.

A partir da organização e análise das informações, a interpretação dialogará, em vários momentos, com a Fenomenologia/Hermenêutica numa perspectiva crítica, segundo Paul Ricoeur.

As narrativas dos informantes são apresentadas como textos, dados no Quadro 3. A decisão de apresentar os textos é antecedida por reflexões e várias tentativas de classificação em categorias analíticas. Entretanto, o material não permite que as partes sejam retiradas do todo sem que ocorra uma quebra no processo interpretativo. Assim, com o intuito de viabilizar que as interpretações estejam conectadas ao contexto, os resultados desse trabalho são apresentados como dez textos, cada texto seguido de uma interpretação como um trabalho de construção e compreensão dos autores. Os textos têm em comum o subtítulo “experiência de vida”, dado que a temática em estudo diz respeito, diretamente, a história de vida dos sujeitos.

Quadro 3 – Organização das Narrativas dos Informantes, Textos.

TEXTO	TÍTULO	SUBTÍTULOS
1	<i>“A pobreza que se precisa acabar nesse país é a pobreza cultural, não é a pobreza da comida.”</i>	<i>1-Experiência de Vida; 2-Characterização da Favela; 3-Pobreza; 4-Programa Bolsa Família</i>
2	<i>“Eu sei o que é fome e sei o que é pobreza! (...)”</i>	<i>1- Experiência de Vida; 2-A Falta de proteção social; 3-Characterização da Favela; 4-Pobreza; 5-Solidariedade; 6-Atitude diante da situação de pobreza: a luta e a fé.</i>
3	<i>“(...) Não gosto nem de me lembrar do sofrimento que eu já passei.”</i>	<i>1- Experiência de Vida; 2-Characterização da Favela; 3-Atitude diante da situação de pobreza: a luta; 4-Solidariedade; 5-Problema de Saúde; 6-Os programas sociais de combate à pobreza</i>
4	<i>“ (...) A gente ia catar as coisas (...) nessas lixeiras, e sempre tinha alguma coisa, assim, de comida separada no lixo (...)”</i>	<i>1- Experiência de Vida; 2-A situação da família hoje; 3-6-Os programas sociais de combate à pobreza</i>
5	<i>“(...) Eu fui uma pessoa que morou no lixão, comia e vivia do lixo! (...) Uma situação [por] que você passa e não tem nem palavras.”</i>	<i>1- Experiência de Vida; 2-A Pobreza; 3-Solidariedade; 4- Characterização da Favela; 5-O Programa Bolsa Família.</i>
6	<i>“Olhe, eu ganho uma base de 6 reais por dia, eu já fiz as contas (...). Se não fosse a bodega da minha mulher, a gente passava necessidade aqui em casa.”</i>	<i>1- Experiência de Vida; 2- O trabalho como catador de material reciclável; 3-A Pobreza e a miséria; 4- Caracterização da Favela.</i>
7	<i>“Hoje eu estou trabalhando menos porque a minha saúde não é mais aquela saúde (...). Eu já tenho 68 anos e sou muito sofrido do trabalho (...)”</i>	<i>1- Experiência de Vida; 2- O trabalho e a luta; 3-A Pobreza; 4-A miséria; 5- Gratidão.</i>
8	<i>“(...) A gente precisa de tudo aqui nesse lugar. Não tem condições! (...)”</i>	<i>1- Experiência de Vida; 2- O trabalho como catador de material reciclável e os “bicos”; 3-A Pobreza; 4- Programa Bolsa Família</i>
9	<i>“(...) Assim é a vida, eu estou é com uma gripe medonha; eu era bem gordona, porque, trabalhando no sol, eu peguei gripe, peguei tudo, estou lascadinha vivendo no lixo (...)”</i>	<i>1- Experiência de Vida; 2- A pobreza; 3-O trabalho como catador de material reciclável; 4-Characterização da favela; 5- Programa Bolsa Família; 6-Miséria.</i>
10	<i>“Eu acordo [às] quatro horas da manhã; se tiver o café, eu faço e fico aqui esperando o dia amanhecer, dobro o saquinho preto e me mando e, aí, só volto às nove horas da manhã (...)”</i>	<i>1- Experiência de Vida; 2- O trabalho como catador de material reciclável e a luta; 4- O Programa Bolsa Família e o silêncio.</i>

A discussão apresentada está em torno de dois eixos: 1) as experiências de vida dos sujeitos em situação de extrema pobreza e 2) a face invisível da pobreza, que não é alcançada pelos programas sociais.

4 RESULTADOS

4.1 As narrativas dos sujeitos

As narrativas são apresentadas em forma de textos, os quais se iniciam com um breve comentário sobre o contexto e a caracterização da entrevista. Todos eles trazem o subtítulo “experiência de vida dos sujeitos” e seguem com outras marcas textuais que merecem diferentes interpretações nas distintas narrativas, embora com o mesmo nome. Cada texto apresenta em si a singularidade de uma história particular dos diferentes sujeitos.

4.2 Texto 1

➔ Contexto e caracterização da entrevista

A informante “1” tem 58 anos de idade, é solteira e natural de Fortaleza (CE), tendo sido interna em um colégio de freiras até os 15 anos; a mãe era prostituta, conhecida na comunidade por serviços humanitários como o de parteira e pela doação de caixões para os defuntos. A informante tem 3 irmãos e vários sobrinhos. Duas irmãs moram na mesma comunidade; o irmão, ela não sabe onde ele vive atualmente. Todos os sobrinhos estão envolvidos com a criminalidade, de uma forma ou de outra. Sua família foi a segunda a chegar à comunidade; a informante, portanto, conhece com detalhes a história das pessoas e do lugar onde vive. Trabalha como autônoma, lavando e passando roupas. É voluntária em diversos trabalhos sociais junto à Associação de Moradores e a uma congregação de missionários católicos. É uma pessoa politizada, com experiência de participação nas Comunidades Eclesiais de Base.

A entrevista foi realizada na sala da sua residência, durante o período da tarde, e foi a mais longa da pesquisa. Iniciamos a entrevista logo após o almoço, que foi feito e servido por ela: um peixe pescado pela sua irmã na praia próxima a casa delas. Após uma hora de conversa, fizemos uma pausa para tomar um café. A casa tinha piso morto e paredes de tijolo, contendo quarto, cozinha, sala e um banheiro interno.

➔ Narrativa

A pobreza que se precisa acabar nesse país é a pobreza cultural, não é a pobreza da comida.

↳ Experiência de vida

“Eu sempre fui daqui de Fortaleza. Nasci no bairro OB, na Vila dos Mercadores. E, de lá, eu nós fomos morar no Mucuripe. Minha mãe era prostituta; ela era muito bonita e teve mais uma filha e adotou dois. Adotou não: ela pegou e registrou como dela. A minha mãe era terrível! Nós somos quatro filhos: um irmão era evangélico e foi embora e ninguém tem contato com ele; tem a minha irmã, que mora aí na frente. Essa a gente considera a caçula! Ela também foi adotada. Ela tem três filhos. O filho não quer nada com nada. É um usuário de cocaína. Vive *infernizando* a vida dela, mas comigo ele não *inferniza* não, porque ele sabe que comigo é diferente. Tem outra irmã que é *enconstada* de mim; entre eu e ela tem doze anos de diferença. Ela se juntou com um vagabundo e sustentou ele por mais de 12 anos. Quando ela não aguentou mais, foi embora. Aí ele quis matá-la, foi um terror nas nossas vidas. Ela teve dois filhos. A minha sobrinha é cabelereira, dona dessa casa aí da esquina, que é um salão. Vive com um sujeitinho que também não presta. Esse salão é uma boca de fumo. O meu sobrinho é traficante e está preso em Mirafba! E nós estamos tentando soltá-lo. Ele foi comprar o produto de um roubo de uma joalheria lá e a polícia prendeu ele lá. Esse menino, quando fez 16 anos, se engraçou com uma menina que é da família de uma traficante com um assaltante. Quando eu vi a história rondando, rondando, eu disse: ‘Minha irmã, proíba seu filho de subir o morro’.”

“Mas toda vida ela jogou na minha cara que eu reclamava dos filhos dela porque eu não tinha filhos: ‘Ah! Você diz isso porque você não tem filho. Eu não vou proibir meus filhos de namorarem com quem eles quiserem!’. Uma outra sobrinha minha casou com um italiano. Ele disse: ‘Ana, vá fazer uma faculdade que eu pago!’. Ela foi fazer um curso de cabelereira. O italiano está na Itália e se separou dela. Agora ela vive com um sujeitinho, usuário de crack, passa o final de semana bebendo. Leva ela para os cabarés da pior espécie que tu pode imaginar para ganhar dinheiro! Para terminar de completar, ela pegou uma criança de uma usuária de crack e está criando como uma princesa.”

“Antes a zona de prostituição de Fortaleza era no Mucuripe! Depois foi para a Beira Mar, ali onde tem os peixes. Aquela área eram bares com ponto de prostituição, que chamavam mulher de vida fácil! A minha mãe trabalhava em um desses bares. Ela era gerente! Ai, me bancar não era uma coisa barata! Porque ela tinha que pagar uma pessoa pra tomar conta de mim, tinha que pagar escola, eu dava muita despesa. Então ela ganhava o extra dela

lá. Ela engravidou da minha outra irmã 12 anos depois. Mas, antes, fez um aborto. Quando mudamos de bairro, ela resolveu que não ia ser empregada de ninguém. Aí, com o dinheiro que ela tinha junto (*sic*), ela alugou uma casa. Ela trabalhou dia e noite vendendo, se virando, e depois conseguiu comprar uma casa. A casa tinha um salão e nove quartos; cada quarto tinha uma mulher. Havia um salão de frente e outro de trás. Nessa época, eu já estava interna num colégio de freira. O colégio era das Servas da Caridade. O colégio ficava na Avenida Abolição, lá hoje é uma churrascaria.”

“Eu era uma aluna interna ali. E não era fácil, porque eu sempre fui uma criança extremamente danada. Não podia subir nas árvores? Eu subia em todas! Não podia andar em cima dos telhados? Eu andava! O que não podia, eu fazia! O que me salvou foi uma madre superiora, que ela começou a decifrar a minha personalidade. Aqui em Fortaleza, tinha um bispo que se vestia de vermelho. Ele era bem gordo. Eu dei uma queda naquele homem que eu pensei que ele ia morrer. Mas pense numa queda feia! E todo mundo sabe que foi eu que dei. Fiz isso porque duvidaram de mim.”

“Fiquei nesse colégio até os 15 anos de idade. Quando eu completei 15 anos, peguei uma briga com uma freira. A freira queria que eu assumisse a culpa de uma coisa que eu não tinha feito. A madre que me defendia tinha viajado, ela já sabia da minha personalidade terrível e não deixava ninguém se aproximar de mim.”

“Minha mãe ia me ver no colégio uma vez por mês. Ela ia pagar o colégio e me via. Quando eu saí do colégio, fui morar com a minha mãe. Ela comprou uma casa e botou uma pessoa pra morar comigo e minha irmã; nessa época, minha irmã já tinha nascido. Aí, eu comecei a fazer trabalho comunitário na comunidade.”

“Por exemplo: quando morria uma pessoa, naquela época o governo não dava caixão. Ai, eu ia de casa em casa pedir ajuda, eu e um grupo. Aí eu passei a fazer parte do grêmio do L. T., na comunidade. Lá a gente arrecadava dinheiro pra ajudar as pessoas. Mas, lá, as meninas de família não podiam se misturar com as meninas da parte de baixo. Tinha uma linha do trem que dividia as mulheres de vida fácil; não passavam aquela linha de trem pra cá de noite. E as famílias não passavam de noite pro lado de cá. Elas tinham direito de vir fazer as compras de dia porque as mulheres estavam todas dormindo. E as que tivessem acordadas não podiam usar roupa *indecorosa*... Era assim, cheio de coisa! Mas eu atravessava a rua e não tava nem aí! Ninguém impunha lei a mim, não... Eu digo: se o dinheiro que a minha mãe pagou de caixão de defunto, ela tivesse juntado ela tinha morrido rica! Porque era assim: morria alguém? Chama a Fulana da Chica – era o apelido da minha mãe – para ajudar. Tinha um

homem que vendia os caixões. Quando ele sabia que eu estava arrecadando o dinheiro, ele já providenciava caixão, já fazia velório, já fazia tudo! Porque sabia, se eu não arrecadasse, a minha mãe pagava! Ela cobria o que faltava, ela sempre cobria. Tinha defunto que, Ave Maria!, era uma benção, só faltava não arrecadar nada. Ô defuntinho ruim, viu? Mas tinha defunto que rapidinho a gente juntava o dinheiro do caixão, dinheiro do velório dava até para viúva! Mas tinha defunto que, Ave Maria!, a minha mãe pagou muita conta por conta disso.”

“Aí, a gente veio morar aqui nessa comunidade porque a mãe queria tirar a gente lá da zona de prostituição; ela achava que a gente já estava crescendo e ela já estava velha. Ela tinha que botar a gente em outro meio de vida. Ai ela construiu uma casa e a gente veio morar aqui. Aí, a gente botou uma barraquinha na praia, que era como a gente ganhava o sustento, era como ela bancava todo mundo. Eu comecei a trabalhar na praia e ajudava em casa. Nós fomos a segunda família que mudou pra cá. Depois, começaram a invadir as ruas, começou a crescer. Chegou um povo do Canindé. A maioria do povo aqui é de lá. Ô lugar abençoado para ter gente ruim! Quando eu vejo o povo que vem lá de Canindé, eu digo: ‘E aí, como é que vai São Francisco? Já deu no pé?’. ‘Não, dona Fulana, está lá...’. Aí, eu digo: ‘Ai, coitado!’.

↗ **Caracterização da favela**

Aqui nessa favela, não tinha água, não tinha luz, porque não tinha poste... Para tu ter uma idéia do quanto isso aqui era isolado! A minha mãe comprou esse terreno, aqui era matagal. E a estrada era de pedra desse tamanhinho, era difícil até de andar! Era tudo morro, só morro. Olha, essa parte de baixo é toda *organizada*; a parte lá de cima é que eles invadiram os terrenos alheios, inclusive está na justiça. Já existe uma desapropriação, ele não tira porque as ruas estão fechadas! Na hora que a prefeitura abrir as ruas, eles botam eles pra correr.

Quanto aos missionários aqui dentro da favela, eles são basicamente muito explorados! É como se o povo tivesse prazer em explorá-los. O povo tem raiva: a maioria dos que vão em busca da ajuda dos missionários são evangélicos. Eles buscam ajuda para comer, para pagar uma conta de luz, para pagar um remédio, batem na porta, choram dizendo que estão passando fome. Eu digo: “Olha você está procurando o pastor errado. Esse pastor é meu! Você tem que ir procurar o pastor da sua igreja...”. “Ah! Ele não dá nada a ninguém!”. “Porque você não merece! Deixe o meu pastor em paz...”. Então, você percebe que eles são explorados!

Aqui tem um pessoal drogado que vai lá na casa dos missionários e diz que o filho está doente, está passando mal, que tem que levar para o posto, para o hospital, e que o Albert Sabin é longe, que não tem como levar de ônibus, que precisa de um dinheiro para o taxi... Mas a verdade é que esse dinheiro vai parar na mão do traficante! É assim que funciona!

↪ A Violência

Aqui é assim: as crianças estão fora da escola e roubando na praia. Meninas adolescentes se prostituindo para pagar advogado para o pai, que está na prisão. Nesta favela, quem não rouba é conivente! E isso me inclui também. Quem não rouba, aqui, é conivente! Porque nós temos um sistema de segurança que não merece confiança! Então, não tem como dizer: “Olha foi filho de fulano, pega esse beco que ele mora lá!”. Não pode! Porque o policial vai chegar lá – toc, toc, toc! (*imitando o bater na porta*) –, vai tacar o pau, vai quebrar tudo e vai dizer assim: “Foi a Fulana lá de baixo que disse!”. E, aí, quem fica exposta é a Fulana, porque o policial vai embora! Isso! Olha, se a gente tivesse uma polícia de qualidade, uma polícia que trabalhasse e não só reclamasse que ganha pouco, era tudo diferente. Pouco ganha um peão, que passa o dia fazendo massa pra construção civil. Esse ganha pouco e ele ganha isso porque ele não teve a oportunidade de estudar; porque ele faz parte daqueles que estão no curral.

Eu vou contar um exemplo de uma pessoa maravilhosa que mora aqui na favela, o “A”. O “A” e a “B” tinham dois filhos – o “D” e o “L” – e a “B” tinha uma menina do primeiro casamento.

UM CASO:

Parte 1: O “D” pegou o beco errado. Juntou-se com uma mulher, não queria trabalhar, só queria sapato de marca, e o pai dele dizendo: “Meu filho, vamos trabalhar, vamos pra praia vender coco! Lá você ganha seu sapatinho de marca, compra sua camisinha Pena!” E ele dizia: “Vou nada, Pai. Passar o dia no sol feito besta...”. O que aconteceu? Ele foi traficar. Virou um traficante poderoso, de arma de fogo na mão. Um dia, subiu naquele dito beco que a gente desceu agora, chegou para atirar no cara. O cara tava sentado, mas estava armado também. Quando ele chegou, o dito cara deu um tiro bem na testa do “D” e matou na hora. O “A” e a “B” quase que ficaram loucos porque perderam o filho deles. Sobrou o “L”. A “M” (filha da B) já tava casada, já tinha os filhos dela!

Parte 2: Veja qual o sistema de segurança que a polícia presta à comunidade. Esse casal vivia a tomar de conta do “L” para ele não cair no tráfico também. Mas aqui tinha uns traficantes perigosos que, recentemente, foram embora pra Mirante, porque eles são de lá, mas já mataram um lá em Pernambuco. Sim, o “L” começou a pegar droga no quintal de casa. Ele dava o toque e os caras jogavam a droga por cima do muro. No quintal de casa, o “L” fumava a droga dele, mas só consumia. E o pais observando para o “L” não se misturar. Escuta no que deu isso! Quando foi um dia, o

pai desconfiou um mau cheiro. Ele saiu e viu o “L” lá, de cócoras, se drogando; aí, ele endoidou. O pai viu a droga sendo jogada por cima do muro. Aí ele endoidou: deu uma chinelada no “L” e *foram acima e foram abaixo*. Deu uma pisa (*sic*) no traficante, que gritava: “Tenho nada a ver não, seu filho foi que pediu!”. Então, o “A” tem um primo que é da polícia! [...] O “A” e a “B” foram lá no distrito que ele trabalha e disse: “Meu primo, está se passando isso e isso...”. Contou tudo! “Meu primo, fique tranquilo que eu vou dar um jeito nisso!”. Aí, esse policial veio aqui na favela e passou um dia aí com eles. O “A” botou um fogareiro fora de casa – isso era uma sexta-feira –, assou uns pedaços de carne, tomaram uma cervejinha juntos, enquanto o policial fotografou a casa do traficante, a mulher do traficante, o filho do traficante e o traficante... Tudo disfarçado! “Ah! Mas tá muito boa essa cerveja, está muito geladinha...”, enquanto o “tic-tic” da máquina de fotografar funcionando! Assim, o policial pegou todo esse material. Como não era da área dele, ele repassou o caso para a delegacia de narcóticos. Chegou lá e disse: “Olhe, delegado, eu estou passando por isso e isso. Aconteceu isso com meu primo e ele está com medo de perder o outro filho, e ele só tem esse. O outro já mataram”. O delegado disse: “Pode deixar eu vou levar uma equipe lá na favela para resolver isso. Fulano, venha cá. Nosso colega aqui está precisando de ajuda. Ele é primo do “A” que mora lá na comunidade Tal. Vão lá e prendam esse homem!”. Resultado: os policiais chegaram, tacaram o pé na porta do cara e “a casa caiu”! Pegaram o dinheiro, TV, som, roupas da mulher e do bebê, as entorpecentes e até as cuecas novas (aqui é normal acontecer isso!), que a mulher do cara tinha ido pra rua de manhã vender uns ouros e tinha comprado meia dúzia de cueca zorba, aqueles conjuntinhos que vem três... Levaram tudo. Os policiais levaram o traficante lá para a barraca X, e o carro cheio de coisa. Telefonaram para mulher dele, que fosse buscar ele lá mas que levasse mil reais. A mulher fez a arrecadação na favela: um deu cem, outro deu cinquenta... Fecharam, então, o dinheiro! A mulher perguntou: “Você promete que ele sai limpo?”. O policial disse: “Estou garantindo! Você quer o quê?”. Aí, a mulher dele e outra foram buscar ele na barraca. Quando o policial esticou a mão pra pegar o dinheiro, o traficante disse: “Não! Não é assim, não! Vocês vinham com nome e endereço certo, vocês sabiam até que eu tinha filho”. O policial perguntou: “Você tem um vizinho por nome A?”. Ele olhou e disse: “Tenho”. “Ele é pai do L, pra quem tu joga droga por cima do muro?”. “Sim”. “Pois é, ele e a “B” foram prestar queixa na delegacia e vocês dançaram, seus otários. Vão embora, vagabundos!”. Os policiais levaram duas televisões, DVD, filme, tudo! Até as cuecas do cara! Advinha para cima de quem o traficante veio? (silêncio). Tem como você trabalhar com a polícia? Aqui é assim. Aconteceu que o traficante ficou querendo matar o “A”. Mas o traficante tinha uma dívida grande com outro traficante maior, que chegou e matou ele. Aí, o “A” continua morando na casinha dele com a família. E o “L” também continua aí. Esse é um caso de muitos, aqui você não pode dizer nada! Então aqui você não tem o direito de sentar numa calçada. É assim, vem um ladrão lá da praia e todo mundo procura suas casas. Sai todo mundo do meio, é uma correria, porque quem se expõe é você. Então, é onde eu digo: aqui, quem não rouba é conivente! Mas não é porque a gente queira, é porque o sistema usado pela polícia não oferece confiança!

A Pobreza

Aqui é uma favela, sem sombra de dúvida, uma favela muito bem enraizada! Por mais que você lute, por mais que você busque, por mais que você queira ensinar, não anda!

Porque, quem mora em favela, ainda não conquistou seu espaço numa comunidade. Porque uma comunidade gera integração: partilhar, doar, servir, dividir; na favela é cada um por si! É cada um querendo ganhar do outro, trapaciar (*sic*), enganar, iludir. Isso é o povo

da favela! E aqui é uma favela. Mas, nem por isso, pobre. Eu diria safado, [...], mas pobre não! **Pobre é aquele que luta pra que as favelas permaneçam lotadas de gente sem moral, sem aprendizado, sem educação, esse é que é o pobre.** Então, eu acho que há uma inversão de valores! O pobre está nas estruturas de cima, o rico é que está aqui em baixo! Rico, na busca de um dia melhor, de um aprendizado. Rico! Rico por esperar, por ter fé que um dia ele vai melhorar.

Eu acho que tanto a pobreza como a miséria, ela é originária (*sic*) pelas políticas públicas feitas pelos governantes. Eles nos castram, diminuindo o nosso poder de aprendizado; eles nos castram, nos impondo determinadas coisas como uma educação fajuta. “Ah, você é lavadeira? O que você vai fazer nesse canto? Ah, você é doméstica? Não, isso aqui não é lugar para doméstica, não.” Eles nos situam dentro de um eixo, onde a gente não cresce, não aprende, onde a gente não progride. Ai o governo vem, entre aspa, “Vamos acabar com o analfabetismo”. Aí, o que acontece? Acabar com o analfabetismo passa por você demandar tempo para essa pessoa aprender; ninguém tira um minuto da hora de trabalho para o analfabeto aprender. Como ele vai aprender, se ele cumpre uma carga horária de trabalho, com uma mente cansada, um corpo doído pedindo uma cama? Ele vai ficar sentado, olhando para uma professora? Não se dá condição para você aprender! Não tem como! Ninguém aprende desse jeito!

A pobreza que se precisa acabar nesse país é a pobreza cultural! Não é a pobreza da comida... Não é dar um quilo de alimento, não! É conscientizar essa pessoa que ela tem que ter responsabilidade sobre ela mesma. Não são “bolsas-famílias”, não são “bolsas-gás”, não passa por aí. Porque o governo manda, distribui, faz farra, se gasta um absurdo, mas ninguém sai do lugar, porque ninguém aprende nada. Só aprende esse paternalismo que não lhe leva a nada. E isso é horrível! Ninguém cresce ganhando R\$50,00 do governo, não! Ninguém se engrandece com isso, não! Então eu acho que esses governos paternalistas que vêm, são governos eleitoreiros! Porque ele só quer o voto! Ele não quer que você cresça.

Sempre tem um governo paternalista que não ajuda você a fazer esse povo enxergar. Não faz esse povo ver que a pessoa é que tem que sair do buraco! Não é o governo dando paliativo para continuar no mesmo lugar, não! A busca é pessoal, é o sujeito que tem que olhar quem está estendendo a mão e que pode ajudá-lo! Mas o que eu percebo é que o povo aqui se sente feliz por continuar a viver no buraco, com um governo paternalista lhe dando uma miséria, uma mixaria (*sic*) por mês!

Quem votou na Dilma foi o pessoal do Bolsa Família! Ou você acha que o ricão votou nela? Eu via na boca da urna: a pessoa chegava para votar, com um nome pregado no papel. Uma pessoa dizia: “Tu vai votar nesse? Tu não tem Bolsa Família, não?”. “Tenho sim”. “Pois vai tirar, viu? Se a Dilma não ganhar você vai ver como você vai perder seu Bolsa Família!”. Então, eu acho que, quando a presidenta diz que “país rico é país sem pobreza”, eu diria que país rico é aquele onde não existem políticas paternalistas, eleitoreiras, dando o que é de direito do povo! O que o povo precisa é o que lhe é de direito: uma segurança de qualidade, uma educação de qualidade e uma saúde de qualidade! Porque quando o povo tomar consciência do que é o governo, talvez ele se alerte. O governo nada mais é do que o arrecadador da nossa contribuição, e compete a ele nos mandar de volta em forma de benefícios que são direitos, e não em forma de esmola para fazer a gente continuar humilhados.

A maioria das pessoas aqui tem uma história de fome e de espancamento. Eu quero fazer a seguinte reflexão: você pega um curral, bota lá um monte de boi, põe água e comida na hora certa, ou seja, sempre na mesma hora tem a água e a comida. Depois de algum tempo, se alguém tanger esses bois eles não saem do canto, porque eles se viciaram, eles estão acostumados com aquilo. De manhã, vem alguém põe a alimentação para mim, eu como, depois vou pra uma sombra e me deito lá. Então, pode é dar tiro na manada que ela não sai do canto, ela continua lá! Enquanto não der uma *sacudida* e disser “Acorda, vamos à luta!”, ninguém vai se mexer. E ainda são capazes de tentar matar quem tentar espalhar a boiada... É isso! O povo hoje é isso! Os *sabichões* foram criando os cercados, juntando o gado, botando dentro, alimentando. Eles abrem a porteira no dia do voto e ameaçam se não eleger os políticos deles.

O Programa Bolsa Família

O Bolsa Família funciona da seguinte forma: tem aquele que investe na criança, tem aquele que investe no seu luxo e tem aquele que investe nas entorpecentes. E eu diria que, do Bolsa Família aqui da comunidade, se tiver 5% que investe na criança, tem muito. Muitos... Você viu o depoimento daquela senhora, quando ela disse: “O jovem não está indo para a escola porque não tem o caderno, e está com dois dias que a mãe recebeu o Bolsa Família. E você viu a feira que ela trazia? Queijo, presunto, maçã, iogurte, biscoito. Sim, e o caderno, que é um direito dele, onde está? Porque o dinheiro é dele, é para ser investido nele! É a situação daqui! *Pronto!*”

Sem contar que tem **aquela situação do cartão que fica na mão do traficante. Todo mês, a pessoa vai lá no traficante pegar aquele número certo de pedra. O traficante fica com o cartão e a senha! E, se mudar a senha, a pessoa morre!** É assim que funciona. Raros são aqueles que investem na própria criança, numa mochila, caderno, lapiseira, ou seja, em material. Se você prestar atenção – eu te levei de baixo pra cima e de cima pra baixo dentro dessa favela – quantas crianças você viu usando óculos? Você acha que essas crianças, em um sol quente desses, não tem problema de visão? Mas “a criança não aprende de burra”, é isso que a mãe diz. Na verdade, a criança não enxerga! Não existe criança na minha comunidade usando óculos de grau! Eu vejo que a própria mãe desfaz da criança, porque é ignorante. Quando a criança diz que não está enxergando o que a professora escreve no quadro, a mãe fala assim: “Tu quer comprar um óculos!? Tu vai virar *quatro oi*, é!?”. Tudo isso para não gastar o dinheiro do óculos da criança, para não investir o Bolsa Família na criança; e, assim, ela gasta com ela própria: ela vai pra churrascaria, ela toma uma cerveja, ela compra uma roupa, ela compra um perfume caro. Investe nela e *pronto!*

O povo aqui não quer perder o Bolsa Família, isso é claro! Porque, com o Bolsa Família, eles vão pra calçada falar da vida alheia de tarde, eles não tem que trabalhar, eles não tem que fazer nada, todo mês eles só passam o cartão.

Todo mês, a mulher vai lá e passa o cartão. Ela recebe aquela quantia. Mas a criança dela não vai para escola, aí o que ela faz? Ela corre no posto de saúde, crucifica o médico: “Doutor, meu filho tá doente!”. “Porque você não trouxe ele?”. “Ah, doutor, olha! Nem me lembrei, doutor, eu só quero um atestado! Ele passou a semana com febre em casa!”.

Por que a mentira? Para não perder o Bolsa Família, porque ela precisa daquele dinheiro e o filho não quer mais ir pra escola. Porque a escola para ele deixou de ser um enriquecimento, mas sim um atrapalho (*sic*)!

O texto “1” destaca a favela como local onde as pessoas não se organizam para reivindicar melhores condições de vida, uma vez que todos estão submetidos a indignas estruturas e que suas vidas configuram uma real situação de miséria. Situados em uma sociedade que ostenta e que os coloca em uma posição “inferior”, o seu caso pode ser classificado como sendo de “miséria de posição”. Ou seja, a situação de pobreza é conferida a essa comunidade não devido ao fato de os moradores não terem o que comer, mas, sim, pela ausência da conscientização política, a qual os mobilizaria na busca de mudanças estruturais para obtenção de melhores condições de vida.

Nesse caso, as políticas governamentais de enfrentamento da pobreza são percebidas como meios que mantêm as pessoas onde estão – “em currais” –; elas têm comida, mas não têm educação, saúde e segurança pública. Os parlamentares são os verdadeiros “pobres”, porque se utilizam da situação de miséria da comunidade para se manterem em seus altos postos de cargos e salários. De fato, os sujeitos que vivem sem usufruir sequer dos seus direitos mais básicos como cidadãos são reconhecidos como “ricos”, por batalharem pela vida e continuarem a acreditar na possibilidade de uma vida menos sofrida.

A característica central da favela é a violência. Os detalhes dos casos de violência contados pelo informante autenticam a alta incidência dessa característica, visto que aqueles não foram descritos em um programa de televisão, mas foram narrados por quem vive o problema no dia a dia da sua própria vida. Neste contexto, o sistema e os agentes de segurança pública são percebidos como quem não oferece proteção aos cidadãos; mais que isso, eles são alguns dos principais atores da “desordem” instalada no cotidiano de uma favela, na qual “todos são coniventes com o crime”.

Por fim, o Programa Bolsa Família é percebido como um “sustento do vício do crack dentro da favela”. Percebe-se que o cumprimento das condicionalidades do programa é violado pela falta de verdade das beneficiárias do programa. Com medo de perder o benefício, elas buscam os diversos meios para assegurar que o papel sustente os fatos. Entretanto, os resultados da pesquisa, descritos neste texto, sublinham que a realidade vivida não condiz com a realidade escrita em um projeto. Enquanto isso, a vida real da favela é território de disputa dos traficantes de drogas e cena de programas policiais. Ou seja, a vida cotidiana de pessoas está exposta a todo tipo de interesse e não conta com nenhum tipo de amparo e proteção estatal.

4.3 Texto 2

➤ Contexto e caracterização da entrevista

A informante “2” tem 50 anos de idade, é natural do Maranhão, casada, tem quatro filhos: 3 rapazes e 1 moça. A filha foi doada à informante por uma mulher da comunidade que trabalhava em Brasília. Esta veio passar férias em Fortaleza e “resolveu” dar a criança. O esposo da informante é porteiro e ela trabalhava como faxineira e vendendo coco na praia; no entanto, devido a um problema de saúde, não pôde mais trabalhar fora de casa. A filha é estu-

dante, um filho é motorista particular, o outro é professor de computação no projeto social dos missionários e o terceiro está desempregado. A família – informante, esposo e três filhos – mora na comunidade há 17 anos; a informante considera que, antes, o espaço físico podia ser considerado uma favela, mas, hoje, ela o caracteriza como comunidade, “com muito orgulho”. Possui voz de timbre forte e suas colocações são em tom imperativo e na perspectiva de mudanças; além disso, tem uma história marcada pela luta e superação das dificuldades para criar os filhos.

A informante optou por fazer a entrevista na casa dela “porque se sentia mais à vontade” e, além de tudo, eu poderia “ver tudo com os meus próprios olhos”, segundo a mesma. Conversamos na sala da casa da informante: casa de alvenaria, piso com cerâmica, equipamentos como computador, geladeira, televisão, sofá e outros.

Narrativa

Eu sei o que é fome e sei o que é pobreza! Ser pobre, sem você ter um banheiro para você tomar banho! Sem você ter uma comida na hora certa para você dar para seus filhos! [...] Você está dormindo e a sua casa cheia d'água sem você saber para onde ir, cheia de cobra. Isso é uma coisa!

Experiência de vida

“Eu vim do Maranhão, cheguei em Fortaleza com 16 anos, comecei a trabalhar em casa de família, trabalhei um ano. Eu cheguei de lá solteira, fui morar na casa de uma pessoa um ano. Eu saí porque arranjei esse meu marido; aí, a gente se juntou e fomos morar em um quartinho que era sala, quarto e cozinha.”

“Eu morei nove anos de aluguel nesse quartinho, era um banheiro fora para três casas. Isso é uma pobreza. Um banheiro fora das casas para você ir, só tinha que ir mesmo quando você tinha muita precisão de usar esse banheiro. E eu acho que isso é uma pobreza muito grande para gente.”

“Logo que a gente se juntou, eu tive um filho. A minha mãe não morava aqui, a mãe dele não morava aqui, só tinha uma prima aqui que queria me acolher, mas eu nunca, nunca quis depender de ninguém, só da minha pessoa mesmo!”

“E, aí, andava uma pessoa vendendo esse localzinho. Essa pessoa tomou isso aqui, ela invadiu isso aqui – porque era da prefeitura – e andava vendendo para ir embora. A gente

comprou por 27 cruzeiro (*sic*), que foi em 85. Aí, a gente passou um ano com isso aqui fechado, só esse quartinho aqui com uma telha aqui nessa marca branca. Cheguei nesse quartinho aqui cheio d'água, cheio de cobra de duas cabeças. Aqui era uma lagoa; eu tive que botar minha cama, que quebrou no caminho, na mudança, em cima de uns tijolos.”

“Meu marido trabalhava e eu lutando com meus três filhos pequenos – porque eu peguei eles muito rápido de um para o outro – e eu não podia trabalhar mais porque não tinha quem lutasse com meus filhos.”

“Meu marido trabalhava de vigia, de noite. Eu tinha uma cama de casal em cima de quatro tijolos, com eles três dormindo; e eu passava a noite aqui acordada, vigiando, com medo de alguém entrar e matar meus filhos na hora que a gente dormisse. Sem porta, numa cerquinha de pau. A porta era uma telha de amianto e aqui cheio d'água. Quando a chuva vinha, eu rezava para as telhas não cair em cima dos meus filhos. Tudo pequenininho: um com 6 anos, outro com 3 anos e outro com 1 ano. Aqui nesse lugar que você está pisando, eu com meus filhos aqui.”

“A vida de pobre só sabe nós mesmos. Só conhece o pobre quando a pessoa é pobre também, ou sentiu na pele. De pobre mesmo, de seu filho chorar e não ter nada para dar. Tinha vez – que eu não vou mentir pra você – que meu filho chorava para querer um pão e eu dizia: “Não, meu filho! Vamos comer isso aqui...”, e inventava qualquer coisa. “Vamos esperar seu pai chegar de noite. Vamos esperar seu pai chegar para comprar coisa pra comer”. Aqui tudo era só morro. Aqui não tinha muitas casas; aqui tinha 4, 5 casas. Foi que a gente encontrou um amigo ali que se deu muito com a gente, que vendia o leite fiado, que vendia o açucarzinho. E ainda hoje eu dou graças a Deus por ele, tava ainda agorinha falando com ele ali. Onde a gente chega, a gente encontra gente boa. Tendo fé em Deus, a gente encontra tanta gente boa pra ajudar a gente. Eu agradeço a Deus esse filho de Deus, que me vendia comida fiado para eu dar para os meus filhos comer. Aí, eu esperava o pai deles receber o dinheiro para gente pagar!”

“Eu sei o que é fome e sei o que é pobreza! Ser pobre, sem você ter um banheiro para você tomar banho! Sem você ter uma comida na hora certa para você dar para seus filhos! Sem você ter um lazer para seus filhos! Você está dormindo e a sua casa cheia d'água sem você saber para onde ir, cheia de cobra. Isso é uma coisa! Eu já passei por isso! De você não ter uma pessoa para ajudar você! Mas Deus é grande! É grande e ajuda muito a gente, porque, hoje, você está vendo a minha casinha aqui? Custou suor.”

“Sobre o parto da minha filha, eu fiz ali na outra rua, Rua Mestre José! Uma moça teve lá na casa do tio dela; a gente se conheceu, ela tava com três meses de grávida. Ela trabalhava em Brasília; aí, veio aqui para Fortaleza grávida. Esse tio dela morava ali e ela começou a passar aqui e a gente conversava:

– Mulher, tu só tem três homens?

– Só.

– Mulher, eu estou grávida e eu tenho quase certeza que é uma filha mulher. Tu não quer essa filha, não?

– Mulher, eu não estou com condição de criar tua filha, porque eu tenho muita vontade de uma filha mulher, mas o meu filho mais novo só tem 10 anos e eu não estou com condição.

– Porque a minha filha é mulher e a única pessoa que eu simpatizei para dar foi para você. Porque eu não tenho condição de criar a minha filha! Eu já tenho uma filha e eu vivo nas casas dos outros e eu quero dar a minha filha.

– Mulher, não faz isso! Eu te ajudo, vamos! – Eu me ofereci. – Se você precisar de alguma coisa, venha pra minha casa, traga a sua filha; depois você arranja uma pessoa para trabalhar e leva a sua filha com você.”

“E ela não quis e me deu essa menina na hora que nasceu. E hoje eu tenho minha filha, adoro minha filha. Muitas pessoas aqui na comunidade conhecem ela. E eu amo ela como se tivesse saído de dentro de mim mesmo, igual os outros meus três filhos.”

“Ela teve lá na casa do tio dela. Ela sentiu a dor 2 horas da tarde, 4:30 h da tarde ela ganhou a nenê. Ganhou em casa. [...] E muita gente chegou pra pedir a filha dela, mas ela não deu! Ela sabia que eu, mesmo como pobre, ia dar amor pra filha dela, talvez até mais do que ela. Ela me deu a menina e estou educando ela: está na 8ª série, já vai passar pro 1º ano e nós estamos lutando com ela aqui. Já fez a Primeira Comunhão, foi o padre “M” que fez a primeira comunhão dela, estão ali as fotos dela! Depois eu te mostro. E é uma filha muito querida, por ela eu daria tudo, tudo, tudo!”

“Meus filhos foram crescendo. Do salário que meu marido ganhava, paguei curso de até de 120 reais para os meus filhos. Eu ia deixar eles no centro da cidade, ficava o dia todinho por lá esperando eles pra trazer de volta, porque era pequenininho. Hoje, eu tenho esse meu filho que dá curso de computação aqui. Eu que paguei para ele esse curso de computação. O outro, que tem 23 anos, é motorista. Está trabalhando lá num prédio aculá (*sic*), sendo motorista de uma família. Tem esse aqui que está desempregado...”

“Eu sou pobre, eu não vou dizer que eu sou rica. Ah, sou rica porque tenho saúde, tenho meus quatro filhos, que Deus me deu, que – graças a Deus! – nenhum fuma, nenhum é drogado, nenhum pega nada dos outros. Eu rezo toda noite, todo dia entrego eles pra Deus, que nunca hei de acontecer isso. Minha família toda, estamos aqui lutando até quando Ele quiser! E, hoje, eu também agradeço a Deus toda hora, todo dia, de manhã, de tarde, porque eu tenho minha casinha. Lutando, lutando, eles foram crescendo, eu fui trabalhando, até hoje nós trabalhamos duro, para gente ter nossa casinha que nós temos hoje!”

A Falta de proteção social

“Eu trabalhei seis anos com uma senhora. Ela nunca assinou minha carteira, eu adoeci, estou com um problema de coluna muito forte. Tem dia que eu nem me levanto com uma dor de coluna. Aí, eu sai e não trabalhei mais. Eu estou com um pessoal de outro estado e aí eles só vêm uma vez por ano, mora aqui bem pertinho. Aí, eu fico uma semana, às vezes é um mês, dois meses, e aí vão embora! Estou lutando com isso. Eu vendia água de coco na praia também, mas o Dr. “M” me disse que não era bom. Eu estava pegando muito sol e com o problema na minha coluna. Assim, desde agosto que eu não estou indo para a praia. Só esperando pelo salário do meu marido! Que, ou bom ou ruim, graças a Deus dá para gente passar! Tem o meu filho que ajuda, porque ele também precisa comprar as coisinhas dele. Estamos aqui como Deus quer.”

A Caracterização da favela

“A pobreza maior foi quando eu cheguei aqui, há 17 anos. Aqui que era tudo cheio d’água, nós não tínhamos saneamento, nós não tínhamos casa, nós não tínhamos banheiro! Nós tínhamos que morar dentro d’água. Antigamente aqui era favela; hoje eu não chamo favela, eu chamo nossa comunidade, com orgulho. Porque nós temos uma casa da comunidade, tem uma igreja para gente ir rezar, fazer nossa oração, pedir saúde para os nossos filhos e nossa família. Tem, graças a Deus, esses missionários. Eles são pessoas muito maravilhosas, que Deus botou na nossa vida aqui dentro da nossa comunidade. [...] Eles dão missa pra gente, que, antigamente, a gente se deslocava lá para Igreja Nossa Senhora da Saúde; às vezes, a gente nem tinha dinheiro pra ir todo domingo. E, agora, tem missa aqui uma vez por mês para gente. Já tem essas moças que vem pesar a gente aí, vem fazer muita coisa na comunidade da gente, graças a Deus.”

“Mas nós ainda vivemos num local pobre, porque nós não temos um consumidor, nós não temos uma pessoa que olhe para os problemas da nossa comunidade. Você vê muito lixo na nossa comunidade. Não tem uma pessoa que se incomode! Nós não temos uma praça, nós não temos um lazer para os nossos filhos. Por que corre tanto perigo dentro das nossas comunidades? Porque não tem oportunidade para os jovens, eu acho.”

↪ **A Pobreza**

“Eu acho que a pobreza, para mim, é muito ruim. Porque, olhe, você ter sua casa, seu filho, e amanhecer o dia, seu filho chorando pedindo um pão pra comer, e você olhar pra um lado e outro e você não ter de onde você tirar esse pão! Nem você socorrer a própria pessoa vizinha, porque eles também não têm pra lhe ofertar para você dar para o seu filho! Isso é uma pobreza muita injusta que eu acho para nós.”

↪ **Solidariedade**

“Hoje eu me sinto muito triste quando eu vejo uma pessoa mais pobre do que eu e eu não posso ajudar, porque aquilo eu já senti na pele! Eu já senti muito na pele!”

“E eu ajudo, [...] tudo que eu tenho na minha vida não é meu! Podendo ajudar, pode ser quem for, eu ajudo! Eu posso ter pouco, mas eu reparto com aquela pessoa que me pediu!”

“Meu irmão, que veio do Maranhão, e tem mais esse rapazinho que é filho dele. Estão tudo aqui dentro da minha casa, mas o pouco que a gente tem, dá. Com o pouco que nós temos, Deus enche a mesa, porque, o que a gente tem, dá pra gente tomar café, almoçar, jantar. E a pessoa chegar na minha casa com fome, pedindo e mesmo sem pedir, e eu não oferecer? Eu digo: “Quer comer um pouco dessa comida?”. Porque, assim, Deus dá e Deus tira! Mas aonde você tira com seu bom coração, com a sua mão cheia, Ele dá outro tanto. Não adianta eu ser tão rica, ter tudo na minha casa e passar uma pessoa pobre e eu não ajudar. Porque eu já fui pobre – ainda hoje sou pobre – e sou rica de espírito, saúde, um pouco! E eu? Olhar para a cara desse pobre, sentir o que eu já senti e ele tá sentindo, e eu fechar as portas para ele! De jeito nenhum: o que eu tenho eu divido! Nasci desse jeito e eu creio que eu vou morrer desse jeito! No que eu puder ajudar uma pessoa, eu ajudo!”

“Sei que você vai conhecer mais a nossa comunidade. E o que precisar da gente, nós estamos aqui do seu lado; nós vamos torcer e seremos seu braço direito. Na hora que você precisar, e você bater na nossa porta, você não vai ficar desamparada!”

↪ **Atitude diante da situação de pobreza: a luta e a fé**

“E ainda tem gente pobre aqui que hoje tem uma coisa e parece que é dono do mundo! Mas não é assim não, porque nós não nascemos com riqueza, nós nascemos do jeito que Deus deu. Mas Deus deu a pobreza para gente, não é que você vai morrer naquela pobreza, esperar. Não! Nós temos que ter fé em Deus e lutar para gente melhorar! Lutar para melhorar. Porque, hoje, eu cheguei aqui, eu ralei, ralei! E estou ralando e tenho fé em Deus que ainda vai melhorar, daqui pra frente!”

“O governo não me ajudou não, porque a ajuda que ele está dando é essa – o Bolsa Escola – e eu nem sei se é pelo governo. A ajuda é essa! Se eu fosse viver só com esses R\$ 32,00, são 6 pessoas pagar água, luz e o comer. Sim, e o remédio. Porque sou eu, meu marido, 3 filhos homens e a menina de 15 anos. É muito pouco, mas tem dia – é como eu acabei de te dizer – tem dia que você não tem 10 centavos! Ele chega na hora certa! Não dá pra você comprar muito, mas dá pra você comprar um pão, um leite para dar para os nossos filhos.”

“Não passo fome hoje, mas já passei. Hoje, o pouco que meu marido ganha dá para gente passar, e estamos aqui lutando, até quando Deus quiser.”

“De como eu cheguei aqui até o dia de hoje, só Deus mesmo, porque sem Deus eu não tinha chegado até onde eu estou hoje; como você vê, eu vivo bem. Mas quem me ajudou foi Deus, porque, hoje em dia, a gente vive sem uma mãe, um pai, um irmão, mas sem Deus ninguém vive. É mentira de dizer que vive sem Deus!”

O texto “2” destaca aspectos concretos da experiência com as situações de pobreza, frisando que “só um pobre sabe o que é pobreza”.

A informante caracteriza uma vida desprovida de suprimentos básicos: alimentação para os filhos pequenos, moradia, acesso a saúde, educação e lazer. Todo o cenário assume um aspecto particular, posto que a informante não relata um caso alheio; ao contrário, ela narra uma experiência que viveu. As lágrimas em seu rosto tentam enfatizar a força da experiência de não ter comida para dar aos filhos pequenos e ter que morar, com a família, dentro d’água, disputando espaço com as cobras.

Diante de todas essas situações adversas, duas características centrais na narrativa foram a luta por dias melhores e a fé em Deus. Aliada à luta, percebe-se a perseverança de manterem-se trabalhando para conquistar a moradia própria. A união da família também protegeu os membros adolescentes da delinquência juvenil. Apesar de os filhos terem sido criados privados de suprimentos básicos, eles receberam, entretanto, os ensinamentos acerca do valor das virtudes humanas, como, por exemplo, a honestidade. Neste contexto, a fé em Deus é destacada como um dos principais fatores que os ajudaram a superar os desafios da vida.

A forte experiência de privação fez a informante sensibilizar-se com as necessidades dos outros. Na situação atual, em que os filhos e o marido estão empregados, a informante sente satisfação em poder ajudar as pessoas que precisam. Ela também demonstra gratidão aos agentes que colaboraram na batalha da sua vida, ao mesmo tempo em que não reconhece nenhum benefício governamental na sua trajetória. De forma que, com os R\$ 32,00 do Programa “Bolsa Escola” – que não é reconhecido por ela como um programa governamental – não seria possível manter os suprimentos básicos da sua família.

4.4 Texto 3

➤ Contexto e caracterização da entrevista

A informante “3” tem 49 anos de idade, mantém união estável com o segundo companheiro, é natural do Piauí e mora na mesma comunidade há 13 anos. Teve quatro filhos do primeiro relacionamento, mas deu todos os filhos porque o marido não queria e ela não pôde criá-los sozinha. O esposo atual é carpinteiro e está trabalhando em uma empresa em São Paulo. Tem dois filhos adotivos, um de 11 anos e o outro com 6 anos de idade. Trabalhava como vendedora de coco verde na praia, mas, atualmente, não trabalha fora de casa porque, segundo a mesma, sente-se atingida pela “macumba”, que a levou a desenvolver uma “ferida” na perna e a estar sem condições físicas para trabalhar. É uma pessoa descontraída e alegre, possui voz forte e apresenta uma narrativa com várias informações sobre o esquema de tráfico de entorpecentes na favela.

A casa da informante fica dentro de um beco no alto do morro, o qual é um aglomerado de casas “de parede e meia”. A maioria dos homens do referido beco estão nos presídios, mas comandam o tráfico de intorpecentes por telefone celular e através das “mulas de presídio”, conforme a narrativa da informante. Fomos até esse local porque a pessoa que me

acompanhou na comunidade não sabia que um determinado sujeito havia saído do presídio na noite anterior. Portanto, ainda que a entrevista tenha sido realizada na sala da casa da informante, e com ricas reflexões sobre a experiência de vida da mesma sobre a pobreza, a atmosfera de insegurança era forte.

A casa era de alvenaria, com piso na cerâmica, uma sala bem arrumada com aparelho de som e de TV, sofá, ventilador, entre outros bens.

A entrevista teve a participação da informante “1”, que é identificada no texto. Ela conduziu-me até a área e permaneceu na casa da entrevistada devido às particularidades do local, conforme exposto acima.

➤ **Narrativa**

[...] não gosto nem de me lembrar do sofrimento que eu já passei.

➤ **Experiência de vida**

➤ **A História pessoal com a pobreza e a fome**

“Na época em que eu morava com a minha mãe, eu vivia na pobreza. Eu já passei fome! Chegava o dia em que minha mãe botava um punhado de feijão no fogo para 5 pessoas; a gente só tinha o prazer de beber o caldo na hora do almoço, só sentir o gosto mesmo do caldo do feijão, porque o caroço não dava para todos. Já passei muita fome! Tanto que, hoje em dia, meu marido diz assim comigo: “Fulana, tu tem muito medo de morrer de fome, é verdade? Porque eu mando o dinheiro e tu só pensa em comida. Tu não pensa em comprar uma roupa, um calçado... Só pensa em comida! Tu tem medo de morrer de fome?”. Eu digo: “Tenho, porque eu já passei fome...”. Quem já passou fome, não esquece nunca. Já chegou uma vez, nós lá no interior do Piauí, quatro irmãs, tudo dentro de um fundo da rede, eu entrava na cozinha, o fogo apagado, e nós todos morrendo de fome. Eu não estou me orgulhando! Eu deixei de ser dependente da minha mãe com 12 anos de idade. Eu sempre gostei de trabalhar e ser independente.”

UM CASO

“Nesse dia, eu olhei para o fogo – nós sempre moramos em beira de rio – eu olhei para as três trepes (*sic*) do fogo e tudo apagado! O que eu fiz? Eu peguei duas cuias, uma enxada, um facão, botei a enxada e o facão nas costas e me mandei para beira do rio, atrás de alguma coisa [...]. Quando eu cheguei a uma distância como daqui lá da praia, aí tinha um pé de mufungo (*sic*) – não sei se a Inf. “1” conhece – embaixo estava tudo escuro e, nessa época, o rio estava quase seco. Eu disse assim comigo mesma: “Aqui tem peixe!”. Menino, quando eu meti assim o cabo da enxada, eu vi foi a rebanhada; eu disse: “Valha meu Deus, será que é peixe ou é cobra?”. Comecei

a cavar, cercando a ribanceira e jogando a água fora. Eu lhe juro, até hoje eu não me esqueço desse dia, eu já contei isso para todo mundo! Quando a água estava mais ou menos aqui (*colocou a mão no meio da canela*), olha os tamanhos da traíra; mas, menino, era peixe, muito peixe! Menino, comecei a jogar esses peixes para cima da ribanceira, para poder pegar, era peixe! Menino, e quando mais eu jogava, mais saía peixe. Quando mais eu jogava, mais saía peixe. Quando mais eu jogava, mais saía peixe. E já estava escurecendo, e eu pensei: “Valha, meu Deus, como é que eu vou fazer? O que eu fiz?”. Deixei tudo lá e corri até em casa para chamar meus irmãos. Quando meus irmãos chegaram, que terminaram de secar esse lago, foi que saiu peixe de debaixo da lama, aquelas traionas piau. Ora mais, eu juro pela cruz de Cristo, foi tanto peixe nesse poço que foi preciso meus dois irmãos para carregar os peixes. Foi peixe nesse dia que nós passamos mais de mês comendo peixe, e ainda demos à nossa vizinhança, para matar a fome de toda vizinhança perto! Nesse dia, eu não tinha comido nada, eu lhe juro pela honra desse inocente! Ora, quando eu cheguei, a minha mãe foi logo botando no fogo. Ave Maria, nesse dia a gente encheu o bucho de muita gente ali ao redor. Minha mãe fez logo uma panelona de peixe, misturou com farinha, cada vizinho trouxe um quilo de farinha. Ali foi uma festa! Comeu todo mundo, e nós demos peixe para os vizinhos e passamos quase um mês ainda comendo peixe. Então, quer dizer, foi Deus quem me abençoou nesse dia, porque ele viu que eu tinha ido procurar.

Quando eu cheguei para trabalhar aqui em Fortaleza, eu tinha de 13 pra 14 anos; eu era bem feitinha, bonitinha. Você sabe, quando você é nova, todo mundo te dá valor porque você é bonitinha, avolumadinha! Me chamaram até pra trabalhar em um cabaré, de prostituta! A pessoa só dá pra ser errada se quiser. A mulher, quando me viu, disse: “Ah, essa aqui é que eu quero para levar pra minha casa de prostituição”. Mas a Dona “L”, minha patroa, disse que eu não ia de jeito nenhum; mas, quando a gente dá para errar, dá mesmo. Pelo dinheiro que ela me ofereceu, dava para eu ir, mas eu não fui. Já me convidaram para usar droga, mas eu nunca quis.

Mas, desde pequena, a minha mãe sempre dizia: “Tem o professor de ensinar no livro e tem o mundo, mas o melhor é o mundo, porque o mundo tem dois caminhos: o certo e o errado! O mundo dá esses dois caminhos para vocês, vocês é que escolhem [...]”.

Quer dizer, se eu quisesse dar para o que é ruim, eu nem estava aqui conversando com a senhora. Eu já estava era morta! Pois é, [...] minha vida é essa!

Então, quer dizer, eu não gosto nem de ouvir essa palavra – fome – eu não gosto de ouvir, porque eu já passei. Então, quer dizer, não gosto nem de me lembrar do sofrimento que eu já passei. Aqui mesmo em Fortaleza, no tempo que eu era solteira, sofri demais. A pessoa que trabalha em casa de família, quando perde o emprego, ela sofre demais para arrumar outro. Só em você procurar abrigo em casa de amigo, porque quando você tem família, mas eu não tinha! Quando eu perdia um trabalho, eu tinha mais que procurar a casa das amigas.”

UM CASO

“Como, teve uma vez que eu sai do trabalho, procurei a casa de uma amiga minha. A primeira coisa que ela exigiu de mim, dizendo assim: “Eu dou dormida, mas a comida se você quiser que compre, ou então ajude na comida da casa!”.

Eu disse:

– Até o dia que eu tiver o dinheiro, eu ajudo.

Então, quer dizer, eu fui pra casa dela. Só que eu cheguei lá e disse:

– Tá aqui, Fulana, pra tu fazer as compras, pra ajudar fazer a feira.

Eu saía para procurar serviço e, quando eu chegava meio-dia, que procurava a comida, ia procurar a comida nas panelas e cadê? Nada! Quer dizer, se eu tivesse ficado com o dinheiro e fosse comer fora, era melhor. Mas não, eu coloquei o dinheiro todo

na mão dela! Tinha noite que eu ia dormir sem comer, tinha dia que eu não almoçava.

Às vezes, a vizinha dela era que dizia:

– Pega esse pedaço de pão...

Aquilo ali tudo eu aguentava, eu passava!

Teve uma vez que eu disse:

– Mulher, cadê? Tu não fez (*sic*) as compras, não?

Ela disse:

– Fiz.

Ai eu perguntei:

– Por que tu não deixou (*sic*) almoço pra mim?

– Ah, Mulher, tu sabe que, aqui, quem tá na hora come; se não tiver, os meninos comem tudo.

Aí eu disse:

– Mas eu te ajudei, mulher... Seu direito é dizer para os seus filhos que deixe o meu comer separado.

Então, quer dizer, aqui mesmo, em Fortaleza, eu já passei fome. A minha vida é essa, eu já sofri muito!”

➤ **O Sofrimento: Deu os quatro filhos biológicos porque o marido não queria e ela não tinha como sustentá-los**

“Eu tive 4 filhos do meu primeiro marido. Só que o bicho era cabra ruim, eu tive que dar todos os quatro! Ele nunca quis – e eu também nunca pude – tomar remédio pra evitar filho! Todos que eu tentava tomar, eu desmaiava. Quer dizer, como eu nunca pude tomar – e eu era uma mulher fácil de pegar filhos – tive quatro filhos e dei todos quatro. Dois moram em São Paulo, um mora em Itaitinga e outra mora com a avó dela. Só quem me conhece é o que mora em Itaitinga. Quando eu morava no Papicu, a mãe dele sempre levava ele para ele me ver. Agora, eu não sei se ele ainda me conhece não, mas na época que eu morava ali pra banda da Aldeota, ele me conhecia. Sempre ia na minha casa, me chamava de mãe, mandava vários recados pra eu passar o final de semana com ele lá. Mas eu nunca fui, nesse caso aí eu nunca fui, pelo seguinte motivo: eu imaginava assim: se eu for, eu vou me apegar a ele; ele também vai ficar mais apegado a mim, e eu vou querer tomar ele do pessoal que já criaram ele. Então, eu não acho certo, porque quando eu dei ele, foi num momento de aflição. Eu agradeço a Deus esse pessoal ter aparecido e ter querido meu filho, porque, no momento que eu dei ele, ele estava cagando verde – verde da cor de uma folha! – porque não tinha o que comer. Ele não tinha nada na barriga pra cagar. Só cagava espuma verde, verde porque eu não tinha nada pra dar de comer pra ele. Eu dei ele com 7 meses de nascido. Esse pessoal, a irmã

dela, morava próximo a mim, no Papicu; então, a irmã dela já tinha falado que tinha uma irmã que morava em Itaitinga, que nunca pode ter filho, tanto que ela já tinha uma meninazinha adotiva também. Só que ela vivia atrás de um menino, pra criar pra fazer um casalzinho! Aí, quando foi nesse dia, eu me achei tão aflita e tão desesperada, por não ter nada pra dar de comer o meu filho, e ele cagando espuma e eu não ter nada pra dar a ele, que eu corri lá na mulher e chamei e disse: “Olhe, se tu quiser (*sic*) meu menino, eu estou te dando pra tu levar (*sic*) para tua irmã”. Eu dei, senão ele morria! Eu não estava trabalhando! O irresponsável do pai dele era cozinheiro de restaurante; da marcha que ele saia de lá, ele ia direto para os cabarés! Ele passava era de 5, 6 dias sem vir em casa.”

“O primeiro, eu dei no hospital mesmo, para um pessoal de São Paulo. Meu marido dizia toda hora que não queria. E eu era tão louca por esse homem que eu me obrigava a dar meus filhos, e voltava para ele de novo. E eu dava porque eu não tinha condições de criar sozinha! E se eu lhe disser que, hoje em dia, eu não me arrependo; não me arrependo não! Porque, pra começar, pro pessoal que eu dei, dois deles eu conheci. O primeiro foi pra um gerente do Banco do Brasil em SP. Porque, nessa época, ele estava aqui em Fortaleza. E a cunhada do sem-vergonha do meu marido era costureira da mulher dele. Aí, foi ela que arranhou pra eu dar. Então, quer dizer, eu conhecia, era bem de vida, tinha condições mesmo! Esse de Itaitinga que eu dei, conheci também, são fazendeiros! Os outros dois foi que eu não conheci, só que me deram garantia de que era gente de posse e que tinha condição de criar qualquer criança que chegasse para eles. Por isso que o que me conforma é isso, porque eu sei que eles tão em umas mãos melhor (*sic*) do que as minhas! Por isso que eu não me arrependo nenhum instante, porque eles estão bem. Agora, essa [*filha*], que está com a avó dela, é que não quer saber de mim; ela diz que não tem mãe. Os outros todos sabem que eu sou a mãe. Principalmente esse, [*o*] de Itaitinga.”

Reflexão

“Às vezes, depois do almoço, eu fico ali deitada na cama e fico pensando: “Meu Deus, como é que pode?”. Fico imaginado: “Eu ter tido quatro filhos, ter dado meus quatro filhos, sangue do meu sangue, e, hoje em dia, eu vivo criando filhos dos outros. Porque toda vida eu gostei de criança, toda vida. Realmente, eu só dei meus filhos porque eu não tinha condição de criar todos quatro sozinha! E o abençoado não queria... Já encontrei um que quer filho, mas eu não posso dar de mim mesma, porque não posso mais ter família, porque eu sou ligada. Então, quer dizer, o que me fez criar eles dois foi o momento, assim, de falta de uma

criança. Porque, realmente, uma criança numa casa faz falta demais! E, como eu gosto muito de criança, é danadinho, mas é bom!”

“A minha ligação é daquelas com quatro nós. Porque o último foi de alto risco. O último menino que eu tive foi caso de morte, foi de risco mesmo. A minha placenta nasceu quatro dias antes da criança, e nasceu não estava nem no mês justo de eu ter nenê. Eu quase morri. É raro, mas acontece, o médico disse. Eu passei foi um mês no hospital e, nessa época, eu estava trabalhando. Os médicos chamaram minha patroa lá para ver o que ela achava, porque tinha que fazer ligação. Porque, do jeito que eu estava, eu ainda podia pegar outro filho, mas, ou eu ou a criança, porque um dos dois não resistia. Aí, a minha patroa preferiu mandar fazer a ligação.”

“Ainda trabalhava em casa de família quando eu conheci esse homem que eu sou junta hoje. Foi Deus que botou ele na minha vida, porque quando eu era da bebedeira... Quando eu trabalhava nessa casa, a dona todo final de semana viajava para casa da mãe dela, no Icó (CE)! Se caísse de na sexta-feira ser feriado, ela viajava logo na 5ª feira, aí eu tinha três dias de folga, só de bebedeira. Meus pés já viviam inchado (*sic*), de tanto beber. Foi Deus mesmo que botou esse homem na minha vida; talvez, se eu não tivesse esse homem [...], eu nem tivesse mais viva. Você sabe que, na convivência, você conhece uma pessoa e outra, ali, e os outros influenciam a gente a beber.”

↪ A Situação atual

“Certo que a gente tem momentos bons e felizes! Esse homem ter aparecido na minha vida foi uma boa. Ele nunca bateu em mim, coloca tudo dentro de casa, é uma pessoa boa. Agora não, ele deixou, ele tinha as bebidinhas dele, mas era só de mês em mês. A Inf. “1”, que está de prova, nunca viu ele bebo (*sic*) aqui pela favela.”

Inf. 1: “Só bebia quando recebia o dinheiro dele, no final do mês”.

Inf. 3: “Ele só bebia, assim, por esporte. A gente ia pra churrascaria e bebia uma cerveja. Ele trabalha como carpinteiro, trabalha com móveis. Só o fato de ele não bater em mim já é tudo”.

“Agora, atualmente, está sendo quatro pessoas aqui com esse menino. Eu, dois filhos e o marido. Meu marido agora está em São Paulo e somos só três. E a gente vive com esse valor que meu marido manda, R\$ 700,00. Graças a Deus dá pra tudo, dá pra eu pagar uma conta que eu devo, dá pra eu fazer minha feira... Porque, praticamente, quem come mais

sou eu; esse aí, a comida dele é Miojo e Mingau; o outro não come quase nada, mais é bagu-lho, só essas coisinhas. Um tem 11 anos e esse aí tem 6 anos. Meu dia-a-dia é assim: em casa, cuidar da minha casa, o meu filho vai para aula de manhã e eu passo o dia cuidando desse aí. Nem vou botar ele em creche não, porque eu passo o dia em casa, dá muito bem para eu cui-dar dele! Então, meu dia-a-dia é cuidando dele e ficando em casa.”

“Eu criei o ‘G’ mas, como ele já está rapazinho, cadê que ele tá a aqui comigo? Tá lá pela casa da avó dele... Quem tá aqui comigo é esse pequenininho. Ele tá lá, e quem tá me fazendo companhia é o ‘J’. Foi um momento de carência que fez eu me apegar com os meni-nos. Tanto eu como meu marido é louco (*sic*) por menino. Ele diz: ‘Não deixe faltar nada! Eu vou morrer de trabalhar aqui, só pra não deixar faltar nada para o meu lorinho (*sic*)’. Que é o ‘J’, o pequenininho. E é porque ele veio e só passou 10 dias com ele. Aí, ele vai vir em julho para poder fazer a certidão dele!

↪ O Processo de registro do filho adotado

“E nem sei como vai ser pra registrar esse menino. É de graça, mas é tanta buro-cracia... Mas eu resolvi registrar no nome da mãe biológica dele e no nome do meu marido; pra mim (*sic*) não passar por tudo isso, eu vou fazer isso! Porque esse menino, realmente, ela não quer mais. Ela me deu tudo que é dele: documento, papel de maternidade, papel de vaci-na, tudo que era dele ela me deu.”

“Ela disse: ‘Mulher, ó, esse menino é teu, não quero mais nem ver a cara dele... Nem tenha medo, que eu não vou mais atrás desse menino’. Um dia desses, eu mandei chamar ela aqui já pra falar esse negócio do registro. Eu disse: ‘Fulana, eu quero que tu faça (*sic*) um favor pra mim: de registrar o menino no teu nome e no nome do meu marido, mas com uma condição: de fazer isso pra mim e fazer de conta que você não fez nada!’. ‘Mulher, eu já dei minha palavra para você. Eu não quero mais nem ver a cara desse menino!’.

↪ Caracterização da favela

↪ Esquema do tráfico de drogas ilícitas: as mulas de presídio

Inf. 3: “Ela ia botar o bichinho era na calçada! Ela ligou foi pra cá e disse que, se eu não quisesse o “J” (*o menino*), ela ia deixar ele (*sic*) na calçada junto com qualquer cachor-ro que encontrasse no meio da rua! É o terceiro que ela dá! Ela é drogueira (*sic*). Ela é **mula**

de presídio, que leva droga nas partes. Aí, ela engravida e dá os meninos. Vou explicar! Para a senhora ouvir os comentários da gente aqui, a senhora tinha que passar muitos dias.”

Inf. 1: “É uma das coisas que acontece aqui; não é só pobreza de dificuldade de comida não, tem a pobreza de espírito também! Essas mulheres, elas vão levando droga para o presídio, para os presidiários; são burras mesmo, por isso são mulas!”

Inf. 3: “Dentro das partes delas, dentro da vagina, dentro do ânus.”

Inf. 3: “Aí, o que acontece? Se ela engravidar, elas não passam pela revista, porque a lei não permite. Então, elas carregam maior número de droga e lotam o presídio. Elas engravidam lá e passam a alimentar aquela boca de fumo lá dentro. Quando o bebê nasce, elas vão e dão, que é pra pegar um outro bucho e continuar na mesma vida.”

Inf. 3: “O pai dele aí, desse menino que eu crio, vive lá no presídio!”

Inf. 1: “Elas engravidam lá para poder ter a facilidade de entrar, e eu acho isso terrível! Enquanto perdurar esse tipo de coisa, o presídio vai continuar cheio de droga, e o presídio não vai melhorar a vida de ninguém. Muito pelo contrário, só vai piorar! É uma das coisas que eu mais critico! O presidiário lá, ele já tem um fornecedor aqui, tem os contatos! Por exemplo, se ela vai para o presídio amanhã, umas horas da madrugada o abastecedor chega na (*sic*) casa dele e eu acho que ajuda até ela (*sic*) a colocar as entorpecentes (*sic*) nas partes.”

Inf. 3: “Eu tenho é certeza! Ora se não, eu vejo isso aqui na minha cara.”

Inf. 1: “Aí, ele deixa tudo lá preparadinho! Ela estando grávida, ela não precisa colocar no ânus nem colocar na vagina. Ela só põe dentro da roupa. Porque ela não pode ser revistada... É a lei! Coloca no fundo, coloca em todo canto, ainda leva solto, porque, quanto maior a barriga, menor o risco de ser revistada. É isso que acontece! Agora, num presídio sem visita íntima melhoraria, porque o presídio serviria até pra pessoa se livrar do crack, mas não. Tudo pode! A visita íntima é toda semana. A mulher vai na 4ª feira de tarde e volta na 5ª feira de manhã!”

Inf. 3: “Assim, quem não engravida?”

Inf. 1; “Lá, eles dão camisinha, só não há fiscalização. Elas já não usam para engravidar. Ainda tem mais: quando elas estão grávidas, elas ganham mais, porque ela passa o maior número de produto! Você pode é prestar atenção: esses homem caem num dia, no outro as mulheres estão prenha (*sic*).”

Inf. 3: “E tão recebendo dinheiro! Essa daqui (*a vizinha*), o marido dela foi preso e – só de uma tacada! – ela recebeu cinco mil reais. Só de uma tacada! Só Deus sabe de onde veio esse dinheiro [...]”

Inf. 1: “Pronto! Porque ela (*a vizinha*) estava grávida, então ela abastecia as bocas lá. [...] E tem mais: quando a pessoa vai presa, ele (*sic*) recebe o fundo de garantia de todos os empregos que ele teve antes.”

Inf. 3: “Mas só que esse era o primeiro emprego do marido dela.”

Inf. 1: “Então tem mutreta!”

Inf. 3: “É assim, de uma tacada só, ele recebeu cinco mil reais e agora todos os meses ela recebe mil e setecentos reais.”

Inf. 1: “Eles têm direito. O período que ele passar preso, o Estado tem que pagar um salário a ela.”

Inf. 3: “Isso é errado, por isso que eles fazem o que fazem. Porque, se vão preso (*sic*) lá, eles tão comendo e dormindo no bem-bom, na sombra, na água fresca, e a mulher ainda ganha dinheiro! Aí, quer dizer, que eles estão sendo pago pra matar, pra roubar! Porque o governo tá pagando pra matar, pra roubar! **Porque, da primeira parcela, ela recebeu cinco mil, eu digo porque eu vi o bolo de dinheiro que ela pediu para eu guardar aqui na minha casa, porque a dela não tem muita segurança.** Ela me pediu para eu guardar até quando ela arrumasse uma conta pra depositar esse dinheiro. Depois ela pegou e foi depositar. E todos os meses ela recebe mil e quinhentos, mil e setecentos reais! Então, quer dizer, uns caras desses... Quando eles saírem de lá, eles vão querer arrumar trabalho? Pra quê eles vão querer trabalhar? Porque, se eles forem presos, a mulher volta a ganhar dinheiro! É por isso que a vagabundagem não se acaba, doutora, por causa disso! É conversa demais; se você quiser ouvir o babado daqui da favela, a senhora tem que passar é o dia, só aqui na minha casa comigo.”

Inf. 1: “Agora eu vou dizer uma coisa: história terrível pra contar tem é a “M. A.”, ave Maria! A senhora vai conversar com ela depois! Ela tem é três filhos homens no presídio.”

Inf. 3: “O ‘D’ já foi solto, faz dias. Por isso que teve o tiroteio aqui no sábado.”

Inf. 1: “Valei-me, meu Senhor Jesus! Não estou acreditando que isso é verdade, só porque você está dizendo mesmo. Assim, é um perigo imenso eu e ela (*pesquisadora*) estar aqui em cima. Vamos embora depressa daqui. Então, nós não vamos na (*sic*) casa dele porque

o “cabra” é tão nojento [...] que estuprou a própria filha de oito anos! E a mãe dele chorava, pedindo ao povo que não denunciasse o filho dela! Porque ele ia sofrer demais no presídio! Então, nós não vamos para lá, não!”

Inf. 3: “Eu também não recomendo. E eu já soube que o ‘D’, por esses dias, está se soltando também. A mãe dele me falou ontem. Toda hora ela está no telefone falando com eles que estão no presídio.”

Inf. 1: “Esse ‘D’ (*outro filho da ‘M’*) é perigoso também, fez assalto à mão armada lá no Trairi (CE), no Carnaval do ano passado! Sabe aqueles golpes que eles dão nas pessoas através de celular, dizendo que sequestraram as pessoas, querendo que as pessoas depositem tanto? É de lá. A ‘M.’ também come desse dinheiro! O pai desse sujeito pelejou foi muito com ele. Até montou um negócio de vendas e deu pra ele. Ele trabalhava e tudo, mas um dia chegou foi a notícia que estava envolvido com o tráfico de crack! Pois vamos [...], a barra ali fora está é perigosa, mas vamos de “fininha” (*sic*) [...] que a gente chega lá!”

↪ A Espiral da violência

Aqui nessa favela, na parte de cima, não tem nem o que falar, porque a senhora já está vendo: é bicho de pé, carrapato, só problema! Segurança aqui não existe; sábado mesmo, aqui, foi tanta bala que só vendo!

Inf. 1: “Era aquele pessoal que a gente ia passar ali naquela casa, que a mulher estava lavando roupa na calçada.”

Inf. 3: “É assim: dessa curva até lá em baixo, quem comanda é um grupo; se um passar para o lado do outro, começa! Então eles ficam nessa... A gente aqui não tem segurança! Toda hora se coloca revólver na cabeça do outro aqui; meu menino mesmo, na semana passada, chegou aqui branquinho. Disse: “Mãe, ‘C’ colocou o revólver na minha cabeça”. Aqui é assim, a gente não tem segurança. A polícia, aqui, só entra na favela quando acontece um roubo grande ali na praia. Essa semana, por causa do tiroteio que houve no sábado, a qualquer hora a polícia pode invadir aqui. Quer dizer, a gente não tem segurança nem para sair ali naquele portão com um filho da gente.”

↪ A Violência contra a mulher

Inf. 1: “Aqui também tem tanta mulher que apanha que dá é raiva. Isso de Lei Maria da Penha, aqui não existe não! Eles dizem é assim: ‘vai pela cabeça das tuas amigas que eu te mato!’”

Inf. 3: “Aqui mesmo, essa vizinha aqui apanha que só! [...] Ele bebe de segunda a segunda, e todo dia que ele chega, ele mete a peia (*sic*) nela. Quer dizer, o que a maldita da bebida não faz, né?”

(Ouvimos um barulho de tiro! Clima de Tensão)

Inf. 3: “Tiro?”

Inf. 1: “Não, ninguém viu ninguém correr!”

(Continua o barulho...)

Inf. 3 – “Um dia por causa de bebida, ele quase perde a vida; começou uma briga lá em baixo e uma pessoa quis puxar a faca pra ele. Aí, no outro dia, ele nem se lembrava! Bebida é bicho nojento [...]”

🏠 **Atitude diante da situação de pobreza: a luta**

Inf. 3: “Mulher, eu sou junta (*sic*). Eu moro aqui há 13 anos; esse localzinho aqui que eu moro hoje, eu tive que ralar muito. Nessa época, meu marido estava desempregado, vivendo só de bico e eu trabalhava em casa de família. Com o meu salário por mês e os bicos que ele fazia, a gente conseguiu comprar esse localzinho para gente morar.”

“Eu não sou de ir para o fundo de uma rede, como as minhas irmãs. Se eu tivesse ido para o fundo de uma rede, como elas naquela época, Deus tinha vindo deixar peixe na nossa casa? Não tinha! Porque ele mostra, mas cada qual faça por si também, eu penso assim.”

“Hoje só ele que trabalha, só que ele não está mais trabalhando aqui, está em São Paulo. De dezembro do ano passado, ele passou um período desempregado e não estava aparecendo nada para ele aqui em Fortaleza. Como ele já tinha um irmão que já trabalhava lá, arranhou um serviço para ele lá nas firmas de São Paulo. Ele mandou buscar ele e ele está para lá. Graças a Deus, todos os meses manda meu dinheirinho: às vezes, manda R\$ 800,00; às vezes, R\$ 700,00, é esse o total que ele manda. Porque ele disse que lá, também, o custo de vida é muito caro. Ele veio aqui em dezembro, mas só passou 10 dias, porque ele é novato na firma. Ele estava querendo vir de novo agora em julho, mas ele acha que não vão liberar, porque, em maio, ele faz um ano de firma. Ele queria vir em junho, pra gente registrar essa peça

aqui (*um menino lourinho, completamente despido, rolando na areia que cobria a fossa da casa*).”

Inf. 3: “Vai fazer um ano que meu marido saiu daqui pra trabalhar em São Paulo. Quando ele saiu daqui, isso aqui era só no cimento, porque aqui tem rato também. Aqui, de noite, tem o rato bichão e as *catitinhas* pequenininhas também. Isso aqui era cheio de buraco, mas não está nem com um ano que meu marido foi pra lá e me mandou o dinheiro, e eu já arrumei! Antes dele ir pra lá, ele trabalhava numa firma aqui e o patrão deu esses pedaços de cerâmica para ele. Eu passei três dias carregando isso aqui nas costas mais ele. Lá da firma para dentro dessa favela! Aí, depois que ele está pra lá, ele já mandou o dinheiro e eu já botei isso aqui tudinho, olhe! Se eu fosse outra? Do jeito que eu estou aqui sozinha! Se eu fosse uma pessoa que gostasse de gastar? Que gostasse de luxo? De besteira? Por que isso, pra mim, é besteira! Se eu fosse outra, eu tinha ido ligar pra casa? Eu tinha ido era comprar roupas e calçados bons pra mim, mas eu penso é na minha saúde e no meu bem-estar, meu e dos meus filhos.”

↪ **Solidariedade**

“Outra coisa: quem chegar na (*sic*) minha casa, se eu puder ajudar eu ajudo. Aqui, ó, não vou muito longe, já fiz tanto por eles aqui... (*apontando para a casa ao lado*). Ele é meu cunhado e ela é minha concunhada! Eu já fiquei sem almoçar aqui na minha casa para dar a eles! Tanto que, nesse dia, meu marido até brigou; ele disse: ‘Fulana, tu deixa (*sic*) de comer para dar pra quem não agradece’. Porque, realmente, não agradece. Eu disse: ‘Fulano, eu já passei fome, você nunca passou fome, você não sabe’. Eu já dei muito de comer aos filhos dela. Do jeito que eu vi minhas irmãs em um fundo de uma rede, esperando que Deus venha deixar dentro de casa, eu vi eles nesse dia. Era ele, ela e os dois filhos! Eu ajudei e ajudo, com o pouco que eu tenho.”

↪ **O Problema de saúde que a impede de trabalhar**

“Já trabalhei muito, mas por causa disso aqui (*mostrou uma ferida na perna*) não posso mais trabalhar.”

“Eu tenho esse problema aqui nas minhas pernas, mas o que me conforma e me consola é que ela não pega em ninguém! Porque, ave Maria!, se isso aqui pegasse, meus filhos

e meu marido já viviam contaminados! A primeira vez que eu fui no (*sic*) médico, eu perguntei: ‘Doutor, eu só quero que você me diga uma coisa: essa doença passa para outra pessoa?’. Ele foi, disse: “Não, não passa, porque essa doença é no sangue, mas que ninguém consegue descobrir uma cura pra ela!’. Eu disse: ‘Pronto, doutor, era só isso que eu queria ouvir! Só em não pegar em outra pessoa...’. É tanto que eu nem de casa saio. Para eu ir bem ali na *budega* (*sic*), eu tenho que botar uma calça cumprida, porque o povo diz assim: ‘Vixe, que coisa feia! Até que hoje não está muito não!’

Inf. 1: “Eu já cheguei aqui e vi isso em carne viva! [...] A questão é descobrir o que é que faz piorar! Por que, é o seguinte, eu sei que eu não posso pegar sol; se eu pegar sol, eu já vou chegando em (*sic*) casa e correndo pra debaixo de um chuveiro frio. Aí, eu hidrato a pele e fica tudo bem. Até eu diagnosticar minha doença, pra você ter uma ideia, eu comia até sem sal! Hoje, eu sei que a minha doença não tem cura e eu não posso levar sol, porque tenho um eczema solar alérgico.”

↪ A Causa do problema: uma macumba

Inf. 3: “No meu caso, foi uma macumba que botaram no esgoto lá da praia para eu ficar aleijada das penas. Foi assim: nessa época, a gente vendia coco lá, lá na barraca ‘X’; numa segunda-feira, eu não fui, mas a minha cunhada foi. Quando ela estava lá, o encanador lá da barraca desceu pra limpar lá na beira da praia. Aí, quando ele começou a limpar, ele viu aquele bolo no pano preto. Quando ele viu, chamou ela e estava lá um pedaço de papel, enrolado num saco preto! Muito enrolado, com linha preta. Aí, quando ela desenrolou tudo, estava lá o meu nome e o nome do irmão dela. Do irmão dela, tinham feito pra ele morrer em cima de uma mesa de bebida, arriado (*sic*). E nesse tempo, ele estava bebendo mesmo, para morrer. E o meu, fizeram pra eu ficar parálitica dessa doença nas minhas pernas... Por quê? Porque, na época que a gente trabalhava lá, era eu e ele que disputava (*sic*) a freguesia. Nós tínhamos mais freguês bom (*sic*) do que os outros que trabalhavam lá. Então, a inveja foi tão grande que fizeram isso, que eu não sei quem foi, nem quero saber, que chegou o ponto de fazer isso para tirar nós dois da praia. E tiraram! Eu não pude mais ir, ele não foi mais. Então, quer dizer, tudo isso é uma maldade.”

“Porque eu tinha freguês turista, que vinha para Fortaleza nas férias, que me dava gorjeta alta. Acontecia que eu fazia R\$ 2.000,00, R\$ 1.500,00 só de gorjeta, fora os pagamentos dos cocos. Só de agrado mesmo, porque eles me agradavam.”

“Eu tinha um freguês na praia que ele só vinha em época de Fortal! Quando ele vinha e olhava para as minhas pernas inflamadas, ele ficava indignado. Teve uma vez que ele chegou e tudo isso aqui meu tudo inchado, e eu, mesmo assim, trabalhando na areia quente. E eu trabalhando... Aí, ele só fez puxar R\$ 1.000,00 e disse: ‘Pegue, vá pra casa! Enquanto eu tiver aqui em Fortaleza, eu não quero ver você aqui nessa praia!’”. Eu passei 15 dias em casa. Ele não deixava eu ir trabalhar. No dia que ele foi embora, ele ligou pra mim e foi me deixar mais R\$ 1.000,00. E eu, bocona, fui dizer isso, fui falar demais! Fui falar para os vendedores de coco e deu nisso... Eu sei que macumba para o mal existe. Para fazer você enricar (*sic*) assim de uma hora pra outra, não existe não.”

Inf. 3: “Eu tinha freguês assim que me pagava pra eu não trabalhar, e esse dito rapaz, esse policial federal, porque ele era policial federal da Brasília! Eu acho que eu agradava os fregueses com a limpeza... Limpava tudo! Limpava cadeira, mesa, areia. Tinha freguês, eu lhe juro, eu chegava 5 horas da manhã na praia; quando eu pensava que não, ele chegava pra fazer caminhada! Eu tinha freguês daqui de dentro de Fortaleza mesmo, que eles chegavam na (*sic*) minha barraquinha, deixava celular, máquina fotográfica e, de volta, eu devolvia tudo certinho! Então, quer dizer, eu transmitia confiança! Freguês mesmo daqui, só de fazer caminhada mesmo, tinha confiança de deixar os seus pertences comigo! Tinha muitas vezes que eu terminava de vender os meus cocos e ficava esperando os fregueses voltarem das caminhadas, pra devolver as coisas deles. Eu nunca trouxe nenhum freguês até a minha casa não, porque Deus me livre! Ave Maria, trazer meus fregueses... Eles, para entrar nessa favela... Eles só sabem que eu moro aqui na comunidade ‘1’. Eu gostava da praia, foi um tempo bom. Deixei de trabalhar está com 3 anos (*sic*), foi quando a doença apertou!”

↪ A Vergonha da doença e a vida social

Inf. 3: “Eu não tenho mais coragem nem de ir até ali na bodega de short... Eu tenho sempre que botar uma calça. Tem muita gente do olho ruim! Aí, vê uma coisa dessa aqui ... O “Fulano”, o “Fulano” mesmo é “cabra” ruim; por exemplo, um pé de noni que eu tinha ali, ele só vez olhar pro bicho; quando foi no outro dia (*sic*), ele amanheceu seco, seco! Mas é vergonha mesmo que eu tenho de sair com essas pernas, porque eu já fui normal! Aí, hoje em dia, ser desse jeito, eu tenho vergonha! Mas é porque eu sou assim mesmo... Eu sou caseira, eu não gosto de sair e deixar minha casa, não! Eu vivo de segunda a segunda aqui em casa, sozinha. [...]”

“Eu não gosto de sair de dentro da minha casa pra deixar a minha casa só! Eu sou amarrada na minha casa. [...]”

Os Programas sociais: bolsa família e baixa renda

Inf. 3: “Eu mesma nunca consegui o Bolsa Família. Já fiz o cadastro umas quatro vezes, mas nunca recebi. Não recebo benefício nenhum, nada, nada. Quando eu fui atrás de saber o motivo que eu não recebia nada, a mulher lá me disse que era porque eu tinha botado a renda de R\$200,00”.

“Ai, eu até perguntei: ‘Minha filha, você é casada?’. Ela disse: ‘Sou’. ‘A senhora passa o mês com R\$200,00?’. ‘Não’. Aí, eu disse: ‘Pois o problema está é aí... Eu também não passo o mês com R\$200,00, não!’. ‘É, mas a senhora tinha que botar a sua renda de R\$200,00’. ‘Ou seja, mentir’. Então, ela disse que o erro de eu não ter recebido estava no valor que eu declarava receber por mês.”

Inf. 1: “Uma das coisas que eu acho mais errada: para você conseguir um benefício, a mentira tem que está na frente!”

Inf. 3: “Nunca, nunca recebi. Não tenho [*o programa*] Baixa Renda, não tenho nada. Minha luz é gambiarra. Tudo aqui é gambiarra, até esses comerciantes aqui; todos são gambiarra. Eu não recebo benefício nenhum.”

A Vizinha

“Agora, ela aqui recebe o Bolsa Família (*a vizinha*), porque ela tem três filhos, até do menino que eu crio quem recebe é ela. Ela é quem recebe, porque ele não é registrado no meu nome. Mas ela não dá nem um real para ele. Eu reclamo é muito, porque eu crio o menino dela e ela não me dá nada. Quem vive aturando ele aqui sou eu, quem cuida dele aqui, quando ele tá doente, porque ele é dengoso que só quando ele tá doente. O direito era de, quando ela recebesse o dinheiro do Bolsa Família, ela chegar e botar na minha mão. Mas não faz isso. Quando ela vai no mercantil, ela traz um pacote de leite, um pacote de nescau, uma bandejinha de iogurte. Essas coisinhas ali, ela só trouxe porque eu pedi para ela trazer.”

“E, pronto!, aí ela gasta com roupa, com luxo, com perfume caro. Você pode abrir o guarda-roupa dela como você vai encontrar uns 10, 15 perfumes caros!

Porque isso eu não faço. Eu só penso em comer. É sim, eu só penso em comer! É sim... Se coloque no meu lugar: o que adianta você estar bem ali assim, no meio de um bocado de amigo (*sic*), bonitona num local, toda arrumada, parecendo uma princesa, e o estômago roncando de fome, o que adianta? Isso aí, eu não faço!”

↪ **Bolsa Família: sustenta o luxo e mata o bucho**

Inf. 1: “Ah, aqui tem demais! A gente chama é “viva o luxo e morra o bucho”: é tudo muito enfeitado, muito bonito e muito perfumado, mas uma formiguinha. Isso aí, eu não faço não! Faço nada... Vou deixar de comprar minha comida, para evitar de eu dar um desmaio bem ali no meio da rua, de fome, pra andar chique, vou nada... Meu marido diz que tem que trabalhar muito pra não deixar esse meu bucho secar!”

Ela trabalha é de carteira assinada, e nunca foi cortada! O caso dela é porque o marido dela não tem carteira assinada e ela tem três crianças na escola. Então, a documentação vai direto da escola pro governo.”

Inf. 3: “Ai, é?”

Inf. 1: “É! Aí, se ele assinar a carteira de trabalho, aí sim eles perdem, porque passa a ser renda favorável à família! Porque o Bolsa Escola não é dela, o Bolsa Escola é das três crianças. É para comprar uma mochila, um sapato, um par de meia, essas coisas, pra manter a criança na escola. O que, na verdade as pessoas, acabam não fazendo...”

Inf. 3: “Isso mesmo!”

Inf. 1: “É aquela história: ou investe no bucho, ou investe no próprio luxo, ou investe nas intorpecentes, nunca nas crianças! [...] Ou é no luxo, ou é na farra ou é na droga, nunca na criança. É raro você olhar pra criança e dizer: ‘Ô camisa bonita!’. E o menino responder: ‘Minha mãe comprou com o dinheiro do meu Bolsa Escola!’. É difícil...”

Inf. 3: “Esse menino mais velho dela (*apontou para um adolescente que estava no beco*) não está indo pro (*sic*) colégio porque não tem caderno! E é porque ele já está naqueles colégios que passa o dia todinho! Mas não está indo porque não tem caderno... E ela já recebeu esse mês, recebeu semana passada e, taí (*sic*), o menino sem caderno! Ela comprou? Não comprou! Tem que pagar perfume e roupa cara, aí o dinheiro não dá!”

Inf. 3: “Não existe mesmo!”

↪ **Um caso de quem usa o Bolsa Família com a criança**

Inf. 1: “Tem uma mulher aqui, aquela do ponto da panelada, lá na esquina da casa do [...], que ela junta o dinheiro do ano todinho. Aí, no final do ano, ela vai pra rua e compra mochila zerada pra tudinho; aquela mochila usada, ela já dá pra alguém que esteja precisando! Esse ano, eu até disse assim: ‘Fulana, Ave Maria! Essas mochilas estão novas!’ Ela disse assim: ‘Eles não tem o dinheiro deles? Não é para comprar as coisas para eles? Então eu compro e dou pra uma pessoa que não tem’. Mas isso é raro, é raríssimo. Ela foi pra rua; ela comprou caderno, caneta, canetinha, lápis, as mochilas, tudo.”

O texto “3” apresenta uma história invisível ao poder público, pois narra detalhes do tráfico de drogas na região. A relação entre a pobreza, a violência e tráfico de drogas é demonstrada pouco a pouco na narrativa quando a informante fala da experiência da adoção do segundo filho. Ao revelar que a criança seria abandonada caso ela não a adotasse, a informante explicita o fato de a vizinha dar os filhos que ela mesma gera como sendo parte integrante da sua forma de vida, ou seja, sendo “mula de presídio”. Essas mulheres “mulas” – conforme descrito detalhadamente no texto “3” – vivem sob um regime oculto de pobreza, violência e opressão. Elas estão submissas a um tipo de pobreza moral o qual, dificilmente, é relatado a um membro externo da comunidade. Este é um tipo de informação tão confidencial que só é narrado em entrevista na qual se estabelece relação de confiança entre as partes envolvidas.

Percebe-se que o cotidiano das pessoas é o elemento central de qualquer política. Entretanto, percebe-se no texto quão singular é o referido cotidiano. Não seria possível saber o real motivo pelo qual a mãe deixa seu filho recém-nascido na calçada, juntamente com os cachorros, sem saber o contexto da vida de sua família. Neste caso, temos o pai traficante, a mãe como “mula de presídio” e os filhos – podemos afirmar – alheios à sorte da vida. Ainda no mesmo caso, a informante relata que os dois filhos desta família recebem o “Bolsa Família”, mas nunca vão para aula ou porque “o caderno acabou” ou porque “eles não querem mesmo”.

Esse é um exemplo do que o texto “1” narra a respeito das condicionalidades. No presente caso, no momento de comprovar para o PBF a frequência dos filhos na escola, a mãe utiliza-se da mentira ou do artifício do “poder” do tráfico de drogas – que envolve assassinatos e outras formas de violência – para ameaçar e coagir os membros das escolas.

Dessa forma, os beneficiários desacreditam dos programas de combate à pobreza que são desenvolvidos na comunidade porque, segundo os informantes, com a verdade dos fatos, não se consegue o benefício governamental nem é possível permanecer no mesmo. Segundo os beneficiários, “quem manda nesses programas é a mentira”. Assim, estabelece-se uma teoria que não condiz com uma prática, e vice-versa. Nesse ínterim, o dia a dia das pessoas permanece numa dinâmica de pobreza, dor e sofrimento, sem perspectivas de mudanças estruturais que, de fato, alterem suas condições de vida, havidas em situação de extrema pobreza.

4.5 Texto 4

Contexto e caracterização da entrevista

A informante “4” tem 33 anos de idade, é casada, natural de Fortaleza (CE) e possui dois filhos: um menino de 11 anos, deficiente auditivo, e uma menina de 2 anos. O esposo trabalha como jardineiro em uma mansão próxima a sua casa e ela é voluntária do movimento social, junto aos missionários e a Pastoral da Criança. É uma pessoa tímida, de voz baixa e semblante triste. No entanto, considera que a participação nos trabalhos sociais ajudou na sua socialização, uma vez que, antes, era uma pessoa introspectiva.

A entrevista foi realizada na sala da casa, que fica na parte mais superior do morro. A sua casa é bem equipada: possui portão de alumínio, aparelho de ar-condicionado no quarto, paredes bem pintadas, sala bem arrumada com aparelho de TV, sofá, ventilador, entre outros. A reforma da casa foi realizada por uma sobrinha que reside no exterior com o esposo e os filhos, e que havia vindo passar férias com a família na residência da tia. Essa sobrinha colabora com a renda da informante.

Narrativa

“[...] a gente ia catar as coisas nas reciclagens, nessas lixeiras, e sempre tinha alguma coisa assim de comida separada no lixo. Aí, a gente trazia para casa e aquilo era o alimento daquele dia.”

Experiência de vida

“Eu morei aqui em Fortaleza até os 7 anos, no Antonio Bezerra, Presidente Kennedy. E aí minha mãe foi embora para Quixeré. Graças a Deus que eu tinha minha mãe, que era assim uma pessoa muito, muito esforçada mesmo. Ela não cruzava os braços diante das situações da vida. Não conheci meu pai. Minha mãe criou os filhos sozinha. Criou duas filhas e os netos, duas meninas e um menino, porque a mãe deles foi embora. A mãe criou sozinha porque minha irmã trabalhava, mas, depois que ela foi embora, os meninos ainda ficaram pequenos. A mais velha ficou com 14 anos e, aí, essa teve que começar a trabalhar para ajudar a minha mãe a criar os irmãos.”

“A pobreza e a miséria é (*sic*) uma situação difícil, eu já vivi um pouco isso! A gente sempre teve essas dificuldades! Já chegamos até mesmo a passar necessidade, de você amanhecer o dia e você não ter o que comer, e não saber, no decorrer do dia, se vai aparecer alguma coisa. Eu já vivi isso... Eu ficava que eu não sei nem descrever; eu não entrava em desespero porque a minha mãe sempre foi uma pessoa que tinha muita fé em Deus. Aí, ela ficava por ali e sempre aparecia alguma coisa. Amanhecia sem nada, mas nunca a gente chegava no final (*sic*) do dia do mesmo jeito, sempre aparecia alguma coisa. Aí, quando a gente voltou para Fortaleza, a gente ia catar as coisas nas reciclagens, nessas lixeiras, e sempre tinha alguma coisa assim de comida separada no lixo. Aí, a gente trazia para casa e aquilo era o alimento daquele dia. Às vezes, a minha mãe levava as crianças para a rua e aí já comia lá; o que dava pra comer lá, comia, senão trazia pra casa. Por exemplo, pele de frango, ela trazia pra casa, fritava, fazia os torresmos e comia! Ou fazia farofa e comia. Graças a Deus, a gente nunca adoeceu por causa disso não, e é porque a gente era criança ainda! Já vivi também de ver meus sobrinhos, assim, inchar (*sic*) de passar necessidade. Já passei muita coisa nessa vida.”

“Depois, a minha mãe se aposentou por invalidez. Aí, a gente vivia apenas dessa aposentadoria da minha mãe. Deixa eu ver, era eu, uma irmã minha com três filhos e o marido dela. Ele não tinha trabalho fixo; ele era reciclável e ela era doméstica e, quando a mais velha tava assim por volta de 14 anos, ela foi embora. Aí, as coisas ficaram mais difíceis ainda, porque era mesmo só o dinheirinho da minha mãe para tudo! Para tudo que você possa imaginar... Essa minha irmã foi embora e, até hoje, ninguém não tem nenhuma notícia dela. Aí, essa minha sobrinha mais velha ficou sendo a mãe dos dois mais novos.”

“Em 2004, minha mãe faleceu. Ela morreu de enfisema pulmonar, fumou muito. Ela era uma pessoa muito preocupada, tinha muitas preocupações com essa filha que tinha ido

embora e ela não se alimentava direito. Era só no cigarro, e sentia as coisas, mas não ligava; quando veio cuidar, não tinha mais jeito.”

“Por eu sempre viver assim dentro de casa com ela, eu pensava como seria quando ela se fosse (*sic*), o que era que eu iria fazer. Porque eu não sabia fazer nada. Como hoje eu não sei, não sei fazer nada, assim, trabalhar fora de casa. E eu não queria nem pensar, não queria nem ouvir essa palavra – morte – porque eu tinha muito medo. Porque, se eu já passava tudo aquilo com ela, imagina sem ela! Assim, eu e minha mãe sempre vivemos juntas. Minha casa era vizinha à dela, mas minha convivência era toda na casa dela; mesmo depois de casada, a convivência permaneceu. Só nos separamos mesmo pela morte, porque, se ela fosse viva, até hoje era (*sic*) a mesma coisa.”

“Eu tinha 21 anos quando eu me juntei com o meu marido; no meio dessa dificuldade toda, ele ajudava bastante. Nós começamos a namorar e nos juntamos logo, porque eu engravidei sem planejar. Eu já estava no 4º mês de gravidez quando a gente se juntou. Eu ainda vivo com o mesmo companheiro. Tem um ano só que a gente casou no civil. Vivemos 10 anos só juntos e, aí, no ano passado, a gente se casou no civil.”

“Quando meu primeiro filho – que hoje ele já tem 11 anos – nasceu, também foi difícil, porque meu marido estava sem trabalho. Aí, foi outra época difícil. Passei muita necessidade; naquela época, não tinha assim esse Bolsa Família como tem hoje. Eu acho que era mais difícil, as coisas eram bem mais difícil (*sic*).”

↗ **A Situação da família hoje**

“Meu marido é jardineiro nessas mansões. Ele passa o dia, tem carteira assinada; ele também tem problema de saúde, é epilético. Inclusive, ele perdeu o dia de trabalho porque teve um ataque. Tinha uma receita do remédio dele ali; aí, quando eu fui comprar o remédio, pois não tava (*sic*) vencida a receita! Isso na sexta-feira; por isso, ficou o sábado e o domingo sem tomar. Aí, quando foi na segunda-feira, teve a crise, porque ele não pode ficar sem o remédio. Eu ainda pensei ir na UPA, mas não fui.”

“Hoje eu tenho dois filhos: o ‘B’, de 11 anos, e a ‘M’, de 2 anos. O ‘B’ nasceu, eu não sei dizer se ele nasceu ou foi depois, mas ele tem deficiência auditiva. Porque a gente só veio perceber depois, quando ele já tinha quase dois anos. Por ter nascido prematuro, de 7 meses, ele fazia aquele acompanhamento no Hospital “G”. Sempre, nas consultas, era a mesma coisa. Ele não evoluía e aí foi que a pediatra pediu o exame, e constatou que ele tinha deficiência auditiva. Assim, eu não cuidei logo, fiquei só indo nas consultas. E foi a época, tam-

bém, que minha mãe ficou muito doente. Aí, só depois foi que eu comecei a me dedicar mais ao “B”. Comecei a procurar uma escola especial e [a] levar para aqueles atendimentos de fono[audiologia], essas coisas. Ah, depois que ele começou nessa escola especial, está bem mais fácil a comunicação, a compreensão; ele já consegue pronunciar palavras que dá para você entender, dá pra manter um diálogo já! Ele fala alguma coisa. Mas a escola também ensina a gente; tem coisas que a gente não sabe e eles ensinam, como as libras. Agora, o ‘B’, como já está no 5º ano, ele não fica mais o dia todo na escola. A madre lá ainda está vendo se dá pra continuar no semi-internato, como ela chama, mas, por enquanto, tem que sair 12h. Não posso ir pegar por causa dessa mais nova, que eu não tenho com quem deixar.”

“Depois que eu tive o B, eu fiquei assim com medo, sabe? Achando que, se eu fosse ter outro bebê, ele ia nascer com o mesmo problema; aí, eu evitava de todo jeito. Não queria nem falar. Mas, aí, depois que a gente se envolveu com o trabalho da Pastoral, eu vendo os materiais que a gente recebe – a gente lê e tudo – deixei de tomar anticoncepcional e usar camisinha; aí, depois de 6 meses, veio a ‘M’”.

“Eu acho que, hoje, a minha vida está ótima. Em vista de alguns anos atrás, hoje está ótima, eu posso dizer que eu tenho uma outra vida. Principalmente de uns dois anos atrás pra cá. Melhorou bastante!”

“Eu tenho o benefício do ‘B’; outra força, também, é a minha sobrinha que está em outro país, ela me ajuda com o que eu peço. Essa era aquela que ficou com 14 anos quando a mãe dela foi embora; e hoje ela está com 28 anos, chama-se ‘N’. Ela está casada e só cuida mesmo do marido e dos dois filhos; só dá pra ficar em casa, porque não sabe falar inglês. A irmã dela, a ‘P’, que agora tem 23 anos, está em outro país. Tá lá... Tá bem, graças a Deus! Tem um namorado, mas trabalhar, que é bom, ela não quer. Porque namorado é hoje e não é amanhã! Sei não, eu acho que um trabalho era mais garantido pra ela, mas não pensa no futuro, só pensa o momento, ali, que está vivendo.”

“O que me levou a ser da ‘Pastoral X’ foi mais a insistência dos missionários. Porque, aqui na comunidade, não tinha ninguém para ajudar. Aí, eles insistiram bastante e a gente acabou por aceitar. Essa Pastoral, aqui, era coordenada por uma evangélica que era um terror! Ela dizia que não tinha ajuda de ninguém, mas ela não queria, não aceitava. Tudo era ela sozinha. Tem uma verba na Pastoral ‘X’ que equivale ao total de crianças que são pesadas durante aquele mês! Se não for ninguém pesado, aí não tem nada, porque é só o dinheiro do lanche. É um suquinho e uma bolachinha, é só isso; um lanchezinho bem pobre para a criança que se pesa. Assim, nunca fui atrás de um trabalho porque não tenho com quem deixar meus

filhos. A Pastoral me ajudou, assim, de me impor em certas situações, de falar o que eu penso, porque antes eu entrava calada e saía muda; mas, hoje, eu já melhorei bastante.”

↗ Os Programas sociais para a comunidade

“As pessoas aqui da comunidade, eu acho que não melhoraram tanto, porque a gente ainda vê tanta coisa triste! Na Pastoral que a gente faz parte, eu sou líder comunitária, aquela pessoa que sai nas casas visitando, pesa as crianças; a gente vê muita coisa triste ainda. Pois é, a gente encontra situações muito difíceis também; mesmo com essa ajuda que o governo dá, não é o bastante não! E eu acho, também, que se torna até assistencialista, porque tem pessoas que, por receber esse auxílio, não querem, assim, fazer outra coisa, procurar outro meio de vida, com medo de perder o auxílio! Eu acho que isso ajuda, mas atrapalha também, porque tem muita gente que se acomoda só com isso! Se acomoda a viver só com aquele pouquinho e não procura outro meio de vida.”

↗ Os Programas sociais para a sua família

“No momento, eu não tenho o Bolsa Família porque, depois que eu consegui o auxílio para o ‘B’, [*aquele*] foi cancelado, aí eu não fui mais procurar, não. Porque eu já tinha esse, ficar brigando pra quê? Deixa pra outra pessoa que está mais necessitada do que eu... O auxílio do ‘B’ é o BPC, é um auxílio-saúde pra deficiente.”

“Aí, eu uso o benefício dele pra pagar um transporte. O benefício é um salário mínimo, e o transporte é R\$ 100,00 por semana; dá R\$ 400,00, é muito caro! Mas, como o motorista é taxista, ele já sai da rota dele, eu tenho que pagar. E, por aqui, não tem nenhum transporte escolar que possa levar ele (*sic*). A escola dele é lá no bairro ‘JT’. Mas todo mundo acha muito caro, e eu também. Tem umas crianças que moram aqui que são surdas e mudas, mas, como eles já são grandinhos, vão só (*sic*). Eu ainda não tenho coragem de mandar o meu [*filho*] sozinho de ônibus, não! E eles descem antes; a escola do B é mais na frente. Eles descem na [...], que é o Instituto dos Surdos, e a escola do B é mais na frente.”

“Se eu tivesse que trazer algo aqui para nossa comunidade, que mudasse a vida das pessoas, eu traria profissionalização. Porque eu acho que uma pessoa sabendo fazer alguma coisa, eu acho que era mais fácil. Porque tem muita gente aí, tem gente que até sabe fazer alguma coisa, mas como não tem um preparo... Eu gosto muito assim de costura, sabe? Mas eu nunca fui procurar nada porque me acomodei nessa vida.”

O texto “4” apresenta a situação de uma família com histórico de total privação de suprimentos básicos, inclusive dos alimentos. Atualmente, tal família é composta pelo casal e por dois filhos, é bem estruturada e vive em harmonia. Apesar dos problemas de saúde do cônjuge e do filho, a esposa lida com os desafios de forma otimista, reconhecendo os meios de superá-los. O trabalho voluntário, que a informante exerce através de uma pastoral católica, contribuiu de forma decisiva em sua mudança de comportamento e, por conseguinte, na sua participação na vida social da comunidade. Apesar disso, a informante considera-se “acomodada”, uma vez que gosta da arte de costura, mas ainda não tomou a iniciativa de desenvolver um trabalho na área.

Além da renda fixa do trabalho do esposo e do benefício social do filho deficiente, a família também recebe “ajuda” financeira de parente que mora no exterior e que interfere nas condições de vida da família.

A informante, na condição de voluntária em trabalhos sociais, diz conhecer muitas situações de extrema pobreza na comunidade. Segundo seu relato, ao mesmo tempo em que os programas sociais de combate à pobreza ajudam a superar as dificuldades das pessoas, eles as impedem de buscar novos meios de aumentar a renda familiar, pois a maioria delas vive “com medo” de perder os benefícios do governo. Dessa forma, nota-se que os indivíduos dessa comunidade não são atores da própria vida.

4.6 Texto 5

➤ Contexto e caracterização da entrevista

O informante “5” tem 48 anos, é natural de Mossoró (RN), casado, pai de seis filhos (três da primeira família e três da segunda). Ele é vigilante de uma escola, assessor político de um vereador e presidente da liga esportiva da comunidade. Possui estatura alta, pele branca e tem uma narrativa mais atinente a ideias políticas, demonstrando impotência diante dos problemas sociais da comunidade. O informante, inclusive, tem um irmão que mora na mesma comunidade, e seus sobrinhos estão envolvidos com a criminalidade.

A entrevista ocorreu na sala da casa do informante. Esta se situa em frente a um campo de futebol. A casa é bem organizada, possuindo piso de cerâmica, alguns equipamentos como ventilador, TV e aparelho de DVD, além de várias taças de campeonatos esportivos.

Ao sair, a pessoa que me acompanhou à comunidade relatou que os sobrinhos do informante – sobre os quais ele fala na entrevista e que moram também na comunidade – são traficantes de entorpecentes e envolvidos na criminalidade.

➔ Narrativas

“[...] eu fui uma pessoa que morou no lixão, comia e vivia do lixo! [...] Uma situação que você passa e não tem nem palavras.”

↗ Experiência de vida

“Eu vou contar um fato. Eu não gosto de assistir novela (*sic*), mas eu acompanhei uma novela da Globo – não sei se você se recorda, passou agora recente[mente] – sobre umas pessoas que moravam no lixão. Eu passei por aquilo dali; eu fui uma pessoa que morou no lixão, comia e vivia do lixo! Eu com minha família! Tudo aquilo que se passava naquele lixão era eu, meu pai, minha mãe e meus outros irmãos, lá em Natal, no lixão de Natal. Tem gente que pode nem acreditar nisso que eu estou dizendo, mas isso foi verídico! Eu vivi isso, posso dizer que é uma situação terrível. Uma situação que você passa e não tem nem palavras.”

“Na minha primeira família, eu também passei por isso; não foi de ir pro lixão (*sic*), como eu fui com o meu pai, minha mãe e meus irmãos, mas passei muitas necessidades, passei fome com os meus filhos.”

“Eu cheguei aqui nessa comunidade no dia 8 de outubro de 1979. Não tinha nada disso aqui, só tinha poucas casas. Sempre morei aqui nessa comunidade. Naquela rua do colégio que eu trabalho tinha um prédio, ainda hoje é só o esqueleto. Papai trabalhava numa empresa de segurança aqui. E eu conheço isso aqui, ó, como a palma da minha mão.”

“Hoje, os meus três filhos: eu tenho um com 9, outro com 12, outro com 14; o ‘A’, o ‘B’ e a ‘C’. Os outros [*são*] mais velhos; o mais velho vai fazer 31 anos. Eu já sou é vovô; tenho 3 netinhos do meu primeiro filho! Graças a Deus, todos têm seu emprego, sua casa, sua família. Hoje eu tenho uma nova família; eu tenho uma vida melhor com esses outros três, mas eu sempre repasso isso pra eles: ‘Olhe, meu filho, a pobreza era isso. Hoje nós podemos dizer que somos pessoas ricas’. E eu converso isso aqui que eu estou conversando com você para eles! Hoje em dia, graças a Deus, Deus me iluminou pelo meu trabalho, pela pessoa que eu sou e eu vivo muito bem, graças a Deus!”

“Eu digo pra eles: ‘Ó, meu filho, os outros têm as coisas não é porque eu dei ou a mãe deles deu, não; é porque eles correram atrás para conseguir aquilo que eles têm! Sigam os bons exemplos deles. Claro que eu tenho que dar meu exemplo também, mas o meu exemplo já é espelho para outras pessoas.”

“Eu gosto muito de praia. Não é nem assim pra tomar banho, não; é que eu acho que a praia é a maior riqueza do nosso Brasil. As pessoas não sabem é aproveitar porque, aqui, você sai ali e volta com o “de comer”! É uma tragédia essas crianças que estão tomando bolsa e tudo mais na praia. Mas, para quem sabe aproveitar, eu acho que, fora a saúde da gente e Deus em primeiro lugar, não tem outra riqueza maior! Agora, se der tempo eu me aposentar, eu vou morar na minha terra. Devo muito ao Ceará: construí família, tenho meus filhos, tenho emprego.”

“Hoje, eu sou porteiro de um colégio da Prefeitura de Fortaleza aqui perto, Colégio ‘X’! E eu trabalho num prédio, aqui, que é do pessoal ‘X’, há 13 anos. Eu tomo de conta do prédio. E tenho minha profissão, também, que eu não posso exercer mais por causa do tempo. Eu sou pintor profissional! Tenho várias obras aqui dentro de Fortaleza, a minha família trabalha com isso.”

“Eu fui do lixão, mas eu não baixei minha cabeça, não. Fui em frente! Eu não baixei minha cabeça, não! Olha aí, onde eu estou agora? Eu me sinto um milionário. Todo dia eu agradeço a Deus pela minha saúde e minha liberdade; o resto, para mim, é lucro! Se eu tivesse baixado a minha cabeça, eu poderia ser hoje o quê? Eu não assisto novela, mas eu assisti àquela novela do começo até o fim porque era igual a minha vida. Eu passei por aquilo dali. É por isso que hoje eu me considero rico, “milionaríssimo” (*sic*); se eu tivesse baixado a cabeça, talvez eu nem estava (*sic*) mais vivo hoje. Eu não me envergonho disso, eu me envergonho de roubar!”

“Aqui na comunidade tem eu e o meu segundo irmão (*sic*). Têm uns sobrinhos meu aí, uns rapazinhos nada bons. Tem minha irmã na Caucaia e os outros estão em Mossoró (RN). Minha mãe morou um tempo aqui, e minha avó também. Quando papai morreu, em 2005, minha mãe voltou pra Mossoró. Eu devo muito ao Ceará, ele me engrandeceu muito porque aprendi muita coisa aqui.”

“Eu acho, assim, que a pobreza é um dos fatos que as pessoas discutem muito, mas só tem discussão, [elas] nunca agem. Pelo que eu observo nas minhas andanças – não só nessa comunidade, mas em outras – o pessoal discute muito sobre isso. Eu posso falar assim, politicamente, que eles fazem aquele trabalho todo na comunidade; na hora das necessidades deles, eles envolvem muito a comunidade nessa pauta da pobreza e, quando é na hora de agir em benefício dos pobres, já não volta (*sic*) mais na (*sic*) comunidade para fazer o projeto.”

“A gente tem falado muito sobre a pobreza espiritual aqui na nossa comunidade, mas não é dessa pobreza que eu quero falar.”

“Eu acho, hoje, que a maior pobreza numa comunidade é não ter um saneamento básico. O saneamento gera saúde [...]. Não digo que a saúde retire da pobreza (*sic*), mas é importante porque, com saúde, as pessoas podem ser mais conscientes. Porque, se tiver um acompanhamento – um trabalho de alguém da sociedade, do governo, seja o que for, da maneira que for, ou a própria comunidade mesmo – no sentido de conscientizar as pessoas, eu acho que a gente já vai começar a melhorar.”

“A gente vê que, hoje, a pobreza já melhorou um pouco devido às escolas, porque a escola eu acho que é o melhor caminho para a educação de uma comunidade. A escola e a saúde são dois pontos que uma comunidade deve estar bastante envolvida! Além disso, os pais educadamente mostrar (*sic*) aos seus filhos o caminho certo! Quando acontecer isso, a gente vai começar a se desenvolver!”

“Dentro de uma comunidade como essa nossa, nós já identificamos algumas pessoas em um grau de pobreza que nem mesmo eu sabia que existia aqui. Quando eu visitei essas famílias, eu fiquei sem nem saber o que dizer! Eu procurei ajudar. Eu pedi a outras pessoas pra que a gente pudesse melhorar a vida daquelas famílias tão pobres! Na época em que aconteceu isso, eu cheguei aqui em casa, eu não sabia nem o que dizer, porque eu não imaginava que, numa comunidade dessa (*sic*), tão pequena, teriam pessoas naquela situação! Eu fiquei assim meio desnorteado, meio fora do rumo!”

“Eram pessoas que passavam fome e moravam num lugar que, ave Maria!, era uma coisa que você não poderia chegar perto. Aquilo dali, Deus me livre! Eu não sei se era pelo desleixo da pessoa, ou talvez a necessidade, e eles não tinham como procurar ajuda! Porque, às vezes, depende muito da pessoa. Eu acho que, porque você é pobre, desculpe a minha expressão, você não pode ser porco. Eu já fui pobre, ainda hoje sou, sou um trabalhador.”

“Eu acho que outra maior pobreza do nosso país é as pessoas não ter (*sic*) muito interesse de cobrar pelos seus direitos. Os que tão (*sic*) lá no poder, ficam lá; se eu não vou cobrar, eles também não vêm aqui dar de graça.”

“A maior pobreza que eu acho é a própria comunidade se fazer pobre! Porque, hoje, o nosso país evoluiu muito, pode não ter sido grande coisa! Tem miséria, a gente sabe que tem, mas não era como era antes. Hoje, de qualquer maneira, com toda miséria, nós estamos no meio dos países de 1º mundo! Não sei se eu estou certo, mas é como eu vejo as coisas!”

“Pois, assim, para terminar, eu acho que a pobreza é isso que eu falei, e acho que tem gente que se faz mais pobre ainda para ter gente que tenha pena dele (*sic*)! Se acomoda (*sic*) e fica “esticando a miséria”. Eu chamo é “esticar a miséria”. Teve uma pessoa muito pobre aqui da comunidade que ganhou um fogão; a doutora deu o bujão de gás, aí ela vendeu pra continuar a vidinha onde (*sic*) o pessoal dá um prato de comida já pronto. Porque o povo se compadece, vê ela (*sic*) e as crianças com fome; aí, dá um prato de comida pronto e, aí, ela não tem que fazer! Se acha (*sic*) que é pobre! Eu acho que isso não é pobreza, é safadeza! Faz isso porque tem o “bolsinha família”. Além disso, pegou a filha e colocou para se prostituir na praia. Está comprando comida pronta porque não quer ter trabalho em fazer.”

“A gente precisa ficar de olho, mas hoje tem é mãe que apoia as coisas erradas que os filhos fazem. Então, já tem a pobreza, e essas coisas erradas deixam a comunidade malvista! A pobreza tem de tudo. As próprias pessoas se fazem de pobre mais do que o que são, porque não tem a inteligência ou a capacidade pra (*sic*) perceber qual o caminho, se é esse ou aquele!”

Solidariedade

“Porque hoje está muito diferente. Nas minhas falas por aí, nos órgãos e nos movimentos, o pessoal diz assim: ‘Rapaz, tu fica (*sic*) emocionado!’. Aí, eu digo assim: ‘Claro! Quem é que não fica?’. Porque, pra mim, a pior coisa do mundo é você ver a pessoa passando necessidade! Só não se sente (*sic*) quem nunca passou, mas, quem passou, sabe o que é necessidade! Só quem não tem coração mesmo! Mas quem tem...”

“Então, quando nós identificamos essas pessoas aqui na comunidade, nós ajudamos. Eu acho que o caminho para sair das suas necessidades é você procurar alguém que possa lhe ajudar! Hoje, todo mundo ajuda todo mundo, por mais pobre que seja! Eu vejo muito essas coisas aqui na comunidade: pessoas que tem bem pouquinho, mas se ajudam. Mas tem pesso-

as que tem tudo do bom e do melhor nessa vida e não tem os olhos voltados pra (*sic*) aquelas pessoas com necessidade!”

↗ **Caracterização da favela**

“É por isso que, às vezes, eu sou revoltado; por exemplo, assim como eu falei no começo, esses governantes que estão lá era (*sic*) quem deveriam trabalhar, e fazer o que eles prometem aqui para a gente começar a se desenvolver. Como uma comunidade dessa aqui [*pode se desenvolver*], que não tem um saneamento básico?”

“Aqui, nós não temos um projeto pra envolver aquele adolescente, aquela criança; que eu acho que você sabe mais ou menos como é a rotina de meninos aqui, porque eu fico, assim, de coração partido quando eu vejo aquilo ali... (*aponta para o campo, onde se encontram vários adolescentes debaixo de uma árvore*). Eu não sei se é o pai ou a mãe que não têm capacidade de chamar o filho e deixa (*sic*) mesmo à mercê! (*fala bem baixo, porque tem vários adolescentes drogados e armados no campo em frente da casa dele*).”

↗ **Ação e impotência diante dos problemas**

“Às vezes, eu chamo eles (*sic*) aqui para conversar, o pessoal aqui em casa fica com medo. Eu digo assim: ‘Não, ninguém vai mexer comigo!’. Envolver eles (*sic*) aqui nesse campo, falo do exemplo dos meus filhos que eu tenho aqui e os outros meus três, que já são ‘de maiores’ (*sic*). Falo para eles que essa vida deles não é vida não! Eu digo: ‘Ó, gente, isso aqui não é a vida certa! Se você tem uma necessidade, se você for sério, você pede e alguém vai lhe dar. Agora, quando você vive nessa vida de roubar e traficar, ninguém vai lhe arrumar nada, sabe por quê? Porque, às vezes, não é nem medo que a pessoa vai ter de você, é pelas suas atitudes!”

“Olha, aqui, não é só aqui nessa comunidade não, tem em outras também, mas aqui você vê coisa que você fica com vontade de ir embora! Crianças que passam aqui com arma na mão! Só falta nem poder segurar a arma. Usam para assaltar ali na praia, capaz até de matar! Criança mesmo, de 10, 12 anos, tudo envolvido com esse pessoal do tráfico. Porque o menor fazendo, ele vai pegue (*sic*) pela polícia e, aí, vai assumir. Assim, o cafajeste, o imbecil que usa as crianças, não tem filho, não sabe nem como foi a criação dele, porque o pai dele não educou ele, pra ele tá (*sic*) tudo bem! É isso que revolta a gente aqui na comunidade!”

Muitas vezes, você tem que ficar calado, porque primeiro você vai pensar na sua família, devido à reação desses cafajestes!”

“É por isso que eu acho que a pobreza do nosso país está na falta de projetos sociais; pegar aquelas famílias que realmente têm problema dentro da comunidade, trazer ele [*sic*] aqui pro campo (*sic*) e dizer assim: olha vamos fazer assim! Se aquele trabalho que for feito na realidade da comunidade não der resultado é porque não tinha que dar! Mas pelo menos teve a tentativa, você tenta para depois dizer “nós tentamos”, eles ali é que não quiseram! Você não pode entrar numa coisa a força, uma coisa que a pessoa não queira! Aqui, geralmente, eu faço assim: ‘Siga esse caminho’. Quando não quer, eu digo: ‘Pronto, vá para lá! Não tem problema nenhum!’. Mas eu, com outras pessoas aqui da comunidade, você não sabe o que a gente sofre dentro desse lugar aqui.”

↳ Equipamentos de saúde

“Agora melhorou um pouco [*posto*] que tem a UPA, mas nós não temos um posto de saúde aqui pra atender essa comunidade! O que é que nós temos aqui? Nós temos aqui a casa, duas casas, pra que os médicos do Saúde da Família se desloque (*sic*) uma dia na semana – por exemplo, 3ª feira na casa X e 6ª feira ali na casa Y – pra fazer o atendimento da comunidade. E aqui, além de ter vários idosos, ainda tem a dificuldade financeira pra ir até o posto. Os médicos, agentes de saúde, vêm lá do posto pra fazer o atendimento aqui. Nós até estamos discutindo que, nessa gestão, nós queremos dar uma casa com as salas fechadas, porque uma mãe de família, muitas vezes, não quer conversar um assunto particular dela com um médico com várias pessoas ao redor, todos ouvindo a fala dela, porque o atendimento hoje é numa sala aberta. Estamos querendo que tenha uma sala reservada e fechada pra o atendimento médico. O paciente lá falando da sua vida para o médico na frente de todo mundo, é claro que a pessoa se envergonha! Como é que você vai falar de um assunto particular seu com meio mundo de pessoas ouvindo? Eu considero isso uma carência aqui na comunidade!”

“Em 2005, quando iniciou o orçamento participativo – que eu sou um dos fundadores do orçamento participativo – foi aprovado na nossa área aqui um posto de saúde. Tem até todos os documentos aqui. [...] Eu não sei o porquê e nem quem foi, não posso acusar ninguém, mas esse posto nunca foi feito! Mas foi aprovado pelo orçamento participativo. Tem essa UPA, mas o posto não. Mas nós vamos continuar tentando o nosso posto de saúde aqui. Porque a nossa comunidade tem crescido e as necessidades das pessoas também. Por exem-

plo, aquela parte lá de cima, eu fico com o coração partido de ver esses idosos descer e subir pra vir até aqui para pegar um ônibus. Porque não tem o acesso pra (*sic*) o ônibus passar para pegar o pessoal lá em cima. Porque é o dia-a-dia. Eu daqui [*a*] uns dias vou ficar velho, se Deus quiser, e, quando eu penso em você, eu penso em mim também, porque vai servir para mim e minha família.”

↪ A Forma de ajudar

“Eu já participei de muita coisa! E eu fui convidado, agora recente, pra fazer parte de uma comissão, porque eu conhecia as comunidades pobres. Eu disse: ‘Gente, eu não vou!’. Sabe por quê? Realmente, eu conheço tudo! Eu sei falar de tudo isso aqui, todo mundo sabe quem sou, sou muito conhecido! Mas eles podem achar que eu estou fazendo uma coisa diferente, assim, ao invés de eu ajudar, podem achar que eu estou querendo é atrapalhar. A senhora sabe que tem os interesses, né? Porque o pessoal só vê os interesses próprios! Tem os interesses sim! Assim atrapalha e não ajuda! Eu não quis. Eu disse: ‘Não, eu vou ficar onde eu estou ajudando a quem precisa na minha comunidade’. Não é que eu tenha, é pedindo! Como sempre eu fiz! Vou continuar o meu trabalho até o dia em que eu achar que dá certo, quando eu achar que não dá certo eu vou viver a minha vidazinha!”

“O pessoal sempre me chama e eu digo: ‘Não, não tenho mais tempo pra isso!’. Eu gasto muito tempo aqui nessa comunidade e a gente se vicia! E ainda tenho a Liga Esportiva! Foi a própria comunidade que me envolveu nos movimentos que eu faço parte aqui. Quando eu cheguei aqui, surgiu a idéia de formar um time aqui, que é o ‘X’. Está até escrito naquele quadrozinho lá (*apontou para a parede com várias fotos de time*). Fizemos umas reuniões para saber o nome do time; uns queriam São Paulo, não sei o quê e tal! Aí, eu disse: ‘Gente, se a gente quer fazer isso, na minha opinião, a gente tem que botar em votação. Mas eu acho que já que quer fazer um time, por que não faz um time que leva o nome da comunidade?’. Aí comecei, aí todo mundo começou: ‘Rapaz, é isso mesmo. Não, ninguém vai botar em votação não! O nome do time vai ser Tal! E como é que a gente vai fazer?’. Eu disse: ‘Em que termos? Porque não tem material pra gente fazer’. Sempre, devido aos meus conhecimentos, o pessoal diz assim: ‘Rapaz, vai lá no Informante 4 que ele resolve!’. Veja: eu cheguei na prefeitura, nessa época o prefeito era o Dr. Juraci. Eu tenho muita coisa aqui, tem é muita coisa guardada ali (*mostrando os painéis e as fotos na sala da casa dele*). Aqui são umas fotos! Essa aqui é aqui nesse campo. Castelão, PV, vários cantos por aí... Já participei de muita coisa já! Sim, eu fui na prefeitura (*sic*) pedir ao Dr. Juraci; aí, ele disse: ‘vá pedir aos XX os terre-

nos próximos lá, porque esses terrenos aqui tudo são da família XX'. Eu fui e ele disse: 'Rapaz, o que você quiser fazer lá que for em prol da comunidade pode fazer. Tá lá os terrenos, mande limpar lá, faça o que você quiser lá! Pelo menos você vai envolver essas pessoas, essas crianças, a gente pode ver no que a gente pode ajudar!'. E foi feito. Está aí! Depois, nós fizemos um projeto da Copa Fortaleza Bela na gestão da Dra. Luiziane. Nós fizemos duas copas envolvendo Fortaleza inteira. Na época, não pode ser feito mais porque o Ministério Público podia analisar como desvio de dinheiro, mas sempre teve a minha participação, então formamos a Liga. A Liga também leva o nome da comunidade [...]. Quando a gente fez isso, parece mentira! Ninguém sabia o que era isso aqui e aí, quando aconteceu isso, abriu as portas para a imprensa. Fui até fazer entrevista, na Secretaria de Esportes [...]. E, assim, eu comecei a movimentar; foi tanto que, uma vez, eu fiz um movimento aqui que teve a presença do presidente do Ceará e do Fortaleza na época. Vieram várias pessoas. O pessoal dizia assim: 'Como é que você consegue tanta gente?'. [...] A imprensa veio e fez a cobertura; quando a imprensa começou a divulgar, aí a comunidade começou a ser conhecida. Assim, começou a ter um pouco mais de respeito, porque, na época, além da pobreza, não tinha ninguém que olhasse para cá!"

"Na época, o presidente da Associação veio discutir comigo; aí eu disse: 'Olha, eu estou fazendo uma coisa que não é para mim não, é para o povo!'. Aí foi lá e veio cá, aí eu disse: 'Vamos fazer o seguinte: eu não estou fazendo nada que entre na sua área! Esses terrenos aqui não são seus...'. E foi assim que começou a minha participação na associação, na política!"

"A associação daqui foi formada em 99, e a Liga foi em 2003. Quando eu comecei a fazer esses eventos de futebol, a comunidade começou a aparecer mais e, aí, eu me envolvi na política. Então eu me envolvi na política exatamente pra ver o funcionamento da coisa!"

"Não quero ser vereador! Já fui convidado várias vezes pra ser candidato; o pessoal diz: 'Rapaz, se tu for (*sic*) [*candidato*], a gente tira esses daí e vota em você!'. Aí, eu digo: 'Não, me deixe de fora dessas coisas, eu não quero ser nada de político!'. Eu me envolvi na política através de governador, de prefeito. Esse pessoal aí, pra se eleger, tudo me procura! E eu sou filiado a um partido, por isso tem o meu envolvimento, [...]. Aqui tem pessoas empregadas, através da minha pessoa, na própria prefeitura, e outras coisas mais que a gente tem."

"Nós não colhemos muitos frutos com político não, apenas alguns. Já fiz a reforma da minha casa aqui e foi através do governador do Estado. Agora nós estamos fazendo

umas 5 ou 6 casas, exatamente das pessoas mais pobres. Por exemplo, não tinha o piso da casa, a cobertura era ruim, aí a gente conseguiu mil reformas, mas, não só pra essa comunidade, pra várias comunidades, um projeto que a gente fez! A pessoa recebe o material e participa com a mão de obra! Ajudou muito. A gente priorizou mesmo aquelas pessoas que não podiam ser excluídas! Fizemos um trabalho com a assistência social pra credenciar as pessoas, um trabalho mais organizado; aí, a gente conseguiu ajudar muita gente.”

“Antigamente, eu debatia muita coisa aqui com eles, agora eu me saí mais! Eu via agressão da polícia e me metia.”

Um Caso de agressão policial

“Uma vez, eles estavam espancando um rapaz bem aqui nesse cantinho aqui (*mostrando o local*). Ficou todo mundo apavorado. Aí, eu fui lá e disse: ‘Rapaz, faça isso não! Ele tá errado? Tá. Então leve ele para cadeia, mas aqui, na rua, as crianças vendo um negócio desses...’. O rapaz tinha um cabelo grande; o policial pegou e cortou o cabelo dele assim com um punhal. Ai eu me meti, fui chamado lá pelo comandante na época, foi a maior confusão! Cheguei lá, expliquei como tudo começou; ele disse que eu estava me metendo. Eu disse: ‘Não! Não estou me metendo. A tese aqui é essa: contaram ao senhor o porquê [*que*] eu me meti na história? Eu nem me meti, eu apenas relatei uma coisa. Que eu sei que esse não é o trabalho da polícia. Até porque a minha família lá do Rio Grande do Norte, a maioria é do Exército, da Marinha... Então, eu sei o que é a polícia, e eu acho que está errado! Lugar de pagar as contas não é aqui no meio da rua! Se o cara está errado, leva ele preso!’. Bateram nesse camarada, cortaram o cabelo dele, fizeram tanta coisa que nem dá para acreditar! Eu acho que não fizeram mais porque eu e mais duas ou três pessoas aqui da rua fomos para cima!”

O Programa Bolsa Família

“Eu acho que esse Bolsa Família deveria ser feito para abrir mais frentes de trabalho, curso profissionalizante para os jovens. Eu acho que seria melhor desenvolver isso aí com bastante (*sic*) cursos para os adolescentes. Apesar de já ter muitos cursos, mas, muitas vezes, o jovem ele quer fazer o curso, mas como não tem o centro de formação aqui na nossa comunidade, na nossa área... Assim, ele tem que depender do dinheiro da passagem e nem todo mundo tem. São poucos pais que, hoje, tem dinheiro para dar aos filhos. Às vezes, só tem para se alimentar. Às vezes, o pai quer mandar o filho dele fazer o curso pra se capacitar, mas não

tem [*dinheiro*]. Então, eu acho que esse dinheiro do Bolsa Família deveria ser investido em capacitação! Por exemplo, você é um jovem, a ajuda de custo dele aqui vai ser o transporte e, vamos dizer, a merenda!”

“Porque eu vou dizer uma coisa aqui – eu digo e não peço segredo – e é em todas as comunidades, não é só aqui não! Esse Bolsa Família, o que tem de gente malandro (*sic*)! De mãe de família aprontando, vendendo droga e botando as crianças pra vender (*sic*) droga. Eu até acho assim: depois do Bolsa Família, a vagabundagem aumentou mais! Eu não gosto do Bolsa Família não, não vou mentir. É uma ajuda? Claro que sim, mas, já pensou, por exemplo, tem essa frente de trabalho aqui, é uma obra que está sendo construída. Essas pessoas todas me procuram pra eu ir atrás de pessoas para trabalhar nessa construção. A gente faz reunião e tudo, mas as pessoas não querem! ‘Ah! Eu recebo trinta e não sei quê do Bolsa Família!’. ‘Quanto? Você recebe trinta e poucos reais?’. Não sou de acordo. Eu acho que, depois do Bolsa Família, as pessoas aqui não querem mais nada! Outra coisa, dez horas da noite, aqui, tem menino no meio da rua! Como é que eu, pai, vou deixar meu filho ficar no meio da rua [*às*] 10 horas da noite? Eu não vou procurar saber onde está? As mães, ninguém fala mais, porque se você for falar, diz (*sic*) que a gente tá se metendo na vida delas! Então, eu acho que esse Bolsa família deveria ser descaracterizado por outra coisa. Porque o que tem de gente aqui que vive de coisa com esse Bolsa Família... Levam coisa para [*a*] cadeia [*no*] final de semana! Eu sei de tudo porque eu vivo no meio de toda malandragem, tudo sobre bandido eu sei.”

“Por causa desse Bolsa Família, ninguém quer trabalhar! Ninguém, ninguém... Se a senhora for atrás de alguém pra fazer um serviço, a resposta é ‘Ah! Só vou se for tanto! Num mês eu ganho tanto!’. Eu mesmo vejo isso aqui, não é ninguém que me diz!”

“Agora assim, todas essas pessoas que fazem coisa errada aqui na comunidade são do Bolsa Família! Outra coisa, vivem sentada (*sic*) ali na calçada e só repassando tudo que você possa imaginar; quer dizer, dando mal exemplo para os filhos! Aqui (*referindo-se ao campo*) é uma boca da pesada! Aqui, esses meninos vivem em meio de rua; eu nunca ouvi dizer que meio de rua desse futuro a ninguém!”

O texto “5” apresenta uma história grave e desconcertante. A indecifrável experiência de moradia em um lixão é narrada mais com lágrimas e silêncio do que com palavras.

O informante, entretanto, percebe que sua vida atual é produto da superação dos graves problemas que ele, juntamente com a sua família, passou. Ele se reconhece como um sujeito “rico” e honrado em razão de suas boas virtudes humanas.

O texto sublinha os sérios problemas sociais da comunidade: delinquência juvenil, tráfico de drogas, violência policial, desemprego de jovens e adultos, ausência de assistência na área de saúde, educação e transporte, entre outros. Além das trágicas consequências que tais problemas acarretam às condições de vida das pessoas, estes são usados por atores políticos partidários apenas como fatos de discursos públicos sobre a vida dos pobres. Os discursos são instrumentos de autoprojeção social e política dos sujeitos, mas observa-se que, de fato, “as pessoas discutem muito, mas não passa disso”. Ou seja, nada é operacionalizado no plano concreto para melhorar a vida das pessoas que vivem em situação de extrema pobreza.

A consciência política do informante permite-lhe reconhecer a inoperância do Estado ao intervir na superação da pobreza estrutural da comunidade. Destacam-se as diversas iniciativas do informante com o objetivo de ajudar as pessoas da comunidade: através do esporte, da participação social e política em diversos espaços e de ações diretas em situações de maior marginalidade social.

Todas essas ações, porém, estão envolvidas por um sentimento de impotência, uma vez que o informante percebe que as causas dos problemas não são tratadas pelos poderes competentes. Nem mesmo os programas sociais de combate à pobreza são considerados parceiros na batalha pela vida com melhores condições. Segundo o informante, o PBF é leito da “malandragem” e “vagabundagem”, a ponto de uma mãe de família envolver-se e iniciar os próprios filhos no tráfico de drogas.

Enquanto as mais diversas situações de extrema pobreza permanecem invisíveis na comunidade, a lastimável situação real mostra que as crianças estão inseridas no “universo do crime”, fato destacado no seguinte trecho: “Crianças que passam aqui com arma na mão! Só falta nem poder segurar a arma. Usam para assaltar ali na praia, capaz até de matar! Criança mesmo, de 10, 12 anos, tudo envolvido com esse pessoal do tráfico (...)”.

4.7 Texto 6

➔ Contexto e caracterização da entrevista

O Informante “6” tem 62 anos idade, é casado, natural de Fortaleza (CE) e tem 3 filhas do primeiro relacionamento. Atualmente, vive com a sua segunda esposa, Maria, de 52

anos de idade. Eles tem duas filhas adotivas, casadas, que moram próximo à casa deles e que estão sempre juntas. Na casa deles mora apenas o casal. Ele trabalha como catador de material reciclável e a esposa tem um comércio de variedades na sala de casa. É voluntário na Associação de Catadores de Material do bairro e tem experiência de participação em diversas ações sociais na comunidade. Portanto, é conhecido pelos moradores por seus trabalhos comunitários e conhece a realidade local com detalhes. Ele acompanhou a pesquisadora em todas as visitas na comunidade.

A entrevista aconteceu na sala da casa da família, que é também um pequeno comércio de variedades, conforme já explicitado. Foi uma entrevista na qual os membros da família narraram fatos que os emocionaram, tendo havido ocasião de uns condecorarem os outros. Participaram também da entrevista a esposa e a filha mais nova do casal. Esta tem 25 anos de idade e é casada; quando adolescente, foi beneficiária do Programa Bolsa Escola. É mãe de um filho e possui cadastro efetivado no CadÚnico, aguardando o benefício do Bolsa Família.

➤ **Narrativa**

“Olhe eu ganho uma base de 6 reais por dia, eu já fiz as contas. Trabalho uma média de 6 horas; dá um total de 1 real por hora. É muito pouco esse ganho. Se não fosse a bodega da minha mulher, a gente passava necessidade aqui em casa.”

➤ **Experiência de vida**

Inf. 6: “Aqui em casa, hoje, mora (*sic*) apenas eu a mulher. Eu passei três anos com a primeira mulher que eu arranjei e, aí, apareceu (*sic*) duas filhas. A gente se separou e ela ficou com as meninas. Ela foi quem [*as*] criou, mas eu ajudava quando eu podia. Depois foi que eu encontrei ela [*a segunda esposa*] e nós nos casamos. Faz quantos anos que nós nos casamos?”

Esposa: “Vai fazer 27 anos, ou já fez.”

Inf. 6: “Depois foi que veio essas duas que nós adotamos: primeiro a (?) e, depois, a ‘M’.”

Esposa: “Nós cuidamos de duas filhas. [...] Essa aí e a outra também vive (*sic*) bem, graças a Deus. Eu acho que nenhuma das duas tem o que reclamar da gente, não! Tu tem (*sic*), mãezinha?”

Filha: “Não. Eu sou a preferida de todas e muito amada. Das falsas e das verdadeiras, eu sou a preferida.”

Inf. 6: “Eu fiz uma cirurgia lá no Hospital Cesar Cals. Aí, a assistente social disse assim: ‘Tem que ficar uma pessoa aqui com você, por causa da sua idade’. Nessa hora, tava (*sic*) minhas duas filhas biológicas e ela também (*apontando para filha, começou a chorar*).”

Esposa: “Não chora, não!”

Inf. 6: “Aí, quando a assistente social falou que tinha que ficar uma pessoa, aí ficou uma olhando para outra! Aí, essa aí disse assim: ‘Eu fico!’. Aí, ela foi que ficou e as outras... (*silêncio*) Caparam o gato!”

Esposa: “A mulher lá ficou insistindo: ‘É, ele tem que ficar com uma pessoa... Cadê a esposa dele?’. E ela [*filha*] foi e disse assim: ‘Ela não pode ficar! Ele tem duas filhas... Ela tem que tá (*sic*) em casa porque ela tem uma vendinha e tem que ajeitar lá’ [...]. E as filhas biológicas passeando e essa aqui doidinha porque ele tava perdendo muito sangue. E uma disse: ‘Eu não posso vir!’. A outra: ‘Eu também não!’. Aquela história: ninguém pode. ‘Ah eu tenho filho!’. E essa aqui disse: ‘Eu tenho filho também. Ele fica no meio da rua, mas eu fico onde está meu pai!’. Passou a noite todinha com o pai, deu até de comer na boca do pai! Quando foi no outro dia, 5 horas da manhã, o telefone toca. Aí, ela já tinha ligado para o cunhado dela, que é taxista, para levar o táxi para trazer o pai dela. E ele sem roupa... Mas, assim mesmo, a roupa que ele foi, ela arrastou ele. Porque, no dia que nós fomos visitar ele (*sic*), ele já tinha enchido cinco fraudas descartáveis. Ele tava sangrando demais mesmo! Quando ela ligou, eu disse: ‘Minha filha, ele está bem?’. ‘Está mãe, ele recebeu alta. Vou levar!’. Quando ele chegou em casa, ela providenciou o remédio. A mãe dela também ajudou! Ela é meio assim “*fanhanhenta*” comigo, mas veio, não tenho o que dizer dela. Ela é meio bruta mesmo. Mas as filhas dele mesmo, a verdade tem que ser dita, com 15 dias é que elas vieram aparecer aqui. Enquanto ela aqui, já tinha providenciado tudo! Por isso que eu não tenho nada a dizer dela. Tudo que eu poder fazer por ela, eu faço. Não faço mais porque ela vê minha situação. Ela é que, *aqui e aculá* (*sic*), ajuda ele (*sic*), enquanto as filhas dele, já vai fazer quase um ano que elas não aparecem por aqui. Eu vou lá na casa delas porque eu sou amiga da mãe delas, mas não é gostando! Porque não é o pai que tem que procurar os filhos [*e*], sim, os filhos que têm que procurar os pais! Tudo bem que não foi ele que criou elas (*sic*), mas é pai. É pai!”

↪ A História da filha

Filha: “Eu sou dona de casa. Meu marido trabalha como segurança na empresa ‘N’ dia sim e dia não, porque [*o expediente*] é de seis da manhã até às seis da noite. Quando eu tenho mais um ânimo e uma coragem, eu faço parte de um projeto de microempresária. Daí, a gente pega o dinheiro do Banco do Nordeste emprestado e a gente paga em pequenas parcelas a juros. O juro é [*de*] R\$ 2,00 a cada R\$100,00. Aí, eu emprego em coisas, compro confecção, vendo; às vezes, eu paro um pouquinho e, depois, continuo de novo. No centro, tem muita coisa barata, como confecção. A gente compra coisas baratas e vende bem. Eu vendo na minha casa, vendo para as minhas vizinhas. Eu fico só nisso, porque o meu problema maior é o meu menino, porque não tem com quem eu deixar ele (*sic*). E ele é uma criança hiperativa, extremamente danada, muito danada mesmo. Aí, esbarra em outro problema da acomodação: aqui, ninguém quer olhar filho de ninguém. Agora ele está com 5 anos; ainda é danado, mas já está com mais entendimento das coisas e já vai para a escola. Eu vou esperar terminar esse ano e, no próximo ano, eu vou correr atrás de um emprego mesmo fixo.”

↪ Depoimento da filha sobre o pai

Filha: “Olha, eu tenho muito orgulho do meu pai. Tenho muita admiração por ele. Eu tenho costume de dizer assim: eu gosto 60% do meu pai e 40% da minha mãe! Porque as pessoas gostam mais das mães, mas eu gosto mais do meu pai. Até por causa do jeito dela, que é bruta, e ele é totalmente [*o*] oposto; até a voz dele é mansinha para falar. Mas eu gosto muito dele, admiro muito ele (*sic*), tenho muito orgulho dele! Batalhador, trabalhador!”

↪ O Trabalho como catador de material reciclável

Inf. 6: Eu tenho 62 anos de idade, tenho um problema no meu espinhaço, mas **eu saio todos os dias de casa para trabalhar na reciclagem.** Eu saio de casa umas 6 horas da manhã na carroça da reciclagem (*sic*), que é minha mesma (*sic*), não é do dono do depósito. Eu dou uma voltinha, vou lutando, passo nas casas, porque tem muita gente que já guarda as coisas para mim, aí eu passo pegando. E, assim, onde eu acho uma latinha, garrafa, papelão, pedaço de ferro, eu pego e levo. Eu fico até 10 horas, 10:30 h, porque o sol esquenta e eu venho pra casa no máximo [*às*] 11 horas. [...] Eu só trabalho por aqui pertinho porque, também, eu recebo muita doação. Aí, eu fico em casa até umas 3 horas, aí eu vou para lá (*terreno onde é feita a*

triagem do material coletado na rua) de novo. Olhe, eu ganho uma base de 6 reais por dia, eu já fiz as contas. Trabalho uma média de 6 horas; dá um total de 1 real por hora. É muito pouco esse ganho. Se não fosse a bodega da minha mulher, a gente passava necessidade aqui em casa.”

A Pobreza e a miséria

Inf. 6: “Sobre a miséria e a pobreza, eu acho assim [...]: [*para*] algumas pessoas, é falta de oportunidade; e já para outras, é falta de condição física. Por exemplo, eu, no meu caso, se eu tivesse condição física, saúde, eu procurava um trabalho para eu ganhar mais.”

“A pobreza e a miséria, é tanta coisa, sabe? Assim, o que eu acho: primeiro, quando a gente não tem condição de trabalhar, assim, num serviço que ganhe mais, já é uma pobreza. Outra coisa também, a gente vê muita gente despreparada pra tomar uma atitude, para procurar uma coisa melhor. Fica só naquela pobreza. E a miséria, eu acho que, assim, a gente não tem [...] mais força pra reagir.”

Esposa: “Aqui tem muita gente, também, que se acomoda, não procura trabalho. Muitas pessoas aqui na redondeza passa (*sic*) o tempo todinho sem fazer nada. Seja à tarde, ou até mesmo de manhã, amanhece o dia [*e*] não tem uma xícara de café para tomar. Aí, senta na ponta de calçada e fica, fica. Ao invés de ir procurar o que fazer para ter o que comer, não [*procura*]. É só acomodado. E muitas pessoas por aqui, também, pessoas com 4, 3 filhos, já entraram no mundo da droga, se drogaram (*sic*). Ai não tem como! E muitos vivem pedindo nas casas.”

Inf. 6: “Às vezes, algumas pessoas têm a mãe aposentada, recebe o Bolsa Escola e fica naquilo. E fica pedindo dois reais a um, um real pra outro e fica naquela. Eu vejo que, embora que passe necessidade, não tem aquela atitude de procurar um trabalho. Quando eu vou para o centro, vejo umas moças bonitas, entregando aqueles panfletos, entregando aquilo dali. Outras vendendo bombom, aquelas pastilhazinhas. Mas, aqui, a gente vê as pessoas novas ainda, mas não querem nada com o trabalho. Procura mais é se viciar na droga... Aí pronto, fica pedindo. É assim aqui.”

Filha: “Na minha concepção, a pobreza – de modo miserável, de fome mesmo – acho que começa a partir da pobreza intelectual, das pessoas não procurarem os estudos, não procurarem estímulo, não procurar (*sic*) curso. E aí, conseqüentemente, não é qualificado

(*sic*). E, assim, não consegue (*sic*) emprego e, aí, vai (*sic*) se drogar ou vai (*sic*) até mesmo vender o corpo; ou vai (*sic*) traficar, ou vai (*sic*) fazer outras coisas, porque não têm aquela qualificação pra conseguir um emprego. Você sabe que, hoje em dia, até pra você ser gari, você tem que ter o 2º grau, tem que ter curso de computação. No mínimo falar uma língua, né? Então, é muito difícil aqui. O grande problema daqui é esse. Eu não estudo, por isso meu filho também não vai estudar e o filho do filho dele também não vai estudar. Porque eu vivi *encostado*, e o filho também vai viver *encostado*. O filho dele vai aprender com ele e, assim, vai indo de geração pra geração! Aqui tem escola, só que para [*fazer um*] curso, para [*ter uma*] ajuda, é muito escasso. Eu vejo lugares como o Bom Jardim, por exemplo; apesar de lá ser perigoso, eu acho que lá tem muito mais chance para estudo, para [*fazer um*] curso. Eu vejo que lá tem muito cursinho, assim, nas ruas. Eu tinha uma amiga que morava lá e eu sei que lá é dividido por quadra. Uma quadra tem um curso, em outra quadra tem outro curso. Primeiramente, aqui os cursos são muito longe. A maioria dos [*cursos*] gratuitos são no SENAC, no centro da cidade. Aí, as pessoas não têm condição nem pra comer, ela vai (*sic*) pagar passagem para fazer curso? Tudo é dificultoso (*sic*). Certo que, quando você quer uma coisa, você tem que se esforçar, porque as coisas já são difíceis; as pessoas já não têm estímulo e, aí, o que é oferecido ainda tem dificuldade. Assim, as pessoas desistem antes mesmo de começar. O problema maior aqui é esse. Aí, uma coisa puxa a outra e aí vai. Quando vai ver, a pessoa já está vivendo em condição subumana; por exemplo, 3, 4, 8 pessoas morando num vão do tamanho dessa sala aqui.

↪ Os Programas sociais

“Por isso, eu acho que, às vezes, os programas do governo faz (*sic*) a pessoa se acomodar; tem gente que diz assim: ‘Ah, eu não vou trabalhar, vou esperar’. Lá perto da minha casa, a maioria das pessoas tem três, quatro meninos. Quando a pessoa fica grávida de novo, a gente diz assim, admirado: ‘Mulher, tu já tá (*sic*) grávida de novo? Pegou outro menino?’. Aí, ela diz assim: ‘O que é que tem? Não tem o Bolsa Família?’. A resposta é essa. Tem muita gente que a resposta (*sic*) é essa: ‘O que é que tem? Não tem o Bolsa Família?’. Tem gente que, com três, quatro meninos, recebe R\$ 280,00, R\$ 250,00, quase R\$ 300,00. Muitas delas não trabalham por isso. Cada menino é um tanto. E, aí, a Dilma ainda inventou o Brasil Carinhoso, que é esse que dá R\$ 70,00 para cada criança até 15 anos. Aí, quer dizer, quem tem 4 filhos, 4 vezes 70? Já dá R\$280,00. Fora o dinheiro do Bolsa Família, que você já

recebe do seu cartão. Agora vai aumentar mais R\$ 70,00 por cada criança! As pessoas se acostumam a não trabalhar!”

“Agora, o Bolsa Família está sendo R\$ 40,00 para a família que tem jovens, porque tem o Bolsa Jovem. Até minha sobrinha recebe, antes só era R\$35,00. Pra você ver como tem o seu lado bom, porque é um incentivo, assim, para os adolescentes irem para um curso, para ajuda de custo de passagens e tudo. Mas a gente sabe que esse dinheiro não é utilizado para os estudos.”

Inf. 6: “Olhe, tem gente aqui, esse caso eu não vi, mas eu escuto dizer. Por exemplo, aqui, minha vizinha é muito viciada na droga. Dizem que ela deixa até o cartão dela do Bolsa Escola e do Bolsa Família dos filhos dela na mão do traficante, para receber droga. Não sei se é verdade. Porque é a única coisa que ela tem de certo é esse Bolsa Família para comer; assim, é até meio ilógico ela fazer isso. Mas é o que eu escuto falar.”

Filha: “Antigamente, logo que surgiu o Bolsa Família, quando as adolescentes faziam 15 anos, [os benefícios] eram cortados. Eu tenho 25 anos. Quando eu fiz 15 anos, eu fui cortada! Hoje em dia não; quando você faz 15 anos, entra o auxílio Bolsa Jovem, que é (sic) esses R\$35,00 a mais. Se eu não me engano, [o recebimento do benefício] é até 18 anos. Assim, o adolescente fica mais 3 anos recebendo esse auxílio. Aí, depois [ocorre o] corte. Quer dizer, é um dinheiro que é lançado na mão das pessoas, mas as pessoas não têm informação, não há uma estrutura sobre o que fazer com esse dinheiro. Muita gente vai receber o dinheiro e diz: ‘Ah, aumentou R\$35,00. Ah! É o Bolsa jovem. Ah! Não sei nem o que é isso!’. Ela lê no papelzinho do extrato, mas não sabe o que é isso, só sabe que está recebendo o dinheiro. Quer dizer, quanto mais dinheiro vier, melhor! Se as pessoas tomassem a consciência [de] que esses R\$35,00 que recebeu, está (sic) aqui na mão, e você procurar um curso no centro, ou qualquer coisa, [ou] vai procurar um emprego, mas as pessoas não tem essa estrutura mental.”

Inf.6: “Tem umas pessoas que acham que isso é só uma ajuda, mas tem uns que realmente se conforma (sic) só com aquilo e se acomoda!”

Filha: Eu pago R\$ 200,00 por mês para uma pessoa olhar meu filho só um turno, porque ele estuda de manhã, mas aqui ninguém quer. O pessoal prefere ficar pedindo – ‘ei me dá R\$1,00, me dá 50 centavos, me dá um pão, um pouquinho de arroz’ – o dia todo na sua porta. Porque, além do Bolsa Família, aqui as pessoas são muito boas, e um ajuda o outro e, aí, o pessoal prefere se acomodar do que trabalhar. Eu fiz o Bolsa Família, agora. A gente faz

e espera três meses. Depois é que chega o cartão; depois, você recebe o primeiro mês e, assim, vai me ajudar muito a retomar a minha vida profissional.”

Filha: “É isso que eu falo da pobreza intelectual das pessoas, que dizem: ‘Eu tenho muitos filhos, eu recebo o dinheiro do Bolsa Família, dá para eu comer ovo todo dia’. Mas, se a pessoa parar pra pensar, se esforçar, trabalhar, procurar alguma coisa, não é melhor comer ovo um dia sim e, nos outros, comer carne? Ter uma qualidade de vida melhor? As pessoas já não pensam nisso, porque tanto a mente quanto o corpo já está acomodado (*sic*) naquela vida e não procura melhora. Ai fala assim: ‘Ah, porque eu sou pobre; ah, porque eu tenho 5 filhos para criar e ninguém me ajuda!’”. Eu acho que a pessoa não se ajuda e não procura ajuda. Assim, a pobreza vai continuando, porque vai tendo mais menino, vai tendo mais bocas para se alimentar (*sic*) e os filhos com 12, 13 anos, já vão tendo mais filhos. Vai se agravando porque não tem para onde ir, mora todo mundo dentro da casa da mãe, e se tem 1 kg de arroz, todo mundo come e, se não tem, todo mundo vai dormir com fome! E por ai vai... Termina só na pobreza e dali não sai. Eu acho, mesmo, que o problema vem da criação. Da inteligência da pessoa...”

CASO 1: MISÉRIA

Eu tenho uma vizinha – meu pai até conhece ela – o nome dela é ‘M’. O marido dela é marido mesmo; ela é casada com ele no papel. Ele trabalha [...] no [...] como [...]. Por semana, ele recebe R\$ 500,00; tem semana que ele recebe R\$300,00, teve semana, até, que ele já recebeu R\$ 600,00. Mas, se você ver (*sic*) a casa deles! Lá, se você encostar na parede, ela está balançando; mora (*sic*) umas dez pessoas dentro da casa. A casa é podre, tem um mau cheiro horrível. A casa não tem saneamento, não tem aparelho sanitário. As crianças fazem coco dentro de um buraco assim no quintal, fazem xixi dentro de um balde. Pegam esse balde cheio de xixi e jogam no meio da rua e apodrece a rua. E passam o dia todinho nas portas, pedindo um pouquinho de açúcar, um pouquinho de leite, um pouquinho de arroz. E o dinheiro vai pra onde? Vai para a bebida! Ele já é um senhor de idade, ela é quase da mesma idade do meu pai (*silêncio*)... Ele é um senhor que se droga. O dinheiro dele vai todo para a bebida e a droga. A filha dela se droga, e ela tem cinco filhos, que moram tudo na mesma casa. Todos se drogam! Ela arranjou um marido no interior, era um rapaz excelente. Mas veio para o bairro e caiu na droga também! Então, se esse chefe de família fosse uma pessoa de estudo, com instrução, uma pessoa de pensar, era pra viver numa vida maravilhosa! **Uma pessoa que ganha R\$500,00, R\$300,00 por semana não era para viver nessa miséria. Acho que começa aí, a pessoa é desestruturada! Uma pessoa com um dinheiro desse, bem estruturada, faria maravilhas! Quer dizer, que ele tem condições, ele tem um dinheiro na mão, mas não sabe o que fazer! Ai termina nisso, e da pobreza não sai. Essa pessoa é meu vizinho. Eu falo do que eu vejo, não são os outros que contam.**

↪ O Trabalhador e o agiota: esquema

Inf. 6: “Aqui têm muitos nessa situação. Eles trabalham carregando, descarregando, nesse movimento nos navios; toda semana tem serviço, e eles recebem o dinheiro toda 4ª feira. Tem trabalhadores que ganham esse dinheiro, como ela falou, mas está com muito tempo que [o vizinho da filha] não pega nem no cartão do banco, que é de receber o salário.”

“O cartão é (sic) na mão do agiota. São viciados na droga... Aqueles que não são viciados, eles têm uma casinha, têm carro, mas aqueles que são viciados na droga e na bebida estão na mão dos agiotas.”

“É assim: de manhã, eles vão lá no (sic) rapaz que tem ali buscar o dinheiro do almoço, e o cartão está na mão desse rapaz. Se ele der o dinheiro do almoço e da janta, eles gastam; e, quando é de noite, vão atrás do dinheiro da janta. Aí, ele [o agiota] diz: ‘Rapaz, eu te dei R\$ 20,00 de manhã, o que que tu fez?’. Resposta: ‘Não, rapaz. eu comecei a tomar um negocinho ali e tal...’”

“Eu conheço um rapaz que é tão viciado que o agiota estava dando uma quentinha para o almoço dele. Ele ia buscar o dinheiro do almoço; aí, o agiota dava uma quentinha. Uma quentinha é R\$ 6,00, mas ele vendia por R\$ 3,00 ou por R\$ 4,00 para ir comprar uma pedra de crack, que é R\$5,00. Ai se “lombrava” (sic), ficava por aqui juntando lixo pra ganhar R\$ 1,00 ou, então, pedia um pouquinho de comida nas casas. É assim!”

Filha: “O trabalhador viciado deixa o cartão do seu salário com senha, identidade, CPF, tudo. O agiota é que vai lá no (sic) banco e tira o dinheiro. Eles trabalham para receber migalhas, e olhe lá. Se você parar para pensar, você só está trabalhando exclusivamente pra essa pessoa, porque eu te devo R\$ 500,00 e meu dinheiro é R\$ 500,00! Então você tira todos os meus R\$ 500,00 para você. Ai eu digo, e agora? Eu vou ficar sem nada! Dos meus próprios R\$500,00, ele tira R\$ 100,00 e me empresta! Daqueles meus R\$ 500,00 que ele acabou de sacar do banco, eu estou pagando o que já devo. Daí o agiota tira R\$ 100,00, me empresta, aí eu já fico devendo. É um ciclo vicioso que não acaba. Quando é mulher, geralmente empenha tudo: Bolsa Família, Bolsa Escola... Só não vende os meninos porque ninguém quer!”

Inf. 6: “Se tiver algum saldo – do que ele deve ao agiota, na conta do trabalhador – o agiota dá só o saldo dele. Mas, às vezes, [o trabalhador] fica é devendo; assim, ele recebe um vale. Tem semanas que tem muito serviço no Cais do Porto, aí dá para fazer de R\$ 700,00 até R\$ 1000,00 em uma semana. Mas, quando tem pouco navio, essa semana dá pouco, entre R\$200,00 e R\$ 250,00.”

CASO 2: O AGIOTA E O CARTÃO DO BOLSA FAMÍLIA COMO GARANTIA

Por exemplo, tem uma senhora ali no final da rua que já está com duas vezes que eu levo o dinheiro do agiota para ela. Ela diz: ‘Fulano, vai lá no (sic) ‘P’ e diz a ele que mande R\$ 100,00 para mim, está aqui o cartão!’. O Bolsa Família que ela tem é de duas filhas [que estão] estudando. Aí, eu vou e digo: ‘P’, a ‘M’ mandou o cartão com a senha e disse que tu mandasse (sic) R\$ 100,00 para ela. Duas pessoas [recebedoras] do Bolsa Família dá (sic) quanto? Nesse caso, vamos supor: se for R\$70,00 cada pessoa, os dois são R\$140,00. Veja, a mulher pega o cartão, manda lá para o agiota, aí o agiota manda R\$100,00 para ela. Aí, no dia do vencimento do Bolsa Família, o agiota vai no banco e tira os R\$140,00. Os R\$40,00 é do agiota. Acontece que, naquele mês, [a mulher] fica sem dinheiro, sem nada, porque ela já adiantou R\$100,00 e perdeu R\$ 40,00 para o agiota. E, assim, essa mulher é de um jeito que, para ir bem ali, de uma distância como daqui [a] ali, onde nós estávamos, ela já tem me dado R\$ 5,00. Só pra eu ir no (sic) agiota, deixar o cartão e buscar o dinheiro, ela me dá R\$10,00. Aí, eu digo: ‘M’, tu mesmo vai (sic), porque esses R\$5,00 ou R\$10,00 já dá (sic) para tu comprar (sic) quase o almoço. Para você ver, R\$5,00 aqui nessa minha vendinha são 15 ovos. Só aí nesse negócio, ela já perde esses 15 ovos. Eu digo assim: ‘M’, economiza teu dinheiro!’. Aí, ela diz: ‘Rapaz, tu não quer (sic) ganhar dinheiro, não? Se não quiser, eu dou a outro...’. É assim uma pobreza, ou não sei se é uma miséria! Pode ser também pobreza de espírito ou falta de imaginação, assim, da pessoa. Porque, se fosse no meu caso, eu mesmo ficava com esse dinheiro e ia resolver meu negócio, assim eu ganho esses R\$ 5,00.”

Esposa: “É preguiça mesmo!”

Filha: “É falta de estrutura, de informação, de educação.”

⇒ O Bom exemplo com o Bolsa Família

“Por exemplo, eu recebi o Bolsa Escola até meus 15 anos. Era no cartão da minha mãe, mas com 15 anos eu fui cortada. Aí, só minha mãe ficou recebendo, [sendo] um auxílio-escola e auxílio-medicamento. Porque ela tomava muito medicamento controlado. Aí, eu sai. Hoje em dia é diferente: você recebe até 15 anos de idade e, depois, aumenta mais R\$35,00 e [o benefício] vai até os 18 anos. A minha mãe biológica, ela é uma pessoa muito bruta, grossa, muito dura, sabe? Ela é madrinha da minha mãe adotiva, a ‘J’. Mas em questão, assim, de estudo, eu nunca tive o que reclamar dela. Sempre me colocou para estudar, para fazer curso. Eu nunca perdi um dia de aula. Eu ficava com preguiça, chorava, mas ela brigava, me empurrava, pegava meus cadernos para olhar. Quando ela era chamada na escola, em dia de reunião, ela ia. Quando eu tirava 2,0, ela brigava comigo, reclamava, e, da outra vez que ela ia na (sic) reunião, a minha nota já estava melhor. Ela é uma exceção; ela é uma pessoa sem estudo, ela só fez até a 4ª série, mal sabe escrever e ler. É uma pessoa grossa, é assim do interior mesmo, bruta, “braba”! Mas ela é uma pessoa inteligente. Ela é uma pessoa de pensar, é uma pessoa trabalhadora e usou bem o meu Bolsa Escola. Até hoje ela recebe o Bolsa Família. E eu também fiz o Bolsa Família para o meu filho; tem pouco tempo, ainda está para sair. No meu dia-dia, meu Bolsa Escola ajudou porque a gente também tinha uma bodeguinha dessas assim.

As coisas eram difíceis; aí, quando ela recebia aquele dinheiro, era uma alegria. Aí, ou ela empregava em coisas para bodega ou ela comprava coisas para gente comer. Quando a bodega estava boa, ela comprava comida, comprava meu material e as coisas do colégio. Quando a gente tava bem com dinheirinho, ela investia na bodega. Ela nunca jogou fora o nosso dinheiro. Até hoje ela é bem estruturada. Ela sempre teve comércio. Na época que eu vim morar na casa da mãe daqui, ela tinha um bar e não tinha tempo de cuidar de mim. Ah, e nem paciência... Aí, ela me deu pra ela [a mãe adotiva] criar. A gente morava pertinho, na outra rua. Quando eu fiquei grande, assim com uns 6 anos, eu fui morar lá de novo. Mas eu sempre fiquei morando lá e aqui.”

↗ **Caracterização da favela**

↘ **A Associação dos Catadores de Material Reciclável**

“Uma pessoa doou seis carroças para a irmã ‘P’ – que é a presidente da Associação – e ela deixou ali para doar ao pessoal da associação. Só que a pessoa que doou as carroças, ele quer ele mesmo fazer a entrega e ele está viajando. Ele quer conhecer o grupo e vai doar uma cesta básica também. Porque a nossa reunião é nas primeiras sextas-feiras de cada mês, lá na igreja [...]. Só que, assim, a igreja, sempre a irmã, ela que comanda; nós só fazemos reunião com ela. Nós podemos ir até lá querendo, mas ela, não estando lá, tem uma pessoa encarregada. Lá é provisório é só emprestado para associação. Ela é quem organiza a associação. Ela é quem organiza, ganha as coisas com os amigos dela; até um carro ela ganhou, usado já, mas tá para vender esse carro, porque ela quer botar na associação. Estamos tentando arranjar um galpão. Ela já arranjou com os amigos dela, 15 carroças para os catadores. Sempre, nas reuniões que ela faz, ela tem um *agrado* pro povo, que é para eles não desistir (*sic*). Porque as pessoas acham que ganha (*sic*) muito pouco. Tem hora que pensa em desistir, mas aí ela fica incentivando, aí ela dá qualquer coisa, uma cesta básica; embora que seja pouquinho, mas serve para gente continuar. E a gente trabalha assim individual, porque, se a gente tivesse um galpão, era para ser todo mundo junto. Aí, a gente vendia mais bem vendido porque era todo mundo junto. Porque, como você viu ali, [ao] invés de a gente vender a 30, 40 centavos, nós podíamos vender de 1 real, ou até a mais de 1 real, [a] depender do material. A latinha que nós vendemos individual, de 15 centavos, podia (*sic*) vender de 25 centavos, se fosse todo mundo da associação junto. O [garrafão] ‘Pet’, que eu vendo de 50 [centavos], podia vender até de 1 real, 1 real e 50 [centavos]. Mas, como nós vendemos individual, aí tem

uns depósitos que pagam mais caro, outro paga mais barato. Aqueles que dão a carroça para o catador catar, que são aqueles catadores que não tem a carroça, já compra mais barato porque ele foi com a carroça do depósito. Tem que vender ali, embora seja mais barato que no outro. Agora assim, se ele vender no outro depósito, embora seja mais caro, aí o dono do depósito já não quer mais dar a carroça pra ele, porque ele foi com a carroça do depósito. É tanto... É assim.”

↪ As Fontes de renda

Inf. 6: “Tem muita gente que sobrevive através do movimento da praia; por exemplo, os pescadores vivem da venda e compra dos peixes. Só que eu conheço, tem umas vinte pessoas que trabalham na Praia ‘X’ como garçom – cumim, que eles chamam [...]. E tem os ambulantes, pessoas comum (*sic*) que compram biquíni no centro e sai (*sic*) vendendo lá na beirada da praia. E vende! Vende aquelas cangas de praia. Tem uns, aqui, que leva (*sic*) aqueles peixinhos torrado, sardinha. Outros já vende picolé ou “dindim”. Sábado e domingo é o dia que mais dá. Você vê as paradas de ônibus que vai (*sic*) para praia, é lotado só de gente que vai trabalhar, vender alguma coisa na praia. Não é nem tanto para o banho, muitos vão para trabalhar, para vender. E tem o povo que trabalha nas barracas.”

Filha: “Muita gente, nessa prainha aqui perto, passa a manhã todinha pescando! Pesca os peixinhos pequenos, ajuda os pescadores. Meu sobrinho é um. Todo dia de manhã, ele ajuda os pescadores a puxar a rede, fica ajudando a separar, a ‘desenlinhar’ (*sic*) a rede, a jogar a rede no mar e tirar de novo. Ele vem com um baldinho cheio de peixe para casa. E a família dele todinha almoça, janta, e ainda sobra para o outro dia. E muitas outras pessoas vivem da praia também.”

O texto “6” apresenta o cotidiano de “pobreza estrutural” e “miséria de posição” da comunidade a partir da realidade de vida das pessoas. Os informantes apresentam fatos das suas próprias vidas e testemunham diversos casos que caracterizam os sérios problemas da comunidade. Os informantes, aqui, são membros de uma família estruturada, com fonte de renda do comércio de miudezas e da reciclagem, e envolvida em trabalhos sociais na Associação de Moradores. Por viverem na comunidade e conhecerem bem as pessoas e seus modos de vida, eles testemunham diferentes casos. O ponto comum em todos os relatos é o tráfico ou o consumo de drogas.

A maioria dos homens trabalha descarregando os navios no Cais do Porto, chegando a receber renda enquadrada na faixa da alta classe média, segundo estudos do IPECE, 2012. Tal renda, entretanto, é utilizada na manutenção do vício das drogas ilícitas, e não em suprimentos básicos para eles e suas famílias. Nesse contexto, o “agiota” mantém consigo os cartões bancários dos trabalhadores viciados, uma vez que estes costumam consumir mais drogas do que o que podem pagar. Assim, o salário dos trabalhadores, a cada final de semana ou de mês, é recebido pelo “agiota”. Os trabalhadores ficam sem renda inclusive para a compra de alimentos, dependendo sempre, portanto, da caderneta do agiota.

Em relação ao cartão do PBF não é diferente. Documentos como o cartão magnético e as senhas também estão sob a guarda dos “agiotas”. A diferença de um caso para o outro é que, em relação aos trabalhadores, estes são homens, e o informante assume saber da vida dessas pessoas porque é testemunha dos fatos narrados. As usuárias do PBF, por outro lado, são mulheres. Quanto a elas, o informante, em relato, prefere utilizar a expressão “ouvi dizer”. Destaca-se, ainda, o temor de relatar aspectos da vida das pessoas usuárias de tal programa governamental.

Esses costumes são passados de uma geração para outra. Os mais jovens – mais expostos aos diferentes padrões da vida social – tendem a sentir “necessidades de consumo” que estão além do seu padrão de vida e são, assim, captados pela criminalidade na tentativa de satisfazê-las. Percebe-se, assim, já ser normal para o informante apresentar a comunidade que ele vive a partir desta realidade.

4.8 Texto 7

Contexto e caracterização da entrevista

O Informante “7” tem 68 anos de idade, é viúvo, não tem filhos. Depois que a segunda esposa morreu, ele ficou morando sozinho. Mora em um quartinho na beira do trilho. Ele é aposentado e trabalha como catador de material reciclável.

A entrevista foi realizada na casa do informante. A casa dele é um “barraco” com forte odor de lixo, pois ele divide o mesmo espaço com os materiais que cata na rua e guarda para vender nos depósitos, em grande quantidade. Na maioria dos dias, trabalha no período da madrugada; por esta razão, ele estava dormindo quando nós chegamos, às 10 horas da manhã. Mesmo assim, recebeu-nos e dialogou conosco com poucas palavras; estava, porém agradece-

do pela oportunidade de falar da vida dele. Nos dias em que trabalha, ao final da tarde, ele leva consigo uma criança filha da vizinha. Segundo o informante “6”, que nos acompanhou nas visitas, a criança seria filha do informante “7”, mas aquele não está seguro do fato. O informante não assumiu que leva a criança com ele para o trabalho.

➤ **Narrativa**

“Hoje, eu estou trabalhando menos porque a minha saúde não é mais aquela saúde [...]. Eu já tenho 68 anos e sou muito sofrido do trabalho. [...] Preciso de muitas coisas, mas eu trabalho todos os dias e [...] luto para conseguir.”

➤ **Experiência de vida**

“Eu já fui casado duas vezes. Me casei (*sic*), separei da mulher (*sic*), me casei (*sic*) de novo, a mulher morreu; aí, eu fiquei solteiro e não quis mais. Eu não tenho filhos. Depois que a minha segunda mulher morreu, eu fiquei morando sozinho mesmo.”

“Hoje, eu estou trabalhando menos porque a minha saúde não é mais aquela saúde que eu tinha com dezoito, vinte anos. Eu já tenho 68 anos e sou muito sofrido do trabalho. Eu passei 30 anos empregado! Daí, eu consegui receber uma pequena ajuda do governo. Não vou mentir para a senhora, eu recebo uma pequena mensalidade do governo. É uma *mixaria*, mas, de qualquer forma, me ajuda.”

“Sou muito satisfeito e feliz da minha vida. Não preciso pegar em nada de ninguém, porque tudo eu tenho com a graça de Deus. Onde eu chego (*sic*), nessas mercearias, o pessoal sempre me ajuda: ‘Quer alguma coisa, seu menino?’. Eu digo: ‘Quero’. Ele diz: ‘Pronto, está aqui’. Ele anota e depois eu vou pagar. É assim que funciona; por isso, não me falta nada e eu sou feliz da vida.”

➤ **O Trabalho e a luta**

“Preciso de muitas coisas, mas eu trabalho e, com o meu trabalho, eu luto para conseguir. Trabalho todos os dias. Só não trabalho assim no dia que eu estou, assim, *tomando umas e outras*. Porque aí eu fico meio tonto e aí, em vez de enxergar uma, eu vejo duas meninas, aí fica complicado o negócio [...]. O meu ganho no dia a dia dá para eu viver porque eu moro só.

De primeiro, dava também e eu tanto pagava casa, pagava prestação e ainda brincava. Sempre dá para gente brincar.”

↗ **A Pobreza**

“Eu sou pobre, eu não tenho nada. Você vê esse barraco [*em*] que eu moro como é, mas de maneira que eu estou feliz da minha vida; mesmo assim, pobre como eu sou – roupa esfarrapada, casa caindo aos pedaços –, mas, pelo meu trabalho, eu compro o “de comer” e estou feliz. Então, a pobreza é um problema que já vem do lar. [...] A pobreza é o tipo da coisa de quem não tem coragem de trabalhar e vai fazer o que não presta. Nós, como eu e ele aí (*Inf.* ‘6’), que somos amigos, nós sempre queremos trabalhar para viver numa melhor, para ninguém andar atrás da gente. Isso é que eu acho.”

↗ **A Miséria**

“A miséria é um problema muito sério demais, porque a miséria é uma evolução perigosa. É preciso que a gente se *aguente* com esse tipo de coisa de miséria, sabe por quê? Porque tem gente que não se *aguenta*. Rouba! Mata! Mata os outros para roubar! Nós não temos esse tipo, nem eu, nem ele aí. Nós temos esse estilo para viver com sinceridade e honestidade. Eu peço a Deus misericórdia e que me ajude para eu nunca fazer nada de mal com ninguém, por causa da miséria. Só isso que eu tenho para dizer da miséria.”

↗ **Gratidão**

“Eu agradeço pela senhora me perguntar alguma coisa que eu pude responder; e, se tiver mais alguma coisa, eu estou às ordens.”

No texto “7”, o informante estabelece relação entre a pobreza e a privação de itens de necessidades básicas. Entretanto, ao falar da sua vida em particular – que é uma experiência de absoluta privação (moradia, saúde, lazer e segurança) – ele destaca a felicidade. Esta está diretamente ligada ao fato de serem suas virtudes o seu maior mérito de dignidade, conquistado ao longo da sua vida. Vale destacar que, em poucas palavras, o informante logra relacionar conceitos como pobreza, miséria e felicidade.

A posição social do informante na comunidade em que vive é dada por suas virtudes humanas e não pelo que ele possui de valor material. Dessa forma, ele não se sente relativamente abaixo de posição porque não usa trajes finos, mas percebe-se aceito. Por esta razão,

não se considera miserável, mas feliz, conforme destaca o seguinte trecho da sua fala: “Sou muito satisfeito e feliz da minha vida. Não preciso pegar em nada de ninguém, porque tudo eu tenho com a graça de Deus. Onde eu chego (*sic*), nessas mercearias, o pessoal sempre me ajuda: ‘Quer alguma coisa, seu menino?’. Eu digo: ‘Quero’. Ele diz: ‘Pronto, está aqui’. Ele anota e depois eu vou pagar. É assim que funciona; por isso, não me falta nada e eu sou feliz da vida”.

4.9 Texto 8

➤ Contexto e caracterização da entrevista

O informante “8” tem 60 anos de idade, é viúvo há 10 anos, natural do Rio Grande do Norte e mora com 6 filhos e 2 netos. Trabalha como catador de material reciclável e faz “uns bicos” para complementar a renda da família.

No momento da entrevista, estavam em casa uma filha dele, de 32 anos (‘M’), e dois netos, uma menina de 4 anos e um menino de 8 anos. O barraco da família é na beira do mar, suspenso do solo por um andaime de madeira. Como o local é formado por apenas um cômodo, todas as pessoas que estavam no domicílio participaram da entrevista, inclusive as crianças (“Eu gosto dos meus pintinhos, mas aqui na minha casa tem muita goteira”). O informante começou a entrevista falando de um filho de 28 anos que se encontrava preso em uma cidade do interior do Ceará. Este assunto o levou a emocionar-se.

O informante não assumiu levar as crianças ao trabalho na rua, ainda que, no momento da entrevista, o seu neto tenha referido ir sempre com o avô para a “reciclagem” (referindo-se ao trabalho ambulante). A criança mencionou, inclusive, que até a cadela ajuda a catar material reciclável na rua.

➤ Narrativa

“[...] a gente precisa de tudo aqui nesse lugar. Não tem condições. Só eu para botar as coisas dentro de casa, com a reciclagem.”

➤ Experiência de vida

“Aqui nesse barraco moram 8 pessoas. Eram mais, eram 14 pessoas, mas esses dias eu *botei eles* (*sic*) *para correr*. Foram ficando “de maior”, cada qual com sua mulher e,

aqui dentro, eu não quero. Tem sua mulher, procure seu rumo. Agora, o meu menino, que é aposentado, mora comigo. O que eu posso falar é que a gente precisa de tudo aqui nesse lugar. Não tem condições. Só eu para botar as coisas dentro de casa, com a reciclagem. Eu já possuí três restaurantes, três embarcações, fazia porto no Acaraú, mas, por causa da cachaça, eu perdi tudo e hoje vivo nessas condições miseráveis. Agora mesmo, eu fui visitar o meu filho que está preso. Ele foi brincar o carnaval, mas foi fazer besteira e foi preso. Fui para lá, gastei R\$190,00, mesmo sem ter. Precisei pedir emprestado, porque é filho e, com eles, a gente não mede esforço. Só o hotel, *[a quantia]* foi *[de]* R\$ 40,00. O *cabra* foi brincar e fez besteira. Disseram à polícia que ele estava armado com uma faca. Aí, ele disse na minha frente e na frente do promotor que não estava armado. É muito triste a gente ver um filho algemado, naquela situação.”

Filha: “Ele estava trabalhando de carteira assinada e tudo. Ainda tem dinheiro para receber, mas agora está é preso.”

O dia a dia está um pouco fraco para gente, porque todo dia eu me acordo *[às]* 3:30 h, aí faço o café *[e]* já deixo pronto para elas. Quando é 04:30 h, eu já saio, porque eu não vou sair cedo por causa dos assaltos na rua. Por qualquer coisa, furam a gente sem a gente merecer. Meu balão é só lá pela estiva e volto para cá. *[Quando]* chego aqui, eu abro a porta, boto minha netinha para ir para o colégio; ela todo dia vai para escola. Ela tem só quatro anos. Às vezes, eu fico desesperado da vida. Esses dias eu estou desesperado da vida. Minha esposa morreu, já vai fazer 10 anos que eu sou viúvo, não tenho mulher e nem quero mais.”

“Eu adotei três filhas. A ‘N’, a ‘C’ e a ‘N’, *[que]* adotei com 13 anos. No tempo que eu tinha restaurante, eu passeava muito com americano, chinês, japonês, coreano. Eu já possuí três restaurantes; as meninas comiam lá em casa, aí elas disse *(sic)* assim: ‘Sr. Fulano, não leve a mal, dá para o senhor ser meu pai? O senhor e a dona ‘I’, sua esposa? Porque eu não conheço quem é pai nem mãe no meio do mundo’. Fui e registrei no meu nome. Hoje em dia, elas me respeitam mais do que os meus filhos mesmo! Se eu sair daqui dessa casa, nós vamos para o Rio Grande do Norte. Eu me criei em Natal. Se eu sair daqui, eu levo ela *(filha)* com os meus netinhos.”

Filha: “Eu queria arrumar era uma casa e sair daqui. Eu e minhas filhas.”

(Nesse momento, o neto do informante entra na conversa e diz: “Minha vida é boa. Se eu tivesse que mudar, eu mudava de casa, porque minha casa está muito pequena e tem muita goteira, mas eu gosto dos meus pintinhos.”)

Inf. 8: “Quando chove, aqui é cheio de goteira. Eu *pelejo* para altear, mas não tem condição, não, porque aqui é areia da praia. Vamos dá uma olhada ali em baixo...”

Filha: “Quando ele começa a beber, quem toma de conta aqui da casa sou eu. Faço almoço, faço café e tudo.”

Inf. 8: “Você merendou na escola, Ana?”

(Ela disse que não, porque não gosta da merenda da escola.)

Inf. 8: “Ela não gosta de todo tipo de merenda.”

Inf. 6: “Essa pergunta quem vai fazer é ela (*a pesquisadora*), mas pode ela se esquecer, aí eu queria perguntar: Quanto é que tu ganha (*sic*) com o negócio da reciclagem?”

🏠 O Trabalho: catador de material reciclável e os “bicos”

Inf. 8 – Assim, no mês, quando eu apuro 30 sacos, 35, fora os alumínio (*sic*), aí eu apuro R\$ 40, 50 por mês. Está aí o quarto – quarto não, um bequinho que eu tenho – está cheio, eu junto e vendo tudo de uma vez. Se eu sair todo dia, dá para fazer uns R\$100,00 por mês, mas tem dia que eu estou com preguiça e não vou não, porque, se eu não sair às quatro horas da madrugada, às cinco horas, eu já não pego mais nada na rua.

Filha: “É a cachaça mesmo que não deixa, diga logo!”

Inf. 8: “Não, é assim... Quando eu estou numa boa, eu saio daqui é [*às*] 03:30 h, 4 h. Eu vou sozinho, só vai comigo a ‘K’, a cachorra. Às vezes, de tarde, é que ele (*neto*) vai lá para a casa da minha filha [...] e eu levo ele (*sic*) comigo. Um dia, lá na estiva lá na esquina, um cara jogou lá de cima uma garrafa – o irmão do ‘P’ – e a cachorra não foi pegar a garrafa e trouxe para mim? A ‘K’, a cachorra, vai todo dia comigo. Não levo os meninos, não vou acordar os *bichinhos* às 3:30 da madrugada para levar eles, não!”

“Eu tenho outro ganho, não é só a reciclagem. Eu faço bico. Essa semana, eu trabalhei ali para Dona “N”, do bar, aquela [...]! Ganhei R\$ 40,00. Ele quer até que eu leve uma pia de rosto que eu tenho aí para eu vender para ela...”

🏠 A Pobreza

“Para mim, pobreza é não ter o que comer, não ter nada para sobreviver. Não tem como ir adiante para cuidar da vida. Agora mesmo, nós estamos esperando o Padre ‘A’ para dar uma força para gente. Mas, aqui, ninguém passa mal. É ovo, é a mortadela, é a salsicha, é

o presunto. Ela vai lá para o mercantil, traz [de] lá um *bocado* de coisa: galinha, bife, fígado, bisteca. A ‘M’ vai mais (*sic*) meu outro filho ali e traz as comidas para casa. Tem os dias certos de ir lá no mercantil, pegar as coisas vencidas. Nesse instante, ganhei essa geladeira e aí aquela minha, que estava sem o gás, já troquei.”

Inf.6: “Entrando aqui na conversa dele... É que a ‘M’ (*filha*) já tem conhecimento com umas pessoas e, aí, aquelas coisas que não podem ir mais para as prateleiras do mercantil, porque estão vencidas, eles dão para ela e, aí, eles aproveitam.”

O Programa Bolsa Família

Inf. 8: Eu tenho dois netinhos [*inscritos*] no Bolsa Família. Esse negócio de Bolsa Família é uma ajuda, porque serve para eu pagar a bodega. Eu compro massa, arroz, merenda para os meninos levar para a escola e pago por mês. É ali na bodega do ‘Z’.”

Filha: “Mas o dela não está vindo, não, porque eu estou recebendo só R\$36,00; eu já fui saber o que é e a mulher disse que era assim mesmo. Mas uma mulher ali, que recebia o mesmo tanto que eu, o [*benefício*] dela veio foi com aumento já. Eu já fui lá, levei os restos de papel tudinho (*sic*), e a mulher disse que era só em julho; que é para eu ir lá renovar tudo de novo, porque é só depois de 2 anos.”

O texto “8” apresenta a pobreza como sendo ausência de perspectivas de futuro, conforme as palavras do informante: “Não tem como ir adiante para cuidar da vida”.

É possível destacar o sentimento de desesperança, o vício do alcoolismo do chefe da família (o próprio informante) e o trabalho com a reciclagem como aspectos centrais do texto.

A desesperança está presente na consciência dos membros da família diante das necessidades básicas insatisfeitas e do sofrimento com o filho envolvido com a criminalidade. Este indivíduo encontra-se, atualmente, privado de liberdade em uma cidade do interior do Ceará. A impotência para resolver tal situação é expressa por meio de lágrimas e pela necessidade de pedir dinheiro emprestado para ir até a cidade onde o filho encontra-se recluso.

O vício do alcoolismo do chefe da família é sentido mais fortemente pela filha, uma vez que ela é quem sofre de maneira mais direta as consequências daquele, pois, uma vez que ele deixa de ir para o trabalho da reciclagem, eles ficam sem renda para o sustento. A filha, entretanto, não parece indiferente à situação da família, pois recebe doações de gêneros ali-

mentícios de uma empresa particular e é beneficiária do PBF. No momento da entrevista, ela questionava o porquê do valor de seu benefício ser inferior ao da vizinha.

O trabalho na reciclagem representa, igualmente, a batalha empreendida dia a dia pela família. Para trabalhar, o informante luta contra seu próprio vício e contra todos os riscos de insegurança da madrugada, haja vista que este é o turno, segundo as palavras daquele, no qual se encontra mais material reciclável para coletar. Outro aspecto interessante é o fato de a dinâmica de catar material ser tão familiar para as crianças que estas relatam a colaboração da cadela com o trabalho. O informante, porém, não afirma levar as crianças para o trabalho da reciclagem.

Todos esses fatores caracterizam as adversas condições de vida da família, residente em um “domicílio” plurifamiliar, e retratam a experiência de sofrimento de pessoas extremamente pobres na periferia de um grande centro urbano.

4.10 Texto 9

☞ Contexto e caracterização da entrevista

A informante “9” tem 49 anos de idade, é separada e natural de Natal (RN). Chegou a Fortaleza com 9 anos de idade, dentro de uma “caçoa” em um caminhão carregado de bananas. Viveu na rua e foi iniciada na prostituição aos 9 anos de idade. Em Natal (RN), aos 8 anos, sua mãe a queimou com uma panela de pressão e a expulsou de casa, porque ela relatava ao pai que sua mãe trazia outros homens para a casa. Quando jovem, foi dançarina do programa televisivo do apresentador Irapuã Lima e aclamada “Rainha do Farol”.

Ela tem 4 filhos e cuida de três netos, tendo a neta mais nova 1 ano e 6 meses de idade. Os dois mais velhos vão para a escola no turno da manhã. Por esta razão, a informante assume que leva consigo a criança mais nova para o trabalho de catar material reciclável na rua, porque não tem como pagar ninguém para ficar com a mesma.

Ela tem dois filhos que estão presos, uma filha que tem problema de saúde mental e um quarto – pai das três crianças – que trabalha com tatuagem e artesanato. Ela trabalha como catadora de material reciclável. Relata ter problemas respiratórios e, após um acidente, um dedo imobilizado. Também apresenta vários ferimentos nas mãos. Já foi à Unidade de Saúde, mas não recebeu atendimento. A área não possui cobertura da Estratégia Saúde da

Família, pois é “comandada” pelos traficantes de entorpecentes e estes não permitem a entrada da equipe de saúde no local, segundo relatam os informantes.

Mora na mesma comunidade há 34 anos e apresenta vários relatos de violência. Segundo seu relato, vive “trancada” dentro de casa porque os vizinhos são traficantes de entorpecentes e os tiroteios de gangues rivais são muito frequentes.

A entrevista aconteceu no quintal da casa da informante, que é de frente para o mar. Sua casa é denominada por ela mesma como “chiqueirinho”. O prédio foi interditado pela Defesa Civil e está em risco de desabar, mas ela permanece no local porque não tem para onde ir. Segundo a pessoa que me acompanha nas visitas, o caso dessa informante é um dos mais graves da comunidade. Havia apenas um banco de madeira na casa e ela me ofereceu para sentar. Porém, eu não aceitei sentar-me enquanto os demais estavam em pé; dessa forma, ficamos todos sentados no chão.

➤ **Narrativa**

“[...] assim é a vida, eu estou é com uma gripe medonha; eu era bem gordona, porque trabalhando no sol eu peguei gripe, peguei tudo, estou lascadinha vivendo no lixo. Mas eu tenho que trabalhar, fazer o quê? [...]”

↗ **Experiência de vida**

↘ **Sufrimento e luta**

“Eu tenho 54 anos, eu acho que eu tenho 54 anos. É porque eu sou de 1964. Com oito anos de idade, minha mãe me botou na rua, sabe por quê? Porque eu era a filha querida do meu pai. Aí, eu via ela (*sic*) com outro homem dentro do quarto, aí eu dizia para o meu pai. Aí, quando meu pai viajou para Santarém (PA), ela me deu uma “pisa” (*sic*), me queimou de panela de pressão e ainda me jogou na rua. Aí, tu sabe (*sic*) o que eu fiz? Por que eu não sou daqui não, sou de Natal (RN), minha família é toda de lá. Aí, eu vim em cima do caminhão de banana, com oito anos de idade, dentro de uma caçoa de banana, um bocado de “hippie” (*sic*) que me trouxe. Até hoje estou aqui. Morei debaixo da cotia, debaixo da ponte, comi resto de comida. Já lavei facada, já fui prostitua de cabaré; me prostituí (*sic*) muito cedo, com 9 anos de idade eu fui prostituta. Me prostituí (*sic*) mesmo, caí da vida, mas nunca matei, nunca roubei, pra mim é uma honra. Você me acredita que eu nunca fui presa? Mas já morei na rua e já fui drogada. Minha filha, olha, para ser prostitua de cabaré, você aguentar essas coisas desses

machos, [...] precisa está muito doido, ou pra matar, ou pra morrer. [...] Nunca matei, nunca furei, aí está aqui eu (*sic*).”

“Na rua, a gente pede. Não é melhor pedir do que roubar? É! É melhor pedir do que roubar! De primeiro, o pessoal tinha medo da gente porque achava que todo mundo era ladrão. A gente dizia: ‘Minha senhora, deixa eu varrer (*sic*) o seu terreiro pra eu ganhar um cafezinho’. A gente notava que ela dizia assim, só com o olhar: ‘Deus me livre, você é ladrona!’. Mas, Deus me livre, nunca roubei! Mas eu ainda sou capaz de lavar uma trouxa de roupa com os pés ou só com uma mão, porque ainda é melhor do que está pedindo e roubando! Mas aqui não, o pessoal vive com a mão estendida, pedindo. Eu detesto pedir, eu não gosto de pedir. Eu vou lá, trabalho e ganho na razão, na luta; toda vida eu fui assim, guerreira.”

↪ Experiências

“Eu fiz foi uma reportagem aqui para o canal 10. O canal 10 veio bater aqui! A senhora está pensando que eu sou qualquer uma? Eu já passei foi no [...]! Passei foi um mês fazendo filmagem aqui, e aí eu pedia uma emprego pra essa minha filha que ficou doida, porque a outra estava se prostituindo e saiu de casa e hoje está presa! Veio da [...] uma carta pra empregar essa minha filha [...]. Empregou e ainda mandou R\$ 150,00 para mim. Aí, eu comprei de coisas pra ela, roupinha pra ela ir trabalhar [...], mas ela ficou doida.”

“Então, quer dizer, a minha vida está ótima. Não estou melhor porque a minha casinha está assim, eu não tenho condição de ajeitar, meus filhos presos. Aí, a pessoa tem aquele desgosto... Hoje eu estou magra, porque eu era muito forte, muito bonita. Se você ver minhas fotos, eu era dançarina do Irapuã Lima, eu era chiquérrima. Eu era também a Rainha do Farol.”

(Mostrou-nos as fotos com as faixas de Rainha e como dançarina)

“Ah, minha filha eu sei falar, eu estou assim toda “*requenquela veia*”, mas eu sei dobrar meu tom de voz. Tenho a voz da educação em um canto e tenho a mau educação (*sic*) em outro. Estudei muito pouco. Passei quatro anos no colégio; saí porque a mulher não me deu a minha carteira de estudante, eu abandonei. Estudei até a 3ª série, [*mas*] assim mesmo eu sei um pouquinho ler, escrever, assino o meu nome muito bem.”

“Um dia desses, eu quase me *atraco* com aquela diretora da escola. Mas eu desço logo do salto. Eu tenho até medo de fazer coisa pior, porque eu vivo com a cabeça muito perturbada, com filho, com neto, com tudo; com a vida que está difícil para mim, casa assim, o

peçoal me roubando, querendo me matar e aí a pessoa fica assim... Às vezes. eu falo pra mim (*sic*), sozinha: ‘Te acalma (*sic*), mulher, te acalma, não é assim não!’ . Quando eu boto eles (*os netos*) (*sic*) para a casa deles, eu fico sozinha, eu fecho minha porta, meu portão, eu fico assim, matutando, sozinha.”

↪ A Família

“Porque eu moro há 34 anos aqui. Eu tenho quatro filhos. Dois estão presos, um filho e uma filha. E essa, que veio nesse instante aqui, ficou doida; ela tem 2º grau, curso de informática, era estagiária dos [...], mas enlouqueceu. Pirou! E esse outro [*filho*], que trabalha com tatuagem. E são três netos comigo. É o ‘G’, a ‘L’ e a ‘J’. Essa ‘G’ é uma neguinha bem miudinha, chegou de São Paulo agora, tem 1 ano e 6 meses. Vou buscar ela (*sic*) para a senhora ver. Ela está com uma diarreia medonha, já tem uns três dias. Olha a “ruma” (*sic*) de roupa para lavar dela, toda cagada. Eu *me lasco* todinha pra cuidar dessa menina, vou atrás de remédio, aí, quando eu chego lá, o pai dela dá feijão para ela comer. Vou já por ali ver se eu arrumo ao menos um real para eu comprar de comprimido para ela, porque ela é pequenininha assim. Ô, mulher, chega eu vivo cansada...”

(Trouxe e mostrou-nos a criança)

↪ A Comida

Hoje eu almocei feijão mulatinho com farinha, nesse instante! E o pai dos meninos deixou o comer deles. Porque, se eu tivesse ido trabalhar, eu comprava um pedaço de frango com R\$ 3,00 ou R\$ 5,00. Aí, pronto! Mas, como eu não fui trabalhar, só tinha feijão e farinha. Porque eu tava lavando essa roupa, aí vocês vinham. E o pai dos meninos deu ordem para ir buscar o comer deles lá na bodega, para ele pagar de noite. Porque, para a pequena, ele deixou dois reais para comprar duas sopinhas daquelas. Aqui é um real, aquelas sopinhas vendidas. Eu comprei e dei a ela. Ela já comeu uma de manhã, e vai comer outra antes de dormir. Todo dia é assim, a rotina é essa! Só não falta o “de comer” porque o pessoal dá a ele. As pessoas dão um quilo de feijão, dão cesta básica, dão pacote de leite Itambé, dão arroz, dão caixa de maizena e, aí, tudo serve.”

↪ Estado de saúde atual

“Esses dias, eu estou trazendo bem *pouquinha* coisa, porque eu só estou com essa mão esquerda. E com a mão esquerda, ninguém faz nada. Eu lavei essa roupa nesse instante, chega (*sic*) meus dedos estão tudo branco (*sic*), está aqui. Eu estou lavando as roupas é com os pés, porque assim os dedos das mãos nunca ficam bons. Pois é, a rotina de gente é essa! Aí, pronto! Por mim, está ótimo. Mas, amanhã, já tem [*coisa*] melhor, porque a gente nunca sabe o dia de amanhã; se amanhece viva, se amanhece morta, só sei que meu dedo está danado, latejando. Ave Maria, mulher, minhas mãos estão só coçando! Pura “Kiboa” (*marca de água sanitária*) (*sic*). Vou lá em posto [*de saúde*], [*não tem*] nada. Da última vez que eu fui ali, foi um “pau de briga”. Vou nada... Assim que aconteceu isso aqui, eu fui, não fizeram foi nada; eu saí de lá esculhambando, *desci foi do salto* lá. Aqui não vem médico porque é muito perigoso. É desse jeito, minha filha, assim é a vida. Eu estou é com uma gripe medonha – eu era bem gordona... – porque, trabalhando no sol, eu peguei gripe, peguei tudo, estou *lascadinha* vivendo no lixo. Mas eu tenho que trabalhar, fazer o quê?”

↪ A Pobreza

“Ave Maria, [...] essa pobreza está me deixando tão lascada! Olhe aí a situação da minha casa: tudo caindo, filha, eu estou é desesperada! E ainda cuidando dos três netos. Já tirei foi eles daqui, porque a Defesa Civil – [*É*] Defesa Civil, é? Sei lá, mulher, aquelas da enchente (*sic*), quando a casa da gente está cheia de água! – pois ela mandou isolar a casa, porque podia cair a qualquer hora. Eu aluguei um quartinho ali e botei eles (*sic*) lá. Aí, eu pago a metade e o pai deles paga a metade. Porque o pai deles vende esses brinquinhos desses que a senhora usa; ele é “hippie” e trabalha com venda de artesanato e faz tatuagem nas pessoas e aí ganha R\$10,00, R\$15,00 por semana, mas isso quando a filhinha pequena dele deixa ou quando ela não vai com ele. Porque tem que tomar de conta dela, porque a menina é danada [...].”

“E eu vivo no lixo. Como eu fui acidentada desse dedo, trabalho a força, já não fui ontem. Não fui hoje porque eu estava esperando vocês. [...] Como eu estava esperando vocês, aí eu *meti o pau* a lavar roupa.”

“Esse *chiqueirinho* aqui não é nada não, mas serve. Eu encontrei um velho no meio da rua; ele me pediu ajuda, aí eu trouxe ele (*sic*) para morar aqui. Mas aqui é do meu filho, que está preso. A polícia mandou pedir o registro de um filho meu essa semana, veio

um papel para mim da polícia, está ali dentro das minhas coisas. Aí, eu não tinha o dinheiro, aí eu fui pedir àquele homem que é candidato ali, mas nem consegui...”

🏠 O Trabalho: catador de material reciclável

“A reciclagem é assim: esse aqui já ganha um tanto e eu ganho outro. Eu ganho pouquinho, sabe por quê? Porque eu sou mulher, eu não tenho lugar pra botar nada de reciclagem aqui em casa, você não está vendo nada de reciclagem aqui. Meus saquinhos de reciclagem, já foi ele que me deu todos os três. Esse aqui, aquele ali, já foi ele que me deu todos, aquele outro que está aculá (*sic*) cheio. Todo dia eu vou, trago aquele pouquinho. Ganho 3, ganho 4, ganho 5, ganho 6 Reais. Mas ele ganha mais um pouquinho, porque pega mais. Às vezes, a dona do depósito não paga, ela dá um vale, que é um papelzinho.”

Inf.6: “Porque também a dona do depósito vende, aí quando o rapaz vem pegar o material é que traz o dinheiro. Vamos dizer assim: nós levamos o material hoje, mas o rapaz vem pegar o material só amanhã. Se ela tiver o dinheiro, ela paga; se ela não tiver, ela paga só amanhã, quando o rapaz der o dinheiro.”

Inf.6: “Às vezes, eu vejo a Fulana (*a Informante 9*) puxando uma carroça cheia de reciclagem, que eu tenho é pena, sabe? Caindo e levantando. Eu vejo ela meio-dia escolhendo o material lá no terreno, aí eu digo: ‘Como é que tu aguenta esse sol quente?’

Inf. 9: “Você vê? Eu chego é 12 h, 1h da tarde, com uma *carroçona* (*sic*) de coisa. Mas, aqui na minha casa, você não vê sujeira nenhuma, porque o depósito é perto e, dependendo da hora que eu chego, eu deixo logo lá. Às vezes, eu fico com muita dor de cabeça, fico aborrecida. Mas a minha vida, eu não tenho o que dizer da minha vida, não, sabe por quê? Porque eu já passei muita coisa boa e já passei muita coisa ruim, como eu já falei.”

“De primeiro eu saía daqui às 3 horas da madrugada, mas, como aconteceu um negócio comigo, tentaram me matar. Agora eu saio às 4 horas, 5 horas.”

“Todo dia que eu vou para a reciclagem, eu levo ela (*sic*) que é para o pai dela poder trabalhar; eu não levaria hoje porque ela está *se vazando* (*sic*) *de caganeira*, tossindo, escarrando e cuspidando no chão. O meu neto e a minha neta estudam de manhã; aí, pra eu não deixar a pequenininha só, eu levo comigo para a reciclagem. Eu vou deixar com quem? Eu levo para não deixar sozinha. Eu disse para o pai dela: ‘Rapaz, é o seguinte: tu leva ela (*sic*) pra rua contigo, porque eu tenho que trabalhar e só faz mal a ela estar dentro do carrinho da reciclagem até meio dia, no meio do lixo!’. Ele diz: ‘Mas eu não posso fazer uma tatuagem

que a menina quer pegar nas ferramentas, não deixa ninguém em paz. Derrama e mexe em tudo!'. Por que ela só tem um ano e seis meses... Uma pessoa, para tomar conta de menino assim, tem que pagar! Tem que pagar e é caro. [...] Tu sabe que a gente ganha pouquinho, é um pouquinho aqui e outro ali. É só uns *tiquinhos*. Aí, se eu ganhar 5 reais. eu vou pegar e dar 5 reais pra pessoa ficar com a menina! O que a menina e eu vamos comer? E os outros, quando chegarem da escola, eles têm que comer! Eu estava levando ela todo dia, mas, agora, já não estou mais levando por causa que eu estou com esse dedo doendo.”

↪ Caracterização da favela

“Nem [às] 4 horas eu estou mais saindo porque arrombaram essa porta aqui. A senhora está vendo essa casa toda caindo? Pois sim, o vagabundo entrou e roubou meu bujão de gás, aí a mulher mandou me chamar e isso é só o que eu tenho de valor. ‘Mulher, teu bujão está em casa?’. Eu disse: ‘Está’. Quando eu cheguei aqui, não estava o bujão, aí eu disse: ‘Ah, o bujão é meu! Foi ele que roubou...’. E, nessa confusão, o homem pegou um pau desse tamanho para me matar. Aí, disse que ia me jogar ali no camburão do lixo. Por isso, agora, eu saio mais tarde.”

↪ A Realidade na favela e a violência

“Todo mundo aqui é traficante, matador, ladrão, tudo que você pode imaginar tem aqui. Graças a Deus, meus filhos ainda estão vivos; tem dois presos, mas ainda vivos.”

“A senhora teve foi sorte de eu estar aqui para conversar com você, é porque eu estava te (*sic*) esperando. Mas é tudo trancado aqui, [*a pessoa*] morre de chamar e ninguém escuta, porque aqui o pessoal invade, mata as pessoas e aqui vive matando gente, aqui tem muito vagabundo. Não sei como você tem coragem de estar aqui... Cuidado para não te matarem! Mata porque é vagabundo demais aqui! A senhora tem muita coragem de andar aqui por dentro, nem médico vem aqui.”

Inf.6: “É assim: lá naquela área [*em*] que eu moro, os adolescentes de lá não podem vir para cá, e nem os de cá para lá. Vai eu, vai ela (*sic*) porque nós já somos conhecidos, *das antigas*, mas um rapaz novo, nenhum pode ir pra lá, tem briga de gangue, tem aquelas despeitas! Quem é aqui do [...] não pode ir pra lá, que é o [...]. É desse jeito, nós, velhos, vamos, eu, ela, o ‘J’, mas quem não é conhecido, se for, eles matam. Essa rapaziadazinha não

passa para lá, não. Já morreu muita, muita gente mesmo. Quando *{a pessoa}* dá fé, morre um, dois. Hoje mesmo, morreram dois ali na esquina. Tem tiroteio em plena luz do dia.”

Inf. 9: “Eu não sou velha, sou usada! Dobra a palavra. A polícia entra aqui, mas não faz é nada. Eu só vivo é trancada! Esse aqui, *(apontando para o vizinho)* no mês passado matou foi três, três *(mostrando os dedos)*! Por isso que é tudo fechado. Aqui *[o]* vizinho é chefe do tráfico, ai eu tenho medo de eles matarem e correr *(sic)* para cá.”

Inf.6: “E muitas coisas também é *(sic)* dívida de entorpecentes.”

Inf. 9: “Eu não sei não, essas coisas ninguém deve falar, não. Eu sou do tipo ‘não sei, não vi’, porque senão *(passou o traço no pescoço)*...”

Inf.6: “Ali onde eu moro, tem gente que paga R\$ 200,00 por semana para quem quiser trabalhar para eles vendendo droga, sabe? R\$200,00 por semana! Eu conheço uns três que estão trabalhando para eles! Rapaz, eu prefiro ganhar R\$50,00 por semana vendendo minha reciclagem do que R\$200,00 vendendo droga!”

Inf. 3: “Já pensou, ir para a cadeia? Eu? Depois de velha! Depois de tudo que eu passei! Eu, cidadã brasileira? Eu digo pra eles, quando eles me oferecem dinheiro fácil: ‘Rapaz, eu prefiro ir para o lixo e ficar seca como eu estou, magra de empurrar carroça, do que viver nessa vida de vocês’. Eu sou assim, só não gosto é de apanhar, não gosto de ‘peia’ *(sic)*. Nesse instante, eu deixei ali fora um carrinho velho de mão todo quebrado, que eu ganhei, está ali fora. Pois a mulher não veio *dar uma porrada* em mim, uma velha! Só se confiando que o filho é matador, as filhas são traficantes, a mulher veio me dar um murro, aí eu fiz só isso *(fechou a porta)*. Quer dizer, que *[ela está]* é procurando me botar em precipício! Quem é que gosta de ‘peia’ *(sic)*? Ficaram lá tudo me *arrudiando (sic)* e eu fiquei na minha! Mas só porque eu estava com o portão aberto e eu estava ali, lavando roupa, pra poder esperar a senhora *(a pesquisadora)* que vinha com esse homem. Mas eu já estava pensando: ‘Meu Deus, cadê esse povo?’. É, mulher, é desse jeito, é tudo desse jeitinho como eu estou te contando.”

Programa Bolsa Família

“É assim, a rotina da gente é essa. Eu tenho o Bolsa Família. Mas eles *(as crianças)* já não têm. Nenhuma das crianças, só eu. Eu tenho porque passei sete anos atrás dessa Bolsa. Porque eu estudava à noite, passei três anos estudando à noite, como ele sabe. E eu levei a declaração da reciclagem, como eu ganho só disso mesmo. Eu ganho só R\$ 70,00 do Bolsa Família. Mas tem a água, tem a luz, tem o gás, tem tudo para pagar e a senhora sabe

que tudo é caro. O gás é R\$60,00. Mas já ajuda, por exemplo, se o gás acabar hoje e eu tiver recebido os R\$ 70,00 hoje, já ajuda!”

🏠 Miséria

“Não me chame essa palavra ‘miséria’, eu detesto! Eu odeio porque é a pior palavra do mundo, eu acho. O pai de dois filhos meu (*sic*) chamava muito esse nome aqui – ‘miséria’, ‘praga’ e ‘desgraça’ – ele dizia muito! Eu dizia: ‘Rapaz, pelo amor de Deus, não diz essas palavras dentro de casa porque é um atraso de vida...’. Por isso, eu odeio essa palavra, porque essa palavra de miséria, desgraça, atrasa a vida da pessoa. É a pior coisa. Esse pai dessas meninas, quando ele está com raiva, é só o que ele diz: ‘Isso é uma miséria, uma desgraça’. Aí, eu digo: ‘Rapaz, ó, pegue suas crianças e vá para o seu quarto, pelo amor de Deus, deixe o meu chiqueirinho aqui com a minha pobreza, mas eu sou abençoada de Deus e não uma miserável!’. Eu sou abençoada de Deus, Deus está comigo, ninguém está contra mim e nada de mal acontecerá comigo.”

O texto “9” apresenta uma história concreta de pobreza e de miséria, na qual se destaca a cruel batalha empreendida pela informante no trabalho diário com a coleta de material reciclável. Dizemos “material reciclável” por ser este o termo técnico dado ao material descartado pela sociedade e que é chamado popularmente de lixo. A própria informante confirma tal situação, “*porque, trabalhando no sol, eu peguei gripe, peguei tudo, estou lascadinha vivendo no lixo. Mas eu tenho que trabalhar fazer o quê?*”.

Vale destacar as condições insalubres – como o sol forte e a violência – a que a informante é submetida, as quais não lhe garantem sequer o acesso ao básico. O que ela ganha diariamente não é suficiente nem para alimentá-la dignamente.

O texto apresenta uma face dura da pobreza. A rotina de catar material reciclável é luta de desiguais. De um lado, uma mulher desnutrida, desprotegida e sem saúde física e mental; de outro, a violência caracterizada pelos assaltos, homicídios e tiroteios, motivados pelo tráfico de drogas. Além disso, observam-se as desfavoráveis condições climáticas e o elevado peso arrastado no carrinho até que o material coletado chegue ao seu destino final.

Ainda nessa dinâmica, nota-se o cuidado diário com os netos pequenos, uma vez que o pai destes necessita trabalhar fora de casa. A criança menor, de 1 ano e 9 meses de idade, é diariamente carregada dentro do carrinho da reciclagem (os demais netos vão à escola),

pois a informante não tem com quem deixá-la e não pode pagar ninguém para cuidar da neta. Segundo a informante, com o dinheiro do trabalho da reciclagem, ou ela paga alguém para ficar com a criança ou compra alimento para a família.

A casa da família, definida pela própria informante como “chiqueirinho”, estava em risco de desabamento. Apesar de já haver sido informada pelos órgãos governamentais competentes sobre as condições da casa e os riscos da permanência no local, a informante afirma não ter para onde ir e, dessa forma, continua no barraco até o dia que for possível.

Ainda que a casa não tenha segurança, ela está sempre com as portas fechadas, porque os vizinhos são envolvidos no tráfico de drogas e há risco de roubos e homicídios. Sobre os vizinhos, a informante informou apenas que os mesmos são traficantes de drogas e disse não poder falar mais nada porque correria risco de morte.

Devido às características do local, a equipe de saúde não tem acesso às famílias da área. Sem acesso ao serviço de saúde e submetida a essas condições, a informante apresenta problemas de saúde físicos e mentais.

Todo o texto apresenta situação de pobreza, mas não de miséria. A informante refere-se à miséria como sendo algo distante da sua condição de vida: “Não me chame essa palavra ‘miséria’, eu detesto! Eu odeio porque é a pior palavra do mundo, eu acho. O pai de dois filhos meu (*sic*) chamava muito esse nome aqui – ‘miséria’, ‘praga’ e ‘desgraça’ (...). Eu dizia: ‘Rapaz, pelo amor de Deus, não diz essas palavras dentro de casa porque é um atraso de vida ...’. Por isso, eu odeio essa palavra, porque essa palavra de miséria, desgraça, atrasa a vida da pessoa. É a pior coisa”. A informante reconhece, assim, as bênçãos de Deus no cotidiano da sua vida.

4.11 Texto 10

☞ Contexto e caracterização da entrevista

A informante “10” tem 40 anos de idade. Ela relata que já teve 25 filhos, mas deu 18 e não sabe onde eles se encontram. Dos 7 filhos que criou, atualmente apenas três moram com ela na mesma casa. Ela trabalha como catadora de material reciclável.

A entrevista foi realizada na calçada da sua casa. O domicílio é um pequeno quarto onde vivem 5 pessoas – a informante, três filhos e uma companheira – e o banheiro, localizado do lado de fora, é utilizado por cerca de 5 famílias. No momento da entrevista, todos os moradores estavam presentes. O filho adulto, que, segundo suas próprias informações, trabalha na construção de casas, ao tempo da entrevista estava desempregado; os dois filhos adolescentes os quais, naquele momento, estavam fazendo uma refeição no mesmo prato que os cachorros; e uma amiga.

A amiga da Informante “10” manteve-se na postura de suspeita; perguntou de quem era o gravador e quanto custava, ameaçando, assim, tomar o equipamento. Também fazia brincadeiras e simulou uma briga por causa de uma pulseira no momento da entrevista, na tentativa de mudar o objetivo da conversa. Quando o tema da entrevista foi “Bolsa Família”, ela impediu que o diálogo prosseguisse. Percebemos que a informante não estava à vontade para conversar.

Ao sair da referida casa, o acompanhante nos informou que a “amiga” é namorada da Informante “10” e que é chefe do tráfico de entorpecentes na área.

Narrativa

“Eu acordo [às] quatro horas da manhã; se tiver o café, eu faço e fico aqui esperando o dia amanhecer. Dobro o saquinho preto e me mando e, aí, só volto às nove horas da manhã. Eu tenho medo de sair de madrugada porque aqui, aculá (sic), tem bala [...]”

Experiência de vida

“A minha vida eu já pedi esmola, dormi e morei nas calçadas no centro. Eu andava no meio do mundo, não tinha canto para morar, dormia nas calçadas. Eu já sofri muito no meio do mundo, eu já passei muita fome na minha vida. Tive que lutar para os filhos não passar (sic) fome, porque eu tinha filho de leite e não tinha como dar leite para eles.”

“Ao todo, eu tive 25 filhos, juntando os que eu já dei. Eu dei 18, porque eu não tinha como criar. Vivem comigo só sete filhos: ‘A’, ‘B’, ‘C’, ‘D’, ‘E’, ‘F’ e ‘G’. Três não moram aqui. Hoje, minha caçula é essa aí, parei nela. Ela tem 13 anos, vai fazer 14 anos agora

em setembro; o outro vai fazer 16, esse que saiu agora [*por*] aqui. É, a vida da gente é horrível, é uma miséria.”

“**O que eu tenho que dizer é isso.** Aí, Deus me deu essa casa. Aqui, só quem trabalha é meu menino, ele trabalha fazendo casa. Mas, por enquanto, meu filho está só fazendo bico porque, onde ele estava trabalhando, acabou o serviço. Agora ele está recebendo o seguro-desemprego. Por isso, ele não pode arrumar trabalho para [*não*] assinar carteira ainda. Aí, ele não gosta de ficar parado e está fazendo uma construção de uma casa como bico. Ele é crente também...”

Inf. 10: “Hoje mesmo, não tinha nem café. Aí, eu fui por ali e arrumei um poquinho de café e fiz para eles irem para o colégio. Uma [*das filhas*] chegou do colégio agora.”

🏠 **O Trabalho como catador de material reciclável e a luta**

“Hoje em dia, eu tenho a minha casinha. Aí, foi o tempo que eu entrei na reciclagem. Ele aí é o rapaz lá da reciclagem [...] Ai estou lutando pela vida! Meu dia a dia é assim: eu trabalho de manhã e de tarde. Quando eu não trabalho de manhã ou de tarde, é porque eu estou lavando roupa, fazendo comida por causa desse meu filho que trabalha com negócio de ajeitar casa. Aí, eu paro em casa para fazer o comer dele. Mas, quando está muito *coisado (sic)* mesmo, aí eu saio de manhã e de tarde para trabalhar na reciclagem. Até agora, não tem carrinho. Eu cato no saco, olha aqui (*mostrou o saco preto de lixo*). Eu vou sozinha, os meninos não vão comigo, não. Hoje, eu não fui de manhã para esperar vocês, eu tinha que lavar roupa e eu ia resolver um negócio dos meninos lá na Cruz Vermelha.”

“A venda da reciclagem é lá no depósito. Às vezes, quando tem muito material, a gente pega o carrinho do depósito, a mulher pesa e paga a gente. Às vezes, dá sessenta, dá cem, quando tem muita coisa. Eu junto porque eu gosto de vender é “de muito” (*sic*), “de pouco” (*sic*) não dá é nada de dinheiro.”

Amiga: “Só dá muito dinheiro quando tem fogão ou alguma coisa de alumínio. Isso é o que dá mais dinheiro, aí ela vende. Mas esses plásticos, os [*as garrafas*] Pets (*sic*) dá (*sic*), no máximo, uns 50, 60 reais.”

Inf. 10: “Eu acordo quatro horas da manhã; se tiver o café, eu faço e fico aqui esperando o dia amanhecer. Dobro o saquinho preto e *me mando* e aí só volto às nove horas da manhã. Eu tenho medo de sair de madrugada porque *aqui, aculá (sic)*, tem bala e eu tenho medo. Vou morrer por causa dos outros?”

Amiga: “Ela só não sai mais de madrugada porque eu chamei a atenção dela. Só a partir de seis horas [da manhã], seis e meia, é que dá para ela ir.”

↗ O Programa Bolsa Família e o silêncio

“Só ela aí [a filha] recebe o Bolsa Família. Só a mais nova, porque, assim, o outro, ele estava estudando.”

(A **Inf. 10** é abruptamente interrompida pela **Amiga**, que diz: “H, não precisa falar, não, H; ela está perguntando se tu recebe (sic) o dinheiro do Bolsa Família e pronto... Não precisa esticar!”)

Inf. 10: “Só dela aqui!”

Amiga: “Pronto! Só recebe dela aqui porque, do outro rapaz, aconteceu um negócio aí, não vem ao caso agora. Não está mais estudando, mais. Tirou do colégio. Porque, aqui, a maioria do povo vai para a aula só para arrumar confusão, não é para aprender.”

Inf. 10: “Tirei porque essas coisas aí de querer matar, rolar...”

Amiga: “Eu estudei até a sexta série. Porque eu tive uma filha e minha mãe me mandou eu (sic) escolher: ou cuidar da minha filha ou a escola. Aí, eu decidi pela minha filha. Ela já tem cinco anos. Eu sou só amiga daqui da Inf. 10. Estou passando uns tempos aqui, eu moro em outro lugar.”

Inf. 10: “Ela vai embora hoje.”

Entrevista interrompida

(A “Amiga” perguntou de quem era o gravador e quanto custava o mesmo. Falou que iria tomar o gravador para ficar com o equipamento. Assim, o clima da entrevista ficou tenso e resolvemos não prosseguir o diálogo.)

O texto “10” destaca a luta de uma pessoa que trabalha como catadora de material reciclável. A mesma, juntamente com a sua família, é desprovida de todas as formas de apoio e proteção social. Tendo como instrumento de trabalho apenas um saco plástico, a informante batalha para conseguir o “carrinho de reciclagem”, que lhe permitiria aumentar a renda. Sem o carrinho há duas opções: ou trabalha com o saco de plástico, não sendo, por isso, possível juntar uma quantidade suficiente para conseguir renda melhor; ou trabalha com o carrinho de propriedade do dono do depósito, vendo-se, assim, obrigada a vender a mercadoria pelo preço que o dono do depósito pagar, e não a preço do mercado, além da taxa do aluguel do carrinho.

Também está presente no texto, além da luta para obter o alimento diário, a defesa de si mesma contra os riscos da insegurança pública. O medo de morrer trabalhando de madrugada por causa de uma bala é assinalado pela informante quando afirma esperar o dia amanhecer para sair de casa “com o saco” para trabalhar.

Considera-se mecanismo de defesa dessa mulher a sua aproximação do chefe do tráfico da região – que é uma mulher e que, no momento da entrevista, estava na casa da informante – mantendo relação afetiva com essa pessoa. Ou seja, a informante protege-se de um tipo de perigo, mas está exposta a vários outros.

A companheira da informante participou da entrevista com voz de timbre forte e firme, tentando intimidar a pesquisadora de diversas formas. A conversa transcorreu apenas até o momento em que foi mencionado o tópico do “Bolsa Família”. Assim, a relação entre o complexo universo da criminalidade – especialmente com o tráfico de drogas – e a situação de vida dos usuários do PBF está destacada na narrativa do texto “10”.

5 DISCUSSÃO

Com o intuito de discutir o eixo 1, ou seja, as experiências de vida dos sujeitos em situação de extrema pobreza, optou-se por desmembrar dos textos apresentados nos resultados o tópico “Experiência de Vida” dos informantes 2, 4, 7, 8 e 9. Para a discussão do eixo 2, a face invisível da pobreza, que não é alcançada pelo programas sociais será apresentado o mesmo tópico, “Experiência de Vida”, dos informantes que não são beneficiários de programas sociais, ou seja, informantes 1, 3, 5, 6 e 10. As narrativas serão apresentadas na ordem decrescente dos informantes porque os sujeitos de número mais alto são casos de pobreza atual.

5.1 Eixo 1: as experiências de vida de sujeitos em situação de extrema pobreza

O cotidiano da vida das pessoas na esfera prática está além dos textos escritos sobre a pobreza, a miséria, a fome e as políticas sociais de combate à pobreza e à miséria. Jargões de governo e projetos escritos na teoria não configuram as experiências de vida dos cidadãos, aglomerados nas periferias dos grandes centros urbanos e, assim, expostos aos diferentes tipos de pobreza e à miséria. Os vários adjetivos observados na literatura para a definição da pobreza – como, por exemplo, complexo, multidimensional, multifatorial, heterogêneo – ainda não conseguem caracterizar a pobreza quando observada a perspectiva de quem experimentou (ou experimenta na vida) o fenômeno da pobreza.

Importante sublinhar que um desdobramento imediato da discussão sobre a pobreza é o surgimento da “miséria”. Pois, quando observado o contexto social no qual as pessoas se relacionam, trabalham e desenvolvem a sua vida social, configura-se o mundo social. É nesse mundo onde se dá a participação do ser humano. Ser privado deste direito leva o homem a ter uma experiência de dor e de sofrimento. Assim, a privação deixa de ser pobreza e assume a característica de miséria, ou uma “miséria de posição”, segundo Bourdieu (2012).

As narrativas dos informantes apresentam-nos experiências de vida marcadas pelos diferentes tipos de sofrimentos, característicos da categoria social “pobre”. Pessoas com a marca de ferro da fome, da pobreza, da miséria e da exclusão social. Algumas são lembranças do passado, mas, em alguns casos, tal situação ainda faz parte do tempo presente da vida das pessoas.

As condições de vida dessas pessoas configuram uma situação de extrema pobreza. Neste trabalho, o critério de classificação para definir essa situação não é o fator “renda” e, sim, as condições próprias do indivíduo, considerado como um agente da sua própria história.

✓ INFORMANTE 9

Eu tenho 54 anos, eu acho que eu tenho 54 anos [...] Com oito anos de idade, minha mãe me botou na rua. [...] Ela me deu uma “pisa” (*sic*), me queimou (*sic*) de panela de pressão e ainda me jogou na rua. [...] Aí eu vim (de Natal-RN) em cima do caminhão de banana, com oito anos de idade, dentro de um caçua de banana; um bocado de hippie que me trouxe. Até hoje estou aqui. Morei [...] debaixo da ponte, comi resto de comida. Já lavei facada, [...] me prostitui muito cedo; com 9 anos de idade, eu fui prostituta. Me prostituí (*sic*) mesmo, cai da vida, mas nunca matei, nunca roubei, pra mim é uma honra. Você me acredita que eu nunca fui presa! Mas já morei na rua e já fui drogada. Minha filha, olha, para ser prostitua de cabaré, você aguentar essas coisas desses machos, [...] precisa está muito doido, ou pra (*sic*) matar ou pra (*sic*) morrer. [...] Nunca matei, nunca furei; aí, está aqui eu (*sic*).

Porque eu moro há 34 anos aqui [*na favela*]. Eu tenho quatro filhos. Dois estão presos, um filho e uma filha. E essa, que veio nesse instante aqui, ficou doida; ela tem 2º grau, curso de informática, era estagiária dos [...], mas enlouqueceu. [...] E esse outro [*filho*], que trabalha com tatuagem. Aqui são três netos comigo. [...] Essa ‘G’ é uma neguinha bem miudinha, chegou de São Paulo agora, tem 1 ano e 6 meses. [...] Ela está com uma diarreia medonha, já tem (*sic*) uns três dias. Olha a “ruma” (*sic*) de roupa para lavar dela, toda cagada. Eu me “lasco” todinha pra cuidar dessa menina; vou atrás de remédio [*para ela*]. Aí, quando eu chego lá, o pai dela dá feijão para ela comer. Vou já por ali, [*para*] ver se eu arrumo ao menos um real para eu comprar de comprimido para ela [...]. Ô, mulher, chega eu vivo cansada (*sic*) [...]

“Hoje, eu almocei feijão mulatinho com farinha, nesse instante! E o pai dos meninos deixou o comer deles. Porque, se eu tivesse ido trabalhar, eu comprava um pedaço de frango com R\$ 3,00 ou R\$ 5,00. [...] Mas, como eu não fui trabalhar, só tinha feijão e farinha. Porque eu tava lavando essa roupa, aí vocês vinham. E o pai dos meninos deu ordem para ir buscar o comer deles lá na bodega, para ele pagar de noite. Porque, para a pequena, ele deixou dois reais para comprar duas sopinhas daquelas. Aqui é um real aquelas sopinhas vencidas. Eu comprei e dei a ela. Ela já comeu uma de manhã, e vai comer outra antes de dormir. Todo dia é assim, a rotina é essa!”

Hoje, eu estou magra, porque eu era muito forte, muito bonita. Se você ver (*sic*) minhas fotos, eu era dançarina do Programa Irapuã Lima, eu era chiquérrima. Eu era também a “Rainha do Farol”.

Ave Maria! [...] Olhe aí a situação da minha casa, tudo caindo... Filha, eu estou é desesperada! E ainda cuidando dos três netos. Já tirei foi eles daqui porque a Defesa Civil – Defesa Civil, é? Sei lá, mulher, aquelas da enchente, quando a casa da gente está cheia de água! – pois ela mandou isolar a casa, porque podia cair a qualquer hora. Eu aluguei um quartinho ali e botei eles (*sic*) lá. [...] Esse chiqueirinho aqui não é nada, não, mas serve. (Inf. 9)

A História da Informante “9” inscreve-se nos padrões de uma total ausência de dignidade humana. Foi injuriada pela mãe e expulsa do seu lar ainda criança; aos 9 anos de idade, migrou para Fortaleza em cima de um caminhão de bananas, como um objeto qualquer, sob a guarda “de um monte de hippies”. Quando, então, foi iniciada em uma vida de rua. A

base da história deste sujeito é uma vida sem amor, sem carinho, sem cuidados básicos da família e sem proteção social. Traz consigo, no corpo e no espírito, a marca de fogo (indelével) da prostituição infantil, ao mesmo tempo em que se orgulha por nunca ter roubado ou matado. Ou seja, caiu na vida, mas não permitiu que o assombro do roubo e da morte caísse sobre ela. De fato, representou a “Rainha do Farol” e a “Dançarina do Programa”.

Atualmente, vive em um barraco na eminência de cair a qualquer momento. Ela define a própria residência como “chiqueirinho”, mas que não tem outro local para morar. Alimenta-se de “alimentos nada nobres”, como diz Castro, 2011 – farinha com feijão – da mesma forma que os colonos se alimentavam na época da colonização brasileira. Sem dúvidas, esses alimentos não oferecem energia suficiente para ela exercer suas atividades diárias. Assim, encontra-se visivelmente desnutrida. Dá aos netos alimentos comprados fiados na bo-dega ou até mesmo fora do prazo de validade. Tais alimentos, por isso, custam um valor que ela diz “poder pagar”, ainda que a criança, de apenas 1 ano e 6 meses, esteja com quadro de infecção intestinal há três dias.

✓ INFORMANTE 8

Minha esposa morreu. Já vai fazer 10 anos que eu sou viúvo, não tenho mulher e nem quero mais. Eu já possuí três restaurantes, três embarcações, fazia porto no A-caraú, mas, por causa da cachaça, eu perdi tudo e, hoje, vivo nessas condições miseráveis.

No tempo que eu tinha restaurante, eu passeava muito com americano, chinês, japonês, coreano. Eu já possuí três restaurantes. As meninas comiam lá em casa, aí elas disse (*sic*) assim: ‘Sr Fulano, não leve a mal, [*mas*] dá para o senhor ser meu pai? o senhor e a dona ‘I’, sua esposa? Porque eu não conheço quem é pai nem mãe no meio do mundo’. Fui e registrei no meu nome. Hoje em dia, elas me respeitam mais do que os meus filhos mesmo! Eu adotei essas três filhas com 13 anos.

Aqui nesse barraco, moram 8 pessoas. Eram mais, eram 14 pessoas, mas, esses dias, eu botei eles (*sic*) para correr. Foram ficando de maior, cada qual com sua mulher, e aqui dentro eu não quero. Tem sua mulher, procure seu rumo! Agora, o meu menino, que é aposentado, mora comigo. O que eu posso falar é que a gente precisa de tudo aqui nesse lugar. Não tem condições. Só eu para botar as coisas dentro de casa com a reciclagem.

O dia a dia está um pouco fraco para a gente porque todo dia eu me acordo [*às*] 3:30 h; aí, faço o café já deixo pronto para elas. Quando é 04:30 h, eu já saio, porque eu não vou sair cedo por causa dos assaltos na rua. Por qualquer coisa furam a gente sem a gente merecer. Meu balão é só lá pela estiva e volto para cá. Chego aqui, eu abro a porta, boto minha netinha para ir para o colégio, a ‘A’. Ela todo dia vai para a escola. Ela tem só quatro anos. Às vezes, eu fico desesperado da vida. Esses dias, eu estou desesperado da vida. Agora mesmo, eu fui visitar o meu filho que está preso. [...].

Se eu sair daqui dessa casa, nós vamos para o Rio Grande do Norte. Eu me criei em Natal. Se eu sair daqui, eu levo ela (*filha*) com os meus netinhos.” (*Nesse momento, o neto do informante entra na conversa e diz: “Minha vida é boa. Se eu tivesse que mudar, eu mudava de casa, porque minha casa está muito pequena e tem muita go-teira, mas eu gosto dos meus pintinhos.”*) (Inf. 8)

Entre o passado e o presente, está o vício do alcoolismo, que é apontado como a causa da situação de miséria na qual se encontra a família atualmente. Um domicílio plurifamiliar onde é destacada a condição de impotência dessa família diante da situação atual, chegando até mesmo ao desespero. A referência ao “desespero da vida” é acentuada nas situações em que o informante substitui as palavras do discurso pelas lágrimas, que teimam em descer dos seus olhos.

✓ INFORMANTE 7

Eu já fui casado duas vezes. Me casei (*sic*), separei da mulher (*sic*), me casei de novo (*sic*), a mulher morreu. Aí, eu fiquei solteiro e não quis mais. Eu não tenho filhos. Depois que a minha segunda mulher morreu, eu fiquei morando sozinho mesmo. Hoje, eu estou trabalhando menos porque a minha saúde não é mais aquela saúde que eu tinha com dezoito, vinte anos. Eu já tenho 68 anos e sou muito sofrido do trabalho. Eu passei 30 anos empregado! Daí, eu consegui uma pequena ajuda do governo, que eu recebo. Não vou mentir para a senhora, eu recebo uma pequena mensalidade do governo. É uma mixaria, mas de qualquer forma me ajuda. Sou muito satisfeito e feliz da minha vida. Não preciso pegar em nada de ninguém, porque tudo eu tenho com a graça de Deus. Onde eu chego, nessas mercearias, o pessoal sempre me ajuda: ‘Quer alguma coisa, seu menino?’. Eu digo: ‘Quero!’. Ele diz: ‘Pronto, está aqui’. Ele anota e depois eu vou pagar. É assim que funciona, por isso não me falta nada e eu sou feliz da vida. (Inf.7)

O informante define o benefício da Previdência Social como “mixaria” e, atualmente, trabalha como Catador de Material Reciclável todos os dias. Considera-se “feliz e satisfeito da vida”, não porque tenha renda suficiente para manter as suas necessidades mais básicas, como moradia e alimentação, mas porque encontra nas interações sociais da comunidade proteção, ainda que seja para viver com o mínimo e, assim, sentir-se feliz. Além disso, relata não ser preciso que venha a cometer algum mal contra alguém. Esse “mal” ele define como “miséria”, como pode ser observado no item “Narrativas dos Informantes”, texto 7.

✓ INFORMANTE 4

Eu morei aqui em Fortaleza até os 7 anos, no Antonio Bezerra, Presidente Kenedy. E aí minha mãe foi embora para Quixeré. Graças a Deus que eu tinha minha mãe, que era assim uma pessoa muito, muito esforçada mesmo. Ela não cruzava os braços diante das situações da vida. Não conheci meu pai. Minha mãe criou os filhos sozinha. Criou duas filhas e os netos, duas meninas e um menino, porque a mãe deles

foi embora. A mãe criou sozinha porque minha irmã trabalhava, mas, depois que ela foi embora, os meninos ainda ficaram pequenos. A mais velha ficou com 14 anos e, aí, essa teve que começar a trabalhar para ajudar a minha mãe a criar os irmãos. A pobreza e a miséria é (sic) uma situação difícil, eu já vivi um pouco disso! A gente sempre teve essas dificuldades! Já chegamos até mesmo a passar necessidade, de você amanhecer o dia e você não ter o que comer, e não saber, no decorrer do dia, se vai aparecer alguma coisa. Eu já vivi isso... Eu ficava que eu não sei nem descrever; eu não entrava em desespero porque a minha mãe sempre foi uma pessoa que tinha muita fé em Deus. Aí, ela ficava por ali e sempre aparecia alguma coisa. Amanhecia sem nada, mas nunca a gente chegava no final (sic) do dia do mesmo jeito, sempre aparecia alguma coisa. Aí, quando a gente voltou para Fortaleza, a gente ia catar as coisas nas reciclagens, nessas lixeiras, e sempre tinha alguma coisa assim de comida separada no lixo. Aí, a gente trazia para casa e aquilo era o alimento daquele dia. Às vezes, a minha mãe levava as crianças para a rua e aí já comia lá; o que dava pra comer lá, comia, senão trazia pra casa. Por exemplo, pele de frango, ela trazia pra casa, fritava, fazia os torresmos e comia! Ou fazia farofa e comia. Graças a Deus, a gente nunca adoeceu por causa disso não, e é porque a gente era criança ainda! Já vivi também de ver meus sobrinhos, assim, inchar (sic) de passar necessidade. Já passei muita coisa nessa vida.

Depois, a minha mãe se aposentou por invalidez. Aí, a gente vivia apenas dessa aposentadoria da minha mãe. Deixa eu ver, era eu, uma irmã minha com três filhos e o marido dela. Ele não tinha trabalho fixo; ele era reciclável e ela era doméstica e, quando a mais velha tava assim por volta de 14 anos, ela foi embora. Aí, as coisas ficaram mais difíceis ainda, porque era mesmo só o dinheirinho da minha mãe para tudo! Para tudo que você possa imaginar... Essa minha irmã foi embora e, até hoje, ninguém não tem nenhuma notícia dela. Aí, essa minha sobrinha mais velha ficou sendo a mãe dos dois mais novos.

Em 2004, minha mãe faleceu. Ela morreu de enfisema pulmonar, fumou muito. Ela era uma pessoa muito preocupada, tinha muitas preocupações com essa filha que tinha ido embora e ela não se alimentava direito. Era só no cigarro, e sentia as coisas, mas não ligava; quando veio cuidar, não tinha mais jeito.

Por eu sempre viver assim dentro de casa com ela, eu pensava como seria quando ela se fosse (sic), o que era que eu iria fazer. Porque eu não sabia fazer nada. Como hoje eu não sei, não sei fazer nada, assim, trabalhar fora de casa. E eu não queria nem pensar, não queria nem ouvir essa palavra – morte – porque eu tinha muito medo. Porque, se eu já passava tudo aquilo com ela, imagina sem ela! Assim, eu e minha mãe sempre vivemos juntas. Minha casa era vizinha à dela, mas minha convivência era toda na casa dela; mesmo depois de casada, a convivência permaneceu. Só nos separamos mesmo pela morte, porque, se ela fosse viva, até hoje era (sic) a mesma coisa.

Eu tinha 21 anos quando eu me juntei com o meu marido; no meio dessa dificuldade toda, ele ajudava bastante. Nós começamos a namorar e nos juntamos logo, porque eu engravidei sem planejar. Eu já estava no 4º mês de gravidez quando a gente se juntou. Eu ainda vivo com o mesmo companheiro. Tem um ano só que a gente casou no civil. Vivemos 10 anos só juntos e, aí, no ano passado, a gente se casou no civil.

Quando meu primeiro filho – que hoje ele já tem 11 anos – nasceu, também foi difícil, porque meu marido estava sem trabalho. Aí, foi outra época difícil. Passei muita necessidade; naquela época, não tinha assim esse Bolsa Família como tem hoje. Eu acho que era mais difícil, as coisas eram bem mais difícil (sic).

A FAMÍLIA HOJE: FILHO E MARIDO COM PROBLEMAS DE SAÚDE

Meu marido é jardineiro nessas mansões. Ele passa o dia, tem carteira assinada; ele também tem problema de saúde, é epilético. Inclusive, ele perdeu o dia de trabalho porque teve um ataque. Tinha uma receita do remédio dele ali; aí, quando eu fui comprar o remédio, pois não tava (sic) vencida a receita! Isso na sexta-feira; por isso, ficou o sábado e o domingo sem tomar. Aí, quando foi na segunda-feira, teve a crise, porque ele não pode ficar sem o remédio. Eu ainda pensei ir na UPA, mas não fui.

Hoje eu tenho dois filhos: o ‘B’, de 11 anos, e a ‘M’, de 2 anos. O ‘B’ nasceu, eu não sei dizer se ele nasceu ou foi depois, mas ele tem deficiência auditiva. Porque a gente só veio perceber depois, quando ele já tinha quase dois anos. Por ter nascido prematuro, de 7 meses, ele fazia aquele acompanhamento no Hospital “G”. Sempre, nas consultas, era a mesma coisa. Ele não evoluía e aí foi que a pediatra pediu o exame, e constatou que ele tinha deficiência auditiva. Assim, eu não cuidei logo, fiquei só indo nas consultas. E foi a época, também, que minha mãe ficou muito doente. Aí, só depois foi que eu comecei a me dedicar mais ao “B”. Comecei a procurar uma escola especial e [a] levar para aqueles atendimentos de fono[audiologia], essas coisas. Ah, depois que ele começou nessa escola especial, está bem mais fácil a comunicação, a compreensão; ele já consegue pronunciar palavras que dá para você entender, dá pra manter um diálogo já! Ele fala alguma coisa. Mas a escola também ensina a gente; tem coisas que a gente não sabe e eles ensinam, como as libras. Agora, o ‘B’, como já está no 5º ano, ele não fica mais o dia todo na escola. A mãe lá ainda está vendo se dá pra continuar no semi-internato, como ela chama, mas, por enquanto, tem que sair 12h. Não posso ir pegar por causa dessa mais nova, que eu não tenho com quem deixar.

Depois que eu tive o B, eu fiquei assim com medo, sabe? Achando que, se eu fosse ter outro bebê, ele ia nascer com o mesmo problema; aí, eu evitava de todo jeito. Não queria nem falar. Mas, aí, depois que a gente se envolveu com o trabalho da Pastoral, eu vendo os materiais que a gente recebe – a gente lê e tudo – deixei de tomar anticoncepcional e usar camisinha; aí, depois de 6 meses, veio a ‘M’”.

“Eu acho que, hoje, a minha vida está ótima. Em vista de alguns anos atrás, hoje está ótima, eu posso dizer que eu tenho uma outra vida. Principalmente de uns dois anos atrás pra cá. Melhorou bastante!

Eu tenho o benefício do ‘B’; outra força, também, é a minha sobrinha que está em outro país, ela me ajuda com o que eu peço. Essa era aquela que ficou com 14 anos quando a mãe dela foi embora; e hoje ela está com 28 anos, chama-se ‘N’. Ela está casada e só cuida mesmo do marido e dos dois filhos; só dá pra ficar em casa, porque não sabe falar inglês. A irmã dela, a ‘P’, que agora tem 23 anos, está em outro país. Tá lá... Tá bem, graças a Deus! Tem um namorado, mas trabalhar, que é bom, ela não quer. Porque namorado é hoje e não é amanhã! Sei não, eu acho que um trabalho era mais garantido pra ela, mas não pensa no futuro, só pensa o momento, ali, que está vivendo.

O que me levou a ser da ‘Pastoral X’ foi mais a insistência dos missionários. Porque, aqui na comunidade, não tinha ninguém para ajudar. Aí, eles insistiram bastante e a gente acabou por aceitar. Essa Pastoral, aqui, era coordenada por uma evangélica que era um terror! Ela dizia que não tinha ajuda de ninguém, mas ela não queria, não aceitava. Tudo era ela sozinha. Tem uma verba na Pastoral ‘X’ que equivale ao total de crianças que são pesadas durante aquele mês! Se não for ninguém pesado, aí não tem nada, porque é só o dinheiro do lanche. É um suquinho e uma bolachinha, é só isso; um lanchezinho bem pobre para a criança que se pesa. Assim, nunca fui atrás de um trabalho porque não tenho com quem deixar meus filhos. A Pastoral me ajudou, assim, de me impor em certas situações, de falar o que eu penso, porque antes eu entrava calada e saia muda; mas, hoje, eu já melhorei bastante. **(Inf.4)**

A figura da mãe é a sua referência de fortaleza e vitória. As diversas privações que ela e a família viveram – da falta de comida à falta de iniciativa em buscar os meios de superar as dificuldades – são relacionadas a uma situação de pobreza e de miséria. Para tal quadro, ela usa o adjetivo “difícil”, numa tentativa de superar a timidez e formular um discurso sobre a sua história, porque, na verdade, ela mesma afirma que “não sabe nem mesmo crescer”. O local onde a família encontrava alimentos era o lixo. Após a mãe ficar doente, a

filha passa a ser beneficiária da Previdência Social e a família continua “encostada” na mãe, à espera do exíguo recurso financeiro.

O medo da morte da mãe está relacionado ao temor de enfrentar a vida. A informante afirma não ter habilidades laborais por não ter experiência de trabalhos fora de casa. O seu marido, que ainda é o mesmo até hoje, é um companheiro que “ajudou bastante” na época da doença da mãe e, atualmente, é o provedor da família. Mesmo diante de todos os medos e limitações, foi em busca de diagnóstico e tratamento do filho, que nasceu com uma deficiência auditiva. Além disso, está inserida no programa social que oferece recurso financeiro para o tratamento de saúde daquele. Reconhece, ainda, que o marido necessita de cuidados especiais de saúde no dia a dia. A participação como voluntária na Pastoral Social na comunidade é percebida como um recurso que a ajudou a superar a timidez e, assim, expressar a sua opinião em espaços públicos, ainda que ela tenha aceitado o convite para integrar a equipe da Pastoral “por insistência dos missionários”.

✓ INFORMANTE 2

Eu vim do Maranhão, cheguei em Fortaleza com 16 anos, comecei a trabalhar em casa de família, trabalhei um ano. Eu cheguei de lá solteira, fui morar na casa de uma pessoa um ano. Eu saí porque arranjei esse meu marido; aí, a gente se juntou e fomos morar em um quartinho que era sala, quarto e cozinha.”

Eu morei nove anos de aluguel nesse quartinho, era um banheiro fora para três casas. Isso é uma pobreza. Um banheiro fora das casas para você ir, só tinha que ir mesmo quando você tinha muita precisão de usar esse banheiro. E eu acho que isso é uma pobreza muito grande para gente.

Logo que a gente se juntou, eu tive um filho. A minha mãe não morava aqui, a mãe dele não morava aqui, só tinha uma prima aqui que queria me acolher, mas eu nunca, nunca quis depender de ninguém, só da minha pessoa mesmo!

E, aí, andava uma pessoa vendendo esse localzinho. Essa pessoa tomou isso aqui, ela invadiu isso aqui – porque era da prefeitura – e andava vendendo para ir embora. A gente comprou por 27 cruzeiro (sic), que foi em 85. Aí, a gente passou um ano com isso aqui fechado, só esse quartinho aqui com uma telha aqui nessa marca branca. Cheguei nesse quartinho aqui cheio d’água, cheio de cobra de duas cabeças. Aqui era uma lagoa; eu tive que botar minha cama, que quebrou no caminho, na mudança, em cima de uns tijolos.

Meu marido trabalhava e eu lutando com meus três filhos pequenos – porque eu peguei eles muito rápido de um para o outro – e eu não podia trabalhar mais porque não tinha quem lutasse com meus filhos.

Meu marido trabalhava de vigia, de noite. Eu tinha uma cama de casal em cima de quatro tijolos, com eles três dormindo; e eu passava a noite aqui acordada, vigiando, com medo de alguém entrar e matar meus filhos na hora que a gente dormisse. Sem porta, numa cerquinha de pau. A porta era uma telha de amianto e aqui cheio d’água. Quando a chuva vinha, eu rezava para as telhas não cair em cima dos meus filhos. Tudo pequenininho: um com 6 anos, outro com 3 anos e outro com 1 ano. Aqui nesse lugar que você está pisando, eu com meus filhos aqui.

A HISTÓRIA PESSOAL COM A POBREZA E A FOME

A vida de pobre só sabe nós mesmos. Só conhece o pobre quando a pessoa é pobre também, ou sentiu na pele. De pobre mesmo, de seu filho chorar e não ter nada para dar. Tinha vez – que eu não vou mentir pra você – que meu filho chorava para querer um pão e eu dizia: “Não, meu filho! Vamos comer isso aqui...”, e inventava qualquer coisa. “Vamos esperar seu pai chegar de noite. Vamos esperar seu pai chegar para comprar coisa pra comer”. Aqui tudo era só morro. Aqui não tinha muitas casas; aqui tinha 4, 5 casas. Foi que a gente encontrou um amigo ali que se deu muito com a gente, que vendia o leite fiado, que vendia o açúcarzinho. E ainda hoje eu dou graças a Deus por ele, tava ainda agorinha falando com ele ali. Onde a gente chega, a gente encontra gente boa. Tendo fé em Deus, a gente encontra tanta gente boa pra ajudar a gente. Eu agradeço a Deus esse filho de Deus, que me vendia comida fiado para eu dar para os meus filhos comer. Aí, eu esperava o pai deles receber o dinheiro para gente pagar!

Eu sei o que é fome e sei o que é pobreza! Ser pobre, sem você ter um banheiro para você tomar banho! Sem você ter uma comida na hora certa para você dar para seus filhos! Sem você ter um lazer para seus filhos! Você está dormindo e a sua casa cheia d’água sem você saber para onde ir, cheia de cobra. Isso é uma coisa! Eu já passei por isso! De você não ter uma pessoa para ajudar você! Mas Deus é grande! É grande e ajuda muito a gente, porque, hoje, você está vendo a minha casinha aqui? Custou suor.

Sobre o parto da minha filha, eu fiz ali na outra rua, Rua Mestre José! Uma moça teve lá na casa do tio dela; a gente se conheceu, ela tava com três meses de grávida. Ela trabalhava em Brasília; aí, veio aqui para Fortaleza grávida. Esse tio dela morava ali e ela começou a passar aqui e a gente conversava:

– Mulher, tu só tem três homens?

– Só.

– Mulher, eu estou grávida e eu tenho quase certeza que é uma filha mulher. Tu não quer essa filha, não?

– Mulher, eu não estou com condição de criar tua filha, porque eu tenho muita vontade de uma filha mulher, mas o meu filho mais novo só tem 10 anos e eu não estou com condição.

– Porque a minha filha é mulher e a única pessoa que eu simpatizei para dar foi para você. Porque eu não tenho condição de criar a minha filha! Eu já tenho uma filha e eu vivo nas casas dos outros e eu quero dar a minha filha.

– Mulher, não faz isso! Eu te ajudo, vamos! – Eu me ofereci. – Se você precisar de alguma coisa, venha pra minha casa, traga a sua filha; depois você arranja uma pessoa para trabalhar e leva a sua filha com você.”

“E ela não quis e me deu essa menina na hora que nasceu. E hoje eu tenho minha filha, adoro minha filha. Muitas pessoas aqui na comunidade conhecem ela. E eu amo ela como se tivesse saído de dentro de mim mesmo, igual os outros meus três filhos.”

Ela teve lá na casa do tio dela. Ela sentiu a dor 2 horas da tarde, 4:30 h da tarde ela ganhou a nenê. Ganhou em casa. [...] E muita gente chegou pra pedir a filha dela, mas ela não deu! Ela sabia que eu, mesmo como pobre, ia dar amor pra filha dela, talvez até mais do que ela. Ela me deu a menina e estou educando ela: está na 8ª série, já vai passar pro 1º ano e nós estamos lutando com ela aqui. Já fez a Primeira Comunhão, foi o padre “M” que fez a primeira comunhão dela, estão ali as fotos dela! Depois eu te mostro. E é uma filha muito querida, por ela eu daria tudo, tudo, tudo!

Meus filhos foram crescendo. Do salário que meu marido ganhava, paguei curso de até de 120 reais para os meus filhos. Eu ia deixar eles no centro da cidade, ficava o dia todinho por lá esperando eles pra trazer de volta, porque era pequenininho. Hoje, eu tenho esse meu filho que dá curso de computação aqui. Eu que paguei para ele esse curso de computação. O outro, que tem 23 anos, é motorista. Está trabalhando lá num prédio aculá (sic), sendo motorista de uma família. Tem esse aqui que está desempregado...

Eu sou pobre, eu não vou dizer que eu sou rica. Ah, sou rica porque tenho saúde, tenho meus quatro filhos, que Deus me deu, que – graças a Deus! – nenhum fuma, nenhum é drogado, nenhum pega nada dos outros. Eu rezo toda noite, todo dia entrego eles pra Deus, que nunca hei de acontecer isso. Minha família toda, estamos aqui lutando até quando Ele quiser! E, hoje, eu também agradeço a Deus toda hora, todo dia, de manhã, de tarde, porque eu tenho minha casinha. Lutando, lutando, eles foram crescendo, eu fui trabalhando, até hoje nós trabalhamos duro, para gente ter nossa casinha que nós temos hoje! (Inf. 2).

A informante 2 tem uma história na qual a falta de renda não implica, necessariamente, na pobreza de capacidades. A presença constante da “luta” – como recurso para superar as graves privações, como, por exemplo, a moradia – mostra que os bens básicos são considerados por essa família como “valiosos”. Pois as situações severas de privações, na maioria das vezes, impedem as pessoas de considerar bens básicos como saúde, educação, moradia, saneamento básico, lazer e segurança pública como “valiosos”. Dessa forma, através da fé em Deus, juntamente com o trabalho, a família superou diversas privações materiais. Mas a maior vitória da “luta” é referida ao fato de os filhos não estarem envolvidos com a criminalidade e a delinquência. Especialmente no contexto social em que a família está inserida.

5.2 Eixo 2: a face invisível da pobreza, que não é alcançada pelos programas sociais

✓ INFORMANTE10

A minha vida eu já pedi esmola, dormi e morei nas calçadas no centro. Eu andava no meio do mundo, não tinha canto para morar, dormia nas calçadas. Eu já sofri muito no meio do mundo, eu já passei muita fome na minha vida. [...] Ao todo, eu tive 25 filhos, juntando os que eu já dei. Eu dei 18, porque eu não tinha como criar. Vivem comigo só sete filhos. Três moram aqui nessa casa. Hoje, minha caçula é essa aí, parei nela. Ela tem 13 anos; [...] o outro vai fazer 16, esse que saiu agora [por] aqui. É, a vida da gente é horrível, é uma miséria. Aí, Deus me deu essa casa.[...] Hoje mesmo, não tinha nem café. Aí, eu fui por ali e arrumei um pozinho de café e fiz para eles irem para o colégio. Uma chegou do colégio agora.” (Inf.10)

“Essa casa” que a informante menciona é, na verdade, um quarto no qual vivem cinco pessoas e não há banheiro. Eles usam um banheiro do lado de fora da casa, que também é utilizado por outras cinco famílias da mesma “rua”.

No momento da entrevista, observamos dois adolescentes comendo no mesmo prato com o cachorro. Pessoas que vivem como o poema de Manuel Bandeira, “O Bicho”, os três disputam pelos mesmos pedaços de comida.

A informante, ainda que seja a mãe dos filhos e a antiga titular do Benefício Bolsa Família não é a chefe da família. Essa mãe não é mais beneficiária do PBF porque o filho deixou de ir para a escola porque executou um outro adolescente, fato revelado pelos vizinhos.

Nessa história, além dos fatos explícitos de Necessidades Básicas Insatisfeitas – como alimentação, moradia e saneamento, destaca-se o fato de a família ser chefiada pela companheira da informante, que é líder de uma “boca” de venda de drogas na área e que, inclusive, impediu que a informante, no momento da entrevista, discorresse sobre os fatos que levaram o filho a “não ter mais o Bolsa Família”.

✓ INFORMANTE 6

Inf. 6: “Aqui em casa, hoje, mora apenas eu a mulher (*sic*). Eu passei três anos com a primeira mulher que eu arranjei e aí apareceu (*sic*) duas filhas. A gente se separou e ela ficou com as meninas. Ela foi quem criou, mas eu ajudava quando eu podia. Depois foi que eu encontrei ela e nós nos casamos. Faz quantos anos que nós nos casamos?”

Esposa: “Vai fazer 27 anos, ou já fez.”

Inf. 6: “Depois foi que veio (*sic*) essas duas que nós adotamos; primeiro, a ‘E’ e, depois, a ‘M’.”

Esposa: “Nós cuidamos de duas filhas. [...]. Essa aí, e a outra também, vive (*sic*) bem, graças a Deus. Eu acho que nenhuma das duas tem o que reclamar da gente, não! Tu tem (*sic*), mãezinha?”

Filha: “Não. Eu sou a preferida de todas e muito amada. Das falsas e das verdadeiras, eu sou a preferida.”

Inf. 6: “Eu fiz uma cirurgia, lá no Hospital Cesar Cals. Aí, a assistente social disse assim: ‘Tem que ficar uma pessoa aqui com você por causa da sua idade’. Nessa hora, tava (*sic*) minhas duas filhas biológicas e ela também...” (*apontou para filha e começou a chorar*)

Esposa: “Não chora, não!”

Inf. 6: “Aí, quando a assistente social falou que tinha que ficar uma pessoa, aí ficou uma olhando para a outra! Aí, essa aí disse assim: ‘Eu fico!’. Aí, ela foi que ficou e as outras ‘caparam o gato!’”

Esposa: A mulher lá ficou insistindo: ‘É, ele tem que ficar com uma pessoa... Cadê a esposa dele?’. E ela (*filha*) foi e disse assim: ‘Ela não pode ficar! Ele tem duas filhas. Ela tem que tá (*sic*) em casa porque ela tem uma vendinha e tem que ajeitar lá’. [...] E as filhas biológicas passeando e essa aqui doidinha porque ele tava (*sic*) perdendo muito sangue. E uma disse: ‘Eu não posso vir!’. A outra: ‘Eu também não!’. Aquela história: ninguém pode. ‘Ah, eu tenho filho!’. E essa aqui disse: ‘Eu tenho filho também. Ele fica no meio da rua, mas eu fico onde está meu pai!’. Passou a noite todinha com o pai, deu até de comer na boca do pai! Quando foi no outro dia, 5 horas da manhã, o telefone toca. Aí, ela já tinha ligado para o cunhado dela, que é taxista, para levar o taxi para trazer o pai dela. E ele sem roupa. Mas, assim mesmo, a roupa que ele foi, ela arrastou ele (*sic*). Porque, no dia que nós fomos visitar ele

(sic), ele já tinha enchido cinco fraudas descartável (sic). Ele tava (sic) sangrando demais mesmo! Quando ela ligou, eu disse: ‘Minha filha, ele está bem?. ‘Está mãe, ele recebeu alta. Vou levar!’’. Quando ele chegou em casa, ela providenciou o remédio. A mãe dela também ajudou! Ela é meio assim “fanhanhenta” comigo, mas veio, não tenho o que dizer dela. Ela é meio bruta mesmo. Mas as filhas dele mesmo, a verdade tem que ser dita, com 15 dias é que elas vieram parecer (sic) aqui. Enquanto ela aqui, já tinha providenciado tudo! Por isso que eu não tenho nada a dizer dela. Tudo que eu poder fazer por ela eu faço. Não faço mais porque ela vê minha situação. Ela é que, aqui e aculá (sic), ajuda ele (sic), enquanto as filhas dele, já vai fazer quase um ano que elas não aparecem por aqui. Eu vou lá na casa delas, porque eu sou amiga da mãe delas, mas não é gostando! Porque não é o pai que tem que procurar os filhos, [e] sim os filhos que tem que procurar os pais! Tudo bem que não foi ele que criou elas (sic), mas é pai. É pai!”

A HISTÓRIA DA FILHA

FILHA: Eu sou dona de casa. Meu marido trabalha como segurança na empresa ‘N’ dia sim e dia não, porque [o expediente] é de seis da manhã até às seis da noite. Quando eu tenho mais um ânimo e uma coragem, eu faço parte de um projeto de microempresária. Daí a gente pega o dinheiro do Banco do Nordeste emprestado e a gente paga em pequenas parcelas a juros; o juro é R\$ 2,00 a cada R\$100,00. Aí, eu emprego em coisas, compro confecção, vendo; às vezes, eu paro um pouquinho e depois continuo de novo. No centro, tem muita coisa barata como confecção. A gente compra coisas baratas e vende bem. Eu vendo na minha casa, vendo para as minhas vizinhas. Eu fico só nisso porque o meu problema maior é o meu menino, porque não tem com quem eu deixar ele. E ele é uma criança hiperativa, extremamente danada, muito danada mesmo. Aí, esbarra em outro problema da acomodação, aqui ninguém quer olhar filho de ninguém. Agora ele está com 5 anos; ainda é danado, mas já está com mais entendimento das coisas e já vai para a escola. Eu vou esperar terminar esse ano e, no próximo ano, eu vou correr atrás de um emprego mesmo fixo.

DEPOIMENTO DA FILHA SOBRE O PAI

Filha: Olha, eu tenho muito orgulho do meu pai. Tenho muita admiração por ele. Eu tenho costume de dizer assim: eu gosto 60% do meu pai e 40% da minha mãe! Porque as pessoas gostam mais das mães, mas eu gosto mais do meu pai. Até por causa do jeito dela, que é bruta, e ele é totalmente [o] oposto; até a voz dele é mansinha para falar. Mas eu gosto muito dele, admiro muito ele (sic), tenho muito orgulho dele! Batalhador, trabalhador! (*Inf. 6 e família*)

A figura do pai como um homem batalhador, trabalhador, é referência na vida da filha. O diálogo entre os membros da família sobre a história de vida deles destaca os vínculos afetivos estabelecidos entre eles a partir das experiências no cotidiano. Um exemplo claro é história da doença do pai. O silêncio e as lágrimas dos olhos dos membros dessa família revelaram a importância daquela experiência para eles, a qual nunca havia sido dialogada entre eles mesmos antes, segundo o informante.

✓ INFORMANTE 5

[...] Eu não gosto de assistir novela, mas eu acompanhei uma novela da [TV] Globo – não sei se você se recorda, passou agora recente – sobre umas pessoas que moravam no lixão. Eu passei por aquilo dali, eu fui uma pessoa que morou no lixão, comia e vivia do lixo! Eu com minha família! Tudo aquilo que se passava naquele lixão era eu, meu pai, minha mãe e meus outros irmãos lá em Natal, no lixão de Natal (RN). Tem gente que pode nem acreditar nisso que eu estou dizendo, mas isso foi verídico! Eu vivi isso, posso dizer que é uma situação terrível. Uma situação que você passa e não tem nem palavras.

Na minha primeira família eu também passei por isso, não foi de ir pro lixão, como eu fui com o meu pai, minha mãe e meus irmãos, mas passei muitas necessidades, passei fome com os meus filhos.

Eu cheguei aqui nessa comunidade no dia 8 de outubro de 1979. Não tinha nada disso aqui, só tinha poucas casas. Sempre morei aqui nessa comunidade. Naquela rua do colégio [em] que eu trabalho, tinha um prédio, ainda hoje é só o esqueleto. Papai trabalhava numa empresa de segurança aqui. E eu conheço isso aqui, ó, como a palma da minha mão.

Hoje, os meus três filhos. Eu tenho um com 9 [anos], outro com 12, outro com 14, o [...]. Os outros [são] mais velhos; o mais velho vai fazer 31 anos. Eu já sou é vovô, tenho 3 netinhos, do meu primeiro filho! Graças a Deus, todos têm seu emprego, sua casa, sua família. Hoje eu tenho uma nova família, eu tenho uma vida melhor com esses outros três, mas eu sempre repasso isso pra eles: ‘Olhe, meu filho, a pobreza era isso, hoje nós podemos dizer que somos pessoas ricas’. E eu converso isso aqui que eu estou conversando com você para eles! Hoje em dia, graças a Deus, Deus me iluminou pelo meu trabalho, pela pessoa que eu sou, e eu vivo muito bem, graças a Deus!

Eu digo pra eles: ‘Ó, meu filho, os outros têm as coisas não é porque eu dei ou a mãe deles deu, não. É porque eles correram atrás para conseguir aquilo que eles têm! Sigam os bons exemplos deles. Claro que eu tenho que dar meu exemplo também, mas o meu exemplo já é espelho para outras pessoas.

Eu gosto muito de praia. Não é nem assim pra tomar banho, não; é que eu acho que a praia é a maior riqueza do nosso Brasil. As pessoas não sabem é aproveitar porque, aqui, você sai ali e volta com o “de comer”! É uma tragédia essas crianças que estão tomando bolsa e tudo mais na praia. Mas, para quem sabe aproveitar, eu acho que, fora a saúde da gente e Deus em primeiro lugar, não tem outra riqueza maior! Agora, se der tempo eu me aposentar, eu vou morar na minha terra. Devo muito ao Ceará: construí família, tenho meus filhos, tenho emprego.

Hoje, eu sou porteiro de um colégio da Prefeitura de Fortaleza aqui perto, Colégio ‘X’! E eu trabalho num prédio, aqui, que é do pessoal ‘X’, há 13 anos. Eu tomo de conta do prédio. E tenho minha profissão, também, que eu não posso exercer mais por causa do tempo. Eu sou pintor profissional! Tenho várias obras aqui dentro de Fortaleza, a minha família trabalha com isso.

Eu fui do lixão, mas eu não baixei minha cabeça, não. Fui em frente! Eu não baixei minha cabeça, não! Olha aí, onde eu estou agora? Eu me sinto um milionário. Todo dia eu agradeço a Deus pela minha saúde e minha liberdade; o resto, para mim, é lucro! Se eu tivesse baixado a minha cabeça, eu poderia ser hoje o quê? Eu não assisto novela, mas eu assisti àquela novela do começo até o fim porque era igual a minha vida. Eu passei por aquilo dali. É por isso que hoje eu me considero rico, “milionaríssimo” (sic); se eu tivesse baixado a cabeça, talvez eu nem estava (sic) mais vivo hoje. Eu não me envergonho disso, eu me envergonho de roubar!

Aqui na comunidade tem eu e o meu segundo irmão (sic). Têm uns sobrinhos meu aí, uns rapazinhos nada bons. Tem minha irmã na Caucaia e os outros estão em Mossoró (RN). Minha mãe morou um tempo aqui, e minha avó também. Quando papai morreu, em 2005, minha mãe voltou pra Mossoró. Eu devo muito ao Ceará, ele me engrandeceu muito porque aprendi muita coisa aqui. (Inf. 5)

Esse informante não sabia como expressar os sentimentos de dor e sofrimento que passou, juntamente com seu pai, mãe e irmãos, ao viver com o lixo. A referência constante à novela de uma rede brasileira de televisão, que “encenou” a vida em um lixão, demonstra uma tentativa de falar da vida dele. Porque a experiência de privação foi concreta na sua vida, ele se emociona ao dialogar a respeito do seu passado e das oportunidades de se posicionar em público, em defesa dos excluídos que moram na mesma comunidade que ele.

✓ INFORMANTE 3

A HISTÓRIA PESSOAL COM A POBREZA E A FOME

Na época em que eu morava com a minha mãe, eu vivia na pobreza. Eu já passei fome! Chegava o dia em que minha mãe botava um punhado de feijão no fogo para 5 pessoas; a gente só tinha o prazer de beber o caldo na hora do almoço, só sentir o gosto mesmo do caldo do feijão, porque o caroço não dava para todos. Já passei muita fome! Tanto que, hoje em dia, meu marido diz assim comigo: “Fulana, tu tem muito medo de morrer de fome, é verdade? Porque eu mando o dinheiro e tu só pensa em comida. Tu não pensa em comprar uma roupa, um calçado... Só pensa em comida! Tu tem medo de morrer de fome?”. Eu digo: “Tenho, porque eu já passei fome...”. Quem já passou fome, não esquece nunca. Já chegou uma vez, nós lá no interior do Piauí, quatro irmãs, tudo dentro de um fundo da rede, eu entrava na cozinha, o fogo apagado, e nós todos morrendo de fome. Eu não estou me orgulhando! Eu deixei de ser dependente da minha mãe com 12 anos de idade. Eu sempre gostei de trabalhar e ser independente.

UM CASO

Nesse dia, eu olhei para o fogo – nós sempre moramos em beira de rio – eu olhei para as três trepes (*sic*) do fogo e tudo apagado! O que eu fiz? Eu peguei duas cuias, uma enxada, um facão, botei a enxada e o facão nas costas e me mandei para beira do rio, atrás de alguma coisa [...]. Quando eu cheguei a uma distância como daqui lá da praia, aí tinha um pé de mufungo (*sic*) – não sei se a Inf. “1” conhece – embaixo estava tudo escuro e, nessa época, o rio estava quase seco. Eu disse assim comigo mesma: “Aqui tem peixe!”. Menino, quando eu meti assim o cabo da enxada, eu vi foi a rebanhada; eu disse: “Valha meu Deus, será que é peixe ou é cobra?”. Comecei a cavar, cercando a ribanceira e jogando a água fora. Eu lhe juro, até hoje eu não me esqueço desse dia, eu já contei isso para todo mundo! Quando a água estava mais ou menos aqui (*colocou a mão no meio da canela*), olha os tamanhos da traíra; mas, menino, era peixe, muito peixe! Menino, comecei a jogar esses peixes para cima da ribanceira, para poder pegar, era peixe! Menino, e quando mais eu jogava, mais saía peixe. Quando mais eu jogava, mais saía peixe. Quando mais eu jogava, mais saía peixe. E já estava escurecendo, e eu pensei: “Valha, meu Deus, como é que eu vou fazer? O que eu fiz?”. Deixei tudo lá e corri até em casa para chamar meus irmãos. Quando meus irmãos chegaram, que terminaram de secar esse lago, foi que saiu peixe de debaixo da lama, aquelas traíronas piau. Ora mais, eu juro pela cruz de Cristo, foi tanto peixe nesse poço que foi preciso meus dois irmãos para carregar os peixes. Foi peixe nesse dia que nós passamos mais de mês comendo peixe, e ainda demos à nossa vizinhança, para matar a fome de toda vizinhança perto! Nesse dia, eu não ti-

nha comido nada, eu lhe juro pela honra desse inocente! Ora, quando eu cheguei, a minha mãe foi logo botando no fogo. Ave Maria, nesse dia a gente encheu o bucho de muita gente ali ao redor. Minha mãe fez logo uma panelona de peixe, misturou com farinha, cada vizinho trouxe um quilo de farinha. Ali foi uma festa! Comeu todo mundo, e nós demos peixe para os vizinhos e passamos quase um mês ainda comendo peixe. Então, quer dizer, foi Deus quem me abençoou nesse dia, porque ele viu que eu tinha ido procurar.

Quando eu cheguei para trabalhar aqui em Fortaleza, eu tinha de 13 pra 14 anos; eu era bem feitinha, bonitinha. Você sabe, quando você é nova, todo mundo te dá valor porque você é bonitinha, avolumadinha! Me chamaram até pra trabalhar em um cabaré, de prostituta! A pessoa só dá pra ser errada se quiser. A mulher, quando me viu, disse: “Ah, essa aqui é que eu quero para levar pra minha casa de prostituição”. Mas a Dona “L”, minha patroa, disse que eu não ia de jeito nenhum; mas, quando a gente dá para errar, dá mesmo. Pelo dinheiro que ela me ofereceu, dava para eu ir, mas eu não fui. Já me convidaram para usar droga, mas eu nunca quis.

Mas, desde pequena, a minha mãe sempre dizia: ‘Tem o professor de ensinar no livro e tem o mundo, mas o melhor é o mundo, porque o mundo tem dois caminhos: o certo e o errado! O mundo dá esses dois caminhos para vocês, vocês é que escolhem’ [...].

Quer dizer, se eu quisesse dar para o que é ruim, eu nem estava aqui conversando com a senhora. Eu já estava era morta! Pois é, [...] minha vida é essa!

Então, quer dizer, eu não gosto nem de ouvir essa palavra – fome – eu não gosto de ouvir, porque eu já passei. Então, quer dizer, não gosto nem de me lembrar do sofrimento que eu já passei. Aqui mesmo em Fortaleza, no tempo que eu era solteira, sofri demais. A pessoa que trabalha em casa de família, quando perde o emprego, ela sofre demais para arrumar outro. Só em você procurar abrigo em casa de amigo, porque quando você tem família, mas eu não tinha! Quando eu perdia um trabalho, eu tinha mais que procurar a casa das amigas.

UM CASO

Como, teve uma vez que eu sai do trabalho, procurei a casa de uma amiga minha. A primeira coisa que ela exigiu de mim, dizendo assim: “Eu dou dormida, mas a comida se você quiser que compre, ou então ajude na comida da casa!”

Eu disse:

– Até o dia que eu tiver o dinheiro, eu ajudo.

Então, quer dizer, eu fui pra casa dela. Só que eu cheguei lá e disse:

– Tá aqui, Fulana, pra tu fazer as compras, pra ajudar fazer a feira.

Eu saia para procurar serviço e, quando eu chegava meio-dia, que procurava a comida, ia procurar a comida nas panelas e cadê? Nada! Quer dizer, se eu tivesse ficado com o dinheiro e fosse comer fora, era melhor. Mas não, eu coloquei o dinheiro todo na mão dela! Tinha noite que eu ia dormir sem comer, tinha dia que eu não almoçava.

Às vezes, a vizinha dela era que dizia:

– Pega esse pedaço de pão...

Aquilo ali tudo eu aguentava, eu passava!

Teve uma vez que eu disse:

– Mulher, cadê? Tu não fez (*sic*) as compras, não?

Ela disse:

– Fiz.

Ai eu perguntei:

– Por que tu não deixou (*sic*) almoço pra mim?

– Ah, Mulher, tu sabe que, aqui, quem tá na hora come; se não tiver, os meninos comem tudo.

Aí eu disse:

– Mas eu te ajudei, mulher... Seu direito é dizer para os seus filhos que deixe o meu comer separado.

Então, quer dizer, aqui mesmo, em Fortaleza, eu já passei fome. A minha vida é essa, eu já sofri muito!

O SOFRIMENTO COM O PRIMEIRO MARIDO: DEU OS QUATRO FILHOS BIOLÓGICOS PORQUE O MARIDO NÃO QUERIA AS CRIANÇAS E ELA NÃO TINHA COMO SUSTENTÁ-LAS

Eu tive 4 filhos do meu primeiro marido. Só que o bicho era cabra ruim, eu tive que dar todos os quatro! Ele nunca quis – e eu também nunca pude – tomar remédio pra evitar filho! Todos que eu tentava tomar, eu desmaiava. Quer dizer, como eu nunca pude tomar – e eu era uma mulher fácil de pegar filhos – tive quatro filhos e dei todos quatro. Dois moram em São Paulo, um mora em Itaitinga e outra mora com a avó dela. Só quem me conhece é o que mora em Itaitinga. Quando eu morava no Papicu, a mãe dele sempre levava ele para ele me ver. Agora, eu não sei se ele ainda me conhece não, mas na época que eu morava ali pra banda da Aldeota, ele me conhecia. Sempre ia na minha casa, me chamava de mãe, mandava vários recados pra eu passar o final de semana com ele lá. Mas eu nunca fui, nesse caso aí eu nunca fui, pelo seguinte motivo: eu imaginava assim: se eu for, eu vou me apegar a ele; ele também vai ficar mais apegado a mim, e eu vou querer tomar ele do pessoal que já criaram ele. Então, eu não acho certo, porque quando eu dei ele, foi num momento de aflição. Eu agradeço a Deus esse pessoal ter aparecido e ter querido meu filho, porque, no momento que eu dei ele, ele estava cagando verde – verde da cor de uma folha! – porque não tinha o que comer. Ele não tinha nada na barriga pra cagar. Só cagava espuma verde, verde porque eu não tinha nada pra dar de comer pra ele. Eu dei ele com 7 meses de nascido. Esse pessoal, a irmã dela, morava próximo a mim, no Papicu; então, a irmã dela já tinha falado que tinha uma irmã que morava em Itaitinga, que nunca pode ter filho, tanto que ela já tinha uma meninazinha adotiva também. Só que ela vivia atrás de um menino, pra criar pra fazer um casalzinho! Aí, quando foi nesse dia, eu me achei tão aflita e tão desesperada, por não ter nada pra dar de comer o meu filho, e ele cagando espuma e eu não ter nada pra dar a ele, que eu corri lá na mulher e chamei e disse: “Olhe, se tu quiser (sic) meu menino, eu estou te dando pra tu levar (sic) para tua irmã”. Eu dei, senão ele morria! Eu não estava trabalhando! O irresponsável do pai dele era cozinheiro de restaurante; da marcha que ele saía de lá, ele ia direto para os cabarés! Ele passava era de 5, 6 dias sem vir em casa.

O primeiro, eu dei no hospital mesmo, para um pessoal de São Paulo. Meu marido dizia toda hora que não queria. E eu era tão louca por esse homem que eu me obrigava a dar meus filhos, e voltava para ele de novo. E eu dava porque eu não tinha condições de criar sozinha! E se eu lhe disser que, hoje em dia, eu não me arrependo; não me arrependo não! Porque, pra começar, pro pessoal que eu dei, dois deles eu conheci. O primeiro foi pra um gerente do Banco do Brasil em SP. Porque, nessa época, ele estava aqui em Fortaleza. E a cunhada do sem-vergonha do meu marido era costureira da mulher dele. Aí, foi ela que arranjou pra eu dar. Então, quer dizer, eu conhecia, era bem de vida, tinha condições mesmo! Esse de Itaitinga que eu dei, conheci também, são fazendeiros! Os outros dois foi que eu não conheci, só que me deram garantia de que era gente de posse e que tinha condição de criar qualquer criança que chegasse para eles. Por isso que o que me conforma é isso, porque eu sei que eles tão em umas mãos melhor (sic) do que as minhas! Por isso que eu não me arrependo nenhum instante, porque eles estão bem. Agora, essa [filha], que está com a avó dela, é que não quer saber de mim; ela diz que não tem mãe. Os outros todos sabem que eu sou a mãe. Principalmente esse, [o] de Itaitinga.

REFLEXÃO

Às vezes, depois do almoço, eu fico ali deitada na cama e fico pensando: “Meu Deus, como é que pode?”. Fico imaginado: “Eu ter tido quatro filhos, ter dado meus quatro filhos, sangue do meu sangue, e, hoje em dia, eu vivo criando filhos dos outros. Porque toda vida eu gostei de criança, toda vida. Realmente, eu só dei meus filhos porque eu não tinha condição de criar todos quatro sozinha! E o abençoado não queria... Já encontrei um que quer filho, mas eu não posso dar de mim mesma, porque não posso mais ter família, porque eu sou ligada. Então, quer dizer, o que me fez criar eles dois foi o momento, assim, de falta de uma criança. Porque, realmente, uma criança numa casa faz falta demais! E, como eu gosto muito de criança, é danadinho, mas é bom!

A minha ligação é daquelas com quatro nós. Porque o último foi de alto risco. O último menino que eu tive foi caso de morte, foi de risco mesmo. A minha placenta nasceu quatro dias antes da criança, e nasceu, não estava nem no mês justo de eu ter nenê. Eu quase morri. É raro, mas acontece, o médico disse. Eu passei foi um mês no hospital e, nessa época, eu estava trabalhando. Os médicos chamaram minha patroa lá para ver o que ela achava, porque tinha que fazer ligação. Porque, do jeito que eu estava, eu ainda podia pegar outro filho, mas, ou eu ou a criança, porque um dos dois não resistia. Aí, a minha patroa preferiu mandar fazer a ligação.

O MARIDO ATUAL

Ainda trabalhava em casa de família quando eu conheci esse homem que eu sou junta hoje. Foi Deus que botou ele na minha vida, porque quando eu era da bebedeira... Quando eu trabalhava nessa casa, a dona todo final de semana viajava para casa da mãe dela, no Icó (CE)! Se caísse de na sexta-feira ser feriado, ela viajava logo na 5ª feira, aí eu tinha três dias de folga, só de bebedeira. Meus pés já viviam inchado (sic), de tanto beber. Foi Deus mesmo que botou esse homem na minha vida; talvez, se eu não tivesse esse homem [...], eu nem tivesse mais viva. Você sabe que, na convivência, você conhece uma pessoa e outra, ali, e os outros influenciam a gente a beber.

Certo que a gente tem momentos bons e felizes! Esse homem ter aparecido na minha vida foi uma boa. Ele nunca bateu em mim, coloca tudo dentro de casa, é uma pessoa boa. Agora não, ele deixou, ele tinha as bebidinhas dele, mas era só de mês em mês. A Inf. “1”, que está de prova, nunca viu ele bebo (sic) aqui pela favela.”

Inf. 1: “Só bebia quando recebia o dinheiro dele, no final do mês”.

Inf. 3: “Ele só bebia, assim, por esporte. A gente ia pra churrascaria e bebia uma cerveja. Ele trabalha como carpinteiro, trabalha com móveis. Só o fato de ele não bater em mim já é tudo.

Agora, atualmente, está sendo quatro pessoas aqui com esse menino. Eu, dois filhos e o marido. Meu marido agora está em São Paulo e somos só três. E a gente vive com esse valor que meu marido manda, R\$ 700,00. Graças a Deus dá pra tudo, dá pra eu pagar uma conta que eu devo, dá pra eu fazer minha feira... Porque, praticamente, quem come mais sou eu; esse aí, a comida dele é Miojo e Mingau; o outro não come quase nada, mais é bagulho, só essas coisinhas. Um tem 11 anos e esse aí tem 6 anos. Meu dia-a-dia é assim: em casa, cuidar da minha casa, o meu filho vai para aula de manhã e eu passo o dia cuidando desse aí. Nem vou botar ele em creche não, porque eu passo o dia em casa, dá muito bem para eu cuidar dele! Então, meu dia-a-dia é cuidando dele e ficando em casa.

Eu criei o ‘G’ mas, como ele já está rapazinho, cadê que ele tá a aqui comigo? Tá lá pela casa da avó dele... Quem tá aqui comigo é esse pequenininho. Ele tá lá, e quem tá me fazendo companhia é o ‘J’. Foi um momento de carência que fez eu me apegar com os meninos. Tanto eu como meu marido é louco (sic) por menino. Ele diz: ‘Não deixe faltar nada! Eu vou morrer de trabalhar aqui, só pra não deixar faltar nada para o meu lorinho (sic)’. Que é o ‘J’, o pequenininho. E é porque ele veio e só passou 10 dias com ele. Aí, ele vai vir em julho para poder fazer a certidão dele!

O PROCESSO DE REGISTRO DO FILHO ADOTADO

E nem sei como vai ser pra registrar esse menino. É de graça, mas é tanta burocracia... Mas eu resolvi registrar no nome da mãe biológica dele e no nome do meu marido; pra mim (sic) não passar por tudo isso, eu vou fazer isso! Porque esse menino, realmente, ela não quer mais. Ela me deu tudo que é dele: documento, papel de maternidade, papel de vacina, tudo que era dele ela me deu.

Ela disse: ‘Mulher, ó, esse menino é teu, não quero mais nem ver a cara dele... Nem tenha medo, que eu não vou mais atrás desse menino’. Um dia desses, eu mandei chamar ela aqui já pra falar esse negócio do registro. Eu disse: ‘Fulana, eu quero que tu faça (sic) um favor pra mim: de registrar o menino no teu nome e no nome do meu marido, mas com uma condição: de fazer isso pra mim e fazer de conta que você não fez nada!’. ‘Mulher, eu já dei minha palavra para você. Eu não quero mais nem ver a cara desse menino!’ (Inf.3)

A informante 3 apresenta, de forma contundente, a pobreza dentro da categoria das Necessidades Básicas Insatisfeitas, essencialmente a carência de alimentos. Ela mesma se refere, com frequência, ao medo de morrer de fome, porque a experiência de privação de alimentos foi marcante a tal ponto de relacioná-la com a morte. Atualmente, a palavra “fome” ainda é relacionada a um forte sentimento de sofrimento e todo o dinheiro a que a mesma tem acesso é usado primeiramente para se alimentar. Itens como o vestuário são considerados luxos, pois o bem-estar, na sua visão, está relacionado à saciedade da fome de comida, ou seja, “encher o bucho”.

O sofrimento também está presente na relação conjugal com o primeiro marido e no vício da ingestão de bebidas alcoólicas. A informante deu todos os seus quatro filhos porque não tinha condições de criá-los e o marido não tinha qualquer responsabilidade com a família. Ao mesmo tempo em que ela afirma não se arrepender de ter dado seus filhos para terceiros criarem, ela reflete sobre o fato de, hoje, estar criando “os filhos dos outros” não tendo educado os seus próprios. Entretanto, atualmente, o companheiro colabora com a educação e manutenção dos filhos, ainda que sejam “dos outros”. A criança mais nova é filho da vizinha, que é companheira de um presidiário traficante de entorpecentes da área. A gravidez dessas mulheres configura-se como uma estratégia para continuar o fluxo dos entorpecentes entre o interior do presídio e a comunidade. Assim, as crianças que essas mulheres geram são comparadas, por elas mesmas, a “qualquer cachorro”. Além disso, a mãe biológica da criança recebe o recurso financeiro referente ao PBF, usando-o ela própria e não o repassando para a pessoa que, de fato, cuida do menino.

✓ INFORMANTE 1

Eu sempre fui daqui de Fortaleza. Nasci no bairro OB, na Vila dos Mercadores. E, de lá, eu nós fomos morar no Mucuripe. Minha mãe era prostituta; ela era muito bonita e teve mais uma filha e adotou dois. Adotou não: ela pegou e registrou como dela. A minha mãe era terrível! Nós somos quatro filhos: um irmão era evangélico e foi embora e ninguém tem contato com ele; tem a minha irmã, que mora aí na frente. Essa a gente considera a caçula! Ela também foi adotada. Ela tem três filhos. O filho não quer nada com nada. É um usuário de cocaína. Vive infernizando a vida dela, mas comigo ele não inferniza não, porque ele sabe que comigo é diferente. Tem outra irmã que é enconstada de mim; entre eu e ela tem doze anos de diferença. Ela se juntou com um vagabundo e sustentou ele por mais de 12 anos. Quando ela não aguentou mais, foi embora. Aí ele quis matá-la, foi um terror nas nossas vidas. Ela teve dois filhos. A minha sobrinha é cabelereira, dona dessa casa aí da esquina, que é um salão. Vive com um sujeitinho que também não presta. Esse salão é uma boca de fumo. O meu sobrinho é traficante e está preso em Mirafba! E nós estamos tentando soltá-lo. Ele foi comprar o produto de um roubo de uma joalheria lá e a polícia prendeu ele lá. Esse menino, quando fez 16 anos, se engraçou com uma menina que é da família de uma traficante com um assaltante. Quando eu vi a história rondando, rondando, eu disse: ‘Minha irmã, proíba seu filho de subir o morro’.

Mas toda vida ela jogou na minha cara que eu reclamava dos filhos dela porque eu não tinha filhos: ‘Ah! Você diz isso porque você não tem filho. Eu não vou proibir meus filhos de namorarem com quem eles quiserem!’. Uma outra sobrinha minha casou com um italiano. Ele disse: ‘Ana, vá fazer uma faculdade que eu pago!’. Ela foi fazer um curso de cabelereira. O italiano está na Itália e se separou dela. Agora ela vive com um sujeitinho, usuário de crack, passa o final de semana bebendo. Leva ela para os cabarés da pior espécie que tu pode imaginar para ganhar dinheiro! Para terminar de completar, ela pegou uma criança de uma usuária de crack e está criando como uma princesa.

Antes a zona de prostituição de Fortaleza era no Mucuripe! Depois foi para a Beira Mar, ali onde tem os peixes. Aquela área eram bares com ponto de prostituição, que chamavam mulher de vida fácil! A minha mãe trabalhava em um desses bares. Ela era gerente! Ai, me bancar não era uma coisa barata! Porque ela tinha que pagar uma pessoa pra tomar conta de mim, tinha que pagar escola, eu dava muita despesa. Então ela ganhava o extra dela lá. Ela engravidou da minha outra irmã 12 anos depois. Mas, antes, fez um aborto. Quando mudamos de bairro, ela resolveu que não ia ser empregada de ninguém. Aí, com o dinheiro que ela tinha junto (sic), ela alugou uma casa. Ela trabalhou dia e noite vendendo, se virando, e depois conseguiu comprar uma casa. A casa tinha um salão e nove quartos; cada quarto tinha uma mulher. Havia um salão de frente e outro de trás. Nessa época, eu já estava interna num colégio de freira. O colégio era das Servas da Caridade. O colégio ficava na Avenida Abolição, lá hoje é uma churrascaria.

Eu era uma aluna interna ali. E não era fácil, porque eu sempre fui uma criança extremamente danada. Não podia subir nas árvores? Eu subia em todas! Não podia andar em cima dos telhados? Eu andava! O que não podia, eu fazia! O que me salvou foi uma madre superiora, que ela começou a decifrar a minha personalidade. Aqui em Fortaleza, tinha um bispo que se vestia de vermelho. Ele era bem gordo. Eu dei uma queda naquele homem que eu pensei que ele ia morrer. Mas pense numa queda feia! E todo mundo sabe que foi eu que dei. Fiz isso porque duvidaram de mim.”

“Fiquei nesse colégio até os 15 anos de idade. Quando eu completei 15 anos, peguei uma briga com uma freira. A freira queria que eu assumisse a culpa de uma coisa que eu não tinha feito. A madre que me defendia tinha viajado, ela já sabia da minha personalidade terrível e não deixava ninguém se aproximar de mim.

Minha mãe ia me ver no colégio uma vez por mês. Ela ia pagar o colégio e me via. Quando eu saí do colégio, fui morar com a minha mãe. Ela comprou uma casa e botou uma pessoa pra morar comigo e minha irmã; nessa época, minha irmã já tinha nascido. Aí, eu comecei a fazer trabalho comunitário na comunidade.

Por exemplo: quando morria uma pessoa, naquela época o governo não dava caixão. Ai, eu ia de casa em casa pedir ajuda, eu e um grupo. Ai eu passei a fazer parte do grêmio do L. T., na comunidade. Lá a gente arrecadava dinheiro pra ajudar as pessoas. Mas, lá, as meninas de família não podiam se misturar com as meninas da parte de baixo. Tinha uma linha do trem que dividia as mulheres de vida fácil; não passavam aquela linha de trem pra cá de noite. E as famílias não passavam de noite pro lado de cá. Elas tinham direito de vir fazer as compras de dia porque as mulheres estavam todas dormindo. E as que tivessem acordadas não podiam usar roupa indecorosa... Era assim, cheio de coisa! Mas eu atravessava a rua e não tava nem aí! Ninguém impunha lei a mim, não... Eu digo: se o dinheiro que a minha mãe pagou de caixão de defunto, ela tivesse juntado ela tinha morrido rica! Porque era assim: morria alguém? Chama a Fulana da Chica – era o apelido da minha mãe – para ajudar. Tinha um homem que vendia os caixões. Quando ele sabia que eu estava arrecadando o dinheiro, ele já providenciava caixão, já fazia velório, já fazia tudo! Porque sabia, se eu não arrecadasse, a minha mãe pagava! Ela cobria o que faltava, ela sempre cobria. Tinha defunto que, Ave Maria!, era uma benção, só faltava não arrecadar nada. Ô defuntinho ruim, viu? Mas tinha defunto que rapidinho a gente juntava o dinheiro do caixão, dinheiro do velório dava até para viúva! Mas tinha defunto que, Ave Maria! A minha mãe pagou muita conta por conta disso.

Aí, a gente veio morar aqui nessa comunidade porque a mãe queria tirar a gente lá da zona de prostituição; ela achava que a gente já estava crescendo e ela já estava velha. Ela tinha que botar a gente em outro meio de vida. Ai ela construiu uma casa e a gente veio morar aqui. Ai, a gente botou uma barraquinha na praia, que era como a gente ganhava o sustento, era como ela bancava todo mundo. Eu comecei a trabalhar na praia e ajudava em casa. Nós fomos a segunda família que mudou pra cá. Depois, começaram a invadir as ruas, começou a crescer. Chegou um povo do Canindé. A maioria do povo aqui é de lá. Ô lugar abençoado para ter gente ruim! Quando eu vejo o povo que vem lá de Canindé, eu digo: ‘E aí, como é que vai São Francisco? Já deu no pé?’. ‘Não, dona Fulana, está lá...’. Ai, eu digo: ‘Ai, coitado!’.

(Inf. 1).

A história da informante “1” apresenta um paradoxo. Enquanto trabalhava como prostituta, a mãe custeava a educação da filha em sistema de educação religioso – “Servas da Caridade” – sob regime de internato. Assim, a mãe planeja um futuro diferente do seu para a sua filha. A mãe é reconhecida pela filha por sua forte personalidade, característica que a informante também possui.

A mãe dela também era conhecida pelas ações de caridade. Ela costumava custear o funeral dos defuntos pobres da região e era uma parteira voluntária; por isso, tinha forte inserção social na comunidade. A família chega à comunidade em busca de melhores condições de vida, uma vez que a mãe trabalhava em uma área de prostituição da cidade. A informante é iniciada nos trabalhos sociais ao acompanhar a mãe nas ações em prol da comunidade. Atualmente, a informante desenvolve outras formas de apoio social, mas sente-se impotente diante dos múltiplos desafios do dia a dia. A sua própria família é marcada pela delinquência dos jovens.

Devido a sua inserção no movimento social, essa informante adquiriu uma consciência política sobre os temas abordados na entrevista.

5.3 A discussão com o foco no espaço micro do território estudado

As adversas condições de vida dos informantes combinam diferentes e trágicos fatores que condizem com uma vida desumana. Trata-se de pessoas que vivem no nível de pobreza indigência, conforme descrição dos níveis de pobreza no item 2.1.1. Até pareceria história de ficção, não fosse gritante a realidade da favela visitada pela pesquisadora. Apenas após a análise do material, foi-nos possível compreender o sentido dos olhares assustados das pessoas da favela, talvez perguntando-se “Como é que essa pessoa chegou até aqui?”.

As privações dos bens que Salama e Destremau (1999) consideram como “essencial”, por exemplo, saneamento básico, saúde, educação, moradia e lazer são potencializados pela completa ausência do Estado quanto à segurança pública. Trata-se de uma pobreza estrutural e “enraizada”, que demanda mais do que renda para ser superada. Ainda que o fator renda seja considerado essencial, no contexto estudado, ele não dá o real suporte para superar o problema. Assim, a violência, juntamente com a pobreza, pode ser compreendida pela figura de uma espiral, na qual se percebem linhas curvas afastando-se do ponto inicial; da mesma forma, não se sabe o que é causa ou efeito, início ou final. Além disso, ao binômio pobreza/violência, na espiral, vão sendo agregados novos fatores, os quais fortalecem as “grades de ferro” da estrutura (como os problemas de saúde; a escola como um empecilho e não como um espaço de aprendizado; a renda insuficiente para os suprimentos básicos; entre outros).

Nas narrativas, revelam-se verdadeiras tragédias, do ponto de vista humano, como “as mulas de presídio”. Às estratégias do tráfico de drogas ilícitas agrega-se o empréstimo ilegal de dinheiro, dando origem a uma nova moeda de valor na favela, que é a droga. Dessa forma, o poder não está na mão dos banqueiros, mas, sim, dos traficantes “chefes de boca” da área. Nessa estrutura de poder existe uma rede muito bem articulada de sujeitos. Porém, quanto aos que moram nas favelas, estes se sentem “beneficiários” por terem dinheiro em troca da participação no esquema (por exemplo, como “olheiros” e “mulas de presídio”).

Importante sublinhar que tanto o cartão magnético da beneficiária do Programa Bolsa Família como o cartão da conta-salário do trabalhador que mora na favela estão sob o domínio do traficante, inclusive a senha e o documentos de identificação dessas pessoas. Estes cartões são a segurança de que a mercadoria – ou seja, a droga – será realmente paga ao traficante. Em caso de tentativa da troca de senha, não há negociação entre as partes porque o traficante executa o viciado.

A princípio, seria possível refletir sobre o fato de que, como o beneficiário não trabalha em troca do benefício financeiro do PBF, aquele poderia não valorizar este recurso e assim usar até mesmo com a droga. Mas, ao observar que trabalhadores braçais – submetidos a intensas atividades laborais por várias horas do dia – também trocam o seu salário, na maioria das vezes, pela pedra de crack, conclui-se que o ponto-chave não é o recurso financeiro, mas a condição que a pessoa tem de transformar renda no que ela mesma considera “valioso” fazer ou ter.

Quanto às “mulas de presídio”, elas são mulheres de traficantes que se utilizam da gestação de um filho como uma degradante estratégia de luta pela vida. Uma vez grávidas, elas podem transitar nos presídios sem serem revistadas, além de terem o benefício da visita íntima e assim “abastecer” as “bocas de fumo”, levando e trazendo a moeda de valor. Para essas mulheres, as crianças que elas mesmas geram não se configuram como um filho, mas são tomadas como “qualquer cachorro”.

Isto configura uma situação grave, densa e desconcertante do ponto de vista da condição humana e da cidadania.

Na busca pelo básico no dia a dia, esses sujeitos não apenas precisam lutar para “comprar a vida a retalho”, conforme o poema *Vida e Morte Severina* (NETO, 1994).

Mas, ao mesmo tempo em que lutam pelo básico, precisam se defender de todas as formas, até mesmo das políticas de Estado. E, nessa batalha pela vida, eles demonstram uma surpreendente intuição, distinguindo com perspicácia as múltiplas facetas das diversas realidades do mundo em que eles estão inseridos – e até mesmo do jogo de intenção das pessoas que os cercam. Constata-se que, nessa batalha, todos os segmentos sociais estão inseridos, direta ou indiretamente.

Por sua vez, o retrato da realidade cotidiana da vida das pessoas, público-alvo dos programas sociais, é trágico e desconcertante. Assim, as diversas formas de violência que estão presentes no cenário estudado nada mais são do que um grito dos vários tipos de privações, ou seja, a pobreza, agravada pelas desigualdades sociais.

As primeiras vítimas desse processo são as pessoas que vivem nesses aglomerados de excluídos nas periferias das grandes cidades. Ainda que, na maioria das vezes, elas nem percebam, pois a figura do traficante é comparada, nesses lugares, ao dono da bodega que, antigamente, vendia o feijão para que o sujeito pagasse apenas quando “recebesse o dinheiro”.

As condições sub-humanas das pessoas em situação de extrema pobreza são concretas. Entretanto, diante da insensibilidade ou cegueira do Estado, e da sociedade como um todo, uns se voltam contra os outros para devorá-los, consolidando, assim, as diversas formas de violência. Dessa forma, as pessoas esperam que as políticas sociais sejam capazes de mudar suas trágicas condições de vida, às quais estão presas como por grades de ferro.

6 REFLEXÕES FINAIS

A base da reflexão deste estudo está na interpretação das experiências de vida e dos pontos de vista sobre diversos temas, os quais nos foram concedidos pelos informantes com o intuito de realizarmos uma pesquisa científica. Já tendo discutido a função da hermenêutica no tópico específico, pretendemos aqui destacar o aspecto prático da relação de comunicação que se deu entre os informantes e a pesquisadora desse estudo. O aspecto chave do objeto de investigação foi desvelado, pois, na relação de comunicação entre os envolvidos.

Os problemas enfrentados, tanto práticos como teóricos, decorreram da interação entre a pesquisadora e os sujeitos interrogados. Referida interação é caso particular de comunicação, visto que os diferentes sujeitos envolvidos têm pressupostos próprios, assim como singularidades, Bourdieu (2012).

Na primeira abordagem, feita com os usuários do Programa Bolsa Família na Unidade Básica de Saúde, objetivando realizar um grupo focal a partir de um roteiro semiestruturado, não houve interação entre a pesquisadora e os pesquisados. As tentativas de convidar os usuários e envolvê-los na dinâmica da pesquisa, conforme já descrito anteriormente, não atingiram o objetivo buscado, que era o de proporcionar comunicação sobre o referido programa social de combate à pobreza.

Entretanto, a impossibilidade de comunicação com o público no referido local demonstrou a “desconfiança” que as pessoas têm de falar sobre as suas experiências, notadamente sobre o Programa Bolsa Família. De fato, a literatura discute os limites das pesquisas sobre o PBF, referentes às dificuldades que os pesquisadores encontram na abordagem dos usuários sobre o benefício. Uma realidade, por exemplo, é o medo que os usuários têm de falar sobre o programa e, assim, chegarem a perder o benefício.

Assim, outra forma de comunicação estabeleceu-se nos corredores da UBS, realizada com os funcionários do serviço de saúde, residentes no bairro, os quais fazem parte do mesmo ciclo social no cotidiano da comunidade. Portanto, a conclusão sacada a partir dos vários diálogos foi a de que o debate sobre o tema “Bolsa Família” configurou-se, na verdade, em uma espécie de “invasão” na vida das pessoas. Invasão até mesmo um pouco arbitrária, visto que os usuários, ao falarem do referido programa, sentiam que suas vidas eram expostas. Sobre essa questão, Cohn (2012), debate que o modo de executar as Políticas e os Programas

Sociais²⁹, ao mesmo tempo em que ampliam o acesso dos pobres aos serviços básicos como saúde e educação, beneficiam o Estado com o domínio das informações acerca da esfera privada da vida das pessoas. Conseqüentemente, tal potestade traz consigo a possibilidade de normatizar o comportamento dos pobres.

Entretanto, a prática do trabalho de campo fez-nos concluir que o contexto das condições de vida dos informantes é muito mais complexo do que uma suposta “violência simbólica”, resultante do fato de elas terem sua vida particular exposta à sociedade. Dessa forma, as prováveis razões que os levaram a não participar da pesquisa, e a sentirem que as suas vidas estavam sendo “vasculhadas”, serão discutidas mais adiante.

Em meio às diferentes experiências de aproximação com as pessoas em situação de pobreza e extrema pobreza, o tema estudado foi modificado – do programa de combate à pobreza para o próprio fenômeno da pobreza – assim como as formas possíveis de entrevistas e os locais de encontro com os informantes, alterados em função das características sociais dos potenciais pesquisados.

Pela escuta atenta das pessoas, pela observação livre do contexto da vida dos pobres e da sua situação de vida, foi-nos possível perceber que um programa de combate à pobreza “acontece”, na prática, partir das experiências de vida dos sujeitos nessa situação. E as nuances da política e do programa encontram-se no cotidiano dos pobres, ou seja, no contexto em que eles moram, trabalham, divertem-se, rezam, vivem, enfim. Dessa forma, o método foi sendo configurado, na prática, tendo como base o exercício do trabalho de campo. Com base na reflexão sobre as narrativas, oriundas dos contrastes, das diferenças e das semelhanças entre as experiências dos informantes.

Consoante Bourdieu (2012, p.694), “é na confrontação contínua das experiências e das reflexões dos participantes que o método foi pouco a pouco aparecendo, pela explicitação e a codificação progressivas das providências tomadas”.

É mais comum que, nas discussões sobre uma pesquisa em curso, o objeto de pesquisa siga a orientação do maior para o menor, porque, uma vez que esteja mais restrito, é possível refletir sobre diferentes questões que fortalecem e caracterizam melhor aquele. Entretanto, nesse estudo, por meio do que Bourdieu (2012) chama de *Reflexividade Reflexa*, “foi possível perceber e controlar no campo, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social” sobre o objeto inicial do estudo. Assim, os “efeitos da estrutura social” – como,

²⁹ Conforme já descrito a via de acesso das políticas sociais do governo é o CadÚnico. Nesse Cadastro estão as diferentes informações sobre a vida das famílias, como por exemplo, a renda.

por exemplo, a assimetria entre pesquisado e pesquisador na UBS – levou-nos a reverter a “ordem natural” da forma de apreender “a qualidade” do objeto. Nesse contexto, o objeto do trabalho partiu de um programa social de combate à pobreza para o fenômeno “complexo” pobreza, como já mencionado.

Reconheço os vários sentidos do termo “qualidade”; entretanto, não desenvolvemos o seu conceito por não ser o foco da discussão. Trata-se, apenas, de destacar o aspecto qualitativo e subjetivo do objeto.

Nesse sentido, as interações sociais entre a pesquisadora e os sujeitos informantes foram a base do método. Bourdieu (2012) destaca, ainda, que tais interações não estão isentas de uma pressão exercida pelas estruturas sociais. Da mesma forma como ocorreu na UBS, a pesquisadora estava inserida em uma estrutura social institucional, a qual, dentre vários outros aspectos, impediu que ocorresse a necessária inter-relação social com um público específico, que possibilitaria o diálogo a respeito de um determinado assunto. Para compreender melhor o que são essas interações sociais, é importante sublinhar que, embora a “relação de pesquisa” não seja uma “relação de trocas de existência”, e sim uma relação com o concreto objetivo de conhecimento, esta é definida como um vínculo social que acarreta mudanças ou conseqüências sobre os resultados da pesquisa. Bourdieu conclui que a própria estrutura da “relação de pesquisa” é carregada de “distorções”. Por exemplo: ainda que uma pergunta científica não tenha o intuito de promover nenhuma forma de violência sobre os sujeitos, é possível que essa “distorção” ocorra. Nesse trabalho, essas “distorções” poderiam ter sido classificadas simplesmente como um limite do trabalho, inclusive sob o respaldo da literatura consultada. Nesta, destaca-se a dificuldade dos sujeitos falarem sobre o programa social de combate à pobreza. Entretanto, elas foram reconhecidas e dominadas. Na UBS e na comunidade Cristo Redentor, conforme já apresentado antes, as referidas distorções foram reconhecidas e, ao tomarmos a decisão de ter o tema pobreza como campo de pesquisa, elas foram dominadas. Consoante Spink (2003) que destaca que o “campo tema” não é um lugar específico, assunto apresentado no item 3.2.1.2.

Dessa forma, no cotidiano da vida, a pesquisadora reconheceu as comunidades onde vivem pessoas em situação de extrema pobreza. Nos dois locais onde foram realizadas as entrevistas, e no contexto delas, estabeleceu-se uma relação social completamente singular com cada informante, por meio da qual eles se sentiam compreendidos e aceitos e, assim, confiavam ao pesquisador as suas “verdades possíveis”, não obstante os efeitos que a presença da marcante violência da comunidade tivesse sobre os seus relatos. Era visível o medo ao narrar

os fatos sobre o tráfico de drogas por conta da repressão que poderia ocorrer na vida de suas famílias, ensejadora da espiral da violência na comunidade, o que é um fator fortemente presente. Alguns até encontravam-se em situação de isolamento domiciliar, e mostravam-se surpresos com a presença da pesquisadora em um contexto que mais se assemelhava com um “campo de guerra”. Em alguns casos, a entrevista chegou a criar uma “situação de exceção”, visto que aqueles eram lugares em que não havia qualquer presença de agentes governamentais – nem mesmo os da segurança pública e os da saúde – porque “a polícia só invadia a favela para pegar bandido” e “médico aqui não vem porque quem manda na favela são os bandidos”. Nessas situações de entrevista, os sujeitos não se sentiram censurados, mas, ao contrário, excitaram-se ao expressar seus pontos de vista e revelar a própria história. E que é a história da pobreza e da miséria.

No interrogatório de Bourdieu sobre a reflexividade – “*Como pretender fazer ciência dos pressupostos sem se esforçar para conseguir uma ciência de seus próprios pressupostos?*” – compreendemos que os maiores impasses havidos na construção deste trabalho tiveram como base a minha insatisfação com os pressupostos e, por isso, a busca de outros mais adequados. Entretanto, tal tentativa revelou-se sem sucesso, pois a singularidade deste trabalho não comportava classificações teóricas, por mais abrangentes que estas parecessem.

Conclui-se que a política social de combate à pobreza não foi debatida ao falarmos sobre os programas e, sim, quando houve o debate acerca das experiências de vida dos beneficiários do programa e dos sujeitos excluídos do PBF.

Portanto, trata-se, não apenas de uma questão de método, mas de uma desconexão da lógica dessa política social frente ao cotidiano da vida dessas pessoas. Cotidiano marcado pela carência absoluta de tudo que é até mesmo básico.

Portanto, o estudo retrata que a vida das pessoas está, diretamente, inserida em um complexo contexto de vulnerabilidades. Contexto este composto por elementos como, violência, alcoolismo, drogadição, tabagismo, informalidade do trabalho, difícil acesso a bens como saúde e educação, entre outros. Assim, não há como garantir que as políticas promovam desenvolvimento social e humano sem considerar a forte interferência de tais elementos no cotidiano da vida dessas pessoas.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, B. K. G.; ARRUDA, I. K. G. Marcos referenciais da trajetória das políticas de alimentação e nutrição no Brasil. **Rev. Bras. Saúde Materno Infantil**, Recife, p.319-326, jul./set. 2007.
- ATAÍDE, Y.D.B. **Decifra-me ou devoro-te**. História oral de vida dos meninos de rua de Salvador. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1995.
- BATISTA FILHO, M.; RISSIN, A. A transição nutricional no Brasil: tendências e temporais. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 181-191, 2003.
- BELIK, W; SILVA, J. G.; TAKAGI, M. **Políticas de combate à fome no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BETTO, F. A fome como questão política. **Rev. Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 48, p.53-61, maio/ago. 2003.
- BOSI, M. L. M. MERCADO, F. J. **Pesquisa qualitativa de serviços de saúde**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOURDIEU, P. A Miséria do Mundo. 9. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de alimentação e nutrição: série B Textos Básicos da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 84 p.
- _____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Plano Brasil sem Miséria no seu Município**. Brasília, 2013b. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/noticias/2013/janeiro/Cartilha_Brasil-Sem-Miseria-no-seu-municipio.pdf/view>. Acesso em: 15 dez. 2014.
- _____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). **Secretaria Extraordinária de Superação da Extrema Pobreza**. 2012b. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/aceso-a-informacao/estrutura/unidade-responsavel-sesep>>. Acesso em: 10 nov. 2013.
- _____. Decreto nº 8.232, de 30 de abril de 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Decreto/D8232.htm>. Acesso em: 12 nov. 2014.
- _____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. **Resolução nº 196/96**: sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.
- _____. **Guia alimentar para a população brasileira: promovendo alimentação saudável**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Guia de políticas e programas do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS)**, Brasília, 2008.

_____. Portaria GM/MDS n° 321 de 29 de setembro de 2008. Regulamenta a gestão das condicionalidades do programa Bolsa Família, revoga a portaria GM/MDS n° 551 de 09 de novembro de 2005, 2008.

_____. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Erradicar a extrema pobreza e a fome**. 2012. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/ODM1.aspx>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

_____. Resolução n° 466 de 12 de dezembro de 2012. Aspectos Éticos de Pesquisa. **Diário Oficial da União**, n° 12, Brasília, 2013a. 13 de junho de 2013, Seção 1, p. 59.

_____. Decreto 6.917 de 30 de julho de 2009. Altera os arts. 18,19 e 28 do Decreto n° 5209 de 17 de setembro de 2004, que regulamenta a Lei n° 10.836 de 09 de janeiro de 2004 que cria o Programa Bolsa Família, 2009.

_____. Lei n° 10.836 de 09 de janeiro de 2004. Institui o Programa Bolsa Família, 2004.

BRITTEN, N. Entrevistas qualitativas In: POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009

BURLANDY, L. **Comunidade Solidária**: engenharia institucional, focalização e parcerias no combate à fome, à pobreza e à desnutrição. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2003.

_____. Transferência condicionada de renda e segurança alimentar e nutricional, **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 6, 2007.

_____. Construction of the food and nutrition security policy in Brazil: strategies and challenges in the promotion of intersectorality at the federal government level. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 851-860, 2009.

CASTRO, J. **Geografia da fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

COHN, A. Políticas sociais e pobreza no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 12, jun./dez. 1995.

_____. **Cartas ao presidente Lula**. Bolsa Família e direitos sociais. Rio de Janeiro: Pensamento Brasileiro, 2012.

CRESPO, A.P.A., GUROVITZ, E. A pobreza como um fenômeno multidimensional. **RAE-Eletrônica**, v.1, n. 2, p.1-12, jul./dez. 2002.

CÚPULA Mundial da Alimentação: cinco anos depois. Relatório Nacional Brasileiro, 2002.

DOMENE, S. M. A. Indicadores nutricionais e políticas públicas. **Estudos Avançados**, p. 131-135, 2003.

DRAIBE, S. M. Bolsa Escola y Bolsa-Família. **Caderno n. 76**, Unicamp, p. 44, 2006.

ESCODA, M.S. Q. A Determinação Social da Fome e a Intervenção do Estado. 1989. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais) - UFRN, 1989. Cap. III.

FIUZA, B. Lei garante renda básica para todos. **Jornal Brasil de Fato**, 16 jan. 2004. Disponível em <<http://www.brasildefato.com.br/?page=noticia¬icia=236>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

FLEURY, S. **Estado sem cidadãos: seguridade na América Latina**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADAMER, H.G. **A extensão da questão da verdade à compreensão nas ciências do espírito**. Petrópolis: Vozes; 1997.

GASTALDO, D.; MCKEEVER, P. Investigación Cualitativa, ¿Intrinsecamente ética? **Index de Enfermería**, v. 28, p. 9-10, 2000.

GREEN, Duncan. **Da pobreza ao poder: como cidadãos ativos e Estados efetivos podem mudar o mundo**. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. Context: working it up, down and across. In: SEALE, C. et al. (EE.). **Qualitative Research Practice**. London: SAGE Publications, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios: PNAD Segurança Alimentar 2004**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

INTERNACIONAL CENTRE FOR TRADE AND SUSTAINABLE DEVELOPMENT (ICTSD). **Ensuring trade policy supports food security**. Geneva: Switzerland. nov. 2009.
LAVINAS, L. Universalizando direitos. **Revista Observatório de cidadania – relatório 2004: medos e privações – obstáculos à segurança humana**. Rio de Janeiro: IBASE, p. 67-74, mar. 2004.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). 2012. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br/>>. Acesso em: 10 Jan. 2015.

LACERDA, F.C.C. **A pobreza na Bahia sob o prisma multidimensional: uma análise baseada na abordagem das necessidades básicas e na abordagem das capacitações**. 210 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós Graduação em Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

- LAVINAS, L. Universalizando direitos. **Revista Observatório de cidadania** – relatório 2004: medos e privações – obstáculos à segurança humana. Rio de Janeiro: IBASE, p. 67-74 março 2004.
- LEÃO, M. M.; CASTRO, I. R. R. In KAC, G.; SICHIERI, R.; GIGANTE, D.P. (ORG) **Epidemiologia Nutricional Editora Fiocruz**. Atheneu: Rio de Janeiro, 2007. p. 519-541.
- LEÃO XIII, Papa. **Rerum Novarum**. Carta Encíclica de sua santidade o Papa Leão XIII sobre a condição dos operários. 18ª Edição. São Paulo: Paulinas, 2009.
- LEITE, J. P. A.; ARRAES, N. A. M. Políticas Municipais de Segurança Alimentar: o caso do município de Campinas, SP. **Organizações Rurais & Agroindustriais Lavras**, v. 8, n.1 p.91-104, 2006.
- LIMA, E. S.; OLIVEIRA, C. S.; GOMES, M. C. R. Educação nutricional da ignorância alimentar a representação social na pós-graduação do Rio de Janeiro (1980-98). **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 603-635, mai/ago. 2003.
- LOPES, J. R. B. Política social: subsídios estatísticos sobre a pobreza e acesso a programas sociais no Brasil. **Estudos Avançados**, v.9 (24), p. 141-156, 1995.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. [S.l.: s.n], 1984, p.37.
- MARINS, V. M.; ALMEIDA, R. M. Undernutrition Prevalence and Social Determinants in Children Aged 0-59 Months. **Ann. Hum. Biol.**, Niterói, Brasil, p. 609-618, nov.- dez. 2002.
- MARMOT, M. Achieving health equity: from root causes to fair outcomes. **Lancet**, v. 370, p. 1153-63, 2007.
- MARTÍNEZ-SALGADO, C. El muestreo en investigación cualitativa: Principios básicos y algunas controversias. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 613-619, 2012.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS). 2010. Disponível em: <<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/ascom/index.php?cut=aHR0cDovL2FwbGljYWNvZXMubWRzLmdvdi5ici9zYWdpL2FzY29tL2dlcmFyL2luZGV4LnBocA==&def>>. Acesso em: 10 nov. 2010.
- MEIHY, J, C. S. B. **Manual da História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- _____. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M.C.S (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29ª Ed. Petrópolis. Vozes, 2010.
- _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5 ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

MONNERAT, G. L. et al Do direito incondicional à condicionalidade do direito: as contrapartidas do Programa Bolsa Família **Revista Ciência & Saúde Coletiva** p.1453-1462 2007.

NETO, M. J.C. **Vida e morte severina**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A, 1994.

PATTON, M.Q. **Qualitative research and evaluation methods**. 3. ed. The New Century Text: Sage Publications, 2002.

_____. **How to use qualitative methods in evaluation**. Newbury Park: SAGE, 1987.

PEQUENO, R.S.A. **O programa bolsa-família: seus efeitos econômicos e sociais na região Nordeste do Brasil**, 2009. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia/biblioteca-virtual-bolsa-familia-1>>. Acesso em: 19 jun. 2013.

PINHEIRO, A. R. O. Reflexões sobre o Processo Histórico / Político de Construção da Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional. In: **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, p.1-15, 2008.

PINTO, S.M. **Muito mais do que pe(n)sam: percepções e experiências de mulheres obesas usuárias da rede pública de saúde do município de Fortaleza – Ceará**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Universidade Federal do Ceará-UFC, Fortaleza, 2009.

POPAY, J.; ROGERS, A.; WILLIAMS, G. Rationale and Standards for the Systematic Review of Qualitative Literature in Health Services Research. **Qualitative Health Research**, v. 8, n. 3, p. 341-351, May 1998.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas In: POUPART, J. et. al. **A pesquisa qualitativa enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 215-247.

RICOEUR, P. **Do Texto a Acção**: Ensaios de Hermenêutica II. Porto-Portugal: RÉES-Editora, 1978.

_____. **Do Texto a Acção**. Porto: RÉES-Editora, 1989.p. 163-183.

ROCHA, S. Alguns Aspectos Relativos a Evolução 2003 – 2004 da Pobreza e da Indigência no Brasil. Rio de Janeiro: IETS, jan. 2006. Disponível em: <http://www.direito.usp.br/faculdade/eventos/evolucao_pobreza.pdf>. Acesso em: 10 Jan. 2015.

_____. O Programa Bolsa Família: evolução e efeitos sobre a pobreza. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 113-139, abr. 2011.

_____. **Transferências de Renda no Brasil: o fim da pobreza?** Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SALAMA, P.; DESTREMAU, B. **O Tamanho da Pobreza: economia política da distribuição de renda.** Rio de Janeiro: Garamound, 1999.

SANTOS, L. M. P. et.al. Avaliação de políticas públicas de segurança alimentar e combate à fome no período 1995-2002. Programa Nacional de Alimentação Escolar. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, p. 2681-2693, nov. 2007.

SECRETARIA NACIONAL DE RENDA E CIDADANIA (SENARC). Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/adesao/mib/matrizsrch.asp>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENA, M. C.M. et al. Programa Bolsa Família: nova institucionalidade no campo da política social brasileira? **Revista Katályse**, Florianópolis, v.10, n.1, p. 86-94, jan/jun. 2007.

SILVA, A. C. De Vargas a Itamar: políticas e programas de alimentação e nutrição. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n.23, abr. 1995.

SILVA, J. G.; TAKAGI, M. Fome Zero Política Pública e cidadania In: ROCHA, M. et. al. **Segurança alimentar um desafio para acabar com a fome no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p.41-61.

SILVA, R. R. Principais políticas de combate a fome implementadas no Brasil. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 5, nov. 2006.

SILVA, M.O.S. Bolsa Família: apresentando e problematizando sua proposta In: SILVA, M.O.S. (Coord.). **O bolsa família no enfrentamento à pobreza no Maranhão e Piauí.** São Paulo: Cortez; Teresina: Editora Gráfica da UFPI, 2008. p. 23-55.

STEWART, F. Basic Needs Approach. In: CLARK, D. (org.). **The Elgar Companion to Development Studies.** Cheltenham, UK: Edward Elgar Pressing, 2006. Cap. 5.

TILLEY, S. Challenging research practices: turning a critical lens on the work of transcription. **Qualitative Inquiry**, v. 9, n. 5, p. 750-773, 2003.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, J. **Porque investir na redução da fome e da miséria.** Disponível em: <<http://www.fomezero.gov.br/artigo/porque-investir-na-reducao-da-fome-e-da-miseria-josetubino>> Acesso em: 17 out. 2009.

UCHIMURA, K. Y.; BOSI, M. L. M. Programas de comercialização de alimentos: uma análise das modalidades de intervenção em interface com a cidadania. **Rev. de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 4, out./dez. 2003.

VASCONCELOS, F. A. G. Fighting hunger in Brazil: a historical analysis from Presidents Vargas to Lula. **Revista de Nutrição**, v. 18, p. 439-457, 2005.

VAITSMAN, J.; ANDRADE, G.R.B.; FARIAS, L.O Proteção social no Brasil: o que mudou na assistência social após a Constituição de 1988. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, p. 731-741, 2009.

ZIMMERMANN, C. R. Os Programas Sociais sob a ótica dos Direitos Humanos: o caso do Bolsa Família do Governo Lula no Brasil. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 3, p. 144-159, jan./jun. 2006.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 FACULDADE DE MEDICINA
 DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
 DOUTORADO EM SAÚDE COLETIVA COM ASSOCIAÇÃO DE IES – AMPLA AA
 UECE/UFC/UNIFOR

Projeto: Avaliação do Programa Bolsa Família: Explorando Concepções de Gestores e Usuários do Município de Fortaleza-Ce – Pesquisadora: Suziana Martins de Vasconcelos
 - Orientador: prof^o Dr. Ricardo José Soares Pontes

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA MÃES

Data ____/____/____ No. da entrevista: _____
 Horário de Início: _____ Horário de término: _____
 Nome do participante (fictício) : _____
 Data de Nascimento: _____ Idade: _____
 Grau de instrução: _____
 Situação conjugal: _____
 Religião: _____
 Renda familiar : _____
 Mora com quem? _____
 Desde quando recebe o benefício do Programa Bolsa Família? _____
 Quantas crianças são beneficiadas: _____

SOBRE O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA:

1. Como a senhora ouviu falar do PBF e o que falavam para a senhora?
2. Como foi a seleção da Sra. para o Programa Bolsa Família? (explorar critérios, forma de inscrição; tempo para ser inserida)

3. Teve dificuldades? Se sim, quais as dificuldades que você teve para conseguir esse recurso via PBF? Por que?
4. Como você se sentiu ao ser selecionada para o PBF?
5. Qual o significado desse recurso em relação à saúde de seu filho que é assistido nesse programa? (Explorar o que faz com o recurso adquirido)
6. Fale como a senhora avalia o PBF e o que poderia ser melhorado. Cite sugestões.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 FACULDADE DE MEDICINA
 DEPARTAMENTO DE SAÚDE COMUNITÁRIA
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
 DOUTORADO EM SAÚDE COLETIVA COM ASSOCIAÇÃO DE IES – AMPLA AA
 UECE/UFC/UNIFOR

Projeto – O cotidiano das pessoas em situação de extrema pobreza

Pesquisadora: Suziana Martins de Vasconcelos - Orientador: profº Dr. Ricardo José S. Pontes

Data ___/___/___ No. da entrevista: _____

Horário de Início: _____ Horário de término: _____

Nome do participante (fictício) : _____

Data de Nascimento: _____ Idade: _____

Situação conjugal: _____

Mora com quem? _____

ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Quando eu falo em pobreza, ou quando você fala em pobreza, o que é que você entende por essa palavra?

O que é pobreza e miséria para você a partir das suas experiências de vida?

Como você poderia falar da pobreza e da miséria?

O que essas duas palavras significam para você e sua família?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****PARA USUÁRIOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA**

Projeto Avaliação do Programa Bolsa Família: Explorando Concepções de Gestores e Usuários do Município de Fortaleza-Ce

Prezado (a) Sr. (a),

you are being invited (a) by *SUZIANA MARTINS DE VASCONCELOS* to participate as a volunteer in a research. Your participation is important, however, you should not participate against your will. Read carefully the information below and ask any question you wish, for all procedures of this research to be clarified.

Before deciding on your participation, it is important that you know the reason for the realization of this study and what it will involve. The objective of this study is to understand experiences and perceptions, related to the Bolsa Família Program (PBF), of managers and mothers benefited, in Fortaleza-Ceará. Ask us if there is anything that is not clear or if you need more information. You have time to think if you want to participate or not in the study. The professionals involved in this study will not be remunerated for the realization of the research by any funding agency. The study was reviewed by an Ethics Committee in Research independent of the Responsible Institution.

In this study, individual interviews will be conducted with the beneficiary mothers and the managers of the Bolsa Família Program. The mothers will be those who are attended in the Centers of Reference of Social Assistance (CRAS) and the managers are those who are responsible for the program in the Municipal Secretariat of Social Assistance – SEMAS, in the coordination of the Unique and Bolsa Família as well as the managers of each Regional Executive Secretariat (SER) of Fortaleza-Ce.

RISCOS E BENEFÍCIOS

- Nesse estudo, NÃO haverá procedimentos de coleta de sangue, fezes, urina, peleou outros procedimentos invasivos que gerem riscos diretos ao participante. Caso você concorde em participar desta pesquisa você não estará sujeito a nenhum risco.
- Você não receberá nenhum pagamento por participar desse estudo.
- Produzir informações para propor intervenções e subsídios a partir das informações coletadas para a proposição de outros estudos para analisar a questão da insegurança alimentar e os programas de transferência de renda nos municípios do Ceará.

DIREITOS DOS PARTICIPANTES:

- A garantia de receber a resposta ou esclarecimento a qualquer pergunta ou dúvida a cerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa.
- A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem que isso traga prejuízo a minha pessoa.
- A segurança de que não será identificado e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com minha privacidade. E que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.
- Receber informações atualizadas durante o estudo, ainda que este possa afetar a vontade do participante de continuar na pesquisa.
- Todo material coletado neste trabalho será utilizado apenas para essa pesquisa.

Endereço do responsável pela pesquisa

Instituição: Departamento de Saúde Comunitária da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará

Pesquisador Responsável: Suziana Martins de Vasconcelos e demais pesquisadores incluídos no estudo

Endereço: R. Prof. Costa Mendes, 1608; Bloco didático/ 5º andar – Bairro: Rodolfo Teófilo – Fortaleza/CE

CEP 60430-140

Telefones p/contato: (85) 3366-8045 / 3366-8044- celular: 9618-4448 / 8601-1612

ATENÇÃO: Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará

Rua Coronel Nunes de Melo, 1127 Rodolfo Teófilo

Telefone: (85)3366.8344

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO OU
DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELO
PARTICIPANTE:

O abaixo assinado _____, _____ anos,
RG: _____ declara que é de livre e espontânea vontade que está participando
como voluntário da pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento
Livre e Esclarecido e que, após sua leitura tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu
conteúdo, como também sobre a pesquisa e recebi explicações que responderam por completo
minhas dúvidas. E declaro ainda estar recebendo uma cópia assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do voluntário _____

Data _____ Assinatura _____

Nome do pesquisador _____

Data _____ Assinatura _____

Nome da testemunha _____

(se o voluntário não souber ler)

Data _____ Assinatura _____

Nome do profissional _____

(que aplicou o TCLE)

Data _____ Assinatura _____

Endereço do (a) participante-voluntário (a)

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Complemento(no.): _____ Bairro: _____ CEP _____

Cidade: _____ UF: _____ Telefone: _____

APÊNDICE D – TRECHOS DO DIÁRIO DE CAMPO
DIÁRIO DE CAMPO

✓ PROCESSO DE BUSCA DOS INFORMANTES: EXPERIÊNCIAS

1 – No ano de 2012, comprei um livro com o título “Cartas ao Presidente Lula”, da autora Amélia Cohn. O livro me apresentou a via-sacra que muitos brasileiros percorriam em busca de seus direitos. Vale ressaltar que esta bibliografia é parte integrante deste meu trabalho. Mas o referido livro permaneceu sobre a mesa do meu escritório, como muitos outros, até que, um dia, a moça que trabalhava na minha casa perguntou-me se aquele livro era meu. Eu respondi que sim e que, se ela precisasse dele, eu poderia emprestá-lo. Importante destacar que essa moça é do interior do Ceará, de poucas palavras e com a vida marcada pelo sofrimento. Na conversa, ela me apresenta o seguinte relato (o qual foi descrito no caderno de campo): “Eu tenho muito a falar ao Presidente Lula também; se eu pudesse escrever uma carta para ele...”. Eu falei que ela poderia escrever, sim, e enviar a um endereço que eu poderia apresentar. Mas ela já foi iniciando o relato:

“Sabe, dona Suzi, eu digo pro ‘J’ (*seu filho*) que quem é o pai dele é o Lula, porque ele, sim, é quem dá a pensão dele. Pai não é aquele que fez e, sim, aquele que dá as coisas que o filho precisa (*sic*) no dia a dia. Com esse Bolsa Família do ‘J’, eu posso dizer que ele é gente, eu compro até chinela para ele. Ele não anda de pés no chão, não! O que ele quer comer, eu posso comprar! O ‘J’ toma é iogurte e come carne mais de uma vez na semana. Eu vivo com um homem que não é o pai dele, mas eu digo: ‘Epa, rapaz, quem dá de comer o meu filho (*sic*) é o Bolsa Família; não humilhe ele não, ele tem o dinheiro dele aqui dentro de casa. O papel dele aqui é estudar! O que ele precisa eu posso comprar!’.”

Diante da singularidade desse relato, e das múltiplas dimensões que poderiam ser exploradas, eu percebi que há um universo novo a ser abordado: o ser. O ser usuária do Bolsa Família, o ser mãe de família, o ser gente, o ser pessoa, o ser cliente, o ser usuária, enfim. Eu compreendi, então, o porquê de não haver obtido sucesso ao aproximar-me das pessoas usuárias do Bolsa Família na Unidade de Saúde, na periferia de Fortaleza. Por trás do PBF, havia um grande fenômeno: o ser. E foi a funcionária da minha casa que me abriu a porta para o desconhecido, diante das experiências que eu estava vivendo.

A partir daí, eu percebi que eu precisava ir ao encontro das pessoas sendo eu mesma. Refletir melhor sobre a minha prática de vida. Eu não podia dar conta de um “mundo como campo de pesquisa” ocupada com tantas questões; eu precisava ocupar-me do mundo a partir de mim mesma. Mas como ser eu mesma?

A VISITA NA FAVELA –

Agendamos o dia e o horário para eu ir até à casa do missionário que mora na favela, para conversar com as pessoas da comunidade. Detalhes do primeiro encontro na comunidade:

Nesse primeiro encontro, foi uma terça-feira de muita chuva em Fortaleza. Mas, como eu já havia agendado previamente, resolvi ir, mesmo com muito medo. Quando eu liguei para a casa do missionário, ele disse: ‘Aqui está chovendo muito’. Mas, ainda assim, eu disse que ia. No meio do caminho, liguei dizendo que ia desistir, porque a chuva só aumentava. Ele, então, passou o telefone para a pessoa que me acompanharia a conhecer a comunidade, que chamaremos de Informante “1”. E ela disse: “Venha, que eu vou pegar você na parada do ônibus”. Pois ela insistiu tanto em me ajudar que eu resolvi ir. E ainda falou: “É sobre a sua tese da faculdade; venha, ninguém perde as oportunidades!”. Fui. Ela estava me esperando na esquina, usando uma blusa verde, uma bermuda jeans e uma sandália de dedo de borracha!

Cheguei, apresentei-me pessoalmente a ela e caminhamos até a casa dentro da favela. Ela disse: “Não se escandalize, todo mundo que chega aqui se espanta como esse povo vive em extrema pobreza”. De fato, a casa é muito pobre: apenas um quarto, uma sala, uma cozinha e um banheiro, chão de tijolos, paredes sem reboco. [...] Daí, a Informante “1” já me disse: “É sobre o Bolsa família? Então, deixa eu te fazer uma pergunta: ...

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ/ PROPESQ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: AVALIAÇÃO DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA: EXPLORANDO CONCEPÇÕES DE GESTORES E USUÁRIOS DO MUNICÍPIO DE FORTALEZA-CE

Pesquisador: SUZIANA MARTINS DE VASCONCELOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 11445213.9.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Saúde Comunitária

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 229.360

Data da Relatoria: 04/04/2013

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um pesquisa com abordagem qualitativa com perspectiva crítico-interpretativa e exploratória, onde será realizadas entrevistas com gestores e beneficiados do Programa Bolsa família. A Amostra será retirada com base nas informações dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) distribuídos nas Secretarias Executivas Regionais (SERs) e Bairros de Fortaleza, Ce, deseja-se sortear uma mãe de cada CRAS totalizando um número de 23 entrevistadas, Para apreensão da percepção dos gestores, serão entrevistados, 03 (três) informantes chave do nível central e 02 (dois) de cada SER, uma vez que em cada SER existem dois atores responsáveis pelo PBF, com um total de 12 entrevistados.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL:

Compreender experiências e percepções, referentes ao Programa Bolsa Família (PBF), dos gestores e mães beneficiadas, em Fortaleza-Ceará.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Conhecer como ocorreu o processo de seleção dos usuários para inserção do PBF sob a ótica dos gestores e das mães;

Identificar aspectos facilitadores, bem como os obstáculos para o cumprimento das condicionalidades do PBF na visão dos gestores e das mães;

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-270

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

Fax: (85)3223-2903

E-mail: comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ



Compreender a satisfação ou insatisfação das mães em relação ao Programa Bolsa Família;
Compreender como o PBF implica na segurança alimentar e nutricional das famílias beneficiadas pelo programa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa não apresenta riscos, e apresenta como benefícios produzir informações para propor intervenções e subsídios, a partir das informações coletadas para a proposição de outros estudos para analisar a questão da insegurança alimentar e os programas de referência de renda nos Municípios do Ceará.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa relevante, está bem descrita e estruturada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados: Folha de rosto, carta de autorização das regionais, curriculum do pesquisador, TCLE, carta de encaminhamento, projeto completo, cronograma, orçamento.

Recomendações:

Sem mais recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FORTALEZA, 26 de Março de 2013.

Assinador por:

FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador)

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127
Bairro: Rodolfo Teófilo CEP: 60.430-270
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 Fax: (85)3223-2903 E-mail: comepe@ufc.br